

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIZA CONCEIÇÃO GRASSANO LATTARI

A RAPAZIADA DO MUNDO NOVO: amizade, rivalidades e produção de diferença

Juiz de Fora

2016

MARIZA CONCEIÇÃO GRASSANO LATTARI

A RAPAZIADA DO MUNDO NOVO: amizade, rivalidades e produção de diferença

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Cultura, Poder e Instituições, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Prof.^a Dr.^a Elizabeth de Paula Pissolato – Orientadora

Juiz de Fora

2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lattari, Mariza Conceição Grassano.

A RAPAZIADA DO MUNDO NOVO : Amizade, rivalidades e produção de diferenças / Mariza Conceição Grassano Lattari. -- 2016.

315 f. : il.

Orientadora: Elizabeth de Paula Pissolato

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.

1. Juventude. 2. Amizade. 3. Rivalidade. 4. Estilo. I. Pissolato, Elizabeth de Paula, orient. II. Título.

MARIZA CONCEIÇÃO GRASSANO LATTARI

A RAPAZIADA DO MUNDO NOVO: amizade, rivalidades e produção de diferença




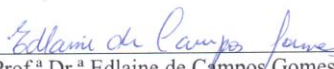
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Cultura, Poder e Instituições, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Aprovada em 02/09/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Elizabeth de Paula Pissolato (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora


Prof. Dr. Paulo César Pontes Fraga
Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos
Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof.^a Dr.^a Regina Celia Reyes Novaes
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Edlaine de Campos Gomes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho à minha mãe, Cormaria
Fonseca Grassano, amada e lembrada todos os
dias da minha vida...

AGRADECIMENTOS

- Agradeço à minha orientadora, Elizabeth de Paula Pissolato, por ter me lembrado como se age com coragem em um momento que eu quase havia esquecido. Agradeço em poder trabalhar com alguém tão competente e generosa. Obrigada pelo apoio em todos os momentos que precisei: nas leituras cuidadosas, nas sugestões minuciosas, nas inúmeras releituras e por ter me falado “tamo junto”. Não pense que o “tamo junto” acaba aqui.
- Ao Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora e ao corpo docente da instituição. Estendo o agradecimento à Capes, pela bolsa recebida durante o doutorado.
- Agradeço à rapaziada do Mundo Novo, que me aceitou em suas vidas por tanto tempo, entrando nas suas casas, nas suas calçadas, nas suas conversas, sempre querendo saber das “coisas”. Obrigada por conhecê-los e podem ter a certeza de que nunca vou esquecê-los.
- Ao meu companheiro da vida, Nilson Lattari, por fazer tudo e muito mais para que eu chegasse até aqui. Tantas (re)leituras, tantas conversas, tantas ajudas. Obrigada por ter-me “fortalecido” nesse caminho.
- Ao Tiago, ao Lucas e ao Mateus, meus filhos, que acreditam que eu sou muito mais do que sou. E que não entendem porque não consigo vê-los “crescer”.
- À amiga Rossana, por tantas vezes me ouvir e me ajudar a seguir.
- Agradeço à Maria de Lourdes Helena da Silva o amor e carinho que têm me dado.
- À Marcia Regina, amiga de infância, que todo dia me manda estudar direitinho.
- Aos colegas da turma de doutorado pelo convívio e carinho de vocês.

“Aqui no Mundo Novo, até a alegria é diferente”.

(A rapaziada)

RESUMO

Este é um estudo etnográfico sobre um grupo de rapazes jovens que mora em um bairro de periferia da cidade de Juiz de Fora, conhecido como Mundo Novo. Trata-se de uma descrição construída a partir de seus relatos e reflexões, em diálogo com observações, interpretações e construções teóricas e metodológicas que pude desenvolver na relação com eles. O ponto de partida para o surgimento deste estudo foi a busca em compreender a movimentação em grupos numerosos feita por esses rapazes pelas ruas da cidade, mas o convívio com eles e boa parte dos temas aqui tratados tomam como foco a experiência nas ruas e nos outros espaços compartilhados no próprio bairro. A partir de pesquisa de campo desenvolvida ao longo dos anos de 2014 e 2015, busco descrever e analisar práticas que se apresentam como uma multiplicidade de construções e reelaborações tipicamente juvenis. Fazer parte da rapaziada do Mundo Novo, como um grupo coeso e estável, envolve a relação com o lugar em que estes jovens foram criados, faz referência à experiência da geração dos pais e avós e compreende a produção cotidiana de um “estilo diferenciado”. Constato que as fortes relações de amizade que unem os pesquisados revelam experiências vividas que os motivam a construir uma multiplicidade de formas de expressão e de pertencimento. Essas se particularizam nas vivências de amizade, construções de estilo e experiências de rivalidade. A tese discute os acontecimentos construídos e vivenciados por esse grupo de jovens e como esses eventos se tornam significativos para uma socialidade juvenil construída no dia a dia.

Palavras-chave: Juventude. Amizade. Rivalidade. Estilo.

ABSTRACT

This ethnographic study of a group of young men living in “Mundo Novo” (New World), a neighborhood in the outskirts of Juiz de Fora (MG), is a thick description based upon accounts and reflections in dialogue with personal observations and interpretations. A theoretical and methodological approach was developed in the interaction with them. The research question aims to understand these youngsters' moving in large groups through the city streets, albeit the contact with them and most of the here treated subject matters focus on their experiences on the streets and other shared spaces in their own neighborhood. Drawing upon a field research conducted in 2014 and 2015, the author seeks to describe and analyze a set of practices represented by a multitude of typically juvenile, social constructs and reinterpretations. Being part of the New World's jig as a cohesive and stable group involves a special relationship with the birthplace where these young people grew up, and with the parents-and-grandparents' generational experiences, which encompasses a daily production of a "different style". The research found that their strong bonds of friendship reveal shared experiences that motivate them to set up varied ways of expression and belonging, which translate into friendship experiences, style buildings and rivalry feelings. The thesis discusses the events shared and experienced by this group of young people, how these events become significant for a youth sociality built on a daily basis.

Keywords: Youth. Friendship. Rivalry. Style.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Ponto de encontro em uma rua do bairro	p. 36
Figura 2	Porta da igreja	p. 36
Figura 3	Visão central da igreja	p. 37
Figura 4	Esquina usada para os jogos de futebol	p. 37
Figura 5	Porta da “padoca”	p. 38
Figura 6	Mapa de Juiz de Fora	p. 48
Figura 7	Mapa do bairro Mundo Novo	p. 54
Figura 8	Casa usada para os encontros em grupo com os rapazes	p. 60
Figura 9	Placa do salão na fachada da cada do PD	p. 68
Figura 10	Entrada da casa de K	p. 70
Figura 11	Leitura de trechos da pesquisa, na porta da “padoca”	p. 75
Figura 12	Leitura de trechos da pesquisa nas ruas do bairro Mundo Novo	p. 76
Figura 13	Cena do filme <i>Cidade dos Homens</i>	p. 79
Figura 14	Variação do corte disfarçado 1	p. 195
Figura 15	Variação do corte disfarçado 2	p. 195
Figura 16	Variação do corte disfarçado 3	p. 196
Figura 17	Variação do corte disfarçado realizada por um desenho	p. 197
Figura 18	Variação do corte disfarçado realizada por “riscas” 1	p. 197
Figura 19	Variação do corte disfarçado realizada por “risca” 2	p. 198
Figura 20	Variação do corte disfarçado realizada por “risca” 3	p. 198
Figura 21	Variação do corte disfarçado realizada por “riscas” com um recorte onde se lê o termo “mãe”	p. 199
Figura 22	Variação do corte disfarçado associado ao corte quadradinho	p. 200
Figura 23	Variação do pezinho associado à barba	p. 202
Figura 24	Variação do pezinho associado ao corte 1	p. 202
Figura 25	Variação do pezinho associado ao corte 2	p. 203
Figura 26	Jovem iniciando a prática dos cortes de cabelos	p. 204

LISTA DE SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
FIEMG	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
HPS	Hospital do Pronto Socorro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
KM	Quilômetro
NUGEA	Núcleo de Pesquisa, Geografia, Espaço e Ação
PIB	Produto Interno Bruto
SUS	Sistema Único de Saúde
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UNESCO	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CAPÍTULO 1 – OS ACONTECIMENTOS NO CAMPO	32
2.1 Escolhas no trabalho de pesquisa	32
2.2 Antes de chegar ao Mundo Novo	38
2.3 Desencontros e encontros: as investidas no campo	42
2.4 A vida na cidade e em alguns bairros de Juiz de Fora	47
2.5 No Mundo Novo, encontro a “rapaziada”	55
2.6 Nos grupos focais, a dinâmica dos nossos encontros	60
2.7 Os acontecimentos vão surgindo nos grupos focais	66
2.8 As entrevistas trazem a proximidade e o maior envolvimento com os rapazes	68
2.9 A etnografia na busca por visões contextualizadas das vivências juvenis	74
3 CAPÍTULO 2 – OS ACONTECIMENTOS NA AMIZADE	79
3.1 Jovem e jovens: singular e plural caminham juntos	79
3.2 “Fazer uma social” requer investimento	87
3.3 Práticas de quem se conhece, reconhece e se protege	91
3.4 Com os amigos eu fecho: “onde só tem <i>cria</i> não se cria <i>vacilão</i> ”	104
3.5 Relações de “cria” na comunidade	116
3.6 Mundos diferentes no mundo da comunidade	124
4 CAPÍTULO 3 – OS ACONTECIMENTOS NOS ESTILOS	130
4.1 O jeito de ser da “rapaziada” do Mundo Novo	130
4.2 A “rapaziada” do mundo novo é “apegada” ao estilo diferenciado	138
4.3 O estilo da “rapaziada” se particulariza nas práticas vividas	158
4.4 O corpo e seus movimentos dialogam com os estilos do grupo	169
4.5 As “arrumações” nos cabelos participam do “estilo diferenciado”	190
5 CAPÍTULO 4 – OS ACONTECIMENTOS NAS RIVALIDADES	210
5.1 O desejo dos rapazes de falar das brigas	210
5.2 As “rixas” entre os bairros	215
5.3 Para o “blefe”, tem que ter “disposição”	222
5.4 Os enfrentamentos entre os grupos “de montão”, “bondes”, “gangues” e “galeras”	230
5.5 O incômodo do olhar	240
5.6 As vivências nos bailes <i>funks</i>	245

5.7 Os bailes de “fortalecimento”	252
5.8 Um tempo de diversão no baile	257
5.9 O espírito de vencedor	259
5.10 O “homem-homem” do Mundo Novo	262
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONECTANDO OS ACONTECIMENTOS NO MUNDO NOVO	267
6.1 Acontecimentos como eventos significativos	267
6.2 A busca da “rapaziada” por novidades que os diferencie	274
6.3 Construção e reconstrução do <i>lugar</i>: o Mundo Novo	279
6.4 Outras lógicas relacionais e escolhas juvenis	284
6.5 Das relações de “cria” à “irmandade” entre rapazes	294
6.6 Algumas considerações finais	300
7 REFERÊNCIAS	302
ANEXO A – TABELA DE DADOS E INDICADORES ESTATÍSTICOS	311
ANEXO B – ROTEIRO BÁSICO PARA OS GRUPOS FOCAIS	314

1 INTRODUÇÃO

“Quando eu olhava escondido, via um ‘mar’ de bonezinhos me esperando e eu preso, sem poder sair de dentro do *McDonald’s* no Alto dos Passos”. A imagem consta do relato feito por um dos pesquisados ao explicar a visão que ele tinha quando olhava de um local que ficava em uma parte mais alta de dentro de uma lanchonete em que ele estava abrigado. O “mar” de bonezinhos refere-se a um grupo de jovens usando bonés esperando, do lado fora, para “pegar” ele. O evento faz parte de episódios que envolvem as brigas que costumam ocorrer entre jovens de bairros que se veem como rivais na cidade de Juiz de Fora.

Antes de começar este estudo, não poderia sequer imaginar o que o relato de W¹ pode agora me fazer enxergar. As brigas e as rivalidades que, algumas vezes, se tornam públicas, nas ruas da cidade, envolvem jovens, muitos deles negros e moradores de bairros da periferia da cidade. São rapazes que contam com a fidelidade e a força dos amigos do bairro para ajudá-los nesses momentos de “confrontos”. No dia do evento de perseguição e de correria, antes de W conseguir se esconder no *McDonald’s*, ele me disse que estava com um amigo, se separaram na hora da fuga, e que ele ficou desesperado para encontrá-lo.

A amizade e a solidariedade entre os 14 jovens pesquisados são um dos pontos centrais deste estudo. É um dado bastante significativo à aflição do jovem para encontrar o amigo, o alívio quando disse que conseguiu falar com ele pelo celular, pedindo que fosse embora, que fugisse, porque sabia ser o problema com ele, mas, o amigo não concordou. Continuaram se falando pelo celular, e horas mais tarde se reencontraram, e voltaram juntos em segurança ao morro no Mundo Novo, bairro em que ambos moram e onde esta pesquisa se realizou. W me disse que depois disso o amigo pode ter a certeza de contar com ele para tudo que precisar. Estão “fechados” como costumam dizer. E isso tem um enorme valor para a rapaziada do Mundo Novo.

Mas o “mar de bonezinhos” pode remeter também a outros aspectos relevantes, pois os bonés se revelam como uma presença valorizada e simbólica em suas vidas, com várias considerações. Pode ser um objeto tratado com o status de uma peça preciosa e rara que foi conseguida. Podia ver isso quando alguns bonés estavam expostos ou mesmo me foram apresentados no quarto dos jovens pesquisados, exibidos em móveis ou em cima de suas camas. Faziam parte das explicações, as dificuldades que encontravam para obtê-los, como o preço ou a escolha cuidadosa, visando a exclusividade, e a partir disso quão raro pode se

¹ Usei a 1ª inicial do nome dos pesquisados conforme negociação em campo, explico com mais detalhes no capítulo 1.

tornar cada um deles. Podem mostrar a forte ligação que se tem com um amigo no empréstimo desse bem tão precioso sem apegos. Os bonés fazem parte da construção do estilo dos pesquisados. Algumas vezes mobilizam rixas entre os grupos de bairros considerados rivais. Isso se dá quando um jovem ou um grupo de jovens consegue “pegar” um boné do outro, que passa a ser visto e exibido como um “troféu” que foi conquistado. Essa é uma experiência que envolve a rivalidade e o poder entre os grupos de jovens.

Bem antes de chegar a esses e muitos outros pontos que desenvolvo nesta tese, volto ao ano de 2005, mostrando como cheguei até eles. Foi quando passei a observar de modo mais atento a movimentação de rapazes jovens que andavam em grupos numerosos pelas ruas de Juiz de Fora. Antes de pensar em me aprofundar nas questões que envolvessem especificamente esses jovens, via que os eventos estavam, na maior parte das vezes, associados a uma representação que ficou conhecida pela opinião pública, principalmente através das mídias locais, como “brigas de gangues²” na cidade. Percebia quase diariamente reportagens sobre esses fenômenos juvenis associados a circunstâncias que misturavam brigas de jovens e confusões na cidade. Passei a fazer um acervo dessas reportagens, impressas e digitalizadas, lendo e fazendo análises do que os jovens falavam, quais acontecimentos, relações e representações que vinham construindo. Os eventos vistos por essas matérias jornalísticas tinham repercussão e vi que nelas havia comentários e análises de moradores e de outros sujeitos considerados analistas locais. Em minhas pesquisas pela internet, obtive dados de que os eventos em Juiz de Fora também ganhavam projeção nas mídias nacionais³. As reportagens falavam de jovens que, segundo elas, eram moradores da periferia e se organizavam em “gangues” para brigar e causar situações de pânico na cidade.

No diálogo com as matérias jornalísticas, e procurando outras interpretações, me aproximei das análises realizadas pelo Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação

² O termo é inicialmente visto em pesquisas norte-americanas, e se configura por ter uma estrutura formal de organização, hierarquia, liderança definida, identificação com um território, interação recorrente, longevidade e engajamento em comportamento criminoso e violento. Nota-se que cada estado e jurisdição local nos EUA tende a adotar sua própria definição de gangue (ANDRADE, 2007). O termo surge em campo, e encontra-se discutido pelos pesquisados com o sentido que lhes faz no capítulo 4 desta tese.

³ Disponibilizo a seguir alguns *links* de jornais locais e regionais onde busquei dados, em épocas diferentes, que tratam das colocações acima sobre as brigas na cidade, algumas com análises de especialistas em violência juvenil. Vejamos:

Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/cidade/gangues-matam-nas-ruas-por-motivos-futeis-1.1106782>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/cidade/comunidades-refens-de-brigas-entre-gangues-rivais-1.1320474>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2013/09/major-da-pm-fala-sobre-tentativas-de-homicidio-em-juiz-de-fora.html>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

(NUGEA)⁴ da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na investigação “Cidade média e juventude: práticas sociais e projetos de vida dos jovens de Juiz de Fora”. Via por estas reflexões como se constroem equivocadamente os estereótipos sobre alguns jovens em particular. O trabalho analisou notícias veiculadas no jornal impresso de maior circulação da cidade, o *Tribuna de Minas*, no período de 2005 a 2011, e concluiu que essas tratam especificamente de jovens pobres e moradores de bairros periféricos.

O que se tem observado nos últimos anos é o crescente interesse da mídia juiz-forana em retratar o jovem associando-o a atos violentos ou criminosos o que vem a contribuir para a construção de uma imagem estereotipada deste jovem e dos lugares onde vive (TOLEDO et al., 2013, p. 2).

Através dos jornais impressos e eletrônicos, acompanhei a construção dessa imagem de que os jovens seriam os responsáveis por uma “grande violência entre gangues na cidade”, causadores de um distúrbio preocupante no espaço urbano. Resumindo o fenômeno como uma grande rivalidade entre bairros, quase sempre motivada por questões fúteis, em que grupos de jovens da periferia de Juiz de Fora, na Zona da Mata, partem para a violência extrema levando medo para toda a comunidade local. Enfatizam ainda que o fenômeno se alastra por todas as regiões da cidade e migra para o mundo virtual, onde estariam combinando suas novas ações.

A maior parte destas visões é a de jovens em confrontos diretos, algumas vezes feridos ou mortos, transeuntes também envolvidos, feridos algumas vezes; confusão e correria nas ruas, tanto nas periferias quanto nas áreas centrais da cidade. Ocorrências como essas vêm acompanhadas de representações estigmatizadas, assim como a questão dos bairros onde os jovens que protagonizam as matérias jornalísticas moram. Sempre vistos como moradores da “periferia” e essa com características espaciais estigmatizantes, criando-se representações descontextualizadas quanto ao sentido de um espaço periférico.

O termo “periferia urbana” tem se modificado e se tornado complexo pela abrangência e diversidade do espaço urbano na atualidade. Não fica em um lugar geográfico e social limitado a carências e à violência, mas sendo capaz de construir experiências sociais e culturais complexas e diversas. “Trata-se da nomeação de uma identidade construída nos últimos anos e que tem efeitos nos estilos, estéticas, vínculos sociais e laços afetivos das trajetórias de uma parcela de jovens de hoje” (NOVAES, 2006, p. 116).

⁴ Página do Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (NUGEA) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/producao-cientifica/>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

A promoção do medo entre os moradores da cidade existe, além disso, é real o incremento de preconceitos e das representações distorcidas desses grupos juvenis. Em fragmento de matéria do jornal *Tribuna de Minas*, datado de 29/01/2014, temos o seguinte relato: “O atropelamento de um adolescente, 17 anos, possivelmente motivado por desavenças entre gangues dos bairros Jardim Gaúcho e Cidade Nova, na Zona Sul de Juiz de Fora, levou a uma série de outras ocorrências que mobiliza policiais desde a noite dessa terça-feira”⁵.

O texto da reportagem supracitada, que trago como exemplo entre as muitas que li, se mostra confuso e tendencioso. Não afirma ter sido o atropelamento motivado pelas “desavenças entre gangues”, apenas “sugere” a responsabilidade dos jovens no atropelamento. Apesar de “sugerir”, segue apontando consequências reais para o fato, como a mobilização policial e outros eventos supostamente decorrentes. Ainda insere dados no decorrer da reportagem de forma mais incisiva sobre as “brigas” entre as supostas “gangues” de bairros considerados “rivais” que podem ou não ter relação com os grupos de jovens que circulam pela cidade. Conforme aponta o estudo de Melo (2013), baseado em dados dessa realidade na cidade:

[...] há no senso comum uma ideia de que os jovens sempre andam em “bandos”, formando gangues perigosas e violentas. Já de início, os dados indicam que essa teoria não representa fielmente a realidade de Juiz de Fora nos últimos anos. Por outro lado, é perceptível a organização presente entre os jovens, sendo muito comum vê-los reunidos em grupos (MELO, 2013, p. 2).

Sem querer minimizar uma situação de tensão social que, em alguns casos pode ocorrer, e nem considerar todas as falas dos moradores locais ou da mídia como uniformes e preconceituosas, minha percepção é a de que muito do que vejo faz parte de visões distorcidas de um fenômeno que me provoca a conhecê-lo. No meio dessa composição de argumentações, existem falas e análises fragmentadas sobre os eventos, que mostram não ter a intenção de conhecer a realidade vivida pelos jovens que andam em grupos pelas ruas de Juiz de Fora. Parece que fazem parte de um bloco de análises já estabelecidas e que se encaixa bem a casos de “violência”, não importando quantas variantes ou distâncias possam conter nelas. Tudo isso passa a me instigar à construção minuciosa das partes do fenômeno que se evidencia.

⁵ Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/jovem-e-atropelado-e-arrastado-em-briga-de-gangues/>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

Em estudo de Toledo et al (2013) sobre a influência da mídia na vida de jovens moradores da periferia, considerados como espaços de menor “valor social hierárquico” na cidade de Juiz de Fora, eles estão bem configurados.

Os jovens envolvidos nos casos de violência e retratados nas reportagens têm cor, classe social e residem em bairros específicos. É dessa forma que as matérias vinculadas influenciam na reprodução de uma imagem estigmatizada dos jovens como violentos, estendendo essa imagem aos bairros onde residem. Mas não são todos os jovens e sim aqueles pobres e moradores dos bairros pobres da cidade (TOLEDO et al., 2013, p. 5).

Nas relações entre as categorias sociais na cidade de Juiz de Fora circulam dinâmicas diversas, e, ainda que esses jovens estejam articulados a experiências que envolvam condutas consideradas “delituosas” socialmente, há outras que passam a me importar. São as que incluem nessas manifestações que os rapazes mostram nas ruas as experiências de jovens ao vivenciarem um tempo social e dele participarem de forma significativa, criativa e múltipla. Digo isso porque, algumas vezes, me via seguindo os grupos de rapazes que andavam pela cidade, e pareciam se divertir juntos. Eu sentia vontade de ouvir o que falavam, quais os sentidos de saírem em grupos numerosos e só de homens pelas ruas, sempre bem arrumados, mostrando seus bonés e roupas de marcas de grifes famosas. O jeito de andar dos rapazes, mais para rápido, com um balanço ritmado, que discuto no capítulo 3 desta tese, e soube depois, por alguns pesquisados, tratar-se de um significativo “gingado”, também me fazia criar inúmeras interrogações.

Esse era o universo que dialogava comigo e me fornecia pistas de que havia fronteiras e realidades a serem descobertas nas suas manifestações, nas representações das mídias e na opinião pública sobre as práticas juvenis na cidade, consideradas “violentas”, que, a meu ver, incluíam múltiplas vivências desses jovens. Essas me interessavam, e me levaram a procurar, a me deslocar dos questionamentos silenciosos que eu vinha construindo para a realidade de uma pesquisa que fugia completamente de considerações hegemônicas e estigmatizadas. “É preciso então prestar mais atenção à pluralidade das formas de violência e, sobretudo, às diferentes maneiras de aceitá-las” (MARTUCCELLI, 1999, p. 163). Aceitá-las, no sentido de reconhecer e procurar entender experiências juvenis pela pluralidade.

Desde as minhas buscas iniciais pelo campo, que discuto em detalhes no capítulo 1, relatando os descaminhos e os caminhos que percorri para conseguir me sentir e ser incluída nele, e iniciar esta investigação, algumas escolhas me eram claras. Uma era a de considerar a amplitude que a categoria a ser pesquisada me mostrava, pela variedade e pela especificidade

das práticas que os jovens costumam construir, manifestar e participar. Nesse sentido, considero os jovens fazendo parte de “juventudes”, o que me permite reflexões pela crença na diversidade e na complexidade que a categoria possui. Quando falo de jovens considero os sentidos particulares de suas práticas cotidianas, suas construções, seus valores, seus pontos de vista, suas representações etc. Não há um tempo biológico em que possamos abrigar os jovens, localizando-os entre o tempo da infância e o da vida adulta. Trago a pergunta de Novaes (2006) para problematizar mais ainda a discussão. “E quem são eles?”. Não é simples identificá-los ou falar sobre eles sem tecer relevantes considerações como as que a autora faz, vistas pelas desigualdades econômicas e sociais que são vivenciadas pelos jovens.

São aqueles nascidos há 14 ou 24 anos-seria uma resposta. No entanto, esses limites de idade também não são fixos. Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo-com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho-, uma parte **deles** acaba por alargar o chamado **tempo da juventude** até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais (NOVAES, 2006, p. 105, grifo da autora).

A maior parte dos jovens, abordagem que varia de acordo com suas posições geográficas, de classe social, de gênero, de etnia e de raça, participa de múltiplos grupos sociais, com peculiaridades que marcam suas vidas. Constroem suas relações muitas vezes nos momentos em que querem construir práticas que trazem significado para elas. Dayrell (2007, p. 1110) chama essas construções a que me refiro de “mundo da cultura”, que “aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam uma identidade juvenil”. Pensando em me aprofundar nesse contexto de realizações que os jovens costumam se envolver, me interesseo particularmente por um grupo, como apresentei anteriormente e de forma breve, mas de que trato em detalhes, no capítulo seguinte. Interesse-me em saber que experiências elaboram e reelaboram evidenciando os diversos sentidos de ser jovem. Sentidos particulares e relacionais, que se aproximam de um tipo de juventude que pretendo compreender.

Meu interesse foi o de conhecer, de maneira aprofundada, um grupo de jovens, como aquele que via andando pelas ruas da cidade, formados, na maior parte das vezes, por um grande número de rapazes. Por minhas observações, a juventude a que me propunha investigar é formada por rapazes pobres, identificados em sua maioria como negros e moradores de bairros de periferia. A problemática compreende os sentidos dessas manifestações juvenis, que vinham chamando a minha atenção, e, junto a elas, as experiências

que acreditava pudessem existir, como as práticas que envolvessem as organizações para os eventos que eu visibilizava nas ruas, ou as relações com os amigos e com os demais sujeitos com os quais interagiam naquelas circunstâncias; ainda as que envolvessem as construções do estilo que mostravam ao andarem juntos, e as rivalidades que aconteciam entre os grupos na cidade. Além disso, me preocupava em buscar dados quanto à apropriação e ao uso do espaço urbano por esses jovens. O fenômeno me levava a caminhos que me faziam pensar em sujeitos com múltiplas faces e com múltiplos comprometimentos.

Meu objetivo é o de conhecer as vivências desses jovens para além da questão de um comportamento “violento” a eles atribuído. O caminho é por uma via mais próxima aos jovens – pela visão deles – atravessando a questão da “violência”, e indo buscar os outros “lugares” sociais dessas experiências e desses sujeitos. Um dos meus objetivos, dentre outros que foram surgindo no decorrer das descobertas em campo e que vou discutindo ao longo da tese, é o de compreender a multiplicidade das formas e dos funcionamentos das várias ações e vivências manifestadas por esses grupos de jovens. Estariam marcando através delas sua presença no espaço público urbano? Compartilhando momentos de cumplicidade e prazer entre os amigos? A problemática e os conteúdos iniciais desta investigação me levaram a vários questionamentos. Quem são esses jovens fora das visões midiáticas? Como falam de si? Quais as dimensões constitutivas de suas condições juvenis? Como organizam suas movimentações nos grupos numerosos pelas ruas da cidade? Como eles veem e falam dessas movimentações? Com que outras vivências se relacionam esses momentos de “brigas”? Quais os significados que elas assumem? Como se constroem e são vividas as experiências nas relações e interações com o grupo de amigos que acontecem no contexto urbano e como são significadas por eles?

Questões que passei a investigar enquanto dinâmicas, ou seja, tomando-as como experiências vivenciadas, criadas e reelaboradas nas interações e trocas cotidianas dos jovens. A configuração de rivalidades entre os grupos de jovens, que fez parte das visões iniciais sobre o fenômeno pode esconder algo mais que práticas de rivalidades, como formas de expressões com sentidos encobertos neste contexto.

Quando tinha essas visões iniciais sobre o problema de pesquisa pensava constantemente em movimento, e acreditava que pudesse ser uma palavra que me direcionasse ao que poderia ver com os jovens em campo. Movimento me remetia aos rapazes em grupos andando pela cidade, eu me reportava reflexivamente à imagem, de maneira recorrente, mas ela foi enfraquecendo. Não acompanhei as saídas dos jovens, não fui convidada, e nem senti necessidade de insistir para isso. Em campo, nossas relações me

mostraram outras evidências que optei em seguir. E passei a reconhecer a importância dos acontecimentos, vendo que deles faziam parte os movimentos que eu buscava anteriormente. Acontecimentos me abriam para uma maior diversidade das experiências dos jovens e traziam possibilidades reais de realizar esta investigação.

Acompanhei as práticas que envolviam os jovens no bairro em que a maioria do grupo vive. E lá eles me falavam em acontecimentos, com um particular sentido em suas vidas, como algo presente de maneira intensa em suas práticas cotidianas. Costumava ouvir que o Mundo Novo é o “mundo dos acontecimentos”, e, por essas explicações, o termo passou a fazer sentido, me mostrando que o que eu via em campo eram os acontecimentos propriamente a que se referiam, e eles passaram a denominar os capítulos desta tese.

Inserida nos acontecimentos com os pesquisados em campo, o meu esforço passou a ser pelos entendimentos do que se mostrasse mais significativo e na relação com os meus objetivos, que, por sua vez, flexibilizavam-se. Eu me via frente a um campo que me mostrava muitas experiências simultâneas dos jovens e que se modificavam com constância. Minhas reflexões tinham que se voltar para as que mostrassem seus lugares de sentido com maior importância para os pesquisados. O momento de buscar esse “afinamento” no campo não foi nada simples para mim. Eu via muitas experiências, e em alguns momentos acreditava que todas faziam sentido e se relacionavam. Eu tinha um acervo com muitos dados, e ficava horas dialogando com esse material, tentando construir relações de sentido e chegar àquelas mais relevantes. Lembrava Foote Whyte (2005), ao observar que:

Para obter algo coerente a partir de qualquer padrão presumido de relações entre tantos elementos diferentes, o pesquisador terá que ir muito além de simples relatos e descrições. O sucesso nessa tarefa requer imaginação e criatividade – processos mentais altamente subjetivos (FOOTE WHYTE, 2005, p. 360).

O desafio e o esforço me colocavam revendo as propostas iniciais inseridas em uma realidade viva e dinâmica de pesquisa. Eu me deslocava das visões criadas anteriormente, e perto dos pesquisados via que as nossas relações, a complexidade e a dinâmica da vida social com eles me impunham limites e dilemas.

Desde o início percebia que o meu grupo de pesquisados era de rapazes; eu não havia visto uma única vez meninas nos grupos que circulavam juntos pela cidade, e acreditava, mesmo antes de ter qualquer aproximação com um grupo de jovens com vistas à pesquisa, que eu veria práticas de homens. Pensava inúmeras vezes como lidar com as questões de gênero, mas só em campo vi-me efetivamente na condição de agir e fazer (ou não) escolhas.

Tive dificuldades para entrar em campo, conforme relato no capítulo 1, não queria arriscar o que tinha conseguido, conforme comento a seguir.

O jovem que me apresentou ao campo me levou ao seu grupo de amigos, dizendo que eu era alguém de confiança, isso eu não queria e nem poderia esquecer. E ainda teria que lembrar o que seria para eles ser alguém de confiança. A partir dessa apresentação, e de forma bem gradativa, outros jovens passaram a me receber em suas casas, a me contar fatos de suas vidas. Em muitos deles, havia a valorização em se sentirem e se mostrarem fortes, viris, alguém que “não dá mole” para outros jovens considerados rivais, nem para as mulheres ou “mulherzinhas”. Esse termo era recorrente e acompanhado de risos, falo sobre ele no capítulo 3 desta tese. Seu uso me incomodou inúmeras vezes, em uma delas perguntei o porquê dele assim, no diminutivo. Os rapazes me diziam que é desse jeito mesmo, que é assim que se referem às meninas que costumam “pegar”. É assim porque é assim foram algumas repostas que recebia quando tentava discutir algumas questões, como as que trago aqui brevemente, e que envolviam as meninas com quem se relacionavam. Eu percebia claramente um tom depreciativo no termo “mulherzinha”, usado por quem quer mostrar poder e autoridade na relação.

Em diversos relatos dos jovens havia falas em que diziam que eles dominavam as relações afetivas, falavam que, algumas vezes, possuíam diversos relacionamentos ao mesmo tempo. Contavam sobre as muitas vezes que tinham relações sexuais em um curto período de tempo, uma semana costumava servir de parâmetro e comparações entre eles. Diziam que eram assim porque não queriam se “apegar”.

Mesmo alguns jovens que estavam namorando há algum tempo costumavam me dizer que iam pedir um tempo ou que, algumas vezes, precisavam dar um “miguézinho”, no sentido de enganar, para ficarem mais livres. Percebi a construção de uma imagem de jovens que querem se mostrar em posição superior às meninas. Os pesquisados me apontavam, pelos relatos, o lugar de submissão em que viam as meninas ou a forma que queriam que eu as visse.

No início da pesquisa fui questionada por ser uma mulher e ir sozinha ao morro fazer pesquisa, me perguntavam se o meu marido havia permitido ou se ele não sabia que eu fazia isso. Procurava responder da forma mais simples e honesta que podia. Dizia que não pedia para ir, e nem tinha ido escondida, que era o trabalho que eu havia escolhido fazer. Outras vezes me diziam para tomar cuidado, porque poderia haver a possibilidade de eu ser desrespeitada. Depois de um tempo em campo, um dos jovens passou a descer comigo até um local mais baixo no morro, na divisa com o bairro Alto dos Passos, e onde, segundo ele, eu

não teria a possibilidade de ser “esculachada”. Alguns pesquisados mostraram-se interessados em me “proteger”. Nunca me sentia “desprotegida”, mas acolhi a decisão deles e não neguei a “proteção”.

Entendo que esses comportamentos dos rapazes em querer “proteger” as mulheres fazem parte da construção de suas subjetividades e de um contexto de valorização de homens que agem assim. Pensava nessas experiências como construções sociais contextualizadas, e como evidência das diferenças que existiam entre nós. Reconheço as vivências do grupo marcadas por singularidades e por especificidades que fazem parte do funcionamento de uma forma cotidiana de trocas entre eles. Nesse sentido, observei entre os pesquisados a construção de um *ethos* de masculinidade juvenil, envolvendo, de um lado, evidenciar superioridade em relação a parceiras sexuais e/ou certas namoradas, e, de outro lado, a responsabilidade e a vontade de mostrar proteção a mulheres com as quais possuem geralmente relações familiares, afetivas ou amorosas mais estáveis e duradouras.

Há a valorização de uma aparência cuidada, um corpo malhado, perfumado e um cabelo “afiado”⁶. E envolve ainda o desejo de mostrar sensualidade e habilidade nas danças do passinho e do *funk*; a coragem e a força física reconhecida no grupo de amigos e o uso delas nas brigas que possam ocorrer nas ruas. Alguns pesquisados mostram preocupação em conquistar liderança entre os seus pares, e a maioria evidencia vigor físico e energia ao falar das relações que envolvem fazer sexo com as meninas.

Em campo, frequentei lugares onde a presença era quase exclusiva de meninos: a barbearia, as “rodas” de conversas que chamam de “resenhas”, nas ruas e a casa dos pesquisados. A minha decisão em estar exclusivamente com eles foi a percepção de que era algo arriscado para mim a aproximação com as meninas. Eu tinha a impressão que poderia comprometer minha relação de intimidade conquistada com muita dificuldade. Vi que no campo havia um contexto de reciprocidade entre rapazes com áreas de interdição. Concentrei-me nas observações e nas conversas com eles nos ambientes aos quais tive acesso e vi que precisava fortalecer e particularizar a minha relação com eles. Esses foram alguns dados que me ajudaram na decisão de me aproximar para a pesquisa somente dos rapazes. Eu me questionava sobre isso, mas vi que precisava conquistar a confiança do grupo. Eu não “fugia” das meninas, e quando as via com os rapazes conversava de forma descontraída, mas a investigação ficou centrada neles. Acredito que se tivesse realizado conversas com elas a pesquisa poderia mostrar outras perspectivas e interpretações.

⁶ O termo refere-se ao cabelo cuidado. É usado pelos pesquisados e encontra-se discutido junto às questões de estilo no capítulo 3.

Alguns jovens me diziam que há coisas “de homem” e coisas “de mulher” em suas relações, mostrando lugares de construção do feminino e do masculino. Por exemplo, na divisão das tarefas domésticas, evidenciando partes da construção da identidade de gênero entre eles. Descreviam algumas vezes essas “coisas” que deviam ou não fazer nas relações com as irmãs, com as mães e com as namoradas. Lavar louça é coisa “de mulher”, protegê-las é coisa “de homem”, esses são alguns exemplos de relatos que obtive e mostravam os lugares revelados por eles em suas relações com as mulheres com as quais interagiam.

Obtive relatos de situações em que se mostravam valorizados no grupo de amigos por comportamentos de “macho”, como não permitir que as meninas com quem se relacionavam usassem determinadas roupas, consideradas pelos jovens como indecentes, e, caso houvesse “desobediência”, essas costumavam ser rasgadas por eles. Quando esses relatos eram feitos coletivamente, os rapazes mostravam aceitação e valorização da atitude do amigo.

A escolha em ficar entre os rapazes se deu pela preocupação que tive em me manter no campo, como dito anteriormente, e ainda por observar entre eles a criação e a representação valorizada, positivamente, de jovens que querem afirmar um poder masculino hierárquico. A meu ver, há uma configuração machista construída por práticas cotidianas que os jovens gostam de viver e relatar.

Ao ouvir os áudios e fazer as transcrições, observei que eu usava um termo com frequência como resposta a algumas posturas que me incomodavam, como essas que considero machistas entre os jovens. Muitas vezes essas respostas eram de silêncio, e ao perceber que, algumas vezes, esperavam que eu dissesse algo, eu dizia: entendi. Ouvi, nos áudios, muitos “entendis” usados por mim nas conversas com os jovens, e observei que essa foi a minha estratégia para estar próxima e para aprender a me calar quando precisava fazer isso. Sei que há questões de gênero que podem ser pensadas por outras reflexões, talvez em outro momento eu retorne ao Mundo Novo para isso. Uma vez uma menina me falou para eu voltar e entrevistá-las, me disse que existe o “bonde das meninas”; mantenho o convite em mente. De todo modo, penso que o fato de ter me voltado, exclusivamente, para a pesquisa com os rapazes possibilitou-me um interessante convívio e trocas com eles, trazendo à pesquisa dados ricos e significativos que me permitiram muitas reflexões acerca das vivências da rapaziada do Mundo Novo.

Reflexões que me levam a pensar que os comportamentos que considero machistas e que os jovens tratam como “coisas de homem” se constroem e se expressam por atitudes que fazem parte de um jeito de ser masculino, dos pesquisados, contextualizado socialmente,

formado por vivências pessoais e coletivas, a partir de suas subjetividades, suas interações, suas práticas cotidianas, suas atitudes, seus valores e seus comportamentos.

Nessa perspectiva de considerar as experiências dos jovens, plurais, contextualizadas e particularizadas, reflito sobre as práticas de rivalidade que a rapaziada do Mundo Novo vivencia por uma série de contingências, que discuto no capítulo 4. Reconheço essas práticas como experiências onde há a vontade de sentir e mostrar força e prazer em viver perigos como os que podem ocorrer ao “encontrarem” grupos moradores de outros bairros, particularmente de alguns bairros considerados rivais, nas ruas da cidade. São experiências lúdicas e próprias de jovens que moram em um morro da cidade e gostam de ter e viver rivalidades com outros rapazes de grupos considerados rivais e que vivem, na maioria das vezes, em bairros pobres como eles.

São vivências juvenis dos pesquisados que têm sentidos vividos, construídos e compartilhados entre eles, possuindo implicações que são trazidas com mais aprofundamento a partir das análises nos capítulos seguintes. Preocupo-me em compreendê-las sem naturalizar sua relação a jovens pobres e negros, tratando aspectos da masculinidade e das rivalidades dos pesquisados como especificidades. Baseada em estudo de Checetto (2004), entendo que:

Nesse sentido, é também rejeitada qualquer afirmação universal sobre o que é ser homem, afirmação que acaba por alimentar poderosas crenças sobre os indivíduos do sexo masculino, como espontânea ou instintivamente inclinados a praticar atos de violência física. Há vários trabalhos que, entretanto, naturalizam essa conexão entre masculinidade e violência pela mediação da pobreza (CHECCETTO, 2004, p. 208).

As práticas que envolvem as rivalidades trazem dinamicidade e valores significativos às relações no grupo de amigos e com os grupos considerados rivais. Por elas vivem experiências de união, pertencimento e cumplicidade que se configuram entre os amigos para os enfrentamentos; e de hostilidade, excitação e similaridade, essas vistas pelo tipo de experiências semelhantes que os grupos que rivalizam experimentam.

O que eu pensava, antes de me aproximar dos informantes, tomou um rumo complexo e rico. Os jovens explicam pontos de vista ligados às suas escolhas, mas também às suas vivências, às suas trajetórias, a partir de singulares condições de suas existências. Uma delas atravessava e se mantinha como estrutura hierárquica e estável nos dados: as fortes relações de amizade que une a rapaziada do Mundo Novo. Capazes de mostrar vínculos tão fortes a ponto de um jovem dizer, aos 17 anos, que já viveu muito e não se importa em arriscar a vida para enfrentar um grupo rival e “fortalecer” os amigos. Amizades fortes o suficiente para

fazer uma “treta”, que costuma ser uma prática ilícita e de risco, para juntar um dinheiro e viver o prazer de realizar uma festa inesperada com muita “dancinha” do passinho, muita comida e bebida para viver momentos de proximidade e prazer entre os “amigos fechados”.

Ao refletir sobre os jovens, os grupos culturais e suas relações, Dayrell (2005), a partir de reflexões de Simmel (1983) e Giddens (1995), me ajuda a pensar o que vivem os pesquisados nas experiências citadas acima.

São esses aspectos que apontam para a natureza democrática da sociabilidade. Como se trata de um **jogar junto**, de uma interação em que o que vale é a relação, cada qual deve oferecer o máximo de si para também receber o máximo do outro. É a dimensão do compromisso e da confiança que cimentam tais relações. Como não existe outro interesse além da própria relação, para ela continuar a existir cada qual deve sentir que pode contar e confiar no outro, respondendo às expectativas mútuas (DAYRELL, 2005, p. 10, grifo do autor).

Para refletir sobre as relações sociais vividas pelos jovens pesquisados, uso a noção de socialidade, ao invés da noção de sociabilidade. Essa, conforme discutida por Simmel (1996), envolve uma abordagem positiva, obscurecendo a dimensão da impessoalidade e do conflito. A noção de socialidade se mostra mais pertinente ao tipo das relações vivenciadas pelo grupo pesquisado. Há situações entre esses jovens e os jovens dos grupos considerados rivais que são, em alguns momentos, menos amistosas, onde há a questão do conflito, e podem ser vistas no capítulo 4 em que trato das práticas de rivalidades entre eles. Sem desconsiderar o aspecto lúdico dessas práticas, podem ocorrer, em meio a elas, momentos de conflitos e humilhações entre os grupos de rapazes.

Entre os rapazes do grupo pesquisado, há a prática da zoeira discutida no capítulo 1 deste estudo, onde ocorre, algumas vezes, a mudança de uma experiência de brincadeira entre amigos para uma experiência de animosidade. Nesse sentido, em diversos momentos no decorrer deste estudo, trato das socialidades entre os pesquisados, e entre eles e os grupos que consideram rivais, me aproximando do que reflete Marilyn Strathern (1996) sobre o conceito de sociedade e a utilização da noção de socialidade. Segundo a autora, a noção de socialidade reflete experiências que acontecem afastadas da ideia de relações positivas e integrativas. Segundo ela, essas podem ocorrer dessa forma, mas podem também romper com essa lógica harmoniosa e serem conflituosas. As relações entre os jovens de que trato neste estudo fazem parte de vivências múltiplas, não podem ser consideradas por um único viés. Assim o conceito de socialidade me ajuda a pensar de forma mais articulada as práticas dos pesquisados.

Observei que as fortes relações de amizade que se destacaram de forma recorrente entre os jovens durante essa investigação mostram o valor relevante e significativo que possuem para os rapazes, impulsionando-os à construção de diversas experiências entre eles. Vivências de intensa amizade expressas por identificações, pertencimentos, partilhas, fidelidade e solidariedade, dentre outras questões que são construídas e vivenciadas pelos jovens em seus relacionamentos, vividos nos espaços que utilizam para essas práticas cotidianas e sociais que consideram intensamente privilegiadas em suas vidas. São laços que foram construídos, na maior parte das vezes, por proximidade de vizinhança, e por momentos vividos a partir deles, no morro.

Essas vivências de amizade e de afetividade têm relação com os espaços onde os jovens vivem, e nesses locais mostram tipos de práticas que envolvem relações particulares entre sujeitos e espaços. Conforme Magnani (2002, 2003, 2012), existe uma rede de relações construídas que coloca os sujeitos no “pedaço”, e quem não tem essas vivências compartilhadas está fora dele. Essa categoria analítica traz uma série de significantes que associa os lugares às experiências e aos sujeitos. Portanto, o “pedaço” tem uma configuração espacial, melhor dizendo, as práticas sociais e cotidianas acontecem em um lugar particularizado, e, além disso, esse tem que ser reconhecido e fazer sentido para os sujeitos.

O “pedaço” pode estar nos bailes *funks* ou quando os jovens dividem o dinheiro para a entrada, buscando estratégias para que o grupo todo possa entrar, ou quando contam como dividem a comida quando não há para todos, juntando um pouco do que encontram na casa de um deles. Há outros fatos que podem mostrar essas intimidades, como pude presenciar, quando mexem na geladeira na casa dos colegas e pegam comida como fazem na própria casa, ou seja, com a mesma liberdade. Dizem que as mães dos amigos são “tias”, como se fossem parte da família “mesmo”, termo que um dos jovens do grupo usa reforçando o sentido dessas vivências. Vejo as proximidades afetivas e espaciais bem entrelaçadas, de gente que se conhece e se reconhece cotidianamente.

Vi muitas vezes que as conversas habituais entre os jovens acontecem na porta da igreja ou em certas esquinas, o que nos mostra que os lugares são mais que espaços neutros, são pontos de referência simbólica. São lugares de sentidos construídos, vividos, reconhecidos e valorizados pelos rapazes. Para fazer parte do “pedaço” não basta passar por ele, tem que estar incluído, reconhecer e ser reconhecido; participar de socialidades particulares, como nas “peladinhos” entre os amigos, nas esquinas escolhidas para acontecerem, nos treinos do passinho, nas “zoadas” entre os amigos, essas dentre outras diversas situações que apresento no decorrer deste estudo.

Há um reconhecimento espontâneo no “pedaço” que não precisa necessariamente estar delimitado ao bairro em que os jovens vivem ou em suas casas ou na casa dos amigos. A partir da existência do “pedaço”, ele pode se configurar e ser formado em locais mais distantes, mostrando transitoriedade, porém a configuração própria que o mantém, de reconhecimento e compartilhamento, é a mesma. O “pedaço” é o que ele contém ao existir e o que ele mantém para que possa ser considerado como tal. Essa categoria se refere ao reconhecimento das experiências que os jovens dividem cotidianamente, e dos símbolos que podem estar em suas falas que possuem códigos construídos e reconhecidos entre o grupo, como os estilos das músicas preferidas, as roupas que fazem parte das marcas mais elitizadas, dentre outros valores simbólicos que, nesse contexto de pesquisa, participam de uma lógica, de uso específico de um lugar, que inclui relações espaciais e simbólicas: “o pedaço”.

O prazer de estar entre os amigos em espaços significativos onde atuam, conhecem e reconhecem os sentidos, permite que os amigos e os espaços juntem-se ao desejo de buscar o novo, de criar, de produzir diferenças. Para o grupo do Mundo Novo importa, e muito, construir práticas que sejam inovadoras e diferentes. A escolha do grupo é por um jeito de ser e de viver experiências pela construção e pela visibilidade da inovação e renovação. Juntos, os rapazes testam essas novas experiências, e, ao testá-las, desencadeiam momentos de união, pertencimentos, compartilhamentos e prazeres no grupo de amigos. A partir disso, querem passar a incluí-los em suas vivências, interessam-se pela multiplicidade de práticas heterogêneas e originais, e, dentre outros aspectos, querem mostrar que se diferenciam de jovens que fazem parte de outros grupos que costumam considerar rivais e moram em outros bairros da cidade. Investir e buscar inovações evidencia não só a vontade do grupo em escolher o que consideram como o mais belo ou o preferido; envolve o pertencimento e a identificação que gostam de ter entre os amigos, mas também há a vontade de provocar contrastes, de construir e mostrar as diferenças. O grupo gosta de se sentir “diferenciado”, singular.

Antes de chegar a essas e outras questões que foram se mostrando centrais a partir da pesquisa de campo, tinha a intenção de analisar as vivências destes jovens a partir de uma abordagem da sociologia da experiência e para tal pensava em me embasar nos conceitos teóricos de Dubet (1996, 2008). Considerava através desse envolvimento a possibilidade de compreensão da condição juvenil e seu viés de elaborações e reelaborações culturais, pelo olhar de um estudo proposto que se baseia em uma visão sociológica, e assim buscar nela os aportes teóricos e metodológicos que queria desenvolver.

A sociologia da experiência envolve a combinação de heterogêneas e múltiplas “lógicas” de ação, que são formadas pelas orientações subjetivas dos atores e pela natureza das relações sociais em que os sujeitos se envolvem cotidianamente, ligando o ator a cada uma das dimensões do sistema social (DUBET, 1996).

Em meados de 2015, optei em pedir a troca de orientação desta pesquisa, e a partir disso houve mudanças, como deixar a abordagem acima como orientação principal ou exclusiva para o tratamento do material de pesquisa. Passei a não adotar uma perspectiva teórica específica, ou melhor, decidi tomar como ponto de partida a experiência etnográfica, buscando reflexões teóricas e opções metodológicas a partir do próprio trabalho em campo e para o aprofundamento das questões interpretativas a partir dele.

Neste percurso, refiz minhas questões durante o campo e revi meus objetivos. Em vez de buscar os movimentos no espaço urbano mais estendido, descobri, entre os pesquisados, os acontecimentos articulados às suas práticas cotidianas e passei a prestar atenção neles. Optei pelo exercício etnográfico, buscando desenvolvê-lo de maneira sensível e profunda. Ter me voltado de maneira mais intensa para a etnografia me permitiu pensar o problema de pesquisa fora de visões e de representações construídas de antemão. Meu empenho passou a ser pela reconstrução das experiências dos jovens, buscando suas reflexões, e os sentidos existentes nelas. Passei a valorizar mais o material de campo, a me voltar constantemente para ele, buscando seus lugares mais relevantes e significativos apontados pelos próprios sujeitos da pesquisa.

O processo da escrita etnográfica não me pareceu nada confortável, havendo uma constante negociação que me desafiava entre o não reduzir e o não exagerar. Estive durante toda a escrita da tese sentindo que precisava realizar uma cuidadosa e equilibrada mediação. No início, comecei trabalhando com grupos focais, depois me concentrei em conversas informais, rotineiras e em entrevistas sobre temas específicos. Busquei o fenômeno com os jovens por suas práticas cotidianas e por reflexões que os rapazes iam me fornecendo diretamente. A partir desse processo, busquei o diálogo com teorias que pudessem contribuir para as interpretações e o tratamento das relações que os dados me proporcionavam. De todo modo, considero que a tese é antes de tudo um relato etnográfico. Evidências e possibilidades de análise foram se construindo e se reconstruindo ao longo de sua realização. Mas o que principalmente se pretende aqui não é qualquer experimento analítico de maior alcance, senão a indicação de *lugares* interessantes de reflexão imaginados nesse exercício *mesmo* de aproximação e experimentação com essa rapaziada.

Os capítulos estão organizados da seguinte maneira. No primeiro, procurei mostrar como se deu a minha entrada em campo, junto ao processo de construção metodológica desta pesquisa, na intenção de compartilhar as experiências iniciais que envolveram a mim e aos jovens. Não só os que passaram a fazer parte da pesquisa, mas os que encontrei antes e não consegui mobilizar para este estudo. Nesse capítulo apresento o bairro Mundo Novo, onde a pesquisa se realiza e faço breves descrições sobre a cidade de Juiz de Fora e alguns de seus bairros, e de pressupostos teóricos e metodológicos que se articulam à maneira que escolhi para pensar as questões juvenis problematizadas. Dialogo com reflexões teóricas e apresento perspectivas metodológicas escolhidas para o desenvolvimento do trabalho de campo e para as questões interpretativas.

Os “acontecimentos nas amizades” correspondem ao segundo capítulo, em que trato das experiências dos jovens pesquisados articuladas às suas relações de socialidade, evidenciando uma intensa amizade entre eles, e os desdobramentos que elas passam a mobilizar. Envolvem, na maior parte das vezes, práticas de convívio prazerosas e de importante valor hierárquico nas relações entre eles. Essas práticas trazem uma dinâmica de pertencimentos e elaborações significativas às experiências dos pesquisados como a formação de valores, atitudes, comportamentos, trocas de informações e saberes. São sujeitos que articulam ações e reflexões em uma dinâmica que experimentam várias possibilidades construídas e desenvolvidas por condições particulares de suas existências, e com as quais se veem em constante diálogo. Assim, reflito sobre essas questões considerando que as experiências juvenis são vistas, construídas e refletidas em tempos e espaços próprios; articuladas às condições e situações reais da vida do grupo. São práticas que se contextualizam e fazem sentido por estarem articuladas a perspectivas econômicas, históricas, sociais e culturais desses sujeitos.

Reflito no terceiro capítulo sobre o jeito de ser relacionado às questões de estilo da rapaziada do Mundo Novo, reconhecendo a abrangência e a complexidade que esta dimensão mostrou em campo. Estilo como um jeito de ser e um modo de vida, construídos individualmente e com o grupo de pares. Ter e mostrar um “estilo diferenciado” cuidadosamente construído é algo muito valoroso para os rapazes. Cuidar do visual apresenta singularidades nessa realidade juvenil, faz parte delas morar no morro, ter fortes relações de amizade, e ser um jovem pobre e negro, por exemplo. Nesse sentido, discuto no capítulo 3, dentre outros aspectos, o “estilo diferenciado” que os rapazes afirmam e no qual investem. Para construí-lo fazem escolhas subjetivas e com o grupo, investem em bens como roupas, calçados e adereços de marcas famosas onde há, dentre outras preocupações, a de ficarem

mais belos, arrumados e diferentes. Da formação do “estilo diferenciado” participam a linguagem, as tatuagens, o jeito de se cuidar e de se vestir e as danças, principalmente a do passinho; os cortes, recortes, desenhos e outros procedimentos estéticos que fazem parte das arrumações dos cabelos dos jovens. Trato de uma configuração de inúmeras possibilidades, realizações e recriações, visando a construção do “estilo diferenciado” dos rapazes do Mundo Novo.

No capítulo 4, trato dos “acontecimentos nas rivalidades”. Aqui apresento experiências plurais que envolvem as “brigas”, os “confrontos” ou os “enfrentamentos” que, algumas vezes, acontecem entre os pesquisados e os outros jovens considerados por eles como rivais. Uso esses termos buscando me aproximar dos momentos plurais vividos pelos jovens, e de seus entendimentos particulares. Trato também das “rixas” entre os grupos de jovens, que podem causar brigas entre eles, da “disposição” que os pesquisados têm nos momentos de “enfrentamentos”, e das vivências juvenis nos bailes *funks* que o grupo frequenta. Apresento o valor de ter “o espírito de vencedor” que se faz presente no jovem que vai à frente do grupo em uma briga e faz a diferença, “fortalecendo” os demais. Trato no capítulo de práticas vividas e valorizadas por jovens que se veem como “homem-homem”. Nele há o jovem que mostra força, virilidade, energia e resistência para aguentar situações de risco que são próprias aos “machos”, no sentido de viverem em suas práticas cotidianas experiências de uma masculinidade intensa e particular, de jovens “crias” do Mundo Novo.

Concluo os acontecimentos vividos pela rapaziada considerando-os como eventos articulados de maneira importante às suas práticas cotidianas. Entre os pesquisados surge uma multiplicidade de formas de expressão e de pertencimento, a partir de suas relações de “cria” que são as que se constroem por proximidades de vizinhança e por relações de afinidades e solidariedades no bairro em que os jovens foram, em quase sua maioria, criados juntos desde a infância.

Reconheço a complexidade e a importância do intenso valor de união do grupo de amigos e da produção das diferenças que eles valorizam pelo jeito de ser que tem, e que lhes dá satisfação em construir e visibilizar juntos. Os pesquisados valorizam as fortes relações de amizade que experimentam, as consideram tão fortes que, algumas delas, são tratadas como relações de “irmãos”. As experiências de socialidade que envolvem o grupo e que, a partir da força e da motivação que elas provocam, mostram-se como as de maior importância na vida da rapaziada do Mundo Novo. Essas vivências vinculam-se ao investimento e ao esforço em construir e manter as relações de amizade entre eles, e além de serem experiências que possuem um lugar central em suas relações, mobilizam e entusiasmam a elaboração de outras

práticas, como as que participam das construções de estilo e das experiências de rivalidades que unem os jovens, os valoriza, os diferencia, e lhes dá prazer.

Construí muitos dados, tratei de muitos assuntos, mas me incomodou ter que deixar outros tantos de fora. A linguagem dos pesquisados, com uso de termos criados por eles, outros apropriados e ressignificados, por exemplo, das letras do *funk* e do passinho carioca, criava em nossos contatos no morro e nas redes sociais um fenômeno que eu gostaria de ter podido tratar com mais cuidado. A prática da “zoada” nas “resenhas”, eventos de que trato no primeiro capítulo e que se referem às conversas entre os amigos nas “rodas” nas ruas mereceriam aprofundamento. Não tratei das relações com as meninas, pelos motivos que já expus anteriormente, e penso que elas podem ser um dos motivos que me faça retornar ao Mundo Novo. E há os afetos dos jovens que guardo como preciosidades. Com eles vem a vontade de me preparar, teórica e metodologicamente, para novas investidas de pesquisa em outros momentos. Emoções como as que se fizeram presentes nos relatos emocionados sobre a dor das perdas de familiares e de amigos; da tristeza e humilhação que sentem quando são “esculachados” pela polícia, da “alegria” diferente que dizem sentir, da “disposição” para enfrentar o que vier pela frente em uma briga e o sentimento intenso de ser e de se sentir amigo “fechado” de alguém.

2 CAPÍTULO 1 – OS ACONTECIMENTOS NO CAMPO

2.1 Escolhas no trabalho de pesquisa

Quando tentei entrar em campo e começar a buscar aproximações com os jovens que eu queria conhecer, a partir de uma proposta etnográfica que me mobilizava, e seguir com a minha intenção de pesquisa, aconteceram fatos importantes para esta investigação. Fatos que me fizeram ver, logo no início, que eu teria que ter flexibilidade neste percurso, pois dele faz parte um campo complexo e nele estão os jovens, sujeitos e objetos desta pesquisa, com suas liberdades de escolhas. Foram circunstâncias que me fizeram perceber quando foi a hora de mudar as rotas e desviar, escolhendo outro destino, no caso, outro campo. Estes são um dos acontecimentos que discuto neste capítulo.

Preocupo-me, no campo, em tratar a problemática que desenvolvo da forma mais objetiva e coerente que posso. Reconheço a existência da minha presença nesta pesquisa, desde a escolha do objeto, passando pelos olhares, questionamentos e aprofundamentos que fui construindo. Tenho consciência de que faço escolhas em meio aos inúmeros caminhos que poderiam ter se tornado a realidade deste estudo. Diversas vezes em campo e ao analisar o material que obtinha, lembrava os cuidados que deveria ter ao olhar para ele, buscando as evidências mais relevantes que surgissem. Ciente dos limites que existem, tive preocupação em controlar minhas preferências e valores pessoais, desde o início.

Dialogo com a diversidade das visões e das percepções dos jovens envolvidos em suas práticas cotidianas. Meu interesse é aprofundá-las, acredito que elas têm sentido próprio e são articuladas a elaborações e a valores específicos que os pesquisados constroem. Sem desconsiderar, nesse diálogo, as minhas influências no material a ser analisado e as interpretações que realizo, que o diferencia de abordagens tradicionais em que possa haver a intenção de objetividade irrestrita. Em todas as etapas deste estudo, valorizo a objetividade, consciente de que as experiências dos jovens envolvem subjetividade e emoção, assim como minhas formas de analisá-las e descrevê-las.

Preocupo-me em manter o compromisso e a ética nas relações em campo; também o rigor quanto aos propósitos que tenho nesta investigação. Eles se mantêm, e se articulam à procura dos entendimentos das experiências que envolvem jovens que se organizam e se movimentam em grupos numerosos pelas ruas de Juiz de Fora. Práticas que a meu ver são significativas e acontecem de maneira particular.

Percebia aspectos relevantes que chamavam minha atenção na movimentação particular, pelas ruas da cidade, que grupos formados por um grande número de jovens rapazes realizavam. Minha atenção estava na maneira como esses sujeitos se relacionavam entre eles nos grupos e nos grupos entre si. Os questionamentos iniciais que fazem parte da visão e da problemática desses eventos se encontram detalhados na introdução desta tese. Na busca pelas experiências cotidianas, onde eu acreditava estarem contidos dados relevantes dessas manifestações, surgiram acontecimentos que originaram pontos importantes, que discuto neste capítulo. Alguns foram obtidos antes de eu entrar no campo em que se deu a pesquisa, portanto anteriores aos vínculos que construí com os jovens que concordaram em participar desta investigação.

Trato, neste capítulo, da descrição etnográfica a respeito das minhas tentativas e da entrada em campo para iniciar a pesquisa, de breves descrições sobre a cidade de Juiz de Fora e alguns de seus bairros, e de pressupostos teóricos e metodológicos que se articulam na forma como eu escolhi para pensar as questões juvenis problematizadas; sem, no entanto, adotar uma abordagem teórica específica. Dialogo com reflexões teóricas e metodológicas, escolhidas pelas compreensões que proporcionam, para o desenvolvimento do trabalho em campo e aprofundamento e enriquecimento das questões interpretativas a partir dele.

Junto à pesquisa de campo, frequentando o bairro e participando de conversas em pontos de encontro dos rapazes nas ruas e em algumas casas, utilizei também a técnica de trabalho com grupos focais. Aqui, priorizei discutir e aprofundar as questões que havia construído a partir, principalmente, de minhas observações dos grupos de rapazes nas ruas. Acreditei que a técnica, por ser em grupo e pela dinâmica de interações que estimula, favoreceria nossos primeiros encontros e nos aproximaria; isso de fato aconteceu, depois de alguns momentos de inibição entre nós, logo no início do primeiro encontro.

Desenvolvo uma pesquisa em que não me coloco como alguém de fora, imparcial, mas em um lugar que possibilita a interação com os informantes. Escolhi, inicialmente, os debates em grupo porque estes privilegiam o trabalho reflexivo dos sujeitos envolvidos na proposta, favorecendo a troca de opiniões e reflexões entre os informantes e o pesquisador. Após as análises dos dados obtidos nos encontros dos grupos focais, o material tendeu a evidenciar novos questionamentos para próximos encontros em grupo ou individuais. Estes são alguns dos motivos de usar a técnica, inicialmente, e que se relacionam às características priorizadas nesta pesquisa, que é a de buscar dados através das falas e das análises dos jovens e, através delas, podem expor as experiências e sentidos que elas contêm.

Organizei os grupos focais conforme suas características, que consistem na reunião de seis a doze pessoas que, a convite do pesquisador, discutem uma questão proposta, sendo mediada de forma cuidadosa por ele para que o foco não se perca. Ao pesquisador, nos momentos em que ele propõe um tema para o debate, cabe ainda a atenção constante para propiciar situações de interesse, favorecendo o acontecimento das conversas. Lembro outro cuidado que procurei ter, o de não centralizar as falas e as discussões; procurei me controlar e não falar demais.

A técnica dos grupos focais faz parte de escolhas metodológicas que se articulam às características das pesquisas de natureza qualitativa. A maneira particular como as procuras e as revelações em uma investigação é tratada nas abordagens qualitativas me interessam por se realizarem através de um trabalho reflexivo dos sujeitos envolvidos na proposta apresentada. Ao investigar as diferentes visões dos jovens quando utilizam os espaços urbanos na cidade, envolvo os aspectos sociais e culturais de suas vidas, que me interessa compreender. Procuo, trabalhando com a metodologia escolhida e o foco nos entendimentos das práticas sociais juvenis, seus sentidos, costumes e crenças; concentrando-me em relações intrinsecamente compartilhadas pelos jovens, envolvendo os grupos que particularizei anteriormente e vou apresentar em mais detalhes, neste capítulo.

Com essa abordagem, articulo-me a possibilidades reais e contextualizadas de explorar as vivências dos pesquisados. São características que me acompanham desde as observações iniciais, as formas de construí-las e apresentá-las como proposta de pesquisa. Retratam a minha maneira de olhar para o fenômeno e para os grupos juvenis que circulam pelas ruas de Juiz de Fora.

Este estudo tem como um dos seus objetivos o entendimento de experiências e vivências juvenis que ocorrem em diversos contextos sociais, culturais e geográficos, que são relacionados a partir do reconhecimento e da análise das vivências cotidianas dos pesquisados. Além disso, quer ampliar e dialogar com o conhecimento pela pesquisa qualitativa, que “renova o esforço para compor uma síntese das possibilidades de explorar a realidade e a vida social, eminentemente, complexas e em permanente evolução” (CHIZZOTTI, 2008, p. 14).

A pesquisa qualitativa torna-se a opção metodológica mais sinalizadora, apontando para um caminho que visa a proximidade, o conhecimento e a análise de um fenômeno visto no interior de seus acontecimentos, em suas especificidades, particularmente visibilizado através das manifestações dos jovens nas ruas de Juiz de Fora. As características particulares da pesquisa qualitativa auxiliam a compreensão e a análise de processos sociais cotidianos

pelas particularidades contidas neles a partir das experiências vividas pelos sujeitos envolvidos. Essas se articulam à visão proposta pelas pesquisas de natureza qualitativa ao considerar os sujeitos e, neste caso dos jovens, que estão, de forma significativa, realizando vivências sociais com usos e apropriações reais em suas práticas cotidianas.

Os métodos e as teorias utilizadas nas pesquisas qualitativas não se enquadram em relações definitivas, como as que se propõem a interligar as causas a seus efeitos, também não se aplicam generalizações. Busca adequar a diversidade das visões e das perspectivas dos sujeitos envolvidos em suas abordagens, sem desconsiderar a existência das visões do investigador no diálogo com a pesquisa. Diferencia-se de abordagens tradicionais que pensavam dar conta de uma objetividade absoluta. Rigor e objetividade são preocupações que fazem parte das pesquisas qualitativas e me preocupo em preservá-las, porém não traduzem nem a totalidade, nem a complexidade da experiência humana.

Há, de acordo com as particularidades de cada pesquisa, a possibilidade de se utilizar outras técnicas em um mesmo estudo, com flexibilidade e coerência, oportunizando ao pesquisador alternativas disponíveis capazes de se ajustarem à abrangência dos sujeitos e dos objetos investigados, assim como dos seus desdobramentos. Alternativas que possibilitaram a realização de dois encontros em grupo para as discussões nos grupos focais e, depois deles, entrevistas individuais, com 14 jovens, incluindo nelas os rapazes que participaram dos grupos focais. Obtive, pelas entrevistas, 39 áudios gravados pelo meu celular; todas as gravações se realizaram com a permissão dos jovens pesquisados. Como procedimentos nesta pesquisa também utilizei as inúmeras observações e conversas informais em campo, indo aos locais em que eles costumavam ficar, como na porta da igreja ou da “padoca” (como costumam se referir à padaria localizada em uma das esquinas do bairro), na porta da casa do K, do N ou do E. Vou tratar das técnicas de pesquisa que utilizei em uma seção específica deste capítulo.

Apresento, abaixo, imagens dos locais onde os rapazes costumam se reunir. Tirei diversas fotos do bairro junto com eles, não apenas com os que participaram deste estudo. Nestes passeios guiados pelos rapazes, ia se formando um grupo maior e mais diverso de jovens. Gostavam de me mostrar os locais do bairro que consideravam significativos para eles, como os que fizeram parte dos momentos da infância, dos jogos de futebol nas ruas ou no campinho. Foram momentos que me possibilitaram conhecer detalhes de suas vidas, do bairro, das ruas, das casas e dos moradores, como conhecer as casas que eles acreditam ser mal assombradas depois da morte de seus moradores. Eu sugeria que eles tirassem as fotos que fossem significativas para eles e passava meu celular para suas mãos. Íamos conversando,

tirando fotos e eles me explicavam suas relações com os lugares. Além das fotos a seguir, vou apresentar outras que tiramos juntos, no decorrer deste capítulo. A maior parte dos rapazes que aparecem nas fotos são os pesquisados. Alguns quiseram ficar junto aos espaços para que fossem fotografados.

Figura 1 – Ponto de encontro em uma rua do bairro.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 2 – Porta da igreja.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 3 – Visão central da igreja.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 4 – Esquina usada para os jogos de futebol.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 5 – Porta da “padoca”

Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

2.2 Antes de chegar ao Mundo Novo

Iniciei, em 2013, o trabalho de campo desta tese. Minha primeira iniciativa foi a de me aproximar dos jovens do bairro Santa Luzia, localizado na zona sul da cidade de Juiz de Fora. Vou tratar de algumas especificidades do bairro e de outros próximos mais à frente. Eu havia trabalhado lá, de 2005 a 2008, como professora de Língua Portuguesa, do governo do Estado de Minas Gerais, no Ensino Fundamental e Médio. No período em que dava aulas na Escola Estadual Juscelino Kubitschek, em Santa Luzia, ela possuía algo em torno de 900 jovens. Por esses contatos e observações, passei a construir muitas reflexões, perguntas e a vontade de conhecer melhor as práticas juvenis. Eu gostava de observar os jovens envolvidos em suas experiências cotidianas na escola. Muitas vezes, achava interessante ver como eles, de formas diferentes e criativas através de construções independentes das propostas realizadas pela instituição, dialogavam com os espaços escolares. À época, como professora, eu me interessava e conversava sobre os temas que eram da preferência dos jovens, trazidas por eles para o convívio através de suas práticas diárias no ambiente escolar.

Acreditava no que poderia ser pensado a partir dessas escolhas e mobilizações dos jovens. Achava suas vivências na escola significativas e ricas. Essas eram experiências plurais que via acontecer como práticas que envolviam dançar e cantar as letras de *funk*, ou as que tratavam das relações afetivas, e os usos das mídias digitais. As músicas ouvidas, cantadas e

dançadas, o uso recorrente dos celulares, as amizades, as brigas e as roupas que não faziam parte do uniforme acompanhavam os jovens, que interagem, dialogando com os espaços e os demais sujeitos na instituição. O que eu via é que os jovens realizavam vivências múltiplas e diversas no espaço escolar, que traziam muitos desdobramentos. Toda essa movimentação me interessava. Via essas relações acontecendo no contexto particularizado e queria entendê-las melhor. Passei a me preocupar em estudar a juventude de maneira mais sistemática, por observações, conversas com os jovens, leituras acadêmicas e relatos das mídias sobre temas que envolvessem a cultura juvenil, ou melhor, as “culturas juvenis” (DAYRELL, 2007; PAIS, 1993; CATANI, GILIOLI, 2008). Os termos no singular e no plural mostram evidências e reflexões, que vão permitir, neste estudo, trazer aspectos da abrangência e da complexidade que a categoria possui.

A partir do que via na convivência com os jovens, ingressei em um programa de mestrado na Universidade Federal de São João Del Rei, realizando uma pesquisa⁷ que tratava das formas e dos sentidos de apropriação e de utilização do espaço e do tempo escolar por meio das ações e das experiências vivenciadas pelos jovens pesquisados. Preocupava-me com os significados atribuídos por eles a esses momentos e a partir deles analisar o que era trazido, compartilhado, construído e reconstruído por meio das formas e dos sentidos de estar no espaço escolar cotidianamente. A análise tomou como sujeitos um grupo de jovens, em sua maioria das camadas populares, do Ensino Médio de uma escola estadual noturna de Juiz de Fora (MG), com idades entre 15 e 19 anos. Tive a preocupação em não realizar essa pesquisa na escola em que eu trabalhava, quis me afastar dos vínculos, principalmente os afetivos, que possuía com meus alunos. O bairro onde a realizei também não era o mesmo.

Como professora em Santa Luzia, antes de sair para o mestrado, eu já havia presenciado as movimentações de grupos numerosos de jovens nas ruas próximas à escola e em outros locais da cidade. Os eventos, desde 2005, constantemente chamavam minha atenção. Por observações e buscando dados em conversas informais com meus alunos na época, verifiquei que eram grupos organizados, na maior parte das vezes, pelos locais de moradia, e formados, principalmente, por rapazes. Em um retrato da percepção inicial que tive dos eventos, que agora desenvolvo na tese, para mim, na época, eram momentos imprecisos. Pensava serem formas de manifestações juvenis nas ruas como “zoeiras”, aqui no sentido de brincadeiras. Em minhas observações, via que poderiam ficar nessa movimentação de

⁷ Trata-se de minha pesquisa de mestrado, realizada entre 2009 e 2010. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Mariza%20Conceicao%20Grassano%20Lattari.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

“zoeira” de jovens em grupos de pares circulando pelos espaços urbanos, ou poderiam se modificar passando a acontecer confrontos entre os grupos de jovens, principalmente, os que moravam em bairros diferentes.

Os termos “confronto” e “zoeira” têm ambiguidades e sentidos diversos, variam entre os jovens, conforme as experiências em que se realizam e os contextos em que acontecem. Vou discuti-los, em capítulos posteriores, a partir da apresentação dos dados etnográficos, por terem se tornado importantes categorias de análise. Um desses termos, a “zoeira”, encontra-se refletido com a abrangência que pude perceber, tratado em um estudo de Pereira (2010), no contexto escolar, mas apresentando a multiplicidade envolvida nas práticas juvenis que envolvem as “zoeiras”.

Havia também as zoeiras na forma de gozações recíprocas entre os colegas ou na zombaria com desconhecidos e professores. Diferentes comportamentos poderiam ilustrar o que seriam as zoeiras ou gozações, como ações de pregar peças, imitar comportamentos, dos colegas e dos professores, de modo caricato, imitar personagens de televisão ou de programas humorísticos, gritar, ironizar determinadas características de outrem, principalmente no que diz respeito a aspectos corporais, mas também xingar, humilhar, trocar tapas, socos ou chutes, proferir injúrias preconceituosas (PEREIRA, 2010, p. 156-157).

Quando esses eventos aconteciam nas ruas próximas à escola, algumas vezes, ao percebê-los mais intensos, envolvia-me nesses “confrontos”, “movimentações” ou “zoeiras” entre os grupos. Eram momentos em que eu dialogava na tentativa de evitar situações mais complicadas entre eles, como agressões físicas, por exemplo. Eu tinha boas relações com os jovens, costumava dialogar de forma próxima e ser aceita com simpatia nas interferências que fazia.

Achava que essas relações construídas antes de eu sair da escola, em Santa Luzia, para o mestrado, me facilitariam a entrada em campo para a pesquisa de doutorado. Mantinha contato com vários jovens, que haviam sido meus alunos, através de encontros ocasionais nas ruas da cidade e pelas redes sociais, que na época era, principalmente, o *Orkut*, e depois passou a ser o *Facebook*. Comecei a buscar o campo cinco anos após ter me afastado da escola em que eu trabalhava, circunstância que me indicava uma vivência diferente da pesquisa anterior, onde eu sentia necessidade de me distanciar. Para a nova pesquisa, eu não tinha mais relações de envolvimento afetivo com os jovens que haviam sido meus alunos, mas ainda era conhecida deles. Tentei investir nessas relações.

Procurei o bairro em que eu era conhecida porque acreditava que não entraria facilmente em um campo sem informantes conhecidos, onde há questões que envolvem rivalidades, como as que, algumas vezes, vi acontecer nas ruas entre os grupos. Outra situação que levei em conta nessa escolha foi o fato de o bairro Santa Luzia ser citado, com frequência, pelos jornais locais, como um dos lugares em que moram alguns jovens que se envolviam em brigas com outros grupos de jovens, moradores de outros bairros, pelas ruas da cidade, conforme apresentei na introdução deste estudo.

Agora, como pesquisadora, acreditava que o meu conhecimento anterior com muitos jovens moradores de Santa Luzia seria o acesso ao grupo que eu queria pesquisar. Pensava, à época que iniciei este estudo, que os jovens que eu não conhecia poderiam ser receptivos à participação na investigação pelo conhecimento anterior construído por mim e mantido com alguns de seus amigos, que poderiam me apresentar. Isso me abriria as portas no campo. Com essas direções, me aproximei de alguns rapazes, meus ex-alunos. Alguns diziam participar ou conhecer jovens que andavam em grupos formados por inúmeros rapazes pela cidade. Alguns usavam o termo “ganguê” para se referir aos grupos. Nessas aproximações, eles gostavam de me contar sobre as experiências em suas vidas e na dos amigos. Essas se tratavam das amizades vividas nos bairros, das maneiras de “sacudir” os bairros considerados rivais quando saíam em grupo; falavam dos amigos que estavam presos, dos relacionamentos afetivos com as meninas, enfim, de coisas que os interessavam e faziam parte de suas vidas. Percebia que achavam também ser interessante para o que eu queria tratar e, realmente, eram dados proveitosos, me permitiriam entendimentos vastos sobre o campo.

Mas eu precisava ter acesso a um grupo de jovens que permitisse que eu pudesse estar com eles de maneira mais sistemática, que eu não fosse próxima somente pelas relações construídas como professora e que agora se estenderiam. Eu precisava que formássemos vínculos de interesse para a pesquisa. Eu procurava um grupo de jovens que manifestasse interesse em se envolver em uma proposta mais específica, que se interessasse em efetivamente estar junto comigo na discussão e no aprofundamento das questões que eu propunha.

Eu explicava aos jovens, em nossos encontros, minha intenção em conhecer melhor um grupo de rapazes envolvido nas saídas com seus pares pelas ruas da cidade. Explicava que, nesses momentos, via que os jovens construíam e mostravam um estilo que chamava a atenção nas ruas e esse jeito de ser era compartilhado pelos jovens nos grupos através das roupas, bonés e adereços usados. Queria discutir como se davam as movimentações do grupo; como se organizavam; como eram as relações de amizade entre eles; como formavam e quais

eram suas preferências de estilo nas roupas e nas músicas. Dizia que a partir dessas visões poderíamos construir outras questões relacionadas e queria seguir de forma mais organizada, realizando outros procedimentos de pesquisa. Tornava claro o projeto de pesquisa aos rapazes, que minha intenção era a de realizar observações em campo, grupos focais e entrevistas individuais, cuidando para não me estender, nem simplificar demais minhas explicações sobre as intenções de trabalho com eles.

2.3 Desencontros e encontros: as investidas no campo

O encontro com os jovens para a participação na minha proposta não acontecia. Os jovens diziam que iam chamar outros colegas e surgiam cancelamentos, outros agendamentos, encontros, mas nós não avançávamos, além de conversas informais sobre assuntos diversos, como a escola, o trabalho, as amizades, enfim, sobre o dia a dia deles. Conversávamos também sobre o tema da pesquisa, que incluía minhas inúmeras explicações sobre a proposta de conhecê-los melhor e escrever sobre isso. Constatei que, com os jovens em Santa Luzia, eu não conseguiria formar um grupo de rapazes que se interessasse em participar desta investigação. A situação foi de surpresa e frustração, pois dava como quase certa a participação dos rapazes. Acreditava que se envolveriam com um entusiasmo próximo ao meu. Percebi que não seria tão simples, não havia um caminho anterior construído e estabelecido que me garantisse ter e controlar os pesquisados no campo. Tínhamos propostas diferentes, onde eu buscava formas de relacionamento que não os interessava. Eu havia sido a professora deles, isso não me assegurava ser aceita como pesquisadora. Minhas intenções e futuros êxitos precisavam de novas estratégias e de novos relacionamentos.

Em outra tentativa de iniciar a pesquisa de campo, aproximei-me de uma jovem. Ela é minha ex-aluna e, como os rapazes de que me aproximei antes, é moradora de Santa Luzia. Encontrei-a no bairro Alto dos Passos, onde moro, e local em que ela me disse trabalhar em uma papelaria. A jovem se interessou em saber o que eu estava fazendo, já que não dava mais aulas na escola no mesmo bairro em que ela morava. Falei sobre a pesquisa que havia feito no mestrado e, agora, do meu interesse na investigação de doutorado. Expliquei, brevemente e de maneira simples, como a investigação anterior ocorreu e como estava organizando a pesquisa atual. Falei do meu objetivo, sobre a necessidade de me aproximar de um determinado grupo, que especifiquei a ela, como fiz anteriormente, e que esses seriam os sujeitos desta investigação. A jovem se propôs a me ajudar e a me apresentar aos rapazes.

No momento desse encontro, recuperei as esperanças. Vi a jovem como uma possível intermediadora entre mim e os jovens do grupo a ser pesquisado. Sabia que ela conhecia muita gente no bairro, havia sido criada lá. Refleti que por ela ser mulher, talvez, nos aproximaríamos mais e, assim, ela pudesse efetivamente me ajudar. Acreditei que com ela a pesquisa avançaria no campo. Decidi investir na aproximação, indo aos encontros na pracinha do bairro, onde ela marcava para conversarmos, tentando que ela fizesse a mediação para o contato com o grupo que ela dizia conhecer. Tentei controlar minha ansiedade, mas não sei bem se consegui esse feito, não só nesses momentos com a jovem, como em muitos outros em campo e na escrita desta tese. A entrada no campo foi um momento de muitas estratégias, fracassos, decepções e reinícios até conseguir me sentir engajada nele.

Tive vários encontros com a jovem nas ruas de Santa Luzia. O local e a hora de nossos encontros eram marcados por ela. Eu telefonava para confirmar e, geralmente, conversávamos na pracinha do bairro. O bairro não me era completamente indiferente, porém o local da escola fica em uma parte mais alta, bem diferente de onde eu esperava a jovem. A região perto da escola é em aclive acentuado, tem pouca circulação de ônibus e é rodeada, em sua maioria, por casas com terrenos extensos; pelo tipo das construções mostravam serem residências elitizadas. Atualmente, em um terreno grande em frente à escola encontra-se em construção um grande prédio residencial popular, destoando das casas que citei. Essa parte do bairro onde se localiza a escola é afastada da praça, onde há comércio variado e possui pontos de maior circulação entre as pessoas.

Algumas vezes, a ex-aluna parecia esquecer nosso compromisso na praça e se desculpava pelo não comparecimento ou demora. Depois de alguns encontros, desencontros e reencontros, a jovem combinou em fazer a minha aproximação com os rapazes que eram dos grupos que me interessava em pesquisar, e que ela dizia conhecer bem. Inclusive, afirmou ser um dos rapazes seu esposo e pai de seu filho, mas não cheguei a conhecê-los. Enquanto esperava pelas apresentações da jovem aos rapazes, passei a frequentar alguns lugares de maior movimentação do bairro Santa Luzia, com mais regularidade, não somente para encontrar a jovem, mas, em outros momentos para que eu pudesse observar os espaços, as pessoas, os lugares por onde circulavam, o comércio local, enfim, sua dinâmica cotidiana própria. Eu queria ver como acontecia a realidade diária no bairro e os envolvimento entre os sujeitos e os espaços.

Eu ficava na pracinha esperando e, às vezes, encontrava outros ex-alunos, que também se interessavam em saber o motivo de eu estar ali parada. Nessas ocasiões, contava sobre a pesquisa anterior e sobre a que estava agora fazendo, de maneira breve. Explicava, tentando

não me estender demais ou ser muito teórica ao falar sobre o meu interesse nas questões que envolvem os jovens e como procuro fazer isso. Em minhas conversas com eles procuro manter uma relação de troca e de receptividade, pergunto sobre suas vidas e respondo seus questionamentos sobre a minha. Muitas vezes, perguntam o que é uma pesquisa nos termos que desenvolvo, o que é um mestrado ou doutorado, para quê essas escolhas me serviriam, se eu já era formada. Interessam-se em saber se vou arrumar um emprego melhor do que eu tinha antes. Tento responder de maneira simples, não ser teórica demais, mas respondo. Explico que tenho grande interesse pelas questões que envolvem os jovens desde o período em que dava aulas e que, a partir desse lugar de professora, tive a oportunidade de ter uma convivência próxima a eles, percebendo que realizavam experiências que me interessavam conhecer melhor, podendo ampliar discussões que as envolvem.

Falo das práticas que vi os jovens realizarem na escola, exemplifico as relações que via acontecer entre eles como, por exemplo, com a tecnologia, pelo uso dos celulares, ou com as músicas e danças que eu observava e pude aprofundar o conhecimento desses eventos no mestrado. São realidades conhecidas dos jovens com quem converso, há diálogo nessas explicações fornecidas, senti existir uma troca, não falo sozinha. Conto a eles como fiz isso na pesquisa anterior, realizada por observações, conversas e grupos de discussão, explico que depois que os jovens concordaram em participar, realizei os procedimentos em uma escola que me autorizou a fazê-lo.

Falo do meu interesse, agora, pelas experiências dos rapazes que andam em grupos numerosos pela cidade e que minha intenção é procurar entender como isso acontece. Conhecer melhor como organizam esses movimentos de perto, estando próxima aos pesquisados, através de conversas, observações, entrevistas em grupos e individuais. Para isso, digo que tenho o apoio da universidade, a orientação de uma professora e faço leituras de outros autores que escrevem sobre os jovens. Costumo levar livros que tenham pesquisas próximas ao meu estudo para mostrar. Ofereço, sem forçá-los a leituras; apenas mostro. Alguns dão uma olhada, folheando. Mostro com isso que quero fazer um trabalho organizado sobre o tema e também vou escrever sobre ele. Dialogo com os jovens sobre assuntos diversos, não falo apenas da minha intenção de pesquisa quando estou com eles, mas gosto de apresentá-la e, nos momentos que exponho meu trabalho, tento mobilizar algum jovem para que se torne o informante e me ajude a entrar em campo.

Novamente, percebi que eu não conseguia encontrar os jovens que me interessavam investigar. Estava mais uma vez dispendendo muito tempo em contatos que não avançavam com os informantes iniciais e eu não chegava aos jovens que eles diziam conhecer. Como

disse, anteriormente, os jovens estranhavam o meu tipo de trabalho como investigadora, eu percebia que alguns deles achavam minha decisão meio diferente ou até engraçada. Eu deixava de ser professora, função bem conhecida dos jovens, para pesquisar sobre suas vidas. Como professora eu ouvia suas histórias, contava outras, ria com eles, como pesquisadora eu buscava suas histórias. No entanto, o grupo que me interessava pesquisar costumava se envolver em confrontos com outros grupos que circulavam pela cidade e se consideravam rivais. Eu percebia haver entre eles o uso da força como possibilidade a ser praticada e como um dos aspectos que poderia ser organizador de suas relações. Talvez não quisessem que eu me aproximasse desses dados.

Há outra possibilidade que considero e pode estar ligada à dificuldade em marcar os encontros com o grupo que era do meu interesse de pesquisa. O que pode ter acontecido foi justamente pela permanência dos meus vínculos anteriores como professora, dos quais, como relatei, eu me afastei na pesquisa de mestrado e acreditava que, pelo meu afastamento anos antes da escola e por ser a pesquisa fora do ambiente escolar, eles não permaneceriam. Mas agora, com os ex-alunos nas ruas, não era tão diferente assim, nem para mim, nem para eles. Os vínculos que eu pensava serem elementos facilitadores, não me ajudaram a iniciar a pesquisa, porque, talvez, se mantiveram as relações construídas. Não conseguimos modificá-las e passamos a relações entre pesquisadora e informantes, essas marcadas por outros objetivos e procedimentos, como os que eu lhes apresentava ao dizer como se desenvolvia uma pesquisa. O meu lugar de professora em nossas relações estava mais demarcado do que eu poderia antecipar; não era só o espaço da escola que o mantinha. E assim, minha posição como pesquisadora em Santa Luzia não se consolidava.

Os jovens gostavam de me reencontrar e conversar comigo, com a ex-professora deles. Eu também gostava de estar com eles. Fora da escola as relações ficavam mais livres. Era diferente. Podíamos conversar sem o tempo e os assuntos que, na maioria das vezes, eram organizados pela instituição. Na rua, os espaços eram menos compromissados. Não quero dizer que não tratávamos na escola de assuntos diversos, não conversávamos somente sobre conteúdos escolares. Nem quero sugerir que as relações são completamente definidas pela instituição. Vejo claramente, na realização da pesquisa, não existir controle de algumas coisas que pensamos dominar e que se revelam nos acontecimentos apresentados e ocorreram no campo. Continuei buscando maneiras de me organizar, não por um controle rígido ou antecipado dos encontros e das conversas, mas por possibilidades de construir relações de interesses mútuos em nossas posições de pesquisadora e pesquisados.

Percebia que eu demorava em seguir com a pesquisa, reconheci que eu tinha cuidados demais ao abordá-los. Muitas vezes me sentia invadindo suas vidas e explicava demais meus propósitos na pesquisa. Talvez eu pudesse ter sido mais direta, esperar menos, mas eu tinha receio de ser muito incisiva e com isso afastá-los. “Logo foi possível perceber que o diálogo não seria apenas com os dados da pesquisa. Para todo estrangeiro, o primeiro passo é a conquista da confiança, através do reconhecimento” (SCHWADE, 1992, p. 45). Eu notava, no campo com os jovens, não haver garantias ou compromissos antecipados em nossas relações. A conquista para a participação tenderia a ocorrer pelo interesse dos jovens em colaborar com este estudo. Interesse que eu queria conquistar e temia perder ou nem construir.

Os rapazes sabiam do grupo que me interessava pesquisar. Sei que muitos jovens convidados para a pesquisa faziam parte desses grupos. Eu não precisava falar demais, alguns rapazes não se dispuseram por escolhas próprias, que eu tinha que respeitar, sem insistir. Eu não era alguém de “fora”, estive e estava próxima a eles desde 2005, não perdemos o contato.

Minhas falas dependiam da situação e do interesse que eu percebia neles em me ouvir. Tentava mostrar que não tinha julgamentos morais sobre eles, que queria conhecê-los melhor para escrever um trabalho a que me propunha realizar e já havia feito outro nesses termos. Algumas vezes, eu levava a pesquisa de mestrado para mostrar-lhes, dizia que eu manteria sigilo sobre suas identidades, evitando reconhecimentos futuros, caso preferissem assim. E os dados que me fornecessem também poderiam ser revistos.

Como o grupo que tenho interesse em pesquisar é formado por jovens que se envolvem ou se envolveram em questões de violência, as circunstâncias morais dos rapazes poderiam estar implícitas em nossas relações. Com os jovens em Santa Luzia comecei a pensar: teriam confiança de conversar sobre suas vidas com esses envolvimentos? Queria fazê-lo e, talvez, modificar as visões que eu tinha deles? Eu os abordava falando com sinceridade sobre o grupo que me interessava conhecer: jovens que andavam em grupos numerosos pela cidade, revelando um estilo próprio, com marcas de grifes (nas roupas, bonés e calçados), que gostavam de *funks*, que podiam ou gostavam de se envolver em brigas com outros grupos.

Por esses dados e interpretações que apresentei e por outras situações que posso não ter percebido, o início em campo não foi simples. As relações com os sujeitos, e, neste caso, com os jovens, não acontecem naturalmente. São negociações constantes e essas acompanharam todo o percurso desta investigação. Decidi me afastar do bairro Santa Luzia.

Era difícil lidar com o fato de não ter a parceria dos jovens lidando e dialogando comigo nas questões que eu pretendia desenvolver. Havia cordialidade, empatia e mesmo

carinho entre mim e a jovem, como também ocorreu anteriormente com os rapazes. Sempre fui bem acolhida por eles. Mas há escolhas próprias. E a pesquisa não se realizou no bairro onde eu fui professora, Santa Luzia. Tempos mais tarde, quase dois anos após minha entrada em outro campo, que foi o local em que se deu a pesquisa, encontrei uma amiga dessa jovem que me disse que eles não quiseram se envolver com o meu trabalho por medo de que algo ruim pudesse me acontecer; o que eu queria era perigoso.

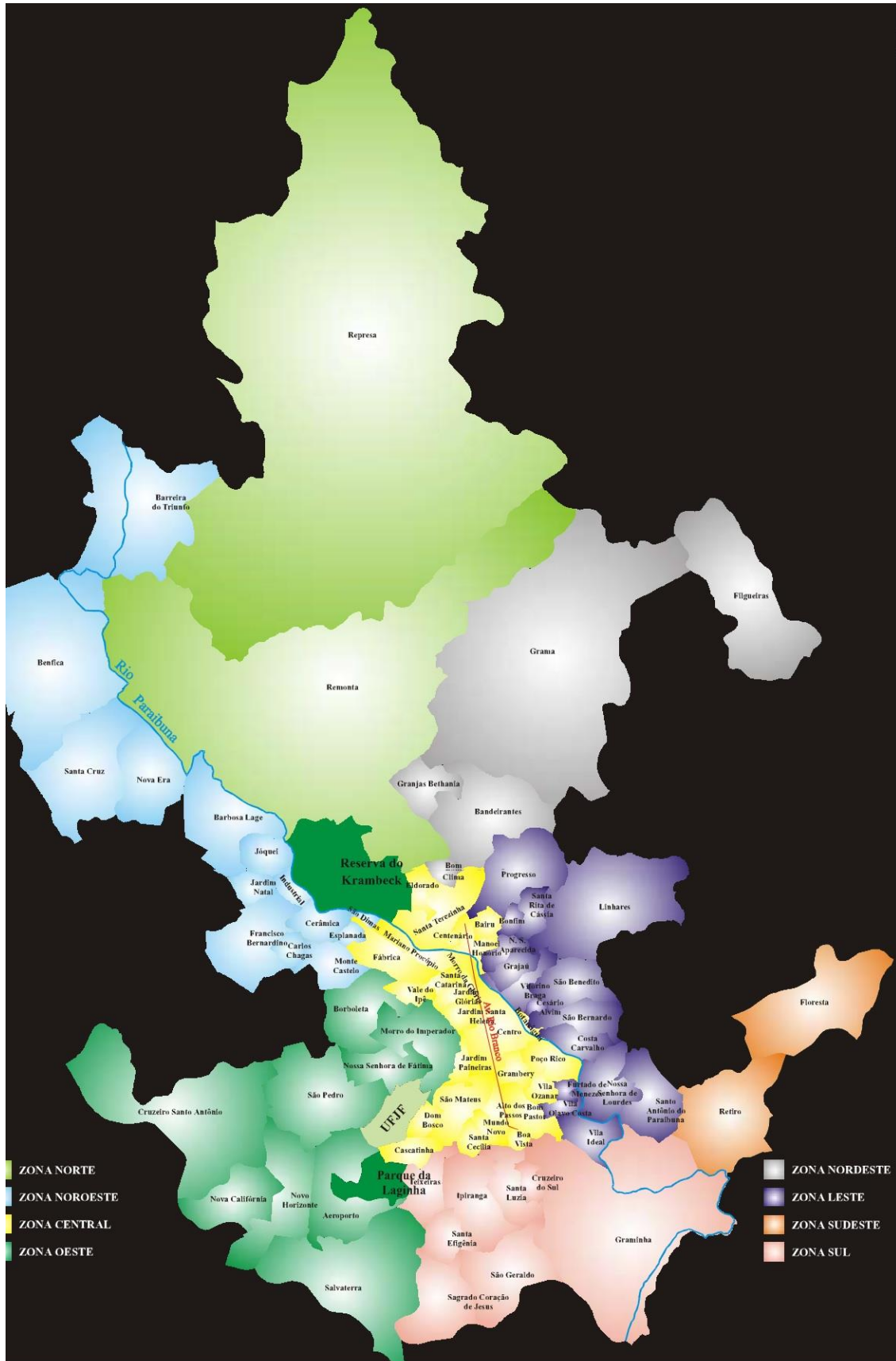
2.4 A vida na cidade e em alguns bairros de Juiz de Fora

É comum encontrar e conversar com meus ex-alunos no bairro onde moro, o Alto dos Passos, e nas ruas de bairros próximos da cidade. Faço uma breve abordagem sobre a cidade de Juiz de Fora e alguns de seus bairros, tomando como referência os espaços onde realizei as tentativas, a entrada em campo e outros relacionais a eles, na intenção de tornar as referências que realizo mais próximas e compreensíveis.

O bairro Santa Luzia, onde trabalhei e moravam os jovens ex-alunos que acreditei que pudessem ser meus informantes, é bem próximo ao Alto dos Passos. Os moradores desses bairros e de outros também próximos, como São Mateus, Dom Bosco, Novo Mundo e Santa Cecília, por exemplo, circulam a pé por esses espaços, sendo comum irem dessa maneira até o Centro da cidade. Circunstância que promove os constantes encontros entre moradores de bairros vizinhos, e me levava aos encontros com ex-alunos e, no decorrer da pesquisa, com os jovens que participaram dela, do bairro Mundo Novo. Essa evidência pode ser vista no mapa⁸ a seguir com todos os bairros da cidade de Juiz de Fora, divididos por região, onde aqueles que estão representados pela cor amarela e rosa são alguns de que trato neste estudo.

⁸ Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/cidade/anuario_2009/mapas/mapasquadros.htm>. Acesso em: 05 fev. 2015.

Figura 6 – Mapa de Juiz de Fora.



Fonte: Site da Prefeitura de Juiz de Fora

Apresento um pouco da cidade de Juiz de Fora e alguns bairros tratados no decorrer desta pesquisa, como o Santa Luzia, por fazer parte dos acontecimentos no campo e na vida dos pesquisados, por suas relações com seus pares, demais sujeitos e os lugares onde vivem e por onde andam.

A cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, é considerada de porte médio, pelos tipos de serviços e concentração de habitantes que a caracterizam dessa forma na relação com outros centros urbanos do país. Segundo dados do IBGE⁹, a cidade possui uma estimativa de 555.284 habitantes, sendo considerada “uma referência no interior do estado” (BARBOSA, 2013, p. 1). Localiza-se em um ponto de articulação entre três capitais importantes no país: São Paulo a 460 km, Rio de Janeiro a 188 km, e a capital do Estado, Belo Horizonte a 260 km. Na Zona da Mata¹⁰ mineira, Juiz de Fora é considerada a mais importante e também a mais influente cidade da região, correspondendo a 33,4% da população total e possuindo a metade da participação do PIB (Produto Interno Bruto) industrial e de serviços da região. Possui recursos como os da área de saúde e lazer, por exemplo, capazes de atender não só aos moradores locais, como aos de cidades vizinhas, sem a mesma estrutura. Há 12 hospitais¹¹ no município, sendo um de pronto-socorro e conveniado apenas ao SUS (Sistema Único de Saúde), os demais possuem atendimentos que podem ser particulares ou conveniados.

O comércio em Juiz de Fora é amplo e variado em alguns locais, como se pode ver pelas inúmeras galerias de lojas nas ruas do Centro e pela estrutura comercial de alguns de seus bairros, como São Mateus, Alto dos Passos e Santa Luzia, por exemplo. Dentro dos bairros em que há comércio suficiente e variado, no entanto, há locais menos desprovidos dessa realidade, trazendo complexidade e desigualdade em suas configurações internas. O Santa Luzia é um desses casos, onde há uma parte na qual se localiza a escola onde trabalhei sem comércio algum.

Há particularidades nessa constatação quanto aos bairros exemplificados acima como tendo maior estrutura comercial. Os espaços dependem das formas de apropriação e de desenvolvimento de seus aspectos urbanos, como o número de moradores, suas rendas, as

⁹ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=313670&search=minas-gerais|juiz-de-fora>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

¹⁰ A zona da Mata é formada por 142 cidades, dados aprofundados e recentes, (2015), sobre a região estão disponíveis em <http://www7.fiemg.com.br/Cms_Data/Contents/regionais/Media/Zona-da-Ma-02.19_Caderno%20Zona%20da%20Mata%20Final.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2015.

¹¹ Os detalhes da área de saúde estão disponíveis em <http://pjf.mg.gov.br/conselhos/saude/documentos/plano_de_saude_2014_2017_sspjf.pdf>. Acesso: 12 mar. 2014.

construções nos espaços com tendências mais ou menos comerciais, o grau de investimento público e privado que neles acontece etc. Não são todos os bairros de Juiz de Fora que possuem uma estrutura que os atenda; há locais em que os moradores precisam recorrer, não só a outras partes mais afastadas, como a outros bairros, como é o caso do bairro Mundo Novo, onde se deu esta pesquisa. Os bairros citados, neste estudo, serão apresentados com mais dados, nesta seção. Voltarei a eles nos capítulos que se seguem, inseridos nas descrições etnográficas, a partir das experiências do grupo pesquisado.

Juiz de Fora possui várias opções culturais¹², como teatros, praças, museus, cinemas e *shoppings*, por exemplo. Há um cinema no centro da cidade, o Palace. Os demais se localizam nos *shoppings*: o Santa Cruz, o Alameda e o Independência. Os *shoppings* possuem particularidades entre eles. O Independência, por exemplo, é o maior e o mais novo *shopping* de Juiz de Fora, localizado entre o bairro Dom Bosco e o Cascatinha. Tem uma construção complexa, conta com cinemas e “lojas âncoras”, que são estabelecimentos maiores, como as de departamentos e dos supermercados. Possui atividades diversificadas para as compras, como lazer e alimentação, acarretando um grande fluxo de pessoas, moradores locais e de cidades próximas. Atualmente, encontra-se em fase de expansão. Durante a pesquisa foi local de grande concentração dos jovens, principalmente em sua entrada, caracterizado por um fenômeno ocorrido em algumas regiões do Brasil conhecido como “rolezinho”. Um dos pesquisados participava desses eventos, que discuto no capítulo sobre os estilos. A localização do Shopping Independência é bem próxima à Universidade Federal de Juiz de Fora que, além da função acadêmica, promove atividades de cultura e lazer em seus espaços.

O Shopping Alameda, no bairro Alto dos Passos, é bem menor que o Independência, possui cinema, área de alimentação e lojas de vestuário, algumas delas em espaço aberto. Tem sua construção em área reduzida, com poucas unidades comerciais e lojas de porte pequeno se comparado ao Independência e ao Santa Cruz. O local onde se encontra o Alameda é considerado nobre na cidade, um ponto de encontro. É onde os grupos juvenis e outras categorias gostam de circular, inclusive os jovens que aceitaram participar desta pesquisa costumam frequentar esse espaço. No início desta investigação, um dos rapazes trabalhava em uma loja de alimentação no local. O grupo pesquisado considera o Alameda um espaço elitizado. No local, eles se sentem discriminados.

O Santa Cruz é um dos mais antigos *shoppings* de Juiz de Fora. Foi inaugurado em 1991 e é um dos primeiros complexos comerciais da Zona da Mata Mineira. Não foi projetado

¹² Os dados que apresento quanto às opções culturais podem ser vistos no Atlas de Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/>>. Acesso em: 20 set. 2014.

para esse fim, anteriormente funcionava a Companhia Fiação e Tecelagem Santa Cruz. Tem diferenças em relação aos demais pelo tipo de construção mais antiga e adaptada para o empreendimento. Possui cinema e lojas menos sofisticadas que os outros *shoppings* da cidade. Além disso, a sua frequência é menor; um fato que se relaciona a isso pode ser visto pelo seu horário de atendimento reduzido. O local, se comparado aos demais *shoppings*, é considerado menos valorizado. Os pesquisados me disseram já ter frequentado assiduamente o Santa Cruz e suas áreas próximas para compras e práticas de rivalidades, com brigas e provocações a grupos de bairros considerados por eles como rivais. Era local de concentração de jovens, principalmente em uma praça situada na frente do estabelecimento. Vários pesquisados afirmaram ter parado de frequentar o Santa Cruz e a praça, onde aconteciam os conflitos entre grupos, pelo local ter se tornado muito violento, inclusive com a ocorrência de mortes.

Os dados sobre a cidade de Juiz de Fora que apresento a seguir são contextualizados pela visita que fiz à prefeitura da cidade, acessos ao site¹³ da instituição e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), pelas conversas com os jovens e por minhas visões como moradora. Na ida à prefeitura, ao me apresentar e explicar ser a visita para a busca de dados demográficos e sociais sobre a cidade, os jovens do bairro Mundo Novo e seus moradores, para uma pesquisa em Ciências Sociais, fui encaminhada na recepção a um funcionário que me disseram ser sociólogo – ele não se apresentou dessa forma. Ele foi solícito, me informou que faz alguns anos que a prefeitura não busca dados sobre os bairros ou sobre os moradores por vias próprias, nem faz análises particulares. Os dados atuais foram retirados da página do IBGE, ano base 2010.

Recebi, através dele, dois materiais: um trabalho que me enviou posteriormente por e-mail, e que disse ser o último de que se lembra terem realizado sobre os bairros da cidade e o número de moradores de cada um deles. O documento estava organizado em forma de tabela e se encontra no Anexo A. No estudo recebido por e-mail, há os 80 bairros da cidade e, em cada um deles, pode se ver e comparar o número de seus moradores nos anos de 1991, 1996, 2000 e 2010. Não há outras análises interpretativas das variações apresentadas na tabela.

O bairro Mundo Novo se encontra identificado com outro nome, Capitão Afonso Botti, e o seu número de habitantes girou em torno de 3.000 moradores, com uma variação de aproximadamente 10%, durante todos os períodos da amostragem realizada. Outro material

¹³ As informações sobre a cidade de Juiz de Fora disponíveis em: <https://www.pjf.mg.gov.br/cidade/caracteristicas_gerais.php>, e as do IBGE em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=313670&search=minas-gerais|juiz-de-fora>>. Acesso: 12 mar. 2014.

foi uma impressão retirada diretamente do site do IBGE¹⁴ sobre os dados do censo demográfico de 2010, no qual consta o número de habitantes do município por faixa etária, compreendida entre cinco e 60 anos ou mais. Os 14 jovens do bairro Mundo Novo, participantes deste estudo, compõem dois grupos, porque suas idades variavam de 17 a 26 anos. De 15 a 19 anos, há 42.075 e de 20 a 29 anos, há 89.845 jovens na cidade. O número de jovens entre 15 e 29 anos no país é de, aproximadamente, 51 milhões, conforme Censo do IBGE, de 2010¹⁵.

Apresento, inicialmente, os dados de Santa Luzia por ter sido o primeiro lugar de tentativa de encontro com os jovens, tanto no surgimento das interrogações iniciais que trouxeram a realização desta pesquisa, como também por ser o primeiro local onde pretendi desenvolver o trabalho de campo. Santa Luzia, na região Sul da cidade, divide-se em três sub-regiões: Santa Luzia, com população de 4.075 pessoas; Jardim de Alá, com 3.260 pessoas; e Jardim América, com 3.598 pessoas. Constantemente, os pesquisados apontavam como um dos motivos de desunião entre os jovens no bairro e suas sub-regiões ser ocasionado pelo tamanho e o número de habitantes, bem maiores em relação ao Mundo Novo. Santa Luzia e suas sub-regiões são consideradas bairros periféricos e vistos como moradia de sujeitos economicamente menos privilegiados da sociedade juizforana. Isso não exclui completamente a convivência com pessoas de outras camadas mais favorecidas no bairro e da existência de moradias mais confortáveis. Muitos jovens que estariam envolvidos nas “brigas” de grupos são considerados moradores do bairro de Santa Luzia e de outros locais próximos a ele.

O bairro é cortado pelo córrego de Santa Luzia, na avenida principal, causador de enchentes frequentes. Essa avenida leva à saída da cidade em direção à BR-040, que se liga ao estado do Rio de Janeiro. O mobiliário urbano compõe-se de uma praça, razoavelmente conservada, com equipamentos de esporte, uma escola municipal, com quinze salas de aula, duas escolas estaduais, uma creche municipal e uma rede de assistência, chamada de Unidade Básica de Saúde, além do posto de atendimento vinte e quatro horas (UPA – Unidade de Pronto Atendimento). Seu comércio é tipicamente de bairro, porém variado e numeroso, com um supermercado de maior porte e outros tipos de comércio menores.

A escola em Santa Luzia, no período em que lá trabalhei, tinha um grande número de jovens. Assim, quando saía no Alto dos Passos, bairro em que eu morava, os encontros com

¹⁴ Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=3150&z=cd&o=6&i=P>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

¹⁵ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/>. Acesso em: 03 jul. 2015.

meus ex-alunos eram bem frequentes. O Alto dos Passos mistura a estrutura urbana residencial e comercial em convívio e é passagem obrigatória para o bairro Santa Luzia. O bairro conta com uma escola municipal e possui duas praças. Não há uma rede maior de assistência à saúde. Abriga também algumas clínicas médicas e funciona como uma continuação do bairro Bom Pastor, também considerado de classe média e alta, sendo separados pela Avenida Rio Branco, principal artéria viária da cidade. Localiza-se na região sul da cidade e tem uma população estimada em 6.772 pessoas.

O Alto dos Passos conta com uma estrutura de gastronomia bastante apreciada no município. Possui um centro de lazer, o já citado Shopping Alameda, com cinemas e lojas. Suas ruas ficam cheias, principalmente, nos finais de semana, mostrando uma vida noturna bastante intensa, inclusive sendo o local utilizado para comemorações no Carnaval e eventos esportivos, com grande concentração de pessoas em seu trevo principal. Algumas ruas são fechadas nessas ocasiões.

O bairro São Mateus tem como via principal a Avenida Presidente Itamar Franco, que corta a cidade no sentido leste-oeste. O bairro possui um teatro e um centro de cultura particular para o ensino de atividades artísticas, uma escola municipal, uma escola estadual, uma praça, um abrigo coletivo e comércio variado e amplo, com lojas, sapatarias, restaurantes, inclusive dois supermercados. É servido por três agências bancárias, três escolas particulares e não conta com a rede assistencial da Unidade Básica de Saúde. Possui um hotel para viajantes de pequeno porte e dois hotéis de grande porte. É também local de acesso ao Shopping Independência e está entre os bairros Cascatinha e Dom Bosco. Sua população estimada é de aproximadamente 19.000 pessoas. São Mateus é considerado um bairro residencial de classe média, hierarquicamente importante na sociedade juizforana. Sem deixar de ter regiões menos elitizadas, algumas de aclave e outras áreas com construções mais simples, evidenciando em alguns locais a existência de diferenças urbanas e sociais.

O Mundo Novo, local onde realizei a pesquisa, é um bairro pequeno, geograficamente vizinho de São Mateus, Alto dos Passos, Santa Luzia e Santa Cecília. Conforme o mapa¹⁶ a seguir, as duas ruas centrais do bairro são os locais onde os pesquisados mais se concentram em grupo.

¹⁶ Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/cidade/anuario_2009/mapas/mapasquadros.htm>. Acesso em 03 jul. 2015.

Figura 7 – Mapa do bairro Mundo Novo.



Fonte: Site da Prefeitura de Juiz de Fora

O Mundo Novo é um bairro residencial de muitas moradias pequenas e de construção simples, convivendo com outras mais elaboradas e maiores, em menor escala. Pelo tipo de construção mais complexa que apresentam e pelo meu olhar da rua, essas parecem ser mais confortáveis que as primeiras, possuindo inclusive garagem, espaço que não observei nas residências menores e mais simples. Esse dado indica o convívio com sujeitos de camadas sociais diferentes no bairro; na pesquisa em campo isso foi confirmado pelos rapazes. Eles me apontavam, quando andávamos pelas ruas, onde moravam as pessoas com mais poder aquisitivo, me diziam que em algumas ruas moravam os “playboys” e suas famílias.

Nas partes mais altas do bairro, as ruas são bem estreitas, dificultando a circulação de veículos. Pude perceber que há poucas linhas de ônibus no local; apenas três. Vi que algumas pessoas andavam de bicicleta, mesmo em lugares de aclives acentuados. Os moradores costumam se deslocar a pé, descer dessa maneira em direção ao Alto dos Passos para chegar à Avenida Rio Branco. Nesses locais, eles podem se servir de mais linhas de ônibus ou caminhar para o Centro. A distância do Mundo Novo ao Centro é de, aproximadamente, 3,5 km. A maior parte das ruas do bairro precisa de novo asfalto.

2.5 No Mundo Novo, encontro a “rapaziada”

Antes de conseguir acesso aos rapazes do bairro Mundo Novo, pensava novamente em como me encontrar com os que seriam os pesquisados. Buscar o que eu conhecia e via nas ruas, pelo contato com ex-alunos, pelas mídias e nas conversas realizadas nas tentativas de entrar em campo. Eu via que tinham um lugar no espaço urbano, enquanto categoria social que se mostra e é representada nas ruas de Juiz de Fora. Observo apenas os rapazes, não vejo meninas nos grupos. Dentre outras preferências, eles gostam de usar roupas e bonés de marcas famosas, possuem um “gingado” cadenciado no andar. Algumas vezes, acompanhei os grupos, não entre eles, mas não tão longe que eu não pudesse ouvir que, algumas vezes, cantavam *funks* enquanto caminhavam. Os rapazes gostam de tatuagens, colares e anéis de prata, usam brincos e, alguns, aparelhos nos dentes. Formam e mostram um jeito de ser preferido entre eles.

Refletia sobre a entrada em outro bairro e como fazer isso para iniciar o contato que eu precisava ter com os grupos juvenis, conhecidos como “ganguês”, “bondes” ou “galeras”. Em algumas conversas posteriores, já em campo, vários rapazes disseram que fazem parte de “ganguês”, que de tanto serem chamados assim, já incorporaram o nome. Depois de um tempo de convívio, me explicaram que há outro sentido construído e vivenciado por eles para o termo, que se encontra discutido no capítulo 4. Surgiram em campo outros termos, como “rapaziada”, “tropa”, “de montão” e “de galera”, que se aproximam por se referirem a grupos de jovens. Cada terminologia será tratada posteriormente em seus sentidos específicos, apresentados pela lógica dos jovens e refletidos a partir delas. Antes de discuti-los pelos dados que obtive com os pesquisados, observo que os termos possuem apropriações distintas e, para que tenham sentido, precisam ser vistos de acordo com as construções dos pesquisados na relação com os contextos sociais nos quais estão inseridos, pelas formas de interação em que se realizam e representações construídas. Saindo dessa articulação de dinamicidade que os

termos possuem, o que se vê são as apropriações descontextualizadas, que mostram o uso de um termo como “ganguê”, a partir de representações deslocadas e distantes dos sujeitos.

O termo “ganguê” tem surgimento em contextos sociais e históricos de épocas anteriores, que passa a ser usado, muitas vezes, por apropriações deslocadas para os jovens em momentos posteriores. Algumas vivências sociais de grupos juvenis já foram chamadas de “ganguês” para explicar as ações de jovens envolvidos em dinâmicas sociais conflituosas em algumas cidades norte-americanas. “Foi no início do século 20 que as “ganguês” apareceram no cenário urbano americano. Desde então, elas foram continuamente estigmatizadas como um ‘problema social’ maior” (SÁNCHEZ-JANKOWSKI, 1997, p. 180). Considero a palavra “ganguê” esvaziada de sentidos quando se propõe a tratar da mesma forma grupos de jovens heterogêneos, em diferentes épocas. Nominar os jovens de maneira abstrata não é minha preocupação, saio da ideia de tratar os fenômenos sociais vinculados a grandes teorias generalizantes, mas não posso deixar de mencionar termos que aparecem de maneira recorrente no contexto proposto. Reflito que os jovens constroem e mostram vivências significativas em suas formas de vida, diferentes de visões preconcebidas.

A entrada no Mundo Novo foi facilitada por VI, um rapaz que encontrei na rua do bairro em que eu morava, o Alto dos Passos, e que também havia sido meu aluno. Tive muitas dúvidas quanto a apresentar ou não o nome dos rapazes dispostos a participar deste estudo. Escrevia os capítulos com seus nomes, em outros momentos retirava e passava a usar nomes fictícios. Não me parecia honesto com os pesquisados usar nomes que eu escolhesse. Foi um assunto recorrente nas orientações; eu insistia em usar seus nomes. Isso ocorreu porque eles diziam querer tê-los apresentados, estarem associados ao estudo e aos seus relatos. Possuíam fortes identificações com seus nomes, se preocupavam para que eu não fosse confundí-los. Alguns soletravam para eu escrever certo, havia alguns jovens com nomes iguais e eles diziam que eu poderia usar o segundo nome para diferenciá-los. Um dos jovens me pediu para identificá-lo com precisão. Além de escrever seu nome, pediu que dissesse que ele possui um anel de ouro com suas iniciais e, quando se apresenta, mostra o anel. Conversei sobre isso com eles inúmeras vezes. Explicava que me relatavam experiências particulares deles, de familiares e amigos, e talvez fosse melhor utilizarmos outros nomes. Considerei, com eles, as outras possíveis leituras e apropriações do texto antropológico e, por isso, não seria interessante ter suas identidades reveladas. Ainda, que eles poderiam mudar de ideia e, em outro momento de suas vidas, não querer ter suas identidades expostas. Depois de muito pensar, sozinha, nas orientações, e negociar com os rapazes, decidi usar as iniciais de seus

nomes, que os mantêm identificados ao estudo, sem que estejam completamente revelados. Quando os nomes são iguais, para diferenciá-los, uso a letra seguinte.

Quando encontrei VI, o jovem que me facilitou a entrada no Mundo Novo, procurei ser mais “direta” com ele. Não esqueci os cuidados que sempre tive ao abordar os jovens, como ouvi-los com calma, responder as suas perguntas. Falei o que eu estava fazendo e tratei de contar sobre a minha pesquisa, sem pressa, mas com entusiasmo e, desta vez, procurei me voltar mais especificamente para o contexto desta investigação. Depois da experiência em Santa Luzia, passei a me preocupar mais em esclarecer ao jovem o que eu pretendia e a forma como queria desenvolver o estudo, sem detalhar demais. Disse que fazia algum tempo que eu observava os grupos numerosos de jovens que andavam pela cidade e sentia vontade de saber mais sobre esses eventos, só que por eles, distanciada do que eu via de fora ou lia nos jornais. Interessava-me, dentre outros aspectos, pela maneira como se organizavam para as saídas em grupos, se seriam todos do mesmo bairro, como se davam as preferências pelas roupas e pelos bonés de marcas famosas que os via exibirem. Queria saber mais sobre os cortes de cabelos que mostravam ou como aconteciam os envolvimento em brigas que ocorriam, algumas vezes, entre os grupos nas ruas da cidade.

Disse a ele que queria fazer um estudo sobre esses rapazes que eu via em uma movimentação interessante e particular pela cidade e caso ele conhecesse alguém que fizesse parte desses grupos e pudesse me apresentar seria, para mim, muito importante. VI me disse que fazia parte de um grupo como o que eu procurava, que eram rapazes do bairro Mundo Novo. E se mostrou interessado em participar do estudo, dizendo que ia conversar com os amigos. Obviamente, eu havia percebido que VI se encaixava no grupo de pesquisados que procurava, mas tive que deixá-lo à vontade e esperar se decidir. Eu lhe disse que gostaria de frequentar o bairro, conhecer seus amigos, estar por perto um tempo maior, que não seriam poucas visitas.

Além de explicitar meu interesse de estudo, disse a forma como pensava em construí-lo, que essa seria de maneira próxima à realidade vivida pelos pesquisados, a partir, principalmente, do que me dissessem. Queria ouvir sobre suas vidas, experiências, que eu tinha a impressão pelo que via nos grupos nas ruas de existir muita coisa interessante para conversarmos e discutirmos e que me possibilitasse, posteriormente, escrever sobre eles. Claro que mediante suas aprovações. Eu mostraria todo o material que eu obtivesse. VI se mostrou interessado, percebo pela atenção e curiosidade dele, que me aproximo, como pesquisadora, do momento em que “(...) todos descobrem rapidamente que para ‘descobrir o outro’ é preciso ‘seduzi-lo’” (GROSSI, 1992, p. 15). Percebi que o jovem não era só um

acesso a outros jovens, mas era um deles, fazia parte de um grupo de amigos que se aproximava dos sujeitos que eu queria particularmente cuidar nesta investigação. Ele se sentiu valorizado; pareceu-me, logo de início, que sentiu vontade de participar, disse que gostou de me encontrar, fazia tempo que não nos víamos e gostaria de fazer um trabalho como o que eu propunha.

O jovem me sugeriu adicioná-lo no *Facebook*, disse que aceitaria minha solicitação de amizade, e que, através desse contato, poderíamos combinar os próximos passos para um encontro com ele e com seus amigos. Essa forma de contato me permitiu mais do que agendar os encontros. O *Facebook* permitia-me ver o que ele compartilhava através de suas fotos, sozinho, com a namorada, com os amigos, com os familiares. Essa rede social me revelava os lugares por onde ele andava, os jogos de futebol, as saídas em grupo, os bailes *funks*, os vídeos preferidos. Pelas fotos, postagens e comentários eu podia conhecê-lo um pouco mais e também conhecer seus amigos. Eu observava como se relacionava, principalmente, com os seus pares, quais suas preferências, seus problemas, suas alegrias, suas tristezas etc. Havia diversas publicações compartilhadas, curtidas e comentadas entre eles.

Na atualidade, diversos sujeitos de todas as categorias sociais expõem aspectos tanto gerais quanto particulares de suas existências nas redes sociais. Através delas, expõem suas preferências, sentimentos, ideias, comportamentos, ou seja, mostram, dependendo de suas escolhas, pouco ou muito daquilo que são, tratando suas formas de vida de maneira pública. Interagem, pelas mídias, com sujeitos próximos a eles e com outros que possam estar mais afastados. Por esse caminho de exposição nas redes sociais, passei a conhecer VI e alguns de seus amigos, e a nos comunicar por mensagens de textos no *Facebook*. Também utilizávamos o *Whatsapp*, onde podíamos conversar pela voz e também por mensagens de textos, via celular, sem custo telefônico. Na maioria das vezes, nossos encontros eram marcados ou confirmados dessa forma.

Depois desses contatos com o jovem, passei a ir algumas vezes, sozinha, ao Mundo Novo. Queria conhecer, pela observação direta, seus moradores, espaços, possibilidades e a dinâmica diária, como fiz anteriormente em Santa Luzia. Vi que é um local de aclave acentuado, em relação a locais próximos como o Alto dos Passos e o São Mateus. Nas áreas de divisa com o Mundo Novo, esses bairros possuem a maior parte das ruas bem mais planas. Há pouco comércio onde vivem os pesquisados, apenas alguns bares pequenos, mercadinhos, que os jovens me disseram depois chamar de venda ou vendinha. Há também duas padarias, uma delas é ponto de encontro dos rapazes, chamada por eles de “padoca”, e há uma loja pequena de roupas. Um dos informantes me falou do Zé Carlos, um bar conhecido no local

pela costela no bafo que prepara e atrai clientes de outros locais. A igreja católica encontra-se em uma parte mais alta e central. Notei que esse é outro ponto de encontro dos jovens para conversas, principalmente, à tarde.

Nas idas ao Mundo Novo, observava os espaços do bairro, interagia com os rapazes marcando minha presença, me tornando conhecida, desenvolver a confiança no local, conhecendo-os; junto a essas relações tentava encontrar um lugar em que eu pudesse realizar o primeiro encontro para conversar com os jovens, para ouvi-los em grupo e realizar o primeiro encontro para um grupo focal. Falo com mais detalhes sobre a realização dos grupos focais mais a frente. A partir dessa decisão, conversei com VI, o informante que me levou ao Mundo Novo, com quem eu mantinha contato frequente e vinha me apresentando a seus amigos. A interferência e a influência dele foram fundamentais para o tipo de relação que passei a ter com os jovens. Eu percebia que, quando era apresentada como amiga dele, tinha um tratamento de amizade e confiança.

O jovem é muito querido no morro, os rapazes dizem que ele sabe chegar, tem muito respeito por lá, é “amigo fechado”, termo para se referir aos fortes laços de amizade construídos pelo grupo. Tal dado se mostrou relevante e discuto melhor no capítulo seguinte quando trato das amizades. Posteriormente, disse a VI que eu queria conversar com os rapazes em uma discussão em grupo, para que pudéssemos pensar as questões da pesquisa, que eu já vinha apresentando aos rapazes de maneira mais informal em nossos encontros na porta da igreja, na porta da casa do K ou do N. Ele disse que reforçaria o meu convite aos amigos. Propus-me a ir com ele e dar as explicações de como seria. Mas eu não tinha um local para que o encontro pudesse acontecer. O jovem novamente me ajudou e me deu a sugestão de uma casa que era usada por pessoas da igreja, segundo ele. Eu pensava em um local que fosse de alguma forma “neutro” para realizar os grupos focais. Mesmo acreditando que essa neutralidade não é pura, a ideia era de que não fosse um local muito preenchido de sentidos e representações para os jovens, talvez a ponto de constrangê-los ou incomodá-los. Por exemplo, eu não queria que fosse uma escola ou uma igreja, por serem locais que nos remetem a uma série de normas, condutas e valores específicos construídos por cada uma dessas instituições ao longo de séculos.

Como disse anteriormente, soube por VI que havia um espaço que poderia ser interessante para realizarmos nossos encontros. É uma casa, no bairro Mundo Novo, cedida por um dos membros, já falecido, da igreja próxima, para atender às demandas locais. Fui diversas vezes ao bairro para conhecer o local e a pessoa responsável, sem encontrar ninguém lá, a casa costumava estar vazia. Descobri, perguntando aos moradores que via pelo bairro,

que a pessoa responsável morava duas casas à frente do local. Quando a encontrei, expliquei meu trabalho, ela foi solícita e disse que me emprestaria a chave para os encontros com o grupo nos dias combinados antecipadamente. Ela me explicou que a intenção de uso da casa é para atender aos pedidos dos moradores locais, não a qualquer pedido, nem a qualquer morador. Segundo ela, não é destinado a “grandes festas”, mas a algumas comemorações e reuniões que como as nossas poderiam acontecer. Quando falou de grandes “festas”, referiu-se ao barulho e à confusão que essas podem trazer. Ela reclamou do bairro, me disse que já foi mais calmo e hoje está muito barulhento e complicado de se viver. O local emprestado para o encontro com os jovens não lembrava um espaço religioso. Era uma casa simples, com poucos móveis, e aparentava ser um local propício para reuniões, pelo tipo e disposição das cadeiras e da mesa em frente a elas. Na copa e na cozinha, as pessoas armazenam e separam alimentos e outras doações para melhor organizarem cestas para as distribuições a quem se cadastre ou as requisitem. Com o local acertado, procurei os jovens e marcamos o primeiro grupo focal para um sábado no mês de agosto de 2014. A foto da casa utilizada para os encontros em grupo, apresentada abaixo, evidencia um tipo de moradia comum no bairro.

Figura 8 – Casa usada para os encontros em grupo com os rapazes.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

2.6 Nos grupos focais, a dinâmica dos nossos encontros

Enquanto buscava o lugar apresentado acima para o encontro com os rapazes, organizava e me preparava para a técnica de grupos focais. Eu pensava nessa escolha antes de

entrar em campo, desde as investidas em Santa Luzia, e por ser, pelos motivos já apresentados, a técnica que mais fazia sentido para o tipo de pesquisa que desenvolvo e proponho aos jovens.

No dia do encontro, cheguei antes do grupo para pegar a chave, ver a sala novamente e modificar a arrumação, caso fosse necessário, além de querer testar e localizar a câmera nesse espaço. Pensei em três formas de registrar nosso encontro, que poderia ser filmado ou gravado em áudio, caso os jovens permitissem. Caso não permitissem, nem imagens, nem áudios, eu transcreveria as conversas. Quando conversei com os rapazes, eles disseram que eu poderia filmar, que era “tranquilo” para eles. Assim, filmei e escrevi algumas coisas em um caderno que levei.

Optei, em nossos encontros, em posicionar a câmera em um ponto mais afastado da sala, para que ela não ficasse com uma presença tão marcada entre nós. Isso me dificultou muito as transcrições, pois com essa posição distante, a escuta posterior dos áudios me trouxe dificuldades para entender o que os jovens falavam. As falas ficaram em som baixo e, muitas vezes, os jovens falavam e riam ao mesmo tempo. Falas simultâneas, misturadas, risos e brincadeiras aconteciam, em alguns momentos, nos diálogos nos grupos focais, que também dificultaram as transcrições. Isso não fez com que os temas não fossem levados a sério ou deixassem de ser refletidos. A forma de trazer os temas e a maneira como a discussão aconteceu, em nossos encontros, foi bem próxima da mesma naturalidade e do jeito de ser dos jovens, quase como quando eles conversavam comigo nas ruas.

Na sala, havia uma mesa grande à frente e várias carteiras enfileiradas como acontece na disposição da maioria das escolas. Mudei a arrumação para um círculo, com as cadeiras próximas. Levei refrigerantes, copos descartáveis e coloquei na mesa grande, para que se servissem, quando quisessem. Levei um roteiro¹⁷, preparado de forma cuidadosa, com mais de 60 perguntas e pontos que queria trazer para nossa discussão. Esse não foi seguido rigorosamente, pois percebi quando começamos a conversar que seria melhor ouvir mais do que abordar tantos temas em um primeiro encontro. Pensei na necessidade de tornar o clima mais leve, menos controlado, sem, no entanto, deixar de mediar e cuidar para não nos afastarmos dos temas desta pesquisa.

O momento ali, com os rapazes, me mostrou outra direção, menos rígida, para que eu pudesse ter reciprocidade e simpatia. Algumas vezes olhava as questões preparadas anteriormente no roteiro, mas ali, com os jovens, percebi rapidamente que os dados poderiam

¹⁷ O roteiro está no Anexo B.

vir de forma menos rigorosa. Caso eu me mantivesse presa ao roteiro, acredito que as conversas não teriam tido a fluidez e participação ativa dos jovens na forma como aconteceram. O que eu sabia antes, quando fiz o roteiro, eram intuições e especulações, precisava ficar mais próxima. Eu percebia que não estava investigando uma ideia, mas um grupo de rapazes.

Quando os jovens chegaram à porta da casa que havíamos combinado para a realização do primeiro grupo focal, eu já estava esperando por eles. Fui encontrá-los na entrada. Nesse local havia uma área livre até o acesso a casa, que tinha que ser feito por uma entrada lateral. Os jovens mostravam-se ou me pareciam estar “inibidos” para entrar. Riam, brincavam, falavam entre eles. Nesses momentos de chegada e de entrada dos jovens na casa, ocorreram constrangimentos entre nós. A presença do VI no grupo foi uma mediação importante em vários momentos deste estudo, inclusive nessa chegada. Vejo, na prática, que ele é bem considerado pelos amigos. Não foram só os jovens que ficaram inibidos, sinto-me incluída nestes momentos de inibição ou de “quebra de gelo”. Isso pode ter acontecido por ser o meu primeiro encontro com o grupo todo reunido para discutirmos pontos que eram centrados neles, eles eram os protagonistas. Também era o meu primeiro contato com dois jovens do grupo.

Outra possibilidade que trago para a análise pode ter ocorrido pela diferença nos lugares sociais que ocupamos e o tipo de encontro proposto. Esse se dá entre uma pesquisadora de meia idade, portanto de outra geração, moradora do bairro Alto dos Passos, considerado lugar de elite pelos rapazes, com uma proposta que me parece não ser comum entre eles. Alguém “de fora” de suas relações e de suas vivências que pretende, de uma maneira inusitada, entrar e conhecer o grupo melhor. Quer também ouvir, conversar e escrever sobre suas vidas.

No primeiro encontro com o grupo que se dispôs a participar da pesquisa eram seis jovens, todos rapazes, e, como disse antes, dois deles, eu não conhecia anteriormente, foram convidados pelos amigos. No segundo encontro com o grupo eram oito jovens e ocorreu em setembro de 2014, um mês após o primeiro. Eu conhecia melhor a todos pelas idas e conversas no Mundo Novo. Ambos foram realizados no mesmo local e duraram quase uma hora e meia. Quando eu percebia que os assuntos estavam se esgotando ou que o encontro estava ficando cansativo, tentava finalizar. Tive dificuldade em encerrar os grupos focais. Os rapazes gostavam de conversar, de falar sobre as suas vidas e as dos amigos, de estar no encontro para refletir. Mostravam, nesses momentos, uma experiência, como a que Kaufmann (2013) reflete ser a “vontade de falar”, que se evidencia quando os entrevistados, diante da

vivência de expressão livre propiciada pelo pesquisador, são capazes de colocar suas ideias, atribuindo-se posicionamentos e estabelecendo reflexões que a inibição inicial dificultava. Alguns jovens disseram que eu poderia chamá-los para mais conversas em grupo. Informaram os dias e horários que estariam disponíveis e que iriam chamar mais amigos. Percebo que experimentaram uma situação diferenciada, gostaram de vivê-la e se propuseram a repeti-la.

Depois do primeiro encontro com o grupo de jovens, já no segundo grupo focal, e nas entrevistas que vou discutir mais a frente, o clima passou a ser mais descontraído, menos formal. Passamos a nos conhecer melhor, criamos vínculos pelo convívio no bairro, a partir da minha presença mais frequente.

Os rapazes que participaram dos grupos focais têm idades entre 17 e 22 anos, moravam¹⁸ no bairro Mundo Novo desde o nascimento ou da infância. O grupo é formado por jovens pobres e negros. No primeiro encontro, um deles chegou sem camisa, expondo o grosso colar de prata de forma mais evidente; permaneceu assim todo o tempo. Os demais usavam grifes, alguns estavam de chinelos, também usavam colares, brincos, anéis e aparelhos nos dentes. Não observei diferenças em seus estilos para a participação nos grupos focais, foram como costumam ficar nas ruas do bairro ou nas saídas próximas, quando não precisam de maiores elaborações, diferentes, por exemplo, de uma ida a um baile *funk*.

A técnica dos grupos focais trouxe evidências e reflexões que aparecem neste estudo pela maneira como a experiência se desenvolveu para os jovens e para mim. O material obtido pelas falas, gestos, risos e silêncios, visto pela forma como os jovens traziam suas reflexões e se posicionavam frente às questões sugeridas, abriu uma série de discussões e, também, de ponderações. Algumas vezes polêmicas, que na maioria das vezes os jovens pareciam levar na brincadeira, rindo delas. Digo na maioria das falas, porque também acontecia de ao falarem coisas que pareciam ser apenas engraçadas, no momento seguinte, passarem a refletir de maneira diferente.

Os atos contados pelos rapazes e seus desdobramentos, algumas vezes, mudam o tom da discussão entre eles. L conta por que foi expulso da escola em que estudava, no bairro São Mateus, no horário diurno. Antes de contar, o jovem e os amigos riem, como que antecipando a situação, que seria considerada engraçada. Não é isso que acontece logo depois, o jovem diz arrepende-se de ter mantido relações sexuais em sala de aula, causa da expulsão. Segundo ele, “não valeu a pena”. Primeiro era engraçado, na escola e no bairro, todos riam e o apontavam pelo feito, mas o preço foi alto. Fez com que fosse expulso, obrigado a mudar de

¹⁸ Durante a pesquisa, dois rapazes mudaram do Mundo Novo. Um foi para o bairro Santa Cecília e outro, para o Borboleta.

escola, passar a estudar à noite e trabalhar durante o dia. A escola à noite não era tão cuidada quanto pela manhã. Disse que perdeu mais do que pensava com a transgressão realizada na sala de aula. No estudo que realizei no mestrado, os jovens apontaram as diferenças entre o ensino diurno e noturno, evidenciando que no mesmo espaço, em horários diferentes, havia um tipo de escola pela manhã e outro tipo de escola à noite. Essa era menos cuidada, sem o funcionamento da biblioteca, parte das salas trancadas, menos alunos, dentre outros aspectos desfavoráveis e citados naquela circunstância de investigação. Tal evidência se relaciona ao que o jovem diz sobre mudar de horário e as perdas que o fato acarretou.

Em tom de brincadeira, ou como dizem os jovens, de “zoeira”, apontam o amigo M para falar primeiro, sugerindo que ele é quem “sabe das coisas”. O nome de M também é ressaltado e reforçado constantemente pelos jovens, para chamar atenção. O jovem era apontado inúmeras vezes pelos amigos em nossos encontros nos grupos focais que pediam que ele falasse. Os amigos riam, ele ficava menos falante que os demais, mantinha-se mais calado, rindo menos que os colegas e negando que soubesse mais que eles. Observo que, como já disse antes, em nossas conversas em grupo, os jovens trazem os dados de forma engraçada e com risadas. Algumas vezes as risadas ocupam o lugar das falas e do que querem mostrar. Eles trazem as brincadeiras, mas junto com elas percebo outros sentidos que vão se revelando no decorrer desta pesquisa. Como nesse caso em que percebo que querem chamar a minha atenção para o amigo, mostrar quem ele é. Em outros momentos dos grupos focais e nas entrevistas individuais, dizem que ele é “tchum-tchá”, categoria considerada pelos jovens relacionada às questões das brigas e do uso de drogas, que serão discutidas com mais aprofundamento no capítulo 3 e 4, quando trato das questões de estilo e de rivalidades respectivamente.

Os encontros nos grupos focais trouxeram riqueza ao tipo de trabalho que me propus a desenvolver, porque possibilitaram expandir e aprofundar as questões que eu sugerira nos encontros, a partir do que havia organizado no roteiro anteriormente. Como o roteiro era muito extenso, o utilizei nos dois encontros com os rapazes em grupo, fazendo algumas adaptações, retirando o que havia sido discutido e se esgotado, ou sido desinteressante; procurei aprofundar e abrir novos questionamentos a partir dos dados mais significativos que iam sendo obtidos. Incluo, nesta constatação de buscar a riqueza nos dados, que se traduz em ampliar uma problemática, as minhas observações em campo e, mesmo antes delas, as conversas com diversos jovens no Mundo Novo.

A seleção dos temas, mediações e questionamentos que realizei nos grupos focais e nas entrevistas geraram muitos dados. Junto a eles, a minha atenção se voltava também para

as falas, as posições e as reflexões dos jovens pesquisados. As análises que realizo vêm, principalmente, desse material que os rapazes em nossos encontros passam a revelar.

Para transcrever os grupos focais, eu ia e voltava diversas vezes no vídeo, tentando ver e ouvir, para entender o que diziam e como diziam. Os segundos gravados geravam muitos escritos e dispendiam muito tempo. Como fiz as transcrições pude observar e ouvir os jovens repetidas vezes, o que me permitiu estar bem próxima aos dados, aos detalhes, tanto das falas quanto das expressões e dos gestos iniciando o processo de análises nesses momentos. Talvez eu devesse ter levado também um gravador para captar melhor as falas. Acredito que me ajudaria nas transcrições, mas eu não quis levar mais objetos para os encontros. Os grupos focais foram mais difíceis de serem transcritos do que as entrevistas, porque as falas eram, muitas vezes, inaudíveis e simultâneas, e eu demorava para entendê-las. O primeiro grupo focal gerou 54 páginas manuscritas; o segundo, 66 páginas. Não consegui ouvir e digitar ao mesmo tempo. Era mais produtivo para mim escrever em um caderno, enquanto a mão esquerda voltava constantemente, no *mouse pad* do *notebook*, trazendo e retornando, segundo a segundo, os vídeos com os áudios, em um trabalho minucioso e exaustivo.

O material obtido nos grupos focais acarretou repetidas e cuidadosas leituras aos dados, na intenção de classificar as falas dos jovens e dos temas de que tratávamos, separando o que poderia ser mais relevante e significativo para os objetivos e aprofundamento desta investigação. Na verdade, tive dificuldades em fazer isso. Algumas vezes tudo me parecia ser relevante, mas eu não poderia trazer para a pesquisa todas as falas, por isso, passei a me organizar. Por exemplo, quanto ao *funk*: “o *funk* não é um só”; “as meninas não dançam direito”; “o *funk* no *Facebook* faz ficar ‘famosinho’”; “a dança tem a sedução, faz ‘pegar muita mulher’”. Assim, fui organizando os dados pelas questões que se mostravam relacionais e suas proximidades de sentido, pelas falas dos jovens, tentando definir alguns lugares-chave nas falas e experiências dos jovens para seguir com o material mais selecionado que pudesse me fornecer interpretações importantes.

Nos encontros nos grupos focais, os temas são retomados, algumas vezes, em momentos diferentes. Os jovens voltam a assuntos discutidos anteriormente, dando outras informações. As discussões são dinâmicas e, na hora de analisá-los, fica difícil encontrar dados que dialoguem, se não estiverem organizados, para que possam ser relacionados e analisados. Além disso, fiz as transcrições mantendo rigorosamente a ordem em que os diálogos aconteceram no momento dos encontros. Tive dificuldade em separar o material obtido, em fazer escolhas nele.

2.7 Os acontecimentos vão surgindo nos grupos focais

A abordagem que propus nos grupos focais centrava-se, principalmente, em vivências que pudessem trazer questões como o lazer, as saídas com os amigos, as preferências musicais, os estilos nas vestimentas, o trabalho, a escola, a família, a religião, os padrões de consumo, a sexualidade, as rivalidades, dentre outras experiências que pudessem surgir em suas dinâmicas cotidianas e passassem a ser retratadas nos grupos focais. O meu interesse, ao refletir sobre essa dinâmica cultural, social e espacial dos pesquisados, é especificamente pensá-las em suas vidas, contextualizadas nas interações com seus pares e demais sujeitos na sociedade.

Os jovens aqui pesquisados têm experiências e vivências em comum que passaram a ser discutidas nos nossos encontros. Observo que os rapazes estão abertos às modificações, gostam de experimentar o novo. As evidências que revelam mostram inconstância em suas vidas. “Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém (...)” (PAIS, 2006, p. 8).

Nem tudo é fluidez e mudança, há uma experiência que eles se importam em manter. São as relações afetivas construídas entre os rapazes que moram, na maior parte das vezes, desde a infância, no bairro estudado, pois falam da força da “lealdade” e da “fidelidade” que existe e querem preservar para manter os laços de “irmandade” entre os amigos. Há inúmeros relatos dos jovens sobre acontecimentos que tratam da questão, como a ajuda dos amigos para fugir de brigas e ameaças que os envolvem de forma significativa e perigosa. A vivência da “lealdade” se tornou uma importante categoria de análise, desenvolvida mais a frente.

Há afastamentos e retomadas constantes em suas relações, por exemplo, com o trabalho, com as meninas e com a escola. Essas mudanças ocorrem no tipo de trabalho que desempenham e podem ser vistas quando um dos jovens trabalhava atendendo aos pedidos dos clientes em um bar, que servia bebidas e salgados, no Shopping Alameda. Em outro encontro, estava trabalhando com cortes e pinturas de cabelos na entrada de sua casa. Disse em uma de nossas entrevistas que não quer mais trabalhar para ninguém, que quer trabalhar por conta própria, organizando seu tempo e suas escolhas. Disse que se sentia humilhado no trabalho anterior e que a mudança permitia fazer o que gostava e como queria. Outro jovem do grupo fez o movimento inverso; trabalhava com os cortes e pinturas de cabelos, embelezamento de sobrancelhas. Num momento seguinte, estava trabalhando como atendente

em uma loja de material de construção em um bairro um pouco mais afastado, o Bela Aurora. Dinheiro? Prazer? A dinâmica da mudança? A vontade de experimentar?

Entre os jovens que participaram deste estudo, apenas um deles disse trabalhar e estudar ininterruptamente. Em alguns momentos, dizem trabalhar e estudar ao mesmo tempo, e, em outros encontros, dizem ter largado a escola, o trabalho ou ambos. Um dos jovens, no início da pesquisa estava bastante envolvido com práticas religiosas. Segundo ele, fazia muito tempo que frequentava a igreja e tentava levar os amigos que, para ele, pudessem estar “desviados”. Ao retornar ao campo, tempos depois, me disse que estava “desviado”, que vivia agora uma nova fase em sua vida.

Eles falam também dos relacionamentos afetivos que podem começar, terminar e recomeçar, inclusive com a mesma menina. Esses e outros dados que envolvem as experiências dos jovens serão apresentados com mais detalhes em outros capítulos deste estudo, pela importância que têm na vida dos jovens e conforme as questões selecionadas para desenvolvimento na tese. Os exemplos discutidos trazem para as reflexões as relações com o trabalho, a escola e as meninas, mostrando que a rigidez em alguns vínculos não é preferida pela maioria do grupo.

O sentido de trazê-los se articula a minha proposta, por tratar das vivências de jovens que podem ser vistos e compreendidos, de maneira próxima a eles, convivendo com suas realidades cotidianas. Vistas, por exemplo, quando observo que há vários jovens do grupo que trabalhavam ou trabalham com o cuidado dos cabelos. Os cortes semanais, desenhados ou não, têm um lugar marcante na vida dos jovens, tanto para o cuidado de si, quanto para o trabalho remunerado que realizam com ele. Além de cuidarem de si, cuidam dos amigos, dos colegas e de alguns poucos clientes de fora do grupo local de amigos. Algumas vezes se empregam em barbearias fora do bairro. A maior parte dos cuidados com os cabelos se realiza entre os amigos do bairro, o que pelas observações que tenho realizado parecem ser momentos prazerosos e de socialidades entre eles. Alguns rapazes conseguem fazer escolhas pelo prazer de ter um tipo de trabalho que os agrada para obter dinheiro. As escolhas são feitas, mudadas e, algumas vezes, retomadas.

Ao entrevistar PD, o jovem me diz que tem um salão montado na sua casa sem utilização e que ele cortava muitos cabelos, mas agora parou, voltou a estudar. Decidiu fazer Educação Física, porque a habilidade que possui na dança passa a levá-lo a outro caminho. As relações de trabalho dos jovens pesquisados com alguns sujeitos e espaços da cidade mostram mais do que um olhar apressado poderia revelar. Podem acontecer sentidos diversos quando os jovens optam por sair de empregos, com horário e salário fixos e preferem trabalhar em

suas casas de forma mais flexível e entre os “chegados”. Esses sentidos revelam referências e determinações particulares, ou o sentimento de se sentir humilhado e mal remunerado. O salão de PD encontra-se fechado há mais de três anos, mas a placa permanece na entrada da casa do jovem. Perguntei o motivo de sua permanência e o jovem me disse que gosta de manter exposto o vínculo com o amigo que se mudou, que ele continua sendo considerado “irmão”, que o cara é muito maneiro, e me disse ainda que quem sabe abrimos de novo e a placa já vai estar lá.

Figura 9 – Placa do salão na fachada da casa do PD.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

2.8 As entrevistas trazem a proximidade e o maior envolvimento com os rapazes

Após a realização dos grupos focais, passei a discutir com os jovens a possibilidade de realizarmos entrevistas individuais. Expliquei que poderíamos conversar individualmente sobre as questões vistas nos grupos focais. Aos jovens que não haviam participado dos encontros em grupo, eu fornecia mais detalhes desta investigação, inclusive me referindo aos temas discutidos nos encontros anteriores com seus amigos, para exemplificar. As entrevistas eram um procedimento que eu já tinha em mente desde a entrada em campo, visando aprofundar os dados, por técnicas diversas, conforme disse no início deste capítulo.

Dos 14 jovens entrevistados, tive a oportunidade de realizar três entrevistas individuais com oito jovens; três com três jovens e duas com três jovens. Alguns rapazes se mudaram no

momento das entrevistas, outro jovem teve um afastamento com o grupo e se manteve mais distante, motivo que me fez realizar menos entrevistas com alguns deles. Elas geraram a transcrição de 39 áudios que duravam de 40 a 90 minutos, em média, e foram realizados após os grupos focais, entre o final de 2014 até o meio de 2015. A idade dos jovens era mais ampla nas entrevistas, variava de 17 a 26 anos; o grupo tem essa evidência de diversidade nas idades entre eles. Os temas selecionados e utilizados nas entrevistas não foram rígidos, seguiam meus objetivos de pesquisa e, a partir deles, ia acrescentando e trazendo para as discussões outros dados relacionais que surgiam em campo. A princípio pensei que as entrevistas com os rapazes seriam todas individuais, o que nem sempre aconteceu. Algumas vezes os amigos chegavam e participavam, acrescentando informações.

Após o convite aos jovens para as entrevistas, um deles, o K, particularmente próximo a VI, me convidou para realizá-las em sua casa. Disse que eu poderia ficar à vontade lá, sem nenhum problema. Preocupei-me em não incomodar seus familiares; quando eu dizia isso, ele ria. Os amigos ouviam a minha preocupação e também não diziam nada. Tempos depois, em entrevista individual, K me disse que morava sozinho desde os 14 anos, por isso, não teria problemas que eu ficasse por lá o tempo que quisesse e ele concordasse. Neste momento da pesquisa, o jovem trabalhava cuidando da aparência dos cabelos dos amigos, cortando, o que podia incluir desenhos ou outros formatos específicos neles. Fazia também tinturas, luzes e modelava as sobrancelhas. O jovem é considerado barbeiro profissional, “mandado” nos cortes, como costumam dizer.

Os jovens investigados cortam os cabelos semanalmente e preferem fazê-lo nas quintas, sextas e sábados. Essa rotina é para estarem bem para o final de semana. Parece haver rigor no período semanal de intervalo dos cortes e nos dias escolhidos para a prática. O convite para fazer as entrevistas na casa do K me proporcionou um contato mais próximo com os rapazes que ele conhecia, além de conhecer um número maior de jovens do grupo, pois a entrada da casa ficava cheia de rapazes que chegavam e aguardavam a vez para serem atendidos. Não me pareciam ter pressa ou hora marcada, iam chegando, conversando e vendo se podiam ser atendidos. A espera parecia ser um momento para estarem juntos, conversarem, e se divertirem. A foto a seguir, tirada pelo K para eu colocar nesta pesquisa, mostra a entrada de sua casa e local onde os cuidados com a aparência, os cortes, eram realizados. Neste espaço, é colocada uma cadeira para o cliente que está sendo atendido. Há algumas latas de tintas, há pedaços de madeiras em cima delas e que servem de bancos para quem quiser sentar mais perto do barbeiro e observar o trabalho. A maior parte da rapaziada fica sentada no muro da casa, conversando, “zoando” e esperando a vez de ser atendida. A “zoada” é uma prática

recorrente e priorizada pelos jovens do grupo. Na barbearia acontece muito. Vou tratá-la com mais dados de campo e análises no capítulo sobre os acontecimentos nas amizades.

Figura 10 – Entrada da casa de K.



Fonte: K

Na barbearia do K, eu aproveitava e, quando percebia que era um bom momento, convidava os jovens para as entrevistas. Algumas vezes não precisava fazer isso, eles se interessavam em saber o que eu fazia ali e participavam espontaneamente da pesquisa. Com o N foi assim. O K também interferia e falava para os jovens participarem das entrevistas. Costumava dizer assim: “Vai lá, cara, ajuda a mulher aí!”. Alguns não se interessavam,

mesmo com a ajuda do K, que foi efetiva para este estudo. Ocorreu também de alguns jovens indicarem outros colegas para a participação na pesquisa, como o PD que, segundo eles, eu tinha que conhecer porque é “mandado”¹⁹ no passinho.

Era comum terem referências particulares quanto aos amigos e me apontar isso, como V, que dizem que sabe “chegar” e, por isso, é muito considerado; K que manda bem nos cortes; PD que dança muito; PR é “figura”, no sentido de engraçado, e gosta de ser estiloso; M gosta de brigar. Passei a levar para a barbearia do K estudos de autores que pesquisam sobre os jovens para mostrar a eles que eu fazia algo parecido com os trabalhos já realizados. Eu levava esses temas próximos a minha pesquisa e explicava aos jovens, de forma breve, do que se tratavam; mostrava as proximidades com o que eu queria tratar. Estratégia já relatada nas tentativas de entrar em campo, que eu utilizava novamente. Eu via interesse dos jovens nesse diálogo e mostrava a eles que eu propunha algo que se construía também pela escrita, e eles teriam acesso a esse material, caso quisessem. Algumas vezes, quando me chamavam, pelas redes sociais, para “brotar” lá, e eu dizia que estava trabalhando na escrita, eles diziam que eu estava demorando nesse período, que acharam que eu tinha sumido de vez. Nunca pretendi sumir de vez, mas precisava “sumir” para escrever, e esse é um processo demorado.

Observo as mudanças em minha proposta de investigação acontecendo também na forma de abordar os jovens. Antes eu dizia que queria conhecer aqueles que faziam parte de grupos, que circulavam pelas ruas de Juiz de Fora e eram chamados de “ganguês”. Não os considerava da mesma forma que as mídias, mas, algumas vezes, eu usava o termo com os rapazes. Tentava mostrar-lhes como as minhas interrogações começaram e faziam parte do contexto que, inicialmente, me chamara atenção.

Depois de conhecer os jovens, passei a me apresentar como uma pesquisadora que quer conhecer e analisar questões que envolvem as particularidades de um grupo específico de rapazes que via circular em grupos numerosos pelas ruas da cidade de Juiz de Fora. Minha atenção se volta para os aspectos evidenciados pelos jovens, como os estilos das roupas, que se caracterizam pelo uso de marcas famosas. Algumas vezes são preferidas muitas marcas ao mesmo tempo, tornando-os “chamativos”, como dizem. No momento das entrevistas, eu chego a usar palavras e experiências que eles conhecem, como “chamativo”, “mandado”, sinto que estou próxima da realidade que pesquiso. Falo dos cuidados que eles têm com a aparência, que eu gostaria de saber mais sobre isso, como, por exemplo, sobre a denominação

¹⁹ “Mandado” é o jovem que tem uma habilidade que o destaca entre os demais. Essa e outras categorias como o “playboy”, o “chamativo” e o “famosinho” serão analisadas pelos usos e sentidos que revelam entre os jovens, e para este estudo.

com o uso de termos específicos para os cortes e para os recortes com desenhos que fazem nos cabelos. E sobre os vídeos preferidos, os ensaios nas ruas com o celular e, às vezes, acoplado a uma caixinha de som; os lugares por onde gostam de estar e circular, as amizades, os relacionamentos afetivos, as formas de uso do tempo e do espaço urbano, dentre outros aspectos que tenho observado e procuro ampliar nas entrevistas.

Pelo que disse acima, nos encontros com os sujeitos desta pesquisa, procuro as singularidades que envolvem a visão e a apreciação dos jovens sobre a realidade que vivem, a partir de suas práticas cotidianas, principalmente entre os amigos no bairro e com os demais sujeitos com quem convivem nos espaços da cidade. Preocupo-me em desenvolver uma investigação que trate das suas vivências, das suas socialidades, das formas de lazer e das escolhas juvenis que se refiram à organização e à apropriação do tempo e do espaço onde vivem. Acrescento o interesse pelas maneiras como esses sujeitos apresentam e representam essas experiências e, também, como se situam na cidade e nos bairros em que circulam.

Ao me aproximar dos jovens, compreendo que não só os temas acima fazem parte de suas vidas; eles fazem parte de grupos e situações que envolvem práticas de rivalidades. Eles não negam isso, falam sobre as experiências envolvidas e as escolhas que fazem nessas relações. Vejo que essas podem me levar a pensar nas relações com as brigas, os envolvimento com as drogas e os roubos, por exemplo, que não eram minha proposta inicial, mas que passo a observar que se mostram como dados significativos em campo.

O que eu pensava, antes de me aproximar dos informantes, tomou um rumo complexo e rico. Os jovens explicam seus pontos de vista ligados às suas escolhas, mas também às vivências, às trajetórias e às condições particulares de suas existências. Vivem experiências que, sendo consideradas lícitas ou não, são relevantes em suas vidas. Como a habilidade que valorizam nas brigas, que se associa a atitudes que envolvem coragem, liderança, virilidade, dentre outros aspectos, que fazem parte da construção do *ethos* masculino desses jovens, onde há a dimensão de mostrar força e viver perigos que consideram como “coisas de homem”. As experiências juvenis deste grupo têm sentidos que são vividos, construídos e compartilhados entre eles, possuem implicações que serão trazidas nas análises.

Nessas vivências e articulações constantes e variadas que os jovens evidenciam são os aspectos sociais, culturais e históricos das sociedades que se associam às práticas dos jovens e se particularizam nas formas como esses sujeitos criam, dialogam e recriam seus envolvimento. As “lógicas” de ação dos sujeitos, manifestadas nas suas diversas relações sociais cotidianas, interagem e vivenciam os sentidos e os significados, não apenas os que se encontram nas construções já estabelecidas e reconhecidas socialmente, como vistas nas

lógicas integradoras refletidas por Dubet (1996), mas nas formas como reproduzem ou ressignificam essas construções. Os jovens deste estudo compreendem e interagem em um mundo social de acordo com os sentidos que atribuem aos elementos que o compõem, com o que foi construído em suas vivências e em conhecimentos anteriores. E que podem se modificar a partir de outras elaborações particulares, mas também das mais gerais.

Não há a intenção de dissociá-los de um contexto relacional e dialógico. Tenho a clareza de que são participantes de uma sociedade que desenvolve uma dinâmica de relações e reproduções por meio de seus aspectos mais abrangentes, assim como de suas contextualizações a partir de um social que está mais próximo. Nessa dialógica, ambos se mantêm inter-relacionados em um processo constante e dinâmico, caracterizando, assim, uma abordagem das macro e microinfraestruturas nas construções e vivências dos sujeitos.

Cuido desse mundo de relações que compõe as práticas dos jovens do Mundo Novo no movimento que via acontecer entre os jovens pelas ruas por onde passam. Mas, após a entrada em campo, passei a ver outros movimentos, traduzidos nas experiências que os rapazes vivem. Experiências que passo a considerar como acontecimentos. Um dos rapazes me diz que o Mundo Novo é o mundo dos acontecimentos. Vejo que o termo e o seu sentido passam a apresentar evidências e a mudar minha proposta inicial. Antes eu queria conhecer os movimentos dos jovens nas ruas da cidade, agora entendo que a importância se volta para os acontecimentos, principalmente os construídos no bairro em que vivem.

Acontecimentos vistos quando encontram os amigos e colegas na barbearia, na “padoca”, ou quando saem juntos para “zoar”, se divertir, mostrar seus estilos, seus comportamentos e suas “marras”²⁰, no contexto social em que vivem, possibilitando o estudo das vivências desses sujeitos inseridos no mundo dos acontecimentos, no mundo da vida. Os acontecimentos estão articulados às elaborações dos jovens, sem que deixem de ter vínculos às movimentações que realizam. O mundo dos rapazes do Mundo Novo, com suas experiências cotidianas e os significados atribuídos a elas, é a atenção desta pesquisa. Experiências vividas e compartilhadas no existir cotidiano de um grupo de jovens.

Através da escolha pela etnografia, a ideia e a realização deste estudo acontecem pelo esforço empírico que realizo em conhecer os jovens, em querer descobrir algo mais nessa juventude, nos jovens do Mundo Novo. Saber o que eles fazem, por que e como fazem, através de uma escrita que tenha força nos detalhes, no acompanhamento constante dos jovens que realizo, para estar o mais perto possível deles. Saber e refletir sobre o que esses rapazes

²⁰ O termo que se refere a um jeito de ser, construído pelo estilo e respeito. Revelou ser uma importante categoria de análise, discutida no capítulo dos acontecimentos nos estilos.

pensam, por onde andam, como constroem vivências e estratégias em suas relações cotidianas. Sem deixar de buscar os porquês de suas interpretações e como essas perspectivas compõem sua vida social.

2.9 A etnografia na busca por visões contextualizadas das vivências juvenis

Retirei-me de um cenário que mostrava um fenômeno de grupos juvenis nas ruas da cidade por visões deslocadas. Eu ouvia sobre os tais jovens das “gangues”, em um sentido que envolvia práticas juvenis de desordem e fui à busca de visões que se aproximassem de suas realidades. Em campo, tive a oportunidade de ver práticas com sentidos reais na vida dos jovens, vividas e refletidas por eles. Neste capítulo, procurei mostrar como se deu essa inserção em campo, junto ao processo de construção metodológica desta pesquisa, na intenção de compartilhar as experiências que a envolvem e abrangem a mim e aos informantes.

São escolhas individuais que fiz e mostram retomadas, afastamentos, reinícios, muitas estratégias pensadas, nem sempre usadas. Não quero somente tratar dos processos técnicos e intelectuais, que são importantes, mas junto com eles, acontece a história desta pesquisa, com acertos, erros, medos, coragens, tendo sempre a vontade de seguir. Seguir em frente, com os rapazes é o nosso compromisso de pesquisa. Eu os envolvi e me lembrava sempre disso, nos momentos mais difíceis, em campo e na escrita da tese. Partilhei, desde o início, minha ideia e este caminho, e percebo que estamos juntos nele. Alguns jovens me dizem como é diferente para eles o que faço, mas que acham que é bem importante. Algumas vezes, me cobram o trabalho e dizem que vão estar presentes na defesa desta tese. Alguns pesquisados perguntam: “Quem sabe a nossa história vira um filme?”.

Nas fotos a seguir, apresento a experiência de levar o material de pesquisa para que olhassem, nas ruas do bairro onde a realizei. Nas imagens, levei o material que vinha escrevendo, mostrando as correções que precisava fazer a partir das orientações e que, algumas vezes, eram muitas. Eles liam algumas partes, sentados em grupos. Gostavam de ver as fotos dos cortes de cabelos, riam, tentando identificar os amigos, que eu havia descaracterizado ao manipular as fotos, e me pediam que colocasse mais, que queriam aparecer nelas.

Figura 11 – Leitura de trechos da pesquisa, na porta da “padoca”.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 12 – Leitura de trechos da pesquisa nas ruas do bairro Mundo Novo.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Noto a presença ativa dos pesquisados, nos muitos momentos de participação nesta investigação, como nas entrevistas e grupos focais, mas alguns me chamaram a atenção, em especial. Os rapazes queriam, desde o início, manter os seus nomes na pesquisa, não concordavam quando apresentei a possibilidade de serem mudados; disseram-me que queriam mantê-los, como disse anteriormente, quando revelei que optei por apresentá-los por suas iniciais. Em outros momentos, quando pedem para colocar as fotos e me perguntam sobre o andamento do trabalho, vejo suas presenças e envolvimento se repetindo.

Nossos encontros formam o material empírico deste estudo, obtido pelas nossas conversas, pelas observações nas ruas do bairro, pelos grupos focais, pelas entrevistas e pelo que algumas vezes não precisava ser dito, mas compreendido. Alguns dados fornecidos pareciam incompletos ou modificados, com um propósito definido, como se naquele momento fosse suficiente e interessante agir assim. A brincadeira com o apelido de um amigo foi uma delas. Contaram-me uma história baseada no personagem do filme Cidade dos Homens. Disseram que o jovem do Mundo Novo tinha feito o mesmo que o rapaz do filme, dado tiros para o alto em um baile *funk* e, por isso, ganhou o apelido do jovem do filme. Estávamos em um de nossos encontros em grupo, todos riram, confirmaram a história e contavam detalhes do evento. Não questionei a história, ouvi, participei; não estou preocupada com as verdades, mas com os sentidos que os dados possam se desdobrar.

O amigo era apontado pelos jovens com alguém que “sabia das coisas”, também como um cara que gosta de se vestir como um “playboy” ou “chamativo”, pelo uso exagerado das marcas. Eu observava, desde o início, que os rapazes queriam me mostrar algo mais sobre o amigo, sem que fossem muito explícitos. Acredito que uma história, como a contada pelo grupo, repleta de detalhes, e que coloca um amigo como protagonista de uma cena dessas no baile *funk* traz o jovem para a discussão de maneira especial. Eles chamavam a minha atenção para o colega constantemente. Não foi o único amigo a ser tratado assim. Algumas vezes usavam essa estratégia de tratar de maneira especial algum amigo na minha frente, chamando a atenção sobre ele, sem dizer muito, deixando indícios. Transportar, em uma de nossas discussões, o colega para a Cidade dos Homens atendeu à proposta dos jovens naquele momento entre nós. Penso que, além de se divertirem, queriam ver a minha reação com a história, se eu os questionava, se teria medo, percebi que esse era um dado que me importava, e interagia com eles.

Em outro dia, em uma entrevista na casa do K, sozinha com o jovem que disseram ter feito o mesmo que o personagem do filme, eu pergunto se ele prefere que eu o chame pelo nome ou pelo apelido. Ele me diz que gosta de ser chamado pelo apelido. Sem se referir à história contada pelos amigos, no momento em que ele estava presente e não negou, me diz na entrevista, sozinho, que o apelido foi dado por uma menina, que não tem nada a ver com o cara do filme, mas gosta de usar o nome.

O uso de técnicas diversas nesta pesquisa, além de trazer mais dados, outros olhares e sentidos, trouxe mudanças em nossas relações. Nas ruas do bairro, pude conhecer o campo, observar os lugares e os seus usos pelos jovens; iniciar meu contato, mostrar quem eu era e o que eu queria fazer. Nos grupos focais, a dinâmica me possibilitou interações próximas ao grupo, pude conhecer as experiências e as memórias apresentadas e refletidas por eles, coletivamente. No momento dos grupos focais, aconteciam trocas imediatas, como se os dados precisassem ser compartilhados entre eles, pelas experiências. As entrevistas trouxeram outras proximidades, coisas que percebi que os jovens preferiam contar individualmente. Eram particularidades deles que não eram para o grupo todo discutir.

Uma perspectiva analítica distante para cuidar desses e de outros dados não acolhe toda essa diversidade que há no grupo de jovens que analiso. Não abrange o que há de detalhes e de particularidades entre os rapazes. Por isso, a aproximação com a etnografia acontece, nas estratégias em campo, na análise dos dados e na redação, me ajudando a pensar e trazer materialmente essa diversidade na pesquisa. Isso está ligado às socialidades que

acontecem entre os jovens, aos usos e às apropriações simbólicas que realizam; às maneiras e aos sentidos dos seus acontecimentos, dentre outros dados que continuam se revelando.

O meu esforço é por uma escrita contextualizada, social e historicamente incluída, mas também atravessada pelos sujeitos envolvidos como informantes, pelas suas experiências e vivências, e ainda pelo meu lugar social. Os jovens são vistos por suas falas diretas, pelas análises e comentários que realizam. Os dados podem ser considerados diretos, mas com eles caminha a presença do meu olhar constante, que escolhe, fala junto e também torna suas experiências visíveis.

Ora a escrita etnográfica, longe de reduzir esta diferença observadora, contribui a amplificá-la. Por um lado é uma escrita que vem sempre depois do olhar do pesquisador e da palavra dos seus interlocutores. É um discurso que memoriza este olhar e esta palavra, para conservar a traça e guardar a memória (LAPLANTINE, 2004, p. 42).

A relação que aqui se constrói é única, a partir de vivências particulares, marcando e expondo pesquisados e pesquisador. Escolhi estudar a juventude e, particularmente, os jovens pobres pela forma como escolho olhar para eles, atenta às construções significativas que realizam. Observo que nelas estão inseridas uma força criativa e dinâmica repletas de sentidos que via acontecer, na pesquisa de mestrado, em suas práticas cotidianas. Na pesquisa atual, essa é a busca que continua me importando para a compreensão das experiências juvenis. Interesse-me pela existência e pela manifestação de práticas plurais e mutáveis que os jovens manifestam, como as que vejo se realizarem nas ruas pelos grupos de rapazes, mostrando disposição e energia em suas formas de vida a partir de realizações e de preferências.

São práticas juvenis que escolho, saindo das interpretações que se baseiam unicamente nas dimensões da pobreza, do preconceito e da resistência à exclusão, sem negar que fazem parte de análises de fenômenos compreendidos de forma entrelaçada, no entanto, sem que sejam vistas como únicas. São visões que estão presentes no dia a dia da categoria, pelas evidências contidas nos dados, conforme pude observar nos relatos e nas reflexões dos jovens na pesquisa que realizei no mestrado e, posteriormente, pelos dados que obtive neste estudo e estão refletidos nos capítulos seguintes.

3 CAPÍTULO 2 – OS ACONTECIMENTOS NA AMIZADE

3.1 Jovem e jovens: singular e plural caminham juntos

Figura 13 – Cena do filme *Cidade dos Homens*.



Fonte: página do *Facebook* de PD

Com o conhecimento do PD, que é um dos jovens que participa deste estudo, retirei a foto acima de sua página do *Facebook*. Fiz isso pelo que a imagem por si revela, pelas palavras que a sobrepõem e pelos comentários que ela mobilizou na rede social dos jovens, amigos do PD: “É nós irmao rlk, até o fim”; “É Nos Smp Rlk”; “noooes smp ta na minha vida”²¹. A imagem, as palavras nas fotos e os comentários postados se misturam e se relacionam com as vivências do grupo²² que participa desta pesquisa. E evidenciam particularidades que acontecem em suas práticas de socialidades. Não há apenas essa cena do filme, nas páginas do *Facebook* dos rapazes, há muitas outras, tanto do filme, quanto da rapaziada junta, e com o mesmo sentido. Sentido que inclui, na maioria das vezes, vivências nas amizades entre eles, que acontece no morro onde moram, no bairro Mundo Novo, e trata de pertencimentos, dificuldades, felicidades, lealdades e proteção entre “irmãos”.

²¹ “Rlk” e “smp” significam, respectivamente, relíquia e sempre.

²² Quando chamo os rapazes do Mundo Novo de grupo, refiro-me a sujeitos que vivenciam juntos relações informais e coerentes. O sentido de grupo é o mesmo de rapaziada, “de montão”, “bonde”, “galera” ou “tropa” do Mundo Novo, como em suas falas.

PD escolhe e expõe, em sua página no *Facebook*, a fala de um dos personagens do filme, *Cidade dos Homens*²³, que, dentre outras situações, mostra as fortes relações de amizade e fidelidade entre os protagonistas Acerola e Laranjinha. A exposição dessa imagem e de outras semelhantes na página do PD e de seus amigos mostram os vínculos construídos entre eles e reforçam suas relações. Pelas fotos e comentários das redes sociais, pelas minhas observações e pelos relatos nos grupos focais e nas entrevistas, percebo a força e o sentido das relações de amizade que o grupo possui, na maioria das vezes, desde a infância, vivida pelas ruas do bairro. Amigos, para o grupo pesquisado, é uma categoria social de grande importância, próxima e comparada à família.

Com essa evidência, começo a mostrar parte do que vi ser, para eles, “estar” com os amigos. “Estar” no sentido de viverem muitas coisas juntos. Refiro-me aos acontecimentos nas amizades, que são cotidianos, construídos e compartilhados por esses jovens. Acontecimentos com um particular sentido em suas vidas e vistos pelo estudo de suas práticas, que envolvem subjetividade e criatividade e vão se compondo por suas relações, ações e interações. Trocas que constituem experiências particulares e plurais, como, por exemplo, as vividas nas esquinas, nos encontros na porta da igreja, nas “peladinhas” nas ruas ou nos “campinhos” – que são terrenos vazios do bairro, na falta de dinheiro, nas maneiras de juntos lidarem com essas faltas, nas repetidas, intermináveis e prazerosas “zoadas” entre a “galera”²⁴, no prazer de dançar na rua e juntos ouvirem o *funk* pelos celulares, na possibilidade de morrer por escolher proteger com o próprio corpo o amigo, que ia levar uma segunda facada em uma briga, ou na maneira semelhante e combinada de dois amigos se vestirem para mostrar também na aparência que querem ser vistos como “irmãos”.

Pelo que vi em campo, acredito nas dificuldades em estabelecer um enfoque do que seria a juventude por meio de tentativas em pensá-la por uma perspectiva única, como uma fase delimitada por características biológicas ou comportamentais uniformes, dentre outras aproximações que possam ser refletidas por essas associações. Conforme Bourdieu (1983, p. 112), “[...] o fato de falar dos jovens como se fossem um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente”.

²³ Os jovens pesquisados falam do filme com frequência. Um dos rapazes do grupo é conhecido, há anos, pelo apelido de um dos personagens; se reconhece e é reconhecido assim. O filme encontra-se em interessante formato de livro, com disponibilização de imagens em <<http://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.483/12.0.813.483.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

²⁴ “Galera”, “gangue”, “tropa”, “rapaziada” e “grupo de montão” são termos usados e explicados pelos jovens. Por essa importância serão discutidos em um capítulo mais a frente.

O limite associado ao termo juventude se perderia em uma multiplicidade de contextos econômicos, culturais, políticos e sociais, dos quais os sujeitos participam de diferentes maneiras em tempos e espaços distintos. Neste caso, concordo com Levi e Schmitt (1996, p. 8) ao afirmarem que, “ao contrário, o que nos interessa é justamente o caráter marginal ou limítrofe da juventude, o fato de ser algo irredutível a uma definição estável e concreta”.

Quando as práticas, próprias da juventude, são analisadas próximas a elas e junto aos pesquisados, deslocam lugares de uma suposta “unidade” como fase da vida, que se anula pela diversidade de suas recontextualizações e pelas formas diversas e criativas de viver a vida. É pelo que os jovens fazem que se dão os acontecimentos de criatividade subjetiva entre eles. Diferentes práticas caracterizam diferentes culturas juvenis, suas relações mostram ações de criatividade social e cultural.

Trato, neste capítulo, das experiências dos rapazes pesquisados em suas relações de socialidade e os desdobramentos que elas mobilizam e, em sua maioria, envolvem práticas de convívio prazerosas. Essas trazem uma dinâmica de pertencimentos e elaborações significativas às experiências dos jovens, como a formação de valores, atitudes, comportamentos, trocas de informações e saberes. São sujeitos que articulam ações e reflexões em uma dinâmica que experimentam várias “lógicas²⁵” construídas e desenvolvidas por condições particulares de suas existências e com as quais se veem em diálogo. Assim, reflito sobre essas práticas considerando que as experiências juvenis são vistas e refletidas por tempos e espaços próprios; articuladas às condições e situações reais da vida do grupo. São práticas que se contextualizam e fazem sentido por estarem articuladas a perspectivas econômicas, históricas, sociais e culturais desses sujeitos.

Quando falo de práticas de jovens, essas se referem a um grupo que vai além de uma única definição do que seria ser jovem. Se utilizada, inevitavelmente marcaria a categoria por uniformidades, como as explicadas por classificações baseadas unicamente em fatores biopsicológicos dos indivíduos, por exemplo. Não acredito em uma etapa natural ou forçosamente delimitada entre a infância e a vida adulta que possa ser chamada de juventude. Se quisermos abrigar nessa categoria alguns componentes biológicos e psíquicos dos jovens, importa que sejam pensados junto a outras circunstâncias que fazem parte do que a categoria mostra ser.

²⁵ As “lógicas” a que me refiro são formadas por orientações subjetivas dos atores e pela natureza das relações sociais em que os sujeitos se envolvem cotidianamente. O conceito é proposto por Dubet (1996).

Ser joven, por lo tanto, no depende sólo de la edad como característica biológica, como condición del cuerpo. Tampoco depende solamente del sector social a que se pertenece, con la consiguiente posibilidad de acceder de manera diferencial a una moratoria, a una condición de privilegio. Hay que considerar también el hecho generacional: la circunstancia cultural que emana de ser socializado con códigos diferentes, de incorporar nuevos modos de percibir y de apreciar, de ser competente en nuevos hábitos y destrezas, elementos que distancian a los recién llegados del mundo de las generaciones más antiguas (MARGULIS; URRESTI, 2008, p. 19)²⁶.

Afasto-me de categorizações etárias distantes dos sujeitos, dissociadas de suas vidas. Acredito que os jovens, e as demais categorias sociais, não fazem parte de grupos homogêneos, como os cronologicamente delimitados. Ainda podemos pensar na existência de coincidências e fronteiras frágeis nos comportamentos e realizações de jovens e de adultos que podem descaracterizar e confundir essas etapas. Quando ocorrem idealizações e representações sociais sobre os jovens, que tendem a vê-los de maneira delimitada, como presos a categorias de idade ou comportamentos ditos “de juventude”, por exemplo, posso dizer que são categorizações que se afastam da realidade da vida dos sujeitos, que, por suas dinâmicas próprias e contextualizadas socialmente, deslocam essa ordem. Como pensar em uniformidades de vivências, a partir de idades próximas entre jovens, se somos levados a refletir sobre contextos sociais tão diversos como o que Velho (2009) nos apresenta?

O que pode haver de comum entre jovens brancos de elite mortos num acidente automobilístico e jovens negros mortos em combates entre facções criminosas ou em embates com a polícia? Obviamente, a resposta imediata é que são todos jovens, entendendo-se por isso uma faixa etária que varia, imprecisamente, entre 15 e 24 anos²⁷.

Obviamente, usar apenas as idades da vida para classificar igualdades, comportamentos e práticas, entre os sujeitos e, a partir delas, agrupá-los, não pode ser um critério dominante ou único a se considerar. Classificações etárias acontecem, e podem ser vistas, com critério, para fatores organizativos, estatísticos ou administrativos, por exemplo. Além disso, entendo a existência, mesmo que em realidades diferentes, nas quais os contextos

²⁶ Tradução minha: Ser jovem, no entanto, não depende somente da idade biológica, ou do aspecto físico. Tampouco depende somente da classe social a que pertence, com a consequente possibilidade de ascender de forma diferente por uma moratória ou a uma condição de privilégio. Temos que considerar também o fator geracional: o aspecto cultural que emana do fato de ser socializado dentro de códigos diferentes, de incorporar novos modos de entender e de apreciar, de adquirir novos hábitos e habilidades, elementos que separam os recém-chegados daqueles de gerações anteriores.

²⁷ Conforme blog do autor. Disponível em <<http://gilbertovelho.blogspot.com.br/2009/10/juventude-e-violencia.html>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

particulares devem ser reconhecidos, que possam surgir alguns comprometimentos similares nas experiências entre os jovens de idades próximas em suas formas de viver tempos, espaços e realidades mais abrangentes. Essas similaridades podem se mostrar nas experiências vivenciadas pelos jovens nas famílias, pelos gostos ou preferências no vestuário, por suas relações com o consumo, com a cultura, com o Estado; com os relacionamentos amorosos, com os grupos de pares, com a mídia, com as questões educacionais, com o trabalho etc.

A juventude, ou as muitas juventudes que se incluem nesta fase da vida, distende a categoria tornando-a maleável, diversificada e socialmente contextualizada para fazer sentido, articulada a reflexões abrangentes e particularizadas. Trato neste estudo das experiências particulares de um grupo de jovens, contra a noção de uma juventude abstrata e generalizada, sem esquecer que a complexidade da vida social envolve a todos, possibilitando aos sujeitos e, neste caso, aos jovens, dialogar com contextos mais amplos em suas experiências e fazer parte deles. Relações abrangentes quando digo que os jovens deste estudo fazem parte de um contingente brasileiro de 50 milhões de pessoas de 15 a 29 anos, conforme dados atuais da Secretaria Nacional da Juventude²⁸. E mesmo que haja semelhanças entre algumas práticas juvenis, o fato não tornaria a categoria homogênea. Pelo contrário, quando os sujeitos vivem o “tempo da juventude”, o debate se volta para a característica da diversidade, que é algo inerente ao grupo, não podendo reconhecer-lhe aspectos homogeneizantes.

Os jovens vivem experiências particulares e essas circunstâncias têm que ser refletidas em detalhes, com o conhecimento de que juventude se fala. Segundo Catani e Gilioli (2008, p. 12), “pode-se dizer que, para a sociedade, o desafio é definir o jovem, enquanto para o jovem é definir-se diante de si próprio, de seus pares e perante a sociedade”. Sabemos que aspectos como o hedonismo, rebeldia, violência, vitalidade, indefinições em suas escolhas, entre outros, são vistos algumas vezes, e em épocas distintas²⁹, como comportamentos atribuídos aos jovens, sem preocupações com as particularidades dos dados ou a que grupos específicos de jovens se referem, dando uma generalidade sem sentido e abstrata à categoria.

Criou-se um ‘jovem genérico’, como já havia sido criado um ‘índio genérico’, passando por cima das diferenças e especificidades em função de

²⁸ Disponível em: <<http://secretariageral.gov.br/atuacao/juventude/secretaria-nacional-de-juventude>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

²⁹ Um desses exemplos é que a partir do início do século 20 grupos juvenis apareceram no cenário urbano americano, associados à violência, passaram a ser continuamente estigmatizadas como um ‘problema social maior’ (SÁNCHEZ-JANKOWSKI, 1997). Circunstância que tem relação com o que vivem os jovens deste estudo, considerando as particularidades históricas, geográficas e sociais de cada época.

grupos de status, classe social, região do país, religião, meio rural ou urbano (com seus vários subtipos, por sua vez) (VELHO, 2002, p. 135).

A fala de Velho (2002) sobre o “jovem genérico” trata das associações sem consistência que tendem a homogeneizar os jovens, algumas vezes de forma negativa. Há relações distorcidas desse tipo quando os pesquisados dizem sentir o peso do olhar social preconceituoso constantemente apontado pra eles. Segundo seus relatos, existe uma “ideia na sociedade” de que todo jovem preto e pobre vai roubar e essa “ideia” os separa pela cor de suas peles, pelos seus jeitos de andar e de se vestir e por morarem em bairros pobres. Um dos pesquisados me diz que, mesmo com a preocupação em estar bem arrumado e usar marcas de grifes, as pessoas olham pra eles com preconceito. Em vários relatos, os rapazes dizem que os cuidados com o corpo e o uso de marcas de grifes não é para esconder quem são, mas porque se sentem bem assim e também se preocupam em serem vistos com uma aparência cuidada; dizem que enfrentariam um preconceito mais intenso se não se arrumassem.

Dizem perceber que há lugares na cidade em que a sociedade local acha que não deveriam estar. Segundo eles, há espaços delimitados onde eles “devem” permanecer, como o bairro em que vivem e outros locais de periferia semelhantes. E que a sociedade não gosta de vê-los frequentar lugares considerados mais elitizados na cidade, como o Shopping Independência ou o Shopping Alameda. Em uma entrevista, um dos jovens me falou sobre o desconforto que percebeu nas pessoas em volta quando o grupo foi a um barzinho no Alto dos Passos e, segundo ele, isso ocorreu por serem pobres e pretos. Disse que notava as pessoas achando que ia haver um assalto; elas ficavam nervosas com a presença deles. O garçom demorava a atender e percebia que o dono ficava olhando, achando que não teriam dinheiro para pagar.

Outros jovens do grupo falam repetidas vezes do mesmo assunto nas entrevistas. Relatam como essa forma discriminatória os acompanha nas práticas cotidianas e como isso os incomoda, obrigando-os a serem “chatos”, em seus termos, no sentido de muito exigentes com a aparência. Não pensava em discutir este assunto nesta tese; achava que seria algo já visto e discutido inúmeras vezes em pesquisas, mas as questões de preconceito e discriminação, que generalizam, incomodam os rapazes. Surgiram, muitas vezes, associadas às experiências cotidianas do grupo pesquisado, sem que eu as buscasse para a discussão. Não posso ignorá-las, pois são vivências que tratam de experiências particulares do grupo, como as práticas que envolvem as questões de estilo, que, dentre os aspectos, evidencia o fato de se preocuparem em cuidar da aparência para não serem confundidos com ladrões ou

“flanelinhas”, na região do Alto dos Passos. Voltarei a essas questões, com dados e reflexões de campo, nos capítulos seguintes.

Outras vivências como o uso constante dos celulares pelos pesquisados, por exemplo, para as conversas pelas redes sociais, para as elaborações e postagens de vídeos de danças e fotos pessoais ou do grupo, mostram experiências que levam os jovens a um importante aspecto de suas socialidades. Fazem parte de um momento particular, que os inserem, assim como as demais categorias sociais, na complexidade da vida e, neste caso, na vida contemporânea, com uma dinâmica mais veloz do que em outros tempos. Um tempo³⁰ atual que se diferencia de uma época moderna anterior. Hoje, temos nossas ações e experiências caracterizadas por grande dinamicidade e velocidade baseadas, principalmente, na informação e no conhecimento. O grupo vive essa experiência de constante renovação, dizem que costumam buscar o novo pela internet, por meio das procuras por novas ideias quanto às questões do estilo, com a preferência pelas marcas famosas que gostam de usar. Ou nas preferências musicais, ligadas ao *funk* e ao passinho, principalmente na procura por novos vídeos que lhes possibilitem novas ressignificações de passos nas danças. As tecnologias que produzem informação por meio da televisão e da internet, por exemplo, trazem à sociedade em geral vivências múltiplas mediante informações e percepções que surgem e se modificam a cada instante, vistas por Mota (2006, p. 74) como “um sinal do tempo e do movimento do mundo – sinal de transformação da eterna criação e desaparecimento das formas, uma manifestação do presente, do acontecimento”.

Alguns sujeitos têm a seu dispor uma variedade de opções de informações e interações na cibercultura, que passa a selecionar frente à impossibilidade de em tempo real absorver tudo o que se apresenta, mensagens, conversas e vídeos nos celulares, jogos eletrônicos, sites de relacionamentos e diários eletrônicos, por exemplo. Os pesquisados estão inseridos nessa sociedade global e tecnificada. O uso dos celulares mostrava essa relação na pesquisa, em nossas conversas e entrevistas, constantemente interrompíamos, reconhecendo o lugar privilegiado das mensagens que chegavam e depois retomávamos. O celular sempre estava ali, mostrando sua importância e uso constante na vida desses rapazes. O grupo pesquisado utiliza o celular, preferencialmente, para o *Facebook* e aplicativos, como o *WhatsApp* ou o

³⁰ O tempo se diferencia de épocas anteriores, porém entendo que é também diferenciado na atualidade para os sujeitos de acordo com sua situação socioeconômica e pela área em que vivem (países diversos, áreas rurais e urbanas, por exemplo).

(ZapZap)³¹, que possibilitam a troca de mensagens instantâneas e chamadas de voz para celulares. Além de mensagens de texto, usam também para enviar imagens, mensagens de áudio e vídeos. O grupo diz que não tem necessidade de computadores ou *notebooks*; alguns dizem que têm, mas que não há o costume de usar ou nem está funcionando. Uma vez, um dos rapazes me disse estar sem celular, sem que eu perguntasse ou notasse, justificando que havia descumprido um acordo familiar e a ausência do aparelho era uma forma de punição dos pais.

Esse fenômeno, que nos conecta a vivências em tempos reais e virtuais³², nos faz pensar como é nossa relação com o momento particular em que vivemos hoje, no qual a complexidade das relações sociais exige uma maior capacidade reflexiva dos sujeitos que participam de muitas redes e de fluxos de informações, comunicações e interações, simultaneamente. As diferentes práticas vividas pelos jovens, como as que tratam de suas socialidades, e, neste caso, particularmente, as construídas nos grupos juvenis, dialogam entre eles e com a sociedade, revelando uma das diversas faces dessa juventude plural. Reconheço sentidos na busca de uma noção de juventude que se mostra e se ressignifica por essas práticas, no sentido de experiências vivenciadas. Uma dessas é a partir de suas socialidades.

Com efeito, o tempo colectivo de que os jovens desfrutam, em grupo, é sentido como um tempo mais apropriado que qualquer outro à realização dos seus desejos e interesses de marca especificamente mais juvenil. É certo que, nas actividades de grupo, os jovens parecem viver o seu quotidiano de forma passiva – todavia, esta ideia não corresponde à realidade. Num aparente “não fazer nada”, os jovens acabam por desenvolver formas genuínas de participação social, através da efectiva adesão a determinadas actividades e da construção de fachadas reforçativas da coesão de grupo (PAIS, 1993, p. 94).

Os jovens participam de uma rede de interações, na qual vão realizando elaborações subjetivas e relacionando com seus modos de vida os sentidos existentes em modelos culturais de referência. São aspectos que vão mediando essas interações cotidianas e caracterizando processos concretos de produção da vida social. Esses atuam como mecanismos que servem para expressões juvenis, como as ressignificações vistas nas danças que movimentam as ruas do bairro, algumas vezes a partir de novas leituras realizadas dos

³¹ O nome *ZapZap* vem da abreviação do nome *WhatsApp*. O aplicativo, criado por um brasileiro, é uma tentativa de concorrer com a versão estrangeira e sua interface é bem parecida com o concorrente famoso. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/05/zapzap-versao-brasileira-do-whatsapp-roda-ate-no-navegador.html>>. Acesso em 23 fev. 2015.

³² A interação virtual pressupõe relações à distância e por vezes num tempo assíncrono. Nela ocorre o envolvimento de duas ou mais pessoas empenhadas em estar juntas, tendo uma “presença” diferente da tida como real, não sendo em si o seu oposto. No tempo virtual realizam-se outros tipos de interação chamadas de interações multimídias: escrita, por vídeo e/ou imagem.

vídeos do passinho carioca, disponíveis no *YouTube*. São articulações que pude presenciar, principalmente, quando eles estavam em grupos, que é uma experiência bem comum nas ruas do bairro Mundo Novo.

As interações e as relações sociais cotidianas, que envolvem os jovens deste estudo e os demais sujeitos com quem interagem, mostram que participar delas é uma experiência singular. Sem querer torná-los exóticos, penso suas especificidades e suas (re)elaborações, saindo de uma lógica antiga e atual de suposições, preconceitos e estereótipos, como a que muitos rapazes, e os que participam desta investigação, muitas vezes, são incluídos. Conforme Caldeira (2014, p. 171),

Desde os primórdios das cidades modernas, circular por circular, andar em grupos (sobretudo de homens jovens), dar uma volta, ou dar um rolê, são atividades que acabam sendo escrutinadas e, no limite, criminalizadas, a não ser que os protagonistas (em geral homens) pertençam a grupos privilegiados.

As experiências individuais buscam legitimação no social, sem que deixem de ser tratadas no reconhecimento dos grupos com os quais convivem. “Destá maneira a experiência individual, ao mesmo tempo em que se torna subjetiva, torna-se mais social. Ela é então mais **manipulada**, mais controlada, mais aberta aos olhos dos outros” (DUBET, 1996, p. 103, grifo do autor). A partir do convívio em campo, observo que os jovens procuram definir e construir suas experiências com ações que lhes façam sentido, que lhes sejam relevantes, nas quais possam ser sujeitos de suas escolhas. Quando utilizo o termo experiência, este vai além de uma significação ambígua que, de acordo com Dubet (1996, p. 95), “num primeiro sentido, a experiência é uma maneira de sentir, de ser invadido por um estado emocional suficientemente forte para que o ator deixe de ser livre, descobrindo ao mesmo tempo uma subjetividade pessoal”. Quando me refiro à experiência social, utilizo uma abordagem que diz que “a experiência social não é nem uma esponja nem um fluxo de sentimentos e de emoções, ela não é uma expressão de um ser ou de um puro sujeito, pois que é socialmente construída” (DUBET, 1996, p. 103).

3.2 “Fazer uma social” requer investimento

As experiências dos jovens pesquisados que tratam de suas socialidades com os amigos do bairro são, dentre outros aspectos, as que fazem com que esses sujeitos se preocupem e queiram investir nelas. Efetivamente mobilizam-se na construção, manutenção e

fortalecimento de suas relações com os amigos. Investir é algo que ouço e vejo em campo; e “fazer uma social” é algo que dizem e fazem. Termo que uso em discordância de gênero, por estar como na fala e no sentido dado pelos jovens, que aqui se torna mais prioritário do que o uso da linguagem convencional, e quer dizer que há um jeito próprio de se fazer isso. Vi essa prática acontecer quando alguns jovens que já mudaram do Mundo Novo, retornando, dizendo que não podem deixar os laços construídos serem afrouxados ou desfeitos. Que voltam para as “resenhas”, que são as conversas nas ruas do bairro ou na barbearia, para as “peladinhas” e para os “furdunços”, que são as festas realizadas no Mundo Novo organizadas pelos jovens e que serão discutidas mais a frente neste capítulo. Os contatos constantes pelo celular também colaboram para que a prática de “fazer uma social” possa se configurar como uma realidade constante e prazerosa entre o grupo.

As experiências de socialidade mobilizam efetivamente os pesquisados que se preocupam com os amigos quando eles não estão muito presentes no grupo que costuma se encontrar com frequência. Se isso ocorre, resta chamar os amigos em casa e descobrir por que o “moleque” sumiu. “Moleque” é uma forma de tratamento comum entre eles. Habitualmente, se tratam assim, se nomeiam como “moleques”, quando falam deles mesmos, dos amigos e de jovens de outros bairros. Algumas vezes usam “cara”, mas moleque é mais recorrente, e me parece, mais significativo. Gostam de dizer que são os “moleques” do Mundo Novo; o termo é dito assim, há uma apropriação simbólica nele. Acostumei-me a ouvi-lo com /u/; estranho escrever de outra maneira. Fez parte da realidade da pesquisa, como imagem acústica e visual de nossas conversas. Passei a usar na minha vida pessoal alguns termos que os rapazes usam muito, “moleque” é um deles.

Em um dia mais informal, em que não estávamos nas entrevistas, fui até a casa de um dos pesquisados com a intenção de marcar um horário para entrevistá-lo. Convidaram-me para sentar e tomar café com bolo, quando começaram a falar da preocupação quando algum amigo some, conforme relatei acima. Havia o jovem que mora na casa e o amigo que havia sumido dias antes. O sumiço do amigo do grupo e a busca por ele passou a ser discutida ali, na mesa do café, pelos dois rapazes. O jovem diz que tem dormido muito, “eu só durmo”, essa foi a sua fala repetidas vezes e que, por isso, o amigo notou a sua ausência no convívio diário na rua. Foi lá, socou a porta onde ele mora e não teve retorno; teve que chamar um vizinho até conseguir entrar. Os dois rapazes estavam juntos, contavam o fato ao mesmo tempo, mas apenas o jovem que disse dormir muito refletiu mais um pouco e quis explicar, dizendo que talvez fosse pelo uso de drogas que dormira assim. O amigo presente não falou sobre isso.

A busca do contato mobiliza os rapazes, requer esforços para manter essa dinâmica das amizades fluindo no grupo. Ela não acontece aleatória ou naturalmente, e eles fazem com que ela aconteça, investem, no que penso ser um trabalho de movimentação e manutenção social desta rapaziada. Eles se preocupam com o tempo de viver e produzir essas socialidades. Vejo jovens que já mudaram do Mundo Novo voltando nos dias de folga no trabalho para estar com os amigos. Converso sobre isso com eles, nas entrevistas e nas conversas, vejo que se preocupam em cuidar das amizades, em ter essa ligação de proximidades. Segundo um dos entrevistados: “É direto. Dia de trabalho, um liga pro outro. Manda mesmo, mensagem: bom dia, te amo. Pum, é direto. Pô! Tô com saudade de você”.

O jovem ri, ao mesmo tempo em que reproduz o que falam nas mensagens pelo *WhatsApp*. No dia a dia, não me parece rir de vergonha, mas acha graça quando me conta essa maneira de como se tratam. Penso que aqui estejam questões de masculinidade que importam a esse grupo, se preocupam em dizer e mostrar que é um grupo só de homens. Falam-se, constantemente dessa forma para dar bom dia, boa tarde, gostam de falar que estão e são próximos, e me falam dos “famosos” eu te amo; famosos por que costumam rir disso, mas dizem que fazem porque gostam de se tratar assim.

Os investimentos nas amizades envolvem mobilizações como essas, articuladas e pensadas, além de dotadas de sentidos específicos: manterem-se próximos e unidos. Estão engajadas nas práticas cotidianas e nas considerações juvenis que envolvem o prazer da companhia dos amigos, desse “estar” junto e praticar intensas socialidades que importam ao grupo. Os rapazes possuem grupos fechados só de amigos, pelo *Whatsapp*, e outros separados nos quais as meninas podem entrar. Os grupos em que elas podem entrar são chamados de “grupos pra ‘pegar mulher’”. Essas interações frequentes pelas redes sociais são facilitadas pelo caráter de proximidade que elas possibilitam; por serem imediatas e de graça. O que precisam é ter um aparelho de celular conectado à internet e o custo disso fica bem menor do que ligações entre celulares. Usei o *WhatsApp* para falar com os rapazes inúmeras vezes, para conversarmos, marcarmos encontros para entrevistas ou mesmo combinarmos minhas idas ao bairro. Nunca tive acesso aos grupos fechados, acredito que lá as conversas sejam para ser mantidas somente entre eles.

Fora dessas relações próximas e virtuais, há, no bairro, entre a rapaziada, a preocupação em se dedicar às amizades, em se fazer “uma social”. Entre o grupo pesquisado, “fazer uma social” acontece com profundidade e engajamento pelas proximidades e identificações que possuem. Mas é algo que também pode acontecer de maneira menos intensa entre os jovens e os demais sujeitos com quem convivem no Mundo Novo, não tão

próximos quanto de seus pares. Com mais ou menos intensidade, “fazer uma social” é uma prática que os rapazes se preocupam em desenvolver no Mundo Novo.

Andei pelo bairro, com os rapazes, algumas vezes, e tive a oportunidade de ver a prática acontecer. Lá, os encontros nas ruas podem facilmente render muitas conversas que fazem parte de “fazer uma social”. Observei, um dia, ao andar com o VI pelo bairro, que fazíamos paradas constantes. Ele parava para conversar com amigos, menos ou mais “chegados”, com outros sujeitos mais velhos e mais novos que estavam por ali. Perguntava o que faziam, como estavam, se mostrava interessado em ouvir. Disse-me que estava se atualizando. Quando ele não via, era chamado para isso por alguém, as pessoas falavam comigo também. Algumas vezes, fui, delicadamente, convidada para tomar café em suas casas e cerveja nos bares. Se eu estava com os rapazes, era tratada como se já me conhecessem. Eram conversas corriqueiras e não muito demoradas, se comparadas àquelas que acontecem entre os rapazes que são mais próximos. E, ainda, VI me diz que ele vai sempre ao Mundo Novo com essa proposta de falar com todo mundo que aparece, que tem que dar uma atenção, fazer uma social por lá.

Nesta época, ele já havia mudado do bairro, mas observei que essa prática o mantinha sempre por ali. Em um desses dias, eu brinquei, dizendo que ele parecia alguém em campanha eleitoral. Ele riu e me disse que muita gente fala isso. Disse-me, rindo: “quem sabe um dia?” E que trabalharia para ter mais lazer nos bairros pobres e para que os moleques mais novos pudessem ter escolhas melhores, porque o tráfico fica sendo uma referência forte para quem tem pouca coisa para fazer. Quando ele falou, fiquei com vontade de que isso pudesse acontecer. Percebi em campo essa ausência de opções de lazer e investimentos citada por VI, e que ele é alguém que conhece as necessidades locais, por ter vivido lá e em outro local semelhante, sabe como é um lugar pobre. Mas, o que trato especificamente aqui são visões de relacionamentos que acontecem no bairro, como quando algumas pessoas sentam nas calçadas para estar por ali, e desse costume surgem as conversas.

Há algumas regularidades e constâncias nesse “fazer uma social”. Um dos rapazes, o E, me ensinou como devo escrever seu nome, no diminutivo, e chamá-lo assim, me indicando ser essa a maneira como é conhecido no bairro e como se identifica em seu perfil no *Facebook*. Ele me diz que está trabalhando à noite e, logo que começou, passava o dia todo dormindo, sem tempo para estar com os amigos. Isso o incomodava muito; ele queria voltar a estar na companhia dos rapazes, sentia falta, ficou uns dois meses ausente. Cuidou de se organizar, “dormir menos”, como me disse, e ter tempo para estar com os amigos na rua, nos pagodinhos na esquina, nas “resenhas” e “zoeiras” com o grupo. Os jovens investem nas

amizades, como os retornos do VI ao bairro, mesmo trabalhando o dia inteiro, e como no caso do E, que procura reorganizar o seu tempo de sono para não se afastar dos amigos, para “estar” junto com eles, e assim não deixar que os laços de amizade construídos sejam prejudicados. Vejo práticas para reestabelecerem o tempo para estar com os amigos, para produzir e viver as socialidades, que não podem ser vistas fora do contexto social e cultural em que se realizam; controlar o tempo para “fazer” o tempo de estar com os amigos.

Há um reconhecimento mútuo de pertencimento grupal entre os jovens deste estudo. Vejo, em suas relações e ações, que há coesão, persistência, trocas simbólicas, trocas afetivas e compromissos. Há experiências de vitalidade e expressividade nessas redes de socialidade entre eles, formando uma conexão simbólica de pertencer a um grupo, poder estar e contar com os amigos. Reflito, pelos dados empíricos, e por reflexões teóricas, que a existência de vivências sociais coerentes e significativas aos sujeitos, a partir de suas “experiências sociais” (DUBET, 1996), envolve uma multiplicidade e heterogeneidade de interações e relações. Estas são formadas por princípios subjetivos³³, obviamente não únicos ou aleatórios, considerando a pertinência de ações e relações confirmadas por outros. Acredito que as práticas desses jovens são legitimadas em uma vida social e essa dialogia apresenta a necessidade da existência de códigos que tenham significado para esses sujeitos, resultantes das experiências individuais e coletivas, para que possam valorizar e reforçar a própria autonomia cultural entre eles.

3.3 Práticas de quem se conhece, reconhece e se protege

Os compromissos para as saídas do grupo por outros espaços da cidade são conhecidos e estabelecidos por relações que já construíram antes, combinadas e acordadas no morro. Não deixar o colega para trás é dito nas conversas informais e nas entrevistas como algo que não se questiona, dizem que é assim porque é assim, que é costume deles e não poderia ser de outra forma. Quando pergunto sobre esse acordo, se tem que avisar ao grupo que vai se separar, por algum motivo de escolha particular, me dizem que não é que “tem”, mas que o amigo não pode fazer diferente, já sabe, é de costume sair e voltar junto. A fala que apresento abaixo é bem parecida a diversos outros relatos do grupo. Em uma conversa um dos jovens me diz que o amigo não pode se separar do grupo e, se quiser fazer isso, deverá voltar com

³³ Os sujeitos em suas “experiências sociais” mobilizam princípios integradores, estratégicos e subjetivos que envolvem seus pertencimentos em um social que traz normas, valores e códigos culturais; princípios que os fazem mobilizar estratégias e interesses nas interações cotidianas e princípios de subjetivação, onde desenvolvem um trabalho crítico e reflexivo (DUBET, 1996).

eles ao bairro, depois retornar e retomar seu caminho sozinho. Vejo que fica combinado entre os rapazes que quem sai junto, volta junto. Nessas relações, ainda há a questão da culpa se algo der errado; não é culpa do amigo que quis seguir sozinho, e sim de quem concordou, é mais que um compromisso, é uma responsabilidade existente entre eles. Como me disse VI em uma entrevista individual:

Sai, eu você e mais quatro pessoas. Se eu saí contigo, não vou te deixar pra trás. Tipo assim: é um compromisso meu, entendeu? Vai que acontece alguma coisa, pô, o cara saiu contigo e você deixou o cara pra trás. E pegaram o cara, ‘rodaram’ o cara, entendeu? Isso não é justo deixar o cara pra trás. Isso é culpa sua. A nossa proximidade é tão grande que a gente acaba tendo uma preocupação com o próximo, com o amigo, como se fosse um irmão nosso, entendeu?

Existem códigos sociais de relacionamento legitimados e confirmados entre os rapazes. Acredito que construídos por experiências vividas antes, que se mostram inteligíveis para o grupo. Além do valor de “irmandade” como uma construção valorativa, há muitas situações de conflitos do grupo com outros rapazes, de outros bairros, isso os torna a qualquer momento vulneráveis. Se alguém fica sozinho, é mais fácil de ser pego, está sem proteção. Assim, observo que existem entendimentos estabelecidos do grupo e no grupo, que os sujeitos participam porque acordaram assim, por se identificarem e para se protegerem. Um protege o outro, se um dos jovens rompe com isso, rompe com o que foi acordado antes, não é algo só de momento. Rompe com o compromisso da confiança que se estabeleceu. Se hoje ele sai do grupo para voltar sozinho, por uma menina, por exemplo, amanhã ele pode concordar em deixar o amigo sair. Se não se protege, não vai proteger o outro. No relato da experiência exemplificada acima pelo VA, algo recorrente quando falam das saídas com seus pares, existe o propósito de viver esse tipo de solidariedade pelo compromisso construído, onde há a responsabilidade em manter a obrigação de não deixar ninguém do grupo para trás.

Outros códigos, traduzidos em entendimentos de valores de prestígio em suas relações, marcam presenças e fronteiras entre os jovens do grupo pesquisado, onde o “moleque” pode e quer ser reconhecido dentro do grupo e até fora dele, por ter mais “fama”, “respeito”, “marra”, “habilidade” ou “poder”, por exemplo. Há uma busca e esforço que se relaciona diretamente às experiências vividas entre eles para se chegar ao lugar de reconhecimento desejado. Conforme uma conversa com T:

Tipo, a pessoa já tá com uma roupa de marca, já tá “sustentando”. E ah lá, ele tá com roupa de marca, aí já tira um bolo de dinheiro ali, aí já tem

dinheiro, aí vai com um “bando”, “de galera”. Aí ele também é o cara que “pega mais mulher”. Aí que você começa, pô esse aí é o cara. Você já fala com o colega ali, ele é o cara. Aí o outro colega fala aquele ali que é o cara. O brabo, o marrento. Aí você vê, já rola, aquele ali que é o cara.

O grupo investe na imagem do “marrento”, não no sentido negativo do termo que existe em outros contextos, como me dizem, no qual é associado a um cara nojento, que não fala com ninguém: um cara metido. Querem ser vistos no sentido de “marrento” ao construir uma boa fama, valorizada entre a rapaziada e as meninas. “Marrento” ou “brabo” é o moleque que tem “pegada” com as meninas, que sabe usar as marcas preferidas e de grifes famosas com estilo, sem exageros, e sabe “chegar” no morro com a rapaziada. Nesse sentido, vivido entre a rapaziada, “marrento” é o mesmo que “brabo”. O termo é muito valorizado entre eles, nas ruas do bairro, nas saídas cotidianas e para os bailes e nas redes sociais.

O uso e o sentido do termo “marrento” mostrou-me, na prática da pesquisa, que para ser entendido, inclusive em sua ambiguidade, precisa ser coerentemente contextualizado. Pode ser um valor querido ou, caso não seja assim, pode ter outro sentido, e ser “distante” dessa significação, mas não distante das experiências dos jovens, como expliquei acima. Observei que esse afastamento de sentido, que os jovens dizem ocorrer quando o “marrento” se torna um cara metido, pode não se dar. Ou seja, muitas vezes, sentem prazer em ser considerados “nojentos” e “metidos”, se chamam assim, pessoalmente e nas redes sociais. Nesses momentos, o valor negativo de que os jovens me falam fica próximo do valor que os agrada. As falas e as reflexões sobre a existência de o termo ser negativo ficam, muitas vezes, distantes das experiências vividas, onde ser “metido”, mesmo que estando próximo do sentido de nojento pode agradar.

Quando me aproximei do E, perguntei sobre isso, se ele se considerava um cara “marrento”. Antes da nossa conversa, eu achava que seria algo sempre valorizado positivamente entre eles. Antes de me explicar os sentidos do termo, ele riu muito da minha pergunta, talvez pela duplicidade que o termo possui ou do meu interesse em entender melhor o que é um cara “brabo” ou “marrento”. Eu via dessa forma, achava que seria um elogio se eu o chamasse ou considerasse assim. E me surpreendi com os detalhes de sua reflexão, que me levou a pensar no que é ser “marrento” ou “brabo” e na existência confusa do sentido duplo que associam ao termo e da experiência em ser “marrento” ou “brabo”. Isso aconteceu em outros momentos da pesquisa, os termos nativos me eram explicados pelos jovens, minuciosamente. Eles não queriam que eu os usasse de forma inadequada.

No segundo ano em campo, quando consegui estar mais próxima, talvez mais acreditada, e os jovens viram que eu insistia em estar com eles e em conhecê-los, não iria desistir, percebi que eles interagiam comigo de outra forma, retribuía aos meus questionamentos com mais envolvimento. Houve um momento em campo que percebi claramente uma mudança. Estavam comprometidos, “entraram” na pesquisa, queriam falar sobre eles. Sentiam vontade de explicar as coisas que aconteciam, como neste caso do que é ser “marrento”, e mais à frente quando falam do que é ser “playboy”. Vi que tinham interesse em me envolver nas formas como significavam suas experiências, me diziam que eu precisava “sentir” para escrever sobre eles. Que eu precisava ir às suas festas e aos bailes *funks*. Passei a ser convidada para alguns eventos. Percebo que querem que eu veja como vivem, que eu sinta suas experiências e tenha maior envolvimento para ter sensibilidade na escrita.

Vejo que quando os jovens dizem isso, estão tratando do que discuti no início deste capítulo sobre a importância de entendimentos das diversas formas de os sujeitos viverem um tempo de suas vidas, em seus microacontecimentos que, neste caso, só podem ser vistos se eu estiver bem perto deles, participando de seus modos de vida, compreendendo seus sentidos. Aqui, aparece a complexidade de um grupo de rapazes viver aspectos de sua juventude em experiências cotidianas.

Trata-se de compreendê-los na sua diferença enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamento e hábitos que lhe são próprios (DAYRELL, 2006, p. 140).

Verifiquei que as relações precisavam ser buscadas nos detalhes e eu teria que estar mais atenta, eles e eu queríamos isso. Suas práticas eram organizadas e reorganizadas, caso os rapazes quisessem ou fosse necessário, e eram bem mais complexas do que, algumas vezes, eu pensava. O diálogo a seguir evidencia as formas de apropriação dos termos “marrento” e “brabo” que os jovens usam de maneira recorrente entre eles nos encontros nas ruas e nas redes sociais.

Eu: O que é marrento? Eu vejo vocês se tratando assim, sempre é bacana ser marrento?

E: Depende de quem fala. Ah! Eu não gosto não.

Eu: Mas, por quê? Marrento dá fama?

E: Dá, isso é verdade. Mas no caso, você gostaria de chegar num lugar assim, e os cara: pô, chegou aquele moleque marrento? Pô, aquele moleque metido?

Eu: Nesse sentido eu não gostaria... Mas alguns caras aqui dizem que são marrentos.

E: Igual eu e o K, não sei se ele falou, se ficou com vergonha. A gente usa muito essa gíria, a gente fala que a gente é brabo, é... Tipo assim, a gente vai no Centro, nós anda, nós não olha pra ninguém. Às vezes passa uma menina bonita, a gente não olha, depois nós conversa: pô cê viu aquela menina que passou ali?

Eu: Pra não dar confiança?

E: Pô, passou assim uma garota bonita, todo mundo olhando, encarando ela, e ela se achando, a gente não olha. Aí tipo assim, às vezes, ela pode nem pensar isso, mas na nossa cabeça a gente pensa assim, que a mulher vai pensar assim: pô aqueles moleques passou e nem me olhou. Tem alguma coisa errada comigo.

Eu: Ah! Vocês incomodaram ela?

E: Tipo assim, a gente não dá confiança pra ela, aí muitas vezes nego fala: pô, vocês é muito metido, passou na rua e nem olhou pros outros, nem deu confiança.

Eu: Para os amigos também se faz isso?

E: Com os amigos não é tanto, é mais com menina. Às vezes tem menina conhecida, que a gente sabe. Conhece pelo *Facebook*, sabe que é a menina, mas a gente passa do lado dela e nem olha. Aí chega no *Facebook* elas fala, pô você é marrentão, você passou perto de mim, você nem olhou, nem me cumprimentou.

Eu: Então, neste caso, é um elogio?

E: É, nesse sentido é, de “brabo”, de difícil. Igual a gente, eu e o K, vai num pagode, num *funk*, a gente não chega em ninguém, nego fala assim: pô velho, cês é paradão, cês não chega em ninguém. Não é que a gente é parado não. Tem certeza que se nós chega, nós vai pega um montão de mulher, entendeu? Nós vê as menina olhando e comentando, mas a gente se faz de brabo, cria uma fama, isso cria uma fama.

Nosso diálogo mostra os sentidos que podem ter os termos “marrento” e “brabo”, algumas vezes querido e outras indesejado pelo jovem, dependendo da representação que interesse a ele no momento e de quem fala. O “marrento” pode ser visto pelos rapazes de fora do grupo pesquisado como alguém “metido” e “nojento”, como me diz. Esse jeito de “metido” do “marrento”, que os caras de fora reconhecem negativamente, também tem relação com as brigas, se mostrar assim pode dar confusão nos bailes *funks*, pode ser considerado como forma de ostentação.

Outras representações entre os amigos e as meninas das relações mais próximas do grupo são quando o “marrento” é o cara “brabo”, e por ser assim vai sendo valorizado, vai construindo a fama no morro e nas saídas. “Brabo” e “marrento” são termos que se completam, que interessam ao grupo, mesmo associados ao cara “nojento”. São comportamentos pensados, construídos e visibilizados para ocuparem um lugar de destaque entre eles. Nas entrevistas, os jovens dizem que quem tem fama de “brabo” ou “marrento” é alguém que querem por perto. É um cara valorizado no grupo de amigos, porque quem está

perto de um cara “brabo” pode ser um deles e ter a mesma fama, ganhar o “seu respeito” no morro ou ser alguém mais interessante para estar perto e mostrar para uma menina esse jeito de ser quando estão em grupo de caras “brabos”. Ganhar o “seu respeito” é uma expressão comum no morro; é algo em que o grupo investe.

Eu: O cara brabo seria um líder?

W: Não sei se é líder, mas é questão de puxar mais o saco, sabe? Ah, vou chamar o galã, o brabo, o que tá pegando mais, todo mundo vai chamar ele. Ah, vai que eu consigo também “pegar” mais.

Eu: É assim que o cara fica conhecido, por galã.

W: “É RD” (me diz rindo).

Eu: Como assim, RD?

W: É o “rei delas” sim. Isso é antigo, é antigo já. Mas até hoje não acaba, não acaba com isso não. Vem de uma música³⁴, né? Dos Ousados.

A “marra” é uma categoria de análise significativa, está no “marrento”, no “brabo”, no “RD” (o rei delas) e no “galã”. Aparece inúmeras vezes nas práticas desses jovens e em seus relatos. Ela é construída de diversas formas: em ser uma pessoa difícil por não se mostrar facilmente disponível, na quantia de dinheiro que está no bolso, no jeito de gastá-lo com ostentação e sem apegos, no jeito de andar e olhar com firmeza nas ruas e quando andava e fingia não ver as meninas bonitas.

Não só nas relações com as meninas, mas entre o grupo pesquisado, a “marra” é algo que merece dedicação e manutenção, tem que ter uma maneira construída para ser reconhecido como “marrento” ou “brabo” com prestígio. Isso vai se consolidando nas ruas, no “espírito de vencedor”, quando entram em uma briga com determinação, nas roupas cuidadosamente escolhidas, no jeito de “zoar” os amigos, sem exagerar, e no respeito observado. Quando o cara tem “marra” não é tão “zoad” tanto quanto os que não a têm. Há limites e cuidados para se “chegar” nos “brabos”.

É um valor de consideração para os jovens, que surge constantemente em suas práticas cotidianas. Inclusive em nossas relações de pesquisa, quando pedi ao K que me apresentasse a determinados amigos dele, porque eu já vinha tentando sem êxito me aproximar, ele me explicou que quando o cara é “marrento”, é mais difícil e eu teria que esperar. Com alguns jovens foi assim, demorei um pouco mais para conseguir me apresentar, conversar e entrevistá-los, esperei o tempo que a “marra” mobiliza para que se possa estabelecer relações mais próximas.

³⁴ Alguns termos nativos são ressignificados a partir de músicas de *funks* que admiram. Serão vistos no capítulo que trato, principalmente, dos estilos das roupas, dos cabelos e das músicas, dentre outros relacionais.

K me diz que é “marrento” e “brabo”, usa o termo de forma similar e com pertencimento, sem tantas explicações como fez E. Diz que tem liderança entre a rapaziada, tem prestígio pela “marra” que conseguiu e gosta muito de ser assim. No diálogo que apresentei com E, antes do de W, vejo a relação com o que K diz e com a construção do valor que a “marra” possui. No episódio com as meninas, estavam juntos e agiam de maneira combinada, para não dar confiança a elas. Nesse caso, a “marra” é usada como uma estratégia de valorização e de mistério: quem é esse cara difícil que não olha uma menina bonita? Que não fica com ninguém no pagode, mesmo que talvez queira ficar? São renúncias que para ser “brabo” têm que existir para que aconteça a construção dessa identidade de “marrento”, configurada entre a rapaziada a partir de um investimento social importante nas práticas entre eles. Assim, a “marra” construída evidencia um jeito de ser, de ser reconhecido e de ser respeitado, principalmente, entre os pares. Desde que entrei em campo, vejo esse lugar conquistado pelo K no grupo de rapazes do Mundo Novo e com algumas meninas que vi na companhia dele.

No Carnaval, no período da Copa do Mundo, Natal e Ano Novo, e em outros momentos que pude presenciar, foram realizadas festas organizadas pelos jovens nas ruas do bairro. Além dessas, em épocas de comemorações específicas, há outras ocasiões chamadas por eles de “furduncinhos” ou “furdunços”. Termos que variam de acordo com o grau de improvisado e organização. Em ambos, o que não pode deixar de ter é muitos amigos, meninas, alegria, *funk*, pagode, carne e bebidas, segundo os rapazes. É uma festa na rua, entre amigos, como dizem. As festas no bairro são organizadas, na maioria das vezes, pelos jovens. Os amigos ou conhecidos do bairro, e alguns fora dele, mas que façam parte da rede de amizades e, se quiserem, podem participar, sem distinção de idades, é só chegar. Os homens pagam algum valor que possam disponibilizar, observei que esses variavam de R\$ 20,00 a R\$ 100,00; para as mulheres sempre é de graça. Mulher não costuma pagar nada com os rapazes do grupo pesquisado, nem nas festas, nem nas saídas para comer ou para os bailes. Eles não aceitam que elas mexam na carteira, como me dizem.

A fala abaixo, de um dos jovens, quando conversávamos sobre o que é uma comunidade, ele explica, dentre outras coisas, que é fazer o que se quer, é poder fazer um “furduncinho”. Relata como é um “furduncinho” improvisado, qual o processo pra sua realização e a utilização de estratégias para acontecer. Eu não poderia descrever melhor do que em sua fala:

W: Se tiver ali um caixinha de *funk*... Vai no Bahamas³⁵, ali, compra uma pecinha de carne. Sabadão, hoje, não tem nada pra fazer. Nego tá meio “baludo³⁶”, pô, vamo comprar uma pecinha de carne. Aí, vamo queimar ali, fazer na rua ali. Aí tá. Compra cerveja. Compra carne. Aí chama o camarada que tem carro “tum”, coloca o som. Ali na rua embaixo, na rua debaixo, por que aqui em cima é lombrado, você vai colocar um som aqui em cima as mulher já vai reclama, chama a polícia, já vai dá problema. Aí nos prefere coloca lá embaixo, por que lá embaixo fica o crime, entendeu? Os cara fica lá, aí o pessoal não vai fala, eles vai com nós, entendeu?

A especificidade da “lógica estratégica” acontece nessa tensão com a “lógica integradora”³⁷, essa vista quando alguns moradores pretendem manter, segundo eles, a ordem, o bairro silencioso e sem os jovens nas ruas. Há uma tensão, inclusive fora das festas, quando os jovens me relataram que, às vezes, só estar na porta da igreja, sem nenhuma bebida, som ou consumo de drogas, é motivo para a polícia ser chamada e dispersá-los. Vi muitas vezes os rapazes nas ruas, na porta da igreja, algumas vezes tendo que trocar de lugar para a casa amarela quando há reclamações de vizinhos. Estive presente em um pagodinho improvisado. Três rapazes juntaram instrumentos de percussão e um cavaquinho, sem combinações anteriores e cantaram. Fiquei na rua com eles, ouvindo. Procuraram me integrar no evento, me perguntavam se eu conhecia as músicas tocadas, e que falasse quais eram, poucas vezes acertei. Neste dia, me disseram que não fizeram aulas particulares de música, aprenderam sozinhos, treinando e vendo vídeos. Pedi para gravar o som e fui atendida.

Há as questões geracionais, que marcam muitas das relações do grupo pesquisado com os pais, os parentes e os moradores do bairro em que vivem. Os jovens em suas experiências convivem com seus pares e os demais sujeitos que fazem parte de suas relações cotidianas. Não estão dissociados de outras vivências relacionais, vivem em um contexto de interações diversas. Em uma entrevista, N me diz que:

A gente aprendeu a ser homem com o pessoal mais velho, a gente aprendeu a ser homem fora de hora, querendo ou não a gente aprendeu [...]. O que eles falam, eles sempre passaram um conceito pra gente. Isso aqui assim, isso aqui, assado; assim, isso fala assim [...].

³⁵ Bahamas é um supermercado da cidade.

³⁶ Segundo os jovens, “baludo” é o sujeito que está com uma grande quantidade de dinheiro no bolso.

³⁷ Os sujeitos em suas “experiências sociais” mobilizam princípios integradores, estratégicos e subjetivos que envolvem seus pertencimentos em um social que traz normas, valores e códigos culturais; princípios que os fazem mobilizar estratégias e interesses nas interações cotidianas e princípios de subjetivação, onde desenvolvem um trabalho crítico e reflexivo (DUBET, 1996).

A partir dos dados da entrevista acima, realizada com o K, e de outros obtidos em campo, vejo que há uma valorização no jeito de ser dos jovens, envolvendo a influência dos sujeitos mais velhos. Trato dessas vivências como influências, e não obediências. Aprender a “ser homem” com os mais velhos é visto pelos rapazes como um costume do lugar, envolve questões de masculinidade que, nesse caso, se associa a uma evidência geracional. Os jovens convivem no bairro com sujeitos que se importam em passar valores a eles, e esses “conceitos” sugestionam e inspiram os rapazes. Convivem com outras evidências, obtidas de aceitações e afastamentos deles de pressupostos integradores, os jovens dizem que não gostam de seguir ordens dos mais velhos.

O mesmo jovem que fez o relato acima me disse que rompeu com a tia, aos 14 anos, por não aceitar a forma de vida que ela queria para ele, com controle rígido de suas saídas e horários. Disse que não tinha liberdade e decidiu morar e se cuidar sozinho, após a morte da avó com quem vivia anteriormente. Segundo o jovem, com a avó era diferente, ele aceitava os pedidos dela, com a tia ele mudou, porque era diferente a forma como os pedidos eram feitos, segundo ele, com mais imposição. Aqui, sugiro refletir sobre a definição de um sujeito que quer se realizar como autor de sua própria vida, ainda que seja pelo conflito. As relações sociais podem trazer a ele os enfrentamentos para a realização dessa subjetivação ao ver as impossibilidades de que sua intenção e vontade sejam plenas. O jovem tem um olhar crítico quanto a quem obedecer e por quê; isso acarreta um distanciamento reflexivo das relações que vive, para fazer suas escolhas, mostrando algo mais do que um papel ou uma personagem social. O jovem continua morando próximo à família, em uma vila que os jovens chamam de cortiço. São quatro casas próximas, e de familiares do K, que vive na primeira casa, de forma independente, desde a morte da avó. Trabalhou no comércio e, atualmente, com cortes de cabelos masculinos, cuja maior clientela é formada pelos amigos do bairro. K me diz que o pai o “fortalece”, quando precisa de ajuda financeira. A casa do K é o local de cortes, de outros cuidados com a aparência e de muitas “resenhas” e “zoadas”, como me dizem e que presenciei muitas vezes. É um lugar onde a frequência é de jovens, é um ponto de encontro da rapaziada.

Mostra-se a existência e a manutenção nas histórias familiares do grupo ou nas convivências no bairro de relações de pertencas cotidianas, mesmo que flexíveis e marcadas por escolhas próprias. Nessa perspectiva, a cultura pode ser definida como um conjunto de valores, cuja função é se articular à identidade. Reconhecendo-se essa atividade dos atores como subjetiva, “como uma racionalidade visada”, seja pela mudança ou pela manutenção do que encontra à sua volta (DUBET, 1996).

As relações com os moradores definem-se, dentre outros aspectos, pela forma como os jovens traçam suas estratégias, porque querem estar juntos, realizando práticas que os agradam, que lhes dão prazer. Desejam manter um tipo de convivência com seus pares, para realizar a vontade de ficar na rua dançando e “resenhando” com os amigos, numa “social”, precisam agir de forma particular. Segundo eles, uma maneira encontrada de burlar essas proibições e usar a rua para essas socialidades, que envolvem as resenhas e o som mais alto, é pedir aos amigos envolvidos nas drogas para estar com eles, dar uma “força”, e também participar, porque na companhia deles os moradores não se importam tanto com o barulho. Não reclamam e não chamam a polícia. São momentos que se articulam a um sistema de relações sociais de concorrência, existindo uma lógica de mercado³⁸ que mexe com a natureza e a organização das relações sociais. São relações abertas nas quais os sujeitos que dispõem de poder, definem os seus objetivos e os interesses visados. E aqui, nas ruas do Mundo Novo, vejo que encaminham as disputas pelas maneiras como os espaços podem ser apropriados pelos sujeitos. Essas estão relacionadas às vivências de não aceitação dos jovens para as proibições nas ruas do bairro onde querem que aconteçam as festas e os “furdunços”. Os rapazes querem viver experiências em espaços nos quais outros sujeitos, no caso alguns moradores, querem cuidar da manutenção da ordem e das normas prescritivas dos lugares.

Com os espaços libertos é que podem acontecer os “furdunços” e os “furduncinhos”. Esse último é de improviso, por isso o diminutivo, e acontece sem muitos preparos e combinações antecipadas. É organizado na hora que a vontade de realizá-los aparece, com quem está na rua naquele momento; também chamam mais amigos pelo *WhatsApp* para participar. Os jovens juntam uma “mixaria” de cada um e se faz a “festa”. Vão no mercado mais próximo e compram uma carne e bebidas. Já o “furdunço” é mais organizado e planejado antecipadamente; os jovens convidam mais amigos, pessoalmente e pelas redes sociais. Há um controle maior de quem vai participar, visando à organização do evento, arrecadação do dinheiro para que as compras possam ser feitas previamente, com mais seletividade e de acordo com o que foi arrecadado na relação com o número de pessoas que vai comparecer.

Durante o período em que estive em campo, aconteceu um “furdunço” em um sábado. Foi tão prazeroso para os rapazes que eles resolveram repeti-lo no dia seguinte, no domingo. Esse “furdunço” foi combinado a partir de um “furduncinho” de improviso que aconteceu duas semanas antes, também em um domingo. E nele o prazer de estar junto quis ser repetido

³⁸ Essa lógica não prende o termo a concorrências econômicas, mas trata da diversidade que o remete às relações de concorrência diversas na sociedade, como as culturais e as sociais (DUBET, 1996).

e ampliado. Para que o “furdunço” pudesse acontecer, os jovens se organizaram pessoalmente, pelo *Facebook* e pelos grupos particulares no *WhatsApp*. Às mensagens pelo *WhatsApp*, eu não tive acesso. Fui convidada pessoalmente pelo K para o “furdunço” e lembrada pelo *Facebook*. Vi nessa rede sendo publicados vários avisos para que os rapazes entrassem no grupo do *WhatsApp* para, de forma mais privada em um grupo fechado e particular de jovens do Mundo Novo, se organizarem e, assim, vários telefones de quem se interessava em ir iam sendo postados publicamente no *Facebook*. São socialidades que envolvem fazer de um encontro repentino na rua um “furduncinho”, e desse um evento maior, um “furdunço”.

No dia do “furdunço”, a partir de duas da tarde, a rua de baixo ficou lotada de jovens, rapazes e moças; e outros moradores do bairro, de outras categorias sociais. Havia comida e bebida para os que pagaram. Os rapazes dançam como se disputassem os passos, com seus movimentos rápidos, e, no batidão do *funk*, mostram suas habilidades. “Chamam” o outro que está na roda para entrar na “disputa” por aproximações evidentes e desafiadoras com o corpo sempre em movimento de dança. As músicas e as danças deram força significativa ao evento. Os rapazes eram a maioria, dançavam entre eles, numa roda de quatro, cinco rapazes de cada vez. As meninas e outras pessoas ficavam assistindo atrás, ou em volta dos rapazes que dançavam e estavam nas rodas de danças de *funk* e do passinho, agindo como em uma “batalha”. Nessas exhibições de dança, o PD é o que mais se destaca, nas ruas e nos vídeos, e parece fazer uma mediação entre os rapazes. O contato dele na roda do passinho é diferente, ele lidera. Os rapazes dançam descalços, parece ser mais fácil assim. PD dança de chinelos, demonstrando mais domínio nos passos que realiza.

Fora dos “furdunços” ou “furduncinhos”, nas outras relações com os amigos, observei que ele já tem a sua fama conquistada de melhor dançarino, tem muito talento e treina bastante, a partir dos vídeos que assiste pelo *YouTube*. Essa fama não acontece só no Mundo Novo; ele é conhecido em bairros próximos. Vi, nas ruas do bairro, meninos bem mais jovens que o PD seguindo-o, para aprender os passos de dança e admirar seu estilo de roupas, corte de cabelo, tatuagens etc. Presenciei várias “zoadas” sofridas pelo PD por isso. Os rapazes dizem que ele tem um monte de “moleque” pequeno seguindo-o constantemente pelas ruas do Mundo Novo, costumam criar um apelido, associado ao nome de PD, para esses “fãs”. O jovem é “zoadíssimo” e, constantemente, indicado pela rapaziada como o mais habilidoso no passinho. É considerado “divo”, uma versão masculina do que é ser uma diva, uma “celebridade” nas redes sociais e na vida, alguém que se preocupa muito com a vaidade e a exposição da aparência.

Entre os rapazes há gradações quanto aos aspectos da masculinidade, e nas danças elas se mostram. Os brabos dançam, os divos dançam, inclusive juntos, mas há diferenças nessas práticas entre eles e em outros aspectos de suas relações, como nos estilos preferidos por ambos, por exemplo. Cada um tem um jeito e, para os rapazes, esse pode ser mais ou menos “masculino”. Os “divos” são considerados mais “femininos”. Os “brabos”, “marrentos”, ou “tralhas³⁹”, termos que se assemelham, discutidos anteriormente, têm um jeito de masculinidade que é considerado em uma posição superior quanto a uma hierarquia de gênero existente entre o grupo de rapazes. Evidenciando diferentes estilos e tipos de masculinidade entre eles, observo pluralidade nas questões da masculinidade entre o grupo pesquisado, que não os afasta, mas traça lugares sociais. Voltarei a tratar dos termos nas relações entre os rapazes com a dança, especificamente com o passinho e o *funk* no capítulo seguinte.

Em uma conversa, no início da pesquisa, nos nossos primeiros encontros, quando falávamos sobre as preferências deles em termos de músicas e danças, L e PA me disseram que “as meninas não dançam bem, que é muito difícil achar uma menina que dance bem”, que elas fazem mais “marmota”. Eu perguntei o que é “marmota” e me disseram que o termo trata de quando se faz graça e brincadeira em uma atividade que se está realizando. Segundo o grupo, na dança, as meninas não têm tanta habilidade quanto os rapazes, então elas optam em brincar, em fazer “marmota”. Fazem palhaçada na hora da dança para suprir a falta de habilidade. “Marmota” se refere também ao jovem que sabe “zoar” bem, que faz graça e piada na “roda” de amigos no momento das “resenhas”. O “marmota” surge em outros contextos e, entre os amigos, é o jovem que anima os encontros e as “zoadas” entre eles. Os rapazes valorizam a presença do “marmota” no grupo. Ouvi várias vezes falarem sobre quem faz “marmota” ou quem é “marmota” e vejo a categoria de modo próximo aos pesquisados do estudo etnográfico de Pais (1990) sobre lazeres e relações juvenis em Portugal quando o autor diz: “Alguns estendem-se no asfalto das ruas, a desafiar os carros que passam. Os que têm mais piadas e dotes para contar tornam a sua presença mais apetecida” (PAIS, 1990, p. 630).

Vejo o “marmota” ou a “marmota” como um modo de afirmação desses jovens, um objeto de análise não menos importante por fazer parte do humor, e de relações mais informais e descontraídas, que fazem parte das práticas cotidianas dos pesquisados. Considero o valor de fazer “marmota” uma espontaneidade investida. A prática pode ter acontecido de maneira natural antes, foi boa e é bom manter a experiência e dar um nome e um sentido a ela.

³⁹ Os termos “brabos”, “marrentos” e “tralhas” referem-se ao jovem que conquistou respeito no morro, tem um estilo que o valoriza e pode, em algumas situações, ser considerado “metido”. Os termos voltam a ser discutidos no capítulo em que trato dos estilos dos pesquisados.

Manter a prática que foi prazerosa, como uma forma de identificação juvenil, de compartilhar um valor que é engraçado e vibrante.

No caso das meninas, e a partir das reflexões dos jovens, a “marmota” tem seu sentido mais específico por querer dizer que as meninas não levam a dança e o treino tão a sério quanto os rapazes, que elas brincam muito. Não verifiquei dados mais aprofundados sobre essas diferenças de que falam os rapazes, mas observei em campo que o protagonismo nas exposições de danças de *funk* e de passinho fica por conta dos rapazes. São eles que se envolvem nessas práticas performativas e mostram questões quanto a ser diferente das meninas. Parece haver um tipo particular de masculinidade local, construída culturalmente, onde a dança se inclui significativamente e cuida de uma habilidade do corpo nos movimentos dançantes entre eles, caracterizando interações entre rapazes e práticas que os coloca em destaque. Essas evidenciam hierarquias com relação às meninas que assistem suas apresentações de dança, já que elas não seriam tão habilidosas quanto eles. Ao assistir os vídeos que os rapazes disponibilizam no *Facebook*, observei em alguns deles, junto às músicas e danças dos rapazes, falas das meninas entre elas, dizendo que queriam participar, mas achavam que eles não iam permitir.

Depois do “furdunço”, os rapazes disponibilizaram fotos no *Facebook* deles em grupo e vídeos em que estão juntos dançando as ruas. Além de estarem combinando um novo “furdunço” para o mês seguinte, da mesma maneira como fizeram o anterior, com postagens, fotos do último evento para ilustrar e incentivar a frequência, com chamada para os interessados entrarem no grupo pelo *WhatsApp* para as combinações particulares entre eles. Existe a vontade dos jovens em mostrar o que fizeram, com reapropriações do real nas mídias, onde se vê a cumplicidade, a expressividade e a celebração.

Os rapazes, tanto do grupo quanto daqueles que estão no comércio das drogas, convivem cotidianamente no morro, por exemplo, nas conversas, nos cortes de cabelos e dando “proteção” para que ninguém reclame dos barulhos na hora do “furdunço”. Esse comércio costumava não ser utilizado de maneira efetiva pelos pesquisados, mas pode se tornar uma possibilidade temporária para fazer um “cascalho”, uma “treta”, que é um meio esporádico de obtenção de dinheiro imediato, usado como uma estratégia para comprar algum bem ou bebida e comida para os encontros nas ruas, tornando-os mais agradáveis. Também envolve, algumas vezes, a fama e o poder no morro quando dizem usar ou comercializar as drogas.

“Há aí certa visão propositiva, segundo a qual, ‘ser da periferia’, significa participar de um certo *ethos* que inclui tanto a capacidade para enfrentar as duras condições de vida, quanto

pertencer a redes de socialidade, a compartilhar certos gostos e valores (MAGNANI, 2006, p. 39, grifo do autor)". Os jovens protegem os nomes dos amigos quando falam das drogas, não há nomes de ninguém, são "eles". Eu nunca perguntei por nomes ou dados sobre isso. Essas práticas, consideradas de transgressão, que envolvem a droga, são vivências articuladas ao "jeito" do lugar em que vivem e às circunstâncias que fazem parte das escolhas dos sujeitos, sejam elas por motivos diversos.

3.4 Com os amigos eu fecho: "onde só tem *cria* não se *cria vacilão*"⁴⁰

No grupo de rapazes pesquisados, as idades variam de 17 a 26 anos. Entre os rapazes que frequentam o bairro há relações de idade ainda mais amplas no convívio entre eles, há jovens com mais de 30 anos convivendo cotidianamente no bairro, juntos, numa "social". A partir da evidência de ampliação das idades, vista especificamente no grupo investigado, observo que há entendimentos relevantes. Dizem que há os "moleques" mais velhos que se relacionam com eles, e que não se importam com isso, é até bom. Esses participam das relações de amizade com os rapazes pelas mesmas afinidades que os mais jovens possuem, pelo prazer em estarem juntos nas "pegações" com as meninas, nas "zoadas", nas idas aos bailes *funks* e aos pagodes, nos "furduços", nas "resenhas" das esquinas, na cumplicidade e ajuda nas brigas com os grupos de outros bairros. Os "caras mais velho", como dizem, são bastante "zoados" e "zoam" muito também, segundo eles.

Eu: Observei que tem variedade de idades entre vocês, o que você acha disso?

VI: A gente não tem nada de diferença não. Porque aqui no Mundo Novo, a gente sempre foi assim, um com o outro. Não importa a idade. Lógico, aqueles que tá lá em cima, tá na correria, aqueles lá não inclui muito não, por que não dá. Mas aqueles que tá ali no grupo, não tem diferença não, você vê os mais velho conversando com os mais novo. Sai junto: Hi! Hi! Hi!

Eu: Você quer dizer que é bom, é animado?

VI: Bem melhor. Você tá indo com a pessoa que você tá acostumado a "lidar", você tá indo com uma geração que já curtiu o baile de antigamente e tá ali curtindo o baile atual ali com você. Pô você nem precisa de idade, de cor, de nada. O cara mais velho chega assim e fala, tens uns que fala: Oh! Cês vão aprender comigo. Tens uns que fala: Oh, hoje eu vou colar com você, por que eu sei que você "pega mulher", vai jogar uma mulher na minha mão. Hoje vai ter muita "zoeção".

Eu: E como é isso, dá pra fazer isso, ou melhor, isso acontece: "jogar mulher na mão do amigo"?

⁴⁰ Utilizo a fala retirada da legenda de uma foto do *Facebook* de um dos pesquisados, em que estão vários jovens do Mundo Novo, que participam desta pesquisa. Todo o material que utilizo das redes sociais é com pedido prévio e o consentimento dos rapazes.

VI: Às vezes dá pra jogar uma menina amiga da sua namorada na mão do seu amigo. Mas igual o cara já é mais velho, já é mais difícil. Igual na questão, eu tenho 21, mas pego menina nova, porque eu tenho cara de novo, eu tô falando sério. O pessoal tudo acha que eu tenho 17/18. Eu não consigo “pegar uma mulher” de 25, por que ela sabe que eu tenho cara de bebê, então pego uma menina de 17/18 mesmo. Então, uma menina de 17 não vai querer ficar com um cara de 35, aí já é mais difícil, mas os meninos da minha idade aí já é mais fácil.

Um outro jovem do grupo pesquisado, VA, que tem 23 anos, também se coloca, em outra entrevista, quando reflito com ele, sobre essa diferença de idade. Vejo que ele é muito ligado a um amigo de 17 anos.

VA: Ele por ter a cabeça dele bastante evoluída, ele por ter mais maturidade, ele vive no meio de pessoas mais velhas que ele. [...] Porque no Mundo Novo tem esse acontecimento dos meninos mais novo ficar com os meninos mais velho, ali convive com os meninos mais novo. Igual eu, o C tem amigo meu ali que tem mais de 30 anos, não tem isso de idade não.

EU: E saem juntos?

VA: Um “bonde”. Sai junto. Sai tudo assim, com idades diferentes, um monte. Numa boa. Numa boa. A “zoeira” é ainda maior, porque os cara mais novo quer “zoar” a gente que é mais velho, os mais velhos quer “zoar” os mais novo. É tranquilo. Por que assim, a gente por ser mais novo sai com caras mais velhos.

O jovem me diz que é bom estar com os amigos mais velhos, que há uma troca de vivências entre eles, e que a “zoeira” é ainda maior com amigos de idades diferentes. Por exemplo, nas relações com as músicas mostram que há diferenças, como no tipo de *funk* que os rapazes mais velhos escutam, dizem que eles conhecem os “*funks* da antiga”; ou na hora de “pegar” as meninas, que, segundo o grupo, não querem ficar com caras mais velhos ou que aparentem ser mais velhos, situação que traz muita “zoeira” dos mais novos. Essas são algumas, dentre outras, vivências que participam dessas relações de amizades.

Vejo que as relações de amizade entre os rapazes pesquisados são realidades juvenis sociologicamente construídas e particularizadas, repletas de detalhes e entendimentos. As práticas que envolvem essas relações inscrevem-se em vivências heterogêneas, trajetórias individuais e sociais, participando da diversidade de situações que os caracterizam por experiências singulares. São práticas que expressam características tipicamente juvenis, em um reconhecimento construído simbolicamente. Há diversos lugares sociais nessas demarcações de amizades que se misturam entre os mais ou menos “chegados”, que são os de dentro e os de fora das relações de amizade entre eles. Observo que a amizade entre esses

jovens é um tipo de experiência compreendida pela complexidade que possui, formando vínculos pelas afinidades, cumplicidades, interesses e parcerias.

Os jovens incluem ainda os rapazes que estão na “correria”, como parte da rapaziada do Mundo Novo, de maneira diversa da vivida pelo grupo que está sempre junto e dispende mais tempo para isso. Estar na “correria”, segundo eles, é participar do comércio de drogas nas ruas do bairro; eles têm que correr muito, subindo e descendo o morro para buscar mais drogas, pois não podem portar grande quantidade. A estratégia é usada no caso de a polícia chegar e não encontrar uma grande quantidade de droga com quem estiver na venda. Segundo eles, com quantidades menores fica mais fácil a droga ser descartada ou engolida. O jeito é pegar pouco, vender e pegar mais. Segundo os jovens, o movimento é intenso e aí precisam “correr”. Assim, são chamados pelos amigos de “moleques da correria”. Essa ocupação não impede que continuem juntos, só que não dá para ficar mais tanto tempo “resenhando”, ou seja, conversando na rua, entre amigos. Em uma entrevista individual K, ele me diz que:

Normal. Isso aí, o que eles fazem da vida deles, é problema deles, isso não vai diferenciar eles da gente, não vai cercear eles da gente. É claro que se ele estiver andando com flagrante em cima, a gente não vai ficar junto com o cara. Se a polícia chegar, até explicar, vai levar todo mundo para a delegacia.

Outros pesquisados dizem assistir e conhecer como é realizado o comércio de drogas no bairro. As práticas que envolvem “o movimento” fazem parte das relações entre eles e outros jovens de idades próximas, nas maneiras como os encontros e as amizades acontecem. São relações que organizam quem fica mais próximo para viver as amizades que os unem e quem se afasta por ser moleque da “correria”. São vivências que definem quem fica mais tempo junto no morro e quem sai do morro junto, porque os rapazes da “correria” não costumam sair com o grupo. Há estratégias para estarem juntos, pois o tempo na “correria” diminui ou impede as relações entre eles. Procuram não mostrar às suas famílias que são amigos.

Segundo os pesquisados, seus familiares não gostam e não querem que falem com quem é do “movimento” ou da “pista”. O uso dos termos dá indícios a que se referem, mas não diz claramente, cumpre a função do que pode ser subentendido, sem que precise ser dito. Os rapazes falam por termos como os “moleque da correria”, a “pista” ou o “movimento”, segundo eles para disfarçar; dizem que muita gente “de fora” não conhece os termos. Esses usos, mesmo que sejam disfarces para alguns sujeitos, não fazem com que deixem de ser efetivos. É o “desvio semântico” de que nos fala Mayol (2003).

Esse discurso é, fundamentalmente, um trabalho sobre a linguagem que atua arrancando sentidos possíveis de uma mesma expressão, que se insinuam no entredito, abrindo para o intercâmbio verbal dos espaços semânticos não programados, mas em benefício de um modo relacional que reforça a permissividade da conveniência ampliando o espaço simbólico do reconhecimento (MAYOL, 2003, p. 60).

Há um grupo numeroso de jovens com quem os rapazes que participam desta pesquisa se relacionam cotidianamente. Há os mais e os menos “chegados”. Essas relações, não tão “fechadas”, são aquelas que acontecem com menos intensidade afetiva, com quem não se pode contar tanto quanto com alguém com quem se “fecha”, no entanto, sem deixar de mobilizar convívio constante e momentos prazerosos entre eles. “É tudo cria”, termo recorrente usado nas falas e na exposição de fotos nas redes sociais que une os jovens, mostrando que, com mais ou menos proximidade, ter sido criado junto desde a infância, vivendo relações de proximidade de moradia e por práticas cotidianas incluídas nessas relações, significa muito para eles. Magnani (2003) quando fala do “pedaço” reflete que é o lugar dos amigos, dos colegas, dos “chegados”. Segundo o autor: “Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer” (MAGNANI, 2003, p. 12). A importância de ser “cria”, termo que se aproxima do que é o “chegado” discutido pelo autor, é uma experiência vivida pelos pesquisados.

Nas relações sociais cotidianas entre os jovens, existe uma dinâmica que se desenvolve por diferentes categorias sociais construídas por eles em suas relações de amizade e nelas encontram-se gradações. Essas categorias nativas a que me refiro caracterizam aqueles que são mais considerados (“os amigos do peito”), aqueles com quem os jovens “fecham para tudo” ou aqueles com quem “sou fechado”, como me diz K ao se referir a E e a VI, T ao se referir a RO, N a M, GI a N, PR a K, e muitas outras combinações fechadas entre eles, nesse sentido. Enfim, não é com qualquer “chegado” que se pode “fechar” para tudo; para “fechar” com um “chegado” tem que ter algo mais. O jovem tem que ser mais que “chegado”, tem que ser alguém em quem se confia. Acredito que vai além das relações construídas de proximidade, amizade, reconhecimento e partilha simbólica para ser “fechado” com alguém. Observo que isso se dá a partir de situações importantes que os rapazes vivem juntos e definem o cara com quem se é “fechado”. Podem correr riscos para isso, questões de lealdade podem envolver se arriscar pelo amigo. Nessas experiências o jovem pode ver até onde o outro vai com ele, se vai ou não até o lugar de “fechado”. São gradações que também incluem os menos próximos e não deixam de fazer parte do grupo de amigos que foi criado junto. E

são com esses amigos – “chegados” ou “chegados” e “fechados” – que a rapaziada do Mundo Novo procura estar sempre junta.

Vejo que há uma dinâmica própria que proporciona mobilidade nas relações que acontecem entre os jovens e vai se configurando a partir dos acontecimentos que a rapaziada compartilha no dia a dia, ou seja, o que vai acontecendo modifica ou mantém o tipo de relações construídas anteriormente. Essas novas vivências e a maneira como os jovens nelas se envolvem e se comportam podem mudar a forma de serem vistos e queridos no grupo, modificando a posição que um jovem ocupava no grupo de amigos, traçando novas configurações em suas relações de amizade, a partir de outras formas de considerações.

Pelos relatos e meu contato em campo, vejo a importância dessas dinâmicas que podem manter os “fechados”, aproximar outros, caracterizar afastamentos e, até mesmo, a exclusão no grupo de amigos. O relato de uma briga, no Alto dos Passos, mostra o momento em que não se pode deixar o amigo, que tem que “fechar” com ele. Em uma conversa na rua, W me diz que: “Eu olhei assim: falei com meu compadre, o problema é comigo, se quiser pode ir, aí depois disso eu “fechei” com meu compadre, de graça”.

Ser “fechado” evidencia outras formas de tratamento que se realizam nas experiências cotidianas entre os rapazes pesquisados, como o tipo de “zoada” que se faz com quem se é “fechado”. E a “zoada” não vai muito longe, é “tranquila”, como dizem. As experiências que envolvem quem faz o “fechamento” mobilizam posições com mais prestígio que os jovens passam a ocupar, quando são “fechados” com algum jovem ou com mais de um amigo. O cara que “fechou” com alguém é considerado leal, é alguém que mesmo que não seja “fechado” com você, é com alguém e isso vale muito. A prática de “fechar” se traduz em lealdade no grupo todo. Esses lugares sociais não são fixos, rígidos ou completamente delimitados, anteriormente. São construídos e reconstruídos pelos jovens, e também não envolvem somente questões de risco ou violência. Em uma entrevista individual K diz que:

K: Todo mundo fala que a gente é irmão, é orgulho disso. Pô, pra mim aquele cara é irmão. É o moleque que eu sou mais fechado, também pode pedir 200 reais que eu dou, eu nem empresto. A gente é fechado mesmo, entendeu?

Eu: O que é fechado mesmo?

K: Pô assim, pra qualquer hora, se precisar pra qualquer hora. Pô, se acontecer qualquer coisa. Aconteceu uma coisa comigo, eu precisei de 150 reais, ele foi e me deu. Pô pra qualquer hora. Pô aconteceu uma coisa aí, e eu precisei emprestado de 150 reais, ele me deu, como se fosse pai, entendeu? Tava fazendo papel de pai, entendeu?

Eu: Entendi.

Em uma discussão no grupo focal, os jovens me dizem que tem um amigo que faz parte do grupo deles, e está presente no dia desse encontro, que está com problemas para sair do bairro. Está sofrendo ameaças por jovens de outro bairro. Existem os “caôs”, que são as rixas com jovens de outros bairros, mas os amigos não deixam o jovem que está sendo visado por causa de um “caô” para trás, mesmo que haja o risco de terem que se envolver em conflitos, por estar na companhia do amigo. Em um trecho desse encontro, PA fala sobre o fato:

Aí tava eu e VI, passamos ali na igreja, tava esse menino lanchando, sozinho. Aí eu falei: que que você tá arrumando aí? Ah, eu quis lancher... (reproduz, imitando, a fala do amigo). Aí eu falei: então vamo pro pagode? Ele falou: então vamo. Cabo de comer e desceu com nós.

As experiências entre os rapazes que envolvem a fidelidade e a confiança, como as acima, são vivenciadas cotidianamente, podem inclusive surpreender, por serem inesperadas, e fazer tudo mudar de acordo com o que acontece e o valor dado a isso nas práticas sociais vivenciadas juntos. Essas fazem parte de processos de socialidades do grupo; acontecem pelas formas como essas experiências cotidianas e próximas são vividas e sentidas. No grupo de jovens busca-se a garantia dos contatos, dos encontros e dos reconhecimentos. Existem as maneiras como consideram os comportamentos dos amigos pelos valores que o grupo formou e passa a tornar real. As redes de interações nas quais esses jovens se envolvem criam sentidos, valores e modelos culturais de referência que fazem mediações nas relações juvenis.

Vou chamar de “deslocamentos” nos vínculos de amizade, quando trato das mudanças ocorridas nas posições de consideração quanto ao reconhecimento ou não do valor existente em ser amigo, entre os rapazes do grupo pesquisado. O não reconhecimento pode se dar pela quebra de algum valor acordado entre eles. As práticas de amizade no grupo que são construídas continuamente, no bairro, por uma lógica que faz sentido a quem participa dela, por processos que envolvem reconhecer e ser reconhecido como amigo, e continuar sendo merecedor de consideração. Os amigos são uma categoria social de grande importância e consideração, aproximada à família, “mais que meu irmão”, como dizem alguns rapazes do grupo.

A partir de um acontecimento relatado, de forma recorrente e em momentos diversos, pelo grupo pesquisado, percebi que podem ocorrer mudanças nas fortes relações de amizade que os jovens do Mundo Novo investem e acreditam. Pude conhecer o evento quando estava em campo, e vivenciar os desdobramentos que ele trouxe no bairro. Durante o período da

pesquisa, quatro rapazes do grupo se envolveram em uma briga. Esse fato, em particular, teve grande importância para o convívio entre eles e trouxe mudanças nas relações, considerações valorativas e nas posições sociais anteriormente conquistadas.

A briga em uma casa de show, no bairro São Pedro⁴¹, aconteceu no final de 2014, mas continua presente nos relatos dos jovens, há quase um ano. Ouvi dados com detalhes dessa briga, diversas vezes, nas conversas informais com os rapazes e também nas entrevistas de vários jovens, em momentos diversos. Pelos relatos, o evento, além de ter um forte peso emotivo para o grupo que estava diretamente envolvido nele, trouxe a todos que tomaram conhecimento do fato reflexões de valores como fidelidade e parceria que modificaram suas relações de amizade.

VI foi o jovem mais diretamente envolvido na situação que viveram na casa de shows no São Pedro e que se estendeu pelas ruas desse bairro. Em uma de nossas conversas informais, em época próxima à briga, quando fui a sua casa, quando ele morava no bairro Mundo Novo, para marcar uma de nossas entrevistas, espontaneamente me contou a situação que viveu, com muita emoção. Segundo ele, foi uma experiência de quase morte que o fez repensar algumas formas de vida, como não participar de brigas coletivas, evitar vinganças e saídas para ostentar, dentre outras práticas que podem causar situações complicadas. Ele me disse que estava com quatro amigos do Mundo Novo em uma casa de shows, no São Pedro, que se divertiam, bebiam, olhavam as meninas e gastavam bastante dinheiro lá. Segundo ele, estavam “ostentando” (a prática é valorizada pelos pesquisados). VI me disse que, de repente, quando foi ao banheiro sozinho teve um desentendimento com um jovem, morador do bairro São Pedro, por causa de uma menina. Segundo ele, quando saíram, havia uma “galera” enorme esperando por eles lá fora, tentaram correr, mas foram cercados.

O relato do jovem foi bastante rico em detalhes, em alguns momentos me parecia que eu ouvia um filme de ação, com perseguição, luta, descrição de como foram os socos, a *performance* dos corpos para evitar apanhar, a correria por diversas ruas e, infelizmente, a facada. O jovem conta que, mesmo esfaqueado, conseguiu levantar e correr para a rua principal, lá pedia ajuda aos carros e a tentativa não dava certo. Segundo ele, era madrugada, havia um jovem negro correndo e sangrando pelas ruas, as pessoas tinham medo de parar. Até que passou um rapaz de moto que o conhecia do bairro Santa Luzia, levantou o capacete, segundo VI para “mostrar a cara, e mostrar que era conhecido, pra passar confiança”, e o levou ao Hospital de Pronto Socorro de Juiz de Fora, o HPS.

⁴¹ O bairro São Pedro fica a uma distância de seis quilômetros do Mundo Novo.

Os outros amigos quando conseguiram pegar um táxi e sair do São Pedro, ficaram no hospital com a mãe do VI, depois de irem buscá-la em casa. Quando VI foi liberado, foram dormir na casa dele. Segundo ele, essa cumplicidade ajudou a não querer dar o troco, a não querer cobrar. Nos relatos do grupo, a briga, a confusão, a facada e a fuga mostraram a lealdade de quem ficou junto e não fugiu naquela situação-limite; foi possível ver quem era realmente “fechado”. Naquele momento, era mais do que falar que se “fecha” com alguém, era mostrar isso na hora que precisava ser mostrado. Era colocar a vida em risco pelo amigo, mas também havia outra possibilidade: fugir.

Tempos depois, os jovens começam a dar indícios que havia um “talarico” no grupo, alguém em quem não se pode confiar, que trai a confiança dos amigos. A fala do NI, em uma entrevista individual, explica de forma clara o que representa ser “talarico” para eles. Inclui o valor construído de não aceitar a traição de um amigo. Quando surge, esse valor ocupa o lugar em que a união fica comprometida e o esfacelamento das relações de amizade entre eles acontece. Os laços de “cria”, que passaram a ser de “amigos fechados”, se modificam, caso algum participante do grupo descumpra as regras de convivência que incluem solidariedade, compromisso e fidelidade. Em uma entrevista individual, NI evidencia que:

NI: Aqui é a amizade. Até a amizade é diferente. A gente aprendeu a ser um pelo outro. A gente tem é o seguinte: é a “irmandade”. A gente já cresceu com isso na mente, a gente tem assim uma punição.

Eu: Como assim? Uma punição?

NI: Tem até uma frase que fala: ‘remédio de talarico é bala’. Pessoal gosta de falar isso assim, porque talarico é o cara que gosta de “pegar mulher” do outro.

A princípio não associam o jovem que, segundo eles, os traiu na briga no São Pedro, com a categoria que representa o “talarico” no morro. Mas me dizem que tem um jovem no grupo, que eu conheço, e que é “talarico”; paquerou a “mulher” de um deles no táxi. Em outros momentos, me relatam outras histórias de traição, segundo eles, realizadas pelo tal jovem do grupo, omitem o nome, mas insistem em me dizer que conheço. Ouço os relatos, sem fazer muitas perguntas sobre o fato.

Em meio às falas sobre o “talarico”, os jovens dão muitas risadas, contam histórias que colocam o jovem em situação de inferioridade. Um dia, eu estava conversando com eles na esquina de uma das ruas do bairro, próximo a casa do K, e eles se divertiam falando do jovem que consideram “talarico”. Diziam que o rapaz nem pode mais sair de casa agora, nem para comprar um pão, senão vai apanhar; tem que sair bem cedo, cinco da manhã, quando não teria

ninguém nas ruas. Nas palavras dos jovens, o poder do discurso e da fofoca vai mostrando a quebra da relação com o ex-amigo.

Por mais que o grupo se preocupe em manter as amizades, nem tudo é permitido; trair é uma das experiências que o grupo mostra não aceitar. Eles riem muito da situação vivida pelo rapaz agora. Riem mais do que falam, há união e prazer em compartilhar a história e os risos. As falas ficam confusas, abafadas pelas risadas. Há um diálogo reflexivo construído por Pais (1990, p. 635), a partir de Mary Douglas⁴², que vejo relacionado ao evento do qual participei com os rapazes e as desconstruções sobre o amigo que vi acontecer nas interações relatadas acima entre o grupo.

Douglas defende que, enquanto os ritos expressam ordem e harmonia, criando um senso de unidade, o humor e a diversão são por natureza desorganizativos, rebeldes, destruindo hierarquias e ordens. Assim se passa com a diversão nas arcadas, muito embora essa diversão também implique um **sentimento de unidade, uma comunhão do espírito** que acaba por ser ritualizada, justamente através da gargalhada (PAIS, 1990, p. 634, grifo do autor).

As risadas do grupo parecem ser algo mais naquele momento, elas me colocavam no lugar de desconhecimento de parte do que falavam, do que acontecia nessa interação entre eles, na esquina, e que separava quem ria de quem não ria pelo não entendimento quase completo dos fatos. Se eu quisesse participar eu teria que buscar dados sobre o que compartilhavam para que eu pudesse entender o sentido das risadas, essa era parte da graça do momento, me deixar de fora. Além de parecer ser engraçado o que conversavam, o fato poderia me fazer querer saber do que se tratava, buscar os detalhes, como eu sempre fazia com eles. Naquele evento eu não quis me envolver, não precisava conhecer os detalhes, o que eles me mostravam me interessavam mais do que a vontade que tinham de expor a mim o nome do ex-amigo. Mostravam a mudança das relações entre eles. O jovem de quem tratavam, que, inicialmente, participava desta pesquisa, se afastou, não era mais “chegado”, não era mais querido no grupo. Estava fora.

Eu também não queria estar de “um lado” da questão ocorrida entre eles, eu não faço parte das relações de “cria” ou de “fechados” que eles têm construído no bairro. Eu os respeito e cuido da ética em nossas relações, que são construídas por uma investigação. Às vezes, encontro os rapazes na rua em outros momentos, não estamos fechados em um laboratório, mas me preocupo para não ser influenciada pelas situações que vejo em campo;

⁴² DOUGLAS, Mary. **Implicit Meanings**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1975.

nossas relações principais são de investigadora e pesquisados. Difícil manter só isso, mas tento sempre controlar as situações inusitadas ou constrangedoras no campo, com clareza e objetividade.

Quase um ano depois da briga que envolveu os jovens no bairro São Pedro, um dos rapazes, em uma entrevista individual, quando conversávamos sobre as amizades entre eles, retoma o episódio da briga e me diz que uma coisa muito ruim aconteceu no grupo. Essa “coisa” tem um significado importante que ele insiste em relatar e refletir. Ele me diz que um dos rapazes que estava na casa de shows havia conseguido entrar em um táxi e deixou os outros para trás. Diz o nome do amigo que fugiu e que não perdoa. Percebi, pelo relato, que os indícios desfavoráveis que me apontavam anteriormente, sobre as paqueras de um jovem a mulheres dos amigos e os deboches que o grupo realizava na rua, aconteceram após a briga. O jovem considerado “talarico” era o mesmo que fugiu de táxi e passou a ser excluído pelo grupo. O jovem na entrevista diz que quem corre não é “homem”. Uma briga envolve, além da fidelidade entre os amigos, aspectos de “ser homem”, de ter que aguentar na “porrada”. Se o “moleque” foge não é “homem”, no sentido de ter um *ethos* masculino de força e de coragem em precisar aguentar, de fazer “coisa de homem”.

Se vamo corre, vamo corre, se vamo fica, vamo fica, tamo junto, vamo briga [...]. Tem coisa que é de homem, é da natureza, entende? Às vezes privilegiado e às vezes prejudicado [...]. É eu acho que isso é coisa masculina, instinto, a gente tem que mostrar a força, entende? Uma coisa mais feroz assim, mas é... como é que eu te falo?

Como na entrevista acima concedida por VI, há outros relatos nesse sentido, como se surgissem dificuldades em me explicar essa experiência de viver uma “coisa masculina”; talvez não se sintam à vontade por estarem falando isso a uma mulher. Tentam explicar essa força masculina que tem que surgir quando há alguma situação na qual ela precisa ser demonstrada; assim, me dizem que é algo do instinto. Outro jovem me disse em uma de nossas conversas que isso faz parte do reino animal, essa força que eles têm para enfrentar um grupo rival, por exemplo. As questões que envolvem a masculinidade, a virilidade e a força são valorizadas e praticadas no grupo, e serão vistas mais à frente, no capítulo em que trato dos acontecimentos nas rivalidades. Os amigos que fecharam com o VI no momento da briga no São Pedro ficaram juntos para tudo e para sempre, segundo eles. VI disse que não quis deixar a briga render, no sentido de vingança, teve medo que pegassem a mãe dele, outro familiar ou algum amigo.

O trecho abaixo, que faz parte da entrevista de K, mostra que há diferenças mais minuciosas ainda nesse “fechar” com alguém, a que me referi anteriormente. Trata-se das gradações, evidenciando que se pode ser ainda mais ou menos “fechado” com alguém de acordo com o que se faz nos momentos compartilhados.

Pô, eu fiquei com ele, pergunta a ele, quem que ficou com ele, se não é eu. O único que ficou fui eu. Os outro não abandonou, mas tava com aquele medo, porque os “muleque” tava com muita gente, nós era só quatro, pra nós era quatro. Eles eram muito. Então o quê que acontece, quando o “muleque” deu a facada nele, o único que teve a coragem de ir lá correr fui eu. Os “muleque” tava correndo e brigando, mas eu fui lá correndo, com o “muleque” com a faca em cima, com a faca. E ele falou: Pô, cê qué também? Aí ele deixou de dar mais facada em cima do Z pra vir pra cima de mim. Pô, tô nem aí, nós ia morrer junto. [...] Vem da amizade, eu sei que é uma coisa que ele faria por mim. Não tem jeito não, é uma troca, se é outro faz isso não, mas é uma troca, por que eu sei que ele faria isso por mim. A gente não pensa na dor.

Os jovens deste estudo estão envolvidos em uma dinâmica de interações constantes e diversas, que movimentam as relações de amizade entre eles, marcando posições que os rapazes ocupam com seus pares, onde o amigo “chegado” se não “fecha” com o outro passa a ser excluído de todo o grupo. Os lugares no grupo de jovens não estão garantidos, eles são construídos e significados, principalmente, pelo valor das relações de infância e de proximidade de moradia. Continuam sendo redefinidos e ressignificados com o passar do tempo e com as vivências que fazem parte de suas vidas. E podem, inclusive, por alguma situação, como a apresentada, de desagrado reconhecido e acordado entre os rapazes, serem perdidos. A fala a seguir, obtida em uma conversa com VI, se refere ao amigo que estava com o grupo e fugiu no momento da briga no bairro São Pedro: “Eu fui viajar nele, dei porrada, moleque bobo, vacilão. É vacilão, não é mais ‘fechado’ com o grupo, já foi muito ‘fechado’, tinha nosso espírito, mas não é mais igual a gente, ele tá fora, tá fora”.

Não é qualquer desagrado que pode incomodar e modificar as relações do grupo. Considero que esses jovens constroem relações estáveis, as excluídas são as que mexem de forma importante com essa estabilidade; com os valores que realmente importam ao grupo, considerados, vividos e que devem ser cumpridos por todos que querem fazer parte do grupo de amigos “fechados” do Mundo Novo. Valores, por exemplo, como fidelidade e união. O uso do termo “espírito” mostra como é algo mais do que aparentar ser “fechado”, é ter isso construído dentro de si, é ter o espírito para ser “fechado” com o outro. Como é algo do espírito, de dentro de você, não pode sair assim. A exclusão que aconteceu com o rapaz que

fugiu da briga foi a única que presenciei nestes dois anos que frequentei o bairro e incomodava o grupo, porque as falas sobre o fato eram recorrentes. Os jovens se sentiam abalados com o que ocorreu, diziam que o “moleque” era “cria”, “fechado” com eles e questionavam como ele pôde ter sido covarde e traidor. Em um trecho de uma entrevista individual com W ele mostra o tipo de relação que possuem.

No Mundo Novo desde pequenininho a gente é criado junto, eu aqui, os moleque, a gente forma até uma “irmandade” aqui. Aqui pra nós é o nosso lazer, aqui pra nós é todo mundo junto. Mas tá todo mundo, nós brinca, nós briga, nós apronta, nós joga bola, mas daqui a pouco tá todo mundo junto, um com outro.

Há afastamentos temporários entre os rapazes, que são práticas bem diferentes da traição relatada anteriormente que mexeu nos valores do grupo e querem preservar; mexeu nas afetividades entre eles, ocasionando o afastamento de um jovem considerado muito amigo. Na maior parte das vezes, as “zoeiras” são para o divertimento do grupo nos encontros nas ruas para as “resenhas”. Já assisti “zoeiras” ora mais, ora menos “pesadas” entre eles, no sentido de não serem tão leves como costumam ser. Essas fazem, algumas vezes, com que o “zoador” fique chateado de forma séria, sem considerar que seja apenas brincadeira. Pode até sair na briga, caso a “zoeira” continue, mas o objetivo da “zoeira” não é esse. Segundo o grupo, é brincar, é se divertir. É comum que a duração do afastamento pela “zoeira” não dure muito, daqui a pouco tudo volta ao normal. O rapaz que se afastou retorna aos encontros habituais e outras “zoeiras” voltam a acontecer. E o rapaz que ficou aborrecido já está em outro lugar, no lugar de plateia ou de “zoador”. Mas, por exemplo, a ocorrência e o reconhecimento de uma traição é algo de difícil aceitação. “Pegar a mulher” do amigo e fugir de uma briga são fatos mais sérios e coloca o “amigo” no lugar de “talarico”, alguém em quem não se pode mais confiar.

Entre os jovens há uma comunhão ritualizada de práticas juvenis que ocorre nos momentos juntos. Esses momentos acontecem por relações fluidas, sem ordens rígidas; são descompromissadas por não terem horário certo para acontecerem, nem acabar, onde há a “zoeira”, as “marmotas”, o humor, as risadas, a “marra”, os “brabos”, os vídeos, os pagodinhos nas ruas, os “furdunços” e os *funks*. Não posso dizer que essas experiências pareçam fugas a situações de exclusão, como uma confrontação com algo da vida que não os agrada, porque o que mais prevalece em minhas observações e reflexões são as experiências juvenis de se viver coisas divertidas, de se viver uma “alegria diferente”, como ouço nos áudios repetidas vezes em suas vozes.

É assunto recorrente dizer que muitos jovens, em diversas épocas, passam boa parte de seu tempo convivendo com seus pares. E que gostam de fazer isso. Nesta pesquisa, observo o valor dessa convivência em grupo para os jovens de maneira particular e significativa. Todos os investigados, sem exceção, relatam o prazer de estar com os amigos. Quando os jovens dizem que fazem uma “família” com o grupo de amigos, mostram o valor de estar entre seus pares e de vivenciar interações diárias e prazerosas. Os pesquisados mostram um contato intenso entre eles, principalmente no bairro em que vivem. A partir dessa convivência, realizam expressivas trocas simbólicas caracterizando afastamentos, ajustamentos e aproximações que se constroem por comportamentos, escolhas, estratégias e integrações. As vivências do grupo de jovens que participa deste estudo permitem que formem uma particular socialidade entre rapazes, por ela se apropriam e vivem o tempo e o espaço no bairro, e em espaços por onde circulam através de formas dinâmicas e mutáveis. Mutáveis porque o grupo gosta de criar e viver novas experiências junto com os amigos, como, por exemplo, na busca por saírem juntos a lugares em que não estiveram na cidade ou por inovarem juntos nas questões de estilo.

Nas interações entre os rapazes, observo a existência de cumplicidade, de solidariedade e de fidelidade. Esses jovens não são produtos de suas condições de vida, eles atuam nelas, existem seus modos de vida articulados ao dia a dia, mas não são formas que somente se repetem; os acontecimentos são cuidados. Se há a rotina, há também lugar para as aventuras e os imprevistos. Os modos de vida não são automatizados, a procura por estar junto é algo de que se cuida, algo em que se investe, se elabora, acontece por circunstâncias, investimento e criatividade.

3.5 Relações de “cria” na comunidade

Há um “clima” de encontros de rapazes no bairro Mundo Novo. Nesses momentos, parece haver mais rapazes que meninas por lá, pelo menos nos lugares onde estive durante esta pesquisa; sempre vi uma movimentação maior de rapazes e poucas meninas. Não posso precisar em números ou motivos, mas isso foi uma evidência clara e algumas vezes conversávamos sobre isso. Os rapazes costumavam brincar com esse fato, diziam que as meninas do bairro querem ter filhos cedo e, por isso, tem que ficar em casa. Vi em algumas casas, as irmãs ou primas dos rapazes que eu ia entrevistar, quase da mesma idade que eles, com filhos pequenos. Os rapazes me dizem que é mais fácil para eles ficarem soltos enquanto não têm filhos, e que se sentem mais livres do que as meninas. Os dados sobre as meninas que

apresentei quanto a querer ter filho cedo não são aqui naturalizados, são apresentados pela lógica dos rapazes. Não tive contatos próximos com elas. Só um dos jovens pesquisados, atualmente com 26 anos, vive com uma jovem e tem dois filhos, um de nove e outro de dois anos de idade; o jovem, constantemente, diz que mesmo casado procura não se afastar das relações com os amigos.

Assim, essa rapaziada, que se sente mais solta, gosta de ficar na esquina, no bar, e de frequentar as casas dos amigos, por exemplo. Poucas vezes encontrei os jovens sozinhos. Na maioria das vezes que eu os encontrava a sós era quando eu marcava previamente as entrevistas. Mesmo assim, algumas vezes quando eu chegava estavam acompanhados ou havia interrupções, porque costumava chegar um ou outro amigo. Eu parava as entrevistas, porque se o momento mudou, eu acompanhava a mudança; quando os amigos não ficavam muito tempo, retornava o assunto que discutíamos antes sozinhos. Às vezes não, virava uma conversa mais informal, com mais gente. Procurei participar do campo do jeito que ele me possibilitava. Eu não queria estar fora, queria estar lá, observando, ouvindo, perguntando e, quando possível, entrevistando. Fui aprendendo que uma entrevista não era o que eu tinha que conseguir sempre. Quando as coisas mudavam, ficávamos conversando, rindo, algumas vezes até me arrisquei a entrar nas “zoadas”. Quando estava com eles, era tratada de maneira informal sempre, do jeito que eles estavam, eu também estava, sem diferenças. Sentava-me na rua ou em latas de tintas vazias, com tampas de madeira em cima, na barbearia, mas só se sobrava alguma; não me privilegiavam.

Algumas vezes, as meninas iam chegando, abraçando um ou outro rapaz e participando de algumas conversas. Eram poucas, os rapazes costumavam dizer que tinha pouca menina no bairro. Na maior parte das vezes, eu via uma mesma menina que chegava para ficar perto do grupo. Ela me cumprimentava e ficava por ali. Os rapazes costumavam falar que ela estava maluca, que havia largado a escola e não fazia nada na vida. Ela ria, não estendia esse assunto, parecia não ligar para os comentários. Algumas vezes, quando estávamos conversando, e ela estava no grupo, passavam outros rapazes, que não eram do grupo pesquisado, mas eram conhecidos do lugar, e gritavam para mim: “Aí dona! leva ela pra escola”. Nos momentos em que estive com os rapazes, percebia que as relações de amizades com as meninas no bairro não eram tão privilegiadas quanto as que aconteciam entre os rapazes, ou faziam parte de outro contexto. Havia um tipo de relação de maior proximidade do grupo que existia entre eles, privilegiando a responsabilidade e o compromisso de um com o outro. O grupo pesquisado acredita na união da “molecada” do Mundo Novo.

Os rapazes pesquisados se reúnem com mais frequência em uma rua da parte um pouco mais baixa do bairro; lá fica cheio. Observo que, de repente, se reúne um número grande de rapazes. Nas entrevistas falo sobre isso com eles, não pergunto quantos são, mas digo que observo um número grande de rapazes no bairro. Mas eles se preocupam em me dizer quantos são; dizem que convivem com mais de 30 rapazes no bairro, e que esse número já foi maior. Alguns mudaram, outros se afastaram por estar na “correria”, e outros estão presos. Costumavam dizer que falta mulher no Mundo Novo, que tem muito homem no bairro. Observei que nesse contingente maior há jovens mais e menos próximos. No grupo pesquisado, antes da ruptura ocorrida com um dos rapazes após a briga no bairro São Pedro, todos se reconheciam como “crias” e amigos “fechados”.

Um dos rapazes me disse uma vez que eu tive muita sorte em fazer a pesquisa no bairro dele, que lá tem muitos rapazes “mandados”, ou seja, com estilo próprio, e que é um lugar diferente na cidade. Ouvir que tive sorte foi só uma vez. Mas que são muitos rapazes e que eles são “diferenciados” dos rapazes dos outros bairros ouvi muitas vezes. Passei a pensar nisso e em outras coisas a ver com essa evidência de serem muitos rapazes unidos e “diferenciados”. Um fato que se relaciona a essa circunstância são as reuniões numerosas, repentinas e frequentes no bairro. Parecia-me, no mínimo, estranho que tinha um ou dois rapazes na esquina e, de repente, havia muitos, “uma molecada boa”, como me dizem, e uso por acreditar ser esse o termo que faz sentido usar quanto ao que trato aqui. Em uma conversa na rua com os jovens, N fala o seguinte:

N: O que acontece, é igual você foi ali, a rua estava vazia, com cinco minutos juntou mais de 30 moleques.

Eu: É, juntou...

N: Chegou rápido, começou a chegar todo mundo rápido e do nada tinha uns 30 moleques trocando ideia. Daí dá dois minutinhos e todo mundo some... É assim, coisa de momento, rápido. Entendeu?

Segundo os rapazes, os encontros entre eles “acontecem” naturalmente, do “nada”. Insistem em me dizer que não há preparações para estarem juntos. A princípio achei o mesmo, que os encontros simplesmente “aconteciam”. Que eles são tão próximos que as combinações não seriam necessárias, ela aconteceriam. Durante boa parte da pesquisa, eu concordava com essa naturalidade, quase que automática de os encontros acontecerem. Os eventos continuavam e me incomodavam; parecia algo não tão simples. Refletindo com mais atenção, percebi, em alguns relatos, indícios de que as coisas não se davam tão naturalmente assim. Alguns rapazes me falam em hábitos e costumes construídos. Percebo que os encontros já

foram “combinados” antes; existem as relações de “cria”, que são formadas desde o nascimento e da infância, em um lugar de comunidade. Um morro, como os jovens gostam de dizer. Lá há costumes, como o de manter o convívio prazeroso dos encontros, e há os valores que cuidam de relações de lealdade e solidariedade entre eles. Nos relatos, vão aparecendo termos como os refletidos na entrevista abaixo de L que me levam a pensar dessa maneira.

É isso, exatamente, isso aí mesmo, acontece, como se já tivesse um hábito, tipo eu, já tenho esse costume. Eu almoço, depois dessa hora assim, depois do almoço eu saio. Aí vou na casa de um amigo, ou de outro, ou às vezes já tem um amigo conversando, vai chegando, vai juntando. Quando vê já todo mundo conversando. Tipo assim, quem tiver, a gente junta, não tem nada combinado aí. Todo mundo se dá bem.

O fenômeno dos encontros rápidos e numerosos entre os jovens tem a ver com os investimentos para estarem juntos, discutidos neste capítulo, e com relações construídas anteriormente que se configuram junto a esse cuidado e valorização para estarem juntos, como vistos antes. A prática desses encontros tem profundidade, tem a ver com as relações que se construíram por laços geracionais e de vizinhança. São relações fortalecidas por práticas diárias e cotidianas de sujeitos que vivem uma vida de comunidade e isso faz a diferença.

Os termos comunidade, morro e favela são usados pelos rapazes, contextualizam-se como experiência real em suas formas de vida. Tem a ver com a “alegria diferente” que dizem viver e buscar. Vejo que os jovens se reconhecem como sujeitos que fazem parte de uma vida coletiva no Mundo Novo. Onde compartilham costumes e valores de comunidade que são ressignificados pelos rapazes, por símbolos de pertencimento reconhecidos e vivenciados por eles. Vivem e andam “com coisa que é de morro”. Segundo N, em uma entrevista individual: “A gente foi criado junto desde cinco e seis anos, na rua, na base da pipa, do futebol, de ter que andar com coisa que é de morro”.

As relações que vemos entre os jovens do Mundo Novo construíram-se por relações de vizinhança; há poucas relações de parentesco entre eles. Dois rapazes do grupo são primos de 2º grau. Eles vivem relações próximas, desde a infância, uns dizem que já “nasceram” ali, outros foram para o bairro bem pequenos, em um convívio de criação que compartilham juntos. O grupo relata que são a 2ª geração do Mundo Novo. Dizem que os pais já moravam no bairro e conheciam os pais de seus amigos. Portanto, há muitas relações construídas antes mesmo de eles nascerem. As mães dos amigos são chamadas de tias. Há práticas que envolvem relações quase familiares na comunidade.

A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – identificação – que se estabelecem graças à proximidade, graças à coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos os elementos **práticos** se nos oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana (MAYOL, 2003, p. 40, grifo do autor).

Em algumas casas em que estive, as portas ficam abertas ou encostadas. Não vi preocupações em serem fechadas. Os rapazes têm intimidade quando chegam à casa de seus amigos, inclusive de mexer nas geladeiras e pegar água e comida. Há naturalidade em dizer que na sua casa não tem nada para comer e perguntar se na do outro tem. Não há estranheza ou vitimização nisso; um amigo pode buscar o que precisa com o outro, se ele tiver, é claro. Se não, tentam juntar algum dinheiro com outros para comprar um biscoito ou outra coisa que resolva de alguma forma a necessidade daquele momento. Não precisam pedir com qualquer nível de formalidade; são íntimos nas casas dos amigos e nas relações com os familiares deles. Eu dividia algumas vezes biscoitos que tinha na bolsa com eles e já paguei lanches que fizemos juntos. Não foram muitas vezes, nem me pediram fora de meus oferecimentos. Comigo, de início, havia um pouco de cerimônia, nada com exagero. Depois ficou mais natural.

As relações de infância valem muito. Se o jovem nasceu ou morou durante a infância, no morro do Mundo Novo, e compartilhou esse viver, tem um valor que, dentre outros, se traduz em proteção. Dizem com frequência que “quem é cria se protege”. Os rapazes mostram-se envolvidos nos sentimentos e práticas da infância. Contam sobre esse convívio desde criança nos jogos de futebol nas ruas do bairro e na formação do time para enfrentar os rivais de outros bairros. Falam das farras que faziam juntos quando “molequinhos” nas ruas e na escola, onde a maioria estudou e diz que mantinham as relações do bairro na escola, procuravam ficar juntos na instituição. Alguns dizem que no recreio os “moleques” do Mundo Novo estavam sempre juntos, que ninguém se metia com eles.

Há outros rapazes pobres que chegaram depois, não viveram essas relações de infância em comunidade. Nelas há regras e valores que fazem parte da convivência local. Ele é aceito, mas essa aceitação não é a mesma, é limitada. Ele não pode fazer “gracinha”. E não é exatamente “gracinha” que ele não pode fazer. Entendo que ele tem que saber que não viveu relações de infância no morro. A aceitação dele é válida enquanto não há alguma situação que precise de um posicionamento do grupo de, por exemplo, ter de escolher quem tem razão em um desacordo qualquer. K explica em uma entrevista individual como isso ocorre.

Pode ser aceito, mas fazer gracinha não. Fazer gracinha ele tá errado, entendeu? Mas ele pode estar certo, qualquer coisa pra ele sempre piora, entendeu? Quem foi criado junto se protege, entendeu? [...] A infância tem um peso legal.

Essa vivência de infância dos rapazes do Mundo Novo é criada e se consolida por relações de pertencimento em uma cultura que me dizem ser de morro, de favela ou de comunidade. De quem foi criado com práticas que envolvem estarem juntos na rua para soltar pipa, para tirar um som da batida de um balde para o samba e para o pagode, práticas que trazem o *funk* para as esquinas do bairro com o som nos radinhos e depois passam a ser ouvidos nos celulares. Esses e outros momentos mostram sujeitos que pertencem a um espaço físico contextualizado culturalmente, por ser fortemente significado pelos jovens. São inúmeras práticas que vão compondo uma vida compartilhada. Estar junto onde se tem a companhia do outro para realizar coisas que dão prazer, que se quer viver e dividir essas experiências com os amigos. São experiências que parecem “comuns”, mas possuem complexas configurações internas e simbólicas que os jovens sabem reconhecer. A comunidade como um lugar no qual se vivem práticas repletas de sentido e se configura como marca de pertença, preenchendo momentos, construindo relações. Um convívio junto a relações familiares e de vizinhança próximas, evidenciando momentos prazerosos e de proximidades como os que observei nos “furdunços”. Caracterizando formas de uso criativas desses espaços no bairro, que são articulados a uma vida de comunidade, com uma inteligibilidade que lhe é própria.

A partir de dados etnográficos, o estudo de Alves e Zaluar (2008), sobre por que poucos são os moradores que, mesmo sendo vítimas de crime e de perdas de pessoas próximas assassinadas, querem mudar da vizinhança, do bairro ou da cidade. As autoras questionam os motivos que os prende a esses locais e, dentre outros aspectos, discutem as fortes relações de vizinhança em comunidade criadas em regiões de tráfico e violência na cidade do Rio de Janeiro.

A noção de comunidade aparecia nos discursos de maneira muito clara e o pertencimento dicotômico era sempre tratado em termos do ‘nós’ versus os ‘outros’. Os outros podiam ser os desconhecidos ou os que não cresceram no bairro; são os que não conhecem os costumes e os valores locais (ZALUAR; ALVES, 2008, p. 03). Esse “pertencimento dicotômico”, de que nos falam as pesquisadoras, surge, neste estudo,

mostrando quem é de fora. E me faz pensar nas diferenças ou fronteiras existentes entre os sujeitos que vivem nesses espaços de construções significativas e identitárias.

Há os “outros” que, como os pesquisados, também moram no morro do Mundo Novo, mas não fazem parte da “molecada”. Alguns jovens foram morar lá mais tarde, sem que tivessem convívio anterior prolongado, outros são considerados jovens mais elitizados que moram no bairro e não tiveram relações próximas ao grupo. Há ainda os “playboys” que sobem para comprar drogas. Vejo relações distantes dos jovens pesquisados com esses sujeitos que não fazem parte de suas relações de comunidade desde a infância. Os de fora não reconhecem os símbolos construídos no morro do Mundo Novo. Não podem se apropriar de forma contextualizada. E obviamente não são reconhecidos como “crias”, mesmo que se envolvam em algumas práticas da comunidade como as exemplificadas anteriormente.

Os pesquisados dizem que não querem morar em outro lugar. No morro, têm seus laços de parentesco, vizinhança e amizade. Dizem que ali é o melhor lugar para estar, que querem ficar entre os que lhes são próximos e entre os que confiam. Um dos jovens diz que não pode mudar nunca do bairro, porque ali conhece todo mundo, sabe tudo o que se passa. Em nossas conversas, os jovens refletem sobre quem está sempre junto, sobre quem saiu e continua considerado ainda como de dentro, como alguém que faz parte do lugar e do que ele representa. Os jovens querem falar sobre o tipo de relação que se constrói entre eles. Observo haver uma vontade em manter a permanência dos amigos que estão atualmente mais afastados do grupo. Por exemplo, há os amigos considerados “crias” e “fechados” que estão presos e são constantemente trazidos para nossas conversas.

Nos relatos em que trazem falas sobre os amigos ausentes, os jovens mostram uma tendência em ressaltar que não há brechas no grupo com quem estão juntos desde pequenos. Essas relações fazem com que o “desgarrado”, como dizem, continue junto, mesmo que já tenha se mudado ou esteja preso. Falam de quem mudou do bairro, mas continua fazendo parte das relações de amizade com eles, que o “moleque” pode ficar “agarrado” de novo, porque mantém “seu respeito” ali. Ter o “seu respeito” é um dos termos usados no morro, mostrando o lugar que foi conquistado e é preservado. De acordo com K, em uma conversa na rua: “VI mudou, mas ele continua, porque ele é cria daqui também. Ele roda mesmo, mas ele tem o seu respeito aqui. Aqui é todo mundo unido”.

Um dos rapazes, o MA, eu não conheço pessoalmente, mas pelas informações que os rapazes trazem dele, é muito considerado pelo grupo, como “cria” dali. Alguns jovens mais novos dizem que se espelhavam no comportamento dele no bairro. Não o conheci porque ele estava preso no início desta pesquisa, saiu no segundo semestre de 2015, passou quatro dias

em casa, no bairro, e voltou ao presídio. No dia seguinte ao retorno do MA à prisão, estive no Mundo Novo e os pesquisados lamentavam o nosso desencontro e me dizem que por pouco eu não conheci o MA. Contam das farras que ele fez nos quatro dias que estive em casa, referindo-se às mulheres que “pegou” nesse período. Ele é admirado pelo talento que tem em conseguir muitas mulheres, por ter sido um habilidoso jogador de futebol, segundo eles, quase profissional, e que ele poderia ser um cara famoso por esse motivo.

O MA é citado pelos rapazes como alguém que eu iria gostar de conhecer. Os rapazes me dizem que ele faz parte do grupo, que é “fechado”, mesmo estando afastado deles, que a gente pode se divertir com ele, porque é bom “zoador”. Um dos rapazes me sugere ir ao presídio conhecê-lo, dizem que eu iria gostar e que ele iria gostar de dar entrevistas, de participar da pesquisa e do tipo de assunto que eu discuto com eles. Senti vontade de seguir a sugestão, mas não me senti confortável em procurar o MA fora do Mundo Novo. Vi também que os dados que tinha eram suficientes para o meu objetivo na pesquisa e que o MA, mesmo não tendo sido entrevistado, participa desta investigação pelas falas dos amigos e pelo lugar permanente de “cria” entre eles. Atualmente, na casa do MA mora o K e a irmã do MA, também jovem.

De acordo com N: “Quem é da comunidade aprendeu a se ‘virar’ junto, desde cedo, é a amizade. Até a amizade é diferente, a gente aprendeu a ser um pelo outro, e já nasce predestinado a três coisas: ao samba, ao futebol e ao *funk*”. O pertencimento que os jovens mostram em suas falas por essas experiências de infância e vizinhança compartilhadas é vinculado a relações de comunidade, envolve laços de confiança, fidelidade e lealdade. Fazem parte de um tipo particular de envolvimento, por acreditarem em uma origem e crescimento com similaridades e solidariedades que os unem.

Os jovens se veem fazendo parte de um grupo de amigos com escolhas, valores e crenças próximas. Essa vivência de pertencimento juvenil articula-se a práticas culturais, espaciais e sociais desses sujeitos. A vida cotidiana no bairro Mundo Novo, reconhecida pelos pesquisados como um lugar de periferia, está ligada ao espaço e aos sentidos sociais que foram contextualizados nele. “O bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de pertença indelével, na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública” (MAYOL, 1996, p. 44).

Há símbolos de pertença entre os rapazes, mostrando que quem é “cria” na comunidade se reconhece. Há um jeito de ser assim pelos valores e experiências que fazem sentido para eles. Durante a pesquisa, os jovens me pediam que conversasse com o Seu Benício, avô de um dos pesquisados e um senhor que completou 79 anos, durante minha

estada no campo. Segundo eles, alguém que conhece a história da comunidade do Mundo Novo, a origem do bairro, sua relação com o samba, alguém importante no bairro, no sentido de conhecer a história e cultura do lugar. Estive com o Seu Benício diversas vezes no Mundo Novo, ouvi a história do bairro, gravei diversos relatos dele, que me auxiliaram no primeiro capítulo, ao apresentar o campo. Espero usar esse material em outros trabalhos após esta tese.

Conforme Magnani (1999, 2002, 2003, 2012), existe uma rede de relações construída que coloca os sujeitos no “pedaço”, e quem não tem essas vivências compartilhadas está fora dele. Essa categoria analítica traz uma série de significantes que associa os lugares às experiências e aos sujeitos. Portanto, o “pedaço” tem uma importante configuração espacial, melhor dizendo, as práticas cotidianas acontecem em um lugar específico, além disso, esse espaço tem que fazer sentido para os sujeitos.

Para fazer parte do “pedaço”, não basta passar por ele, tem que estar incluído, reconhecer e ser reconhecido; participar de socialidades particulares, como no futebol entre os amigos, na ida aos bailes, nos treinos do passinho, nas “marmotas”, dentre outras vivências compartilhadas que analisarei no decorrer deste estudo. A partir dessas construções legitimadas, há um reconhecimento espontâneo no “pedaço”. Essa categoria analítica se refere ao reconhecimento das experiências que os sujeitos dividem cotidianamente e dos símbolos que podem estar nas falas que possuem códigos reconhecíveis entre o grupo ou no balanço do corpo pelas ruas, nos tipos de músicas preferidas, nas roupas, dentre outras vivências e elementos que, neste objeto de pesquisa, participam de uma lógica que inclui o uso e a apropriação específica de um lugar – o morro do Mundo Novo – e dele fazem parte relações espaciais e simbólicas.

3.6 Mundos diferentes no mundo da comunidade

Outros reconhecimentos, não diretamente vividos dentro do grupo de rapazes pesquisado, mas que fazem parte de suas relações cotidianas e são vistos quando falam, por exemplo, de suas relações com os jovens que frequentam o morro e que eles reconhecem como os “de fora” e são chamados por eles de “mauricinhos” ou de “playboys”. De forma simplificada, digo que são os jovens de classes mais privilegiadas. Os “mauricinhos” não frequentam o morro, têm relações mais distantes que os “playboys”. Estes convivem e mobilizam reflexões do grupo pesquisado, variando de acordo com a “atitude” que o “playboy” pode ter em suas relações com eles. Mais à frente, voltarei a essas importantes categorias surgidas em campo e às reflexões que surgem por suas proximidades com o grupo

pesquisado. Reflexões que tratarão de questões de preconceito, de estilos de vida, de roupas preferidas, de desigualdades econômicas e sociais, e de violências.

Em uma entrevista, pergunto sobre a categoria dos “playboys” a um dos jovens (digo que tenho percebido o termo ser discutido entre eles de maneira diversa), mostrando que não tem uma única definição, diferente do que acontece com o “mauricinho”. Esse, segundo eles, é o jovem que tem dinheiro e fica mais afastado, não costuma subir o morro em busca de amizades ou drogas, fica no próprio bairro elitizado, entre os seus. A similaridade entre “playboys” e “mauricinhos” é pelo fato de ambos serem jovens bem nascidos, terem cabelo liso, comprarem o que querem e terem carrão, como dizem. Assim, tento conhecer melhor o “playboy” e suas nuances definidoras, por ouvir falas sobre eles, por ele ser alguém que interage mais cotidianamente com os jovens pesquisados, para além das representações construídas, participando de suas vidas.

Eu: O que seria então o “playboy”... Existe uma diferença entre o “playboy”, aquele “playboy” que é de dentro e aquele “playboy” que é de fora?

R: O “playboy” de dentro é aquele “playboy” que mora aqui ou o “playboy” que conhece a gente desde pequeno e anda com a gente. É o que tem muito aqui, entendeu?

Eu: Como é o “playboy” de dentro? Eu vejo questões de estilo do “playboy”. Ele tem uma roupa específica ou um jeito específico?

R: Não. É a questão financeira. Tipo assim, tem mais condições que a gente, entendeu? É igual a gente, é “playboy” só pela condição financeira. É amigo da gente, coisa e tal... É o “playboy” de dentro. Entendeu?

Eu: Ah, entendi. E o que é o “playboy” de fora?

R: O “playboy” de fora é o que normalmente vem para usar droga ou vê o nosso estilo de vida, acha que é maneiro para caramba, gosta e quer entrar nesse meio, entendeu? Força a barra... Às vezes começa a trocar ideia com a gente, entendeu? E tem os que não gostam.

Eu: Esse que quer se identificar, como é que você acha que ele procura se identificar? Como você observa? Ele tenta colocar uma roupa parecida ou ele quer o jeito de falar?

R: De começo ele quer andar igual a gente. Quer andar com a gente, entendeu? Quer andar com a gente de cima para baixo, entendeu? Fazer as coisas que a gente faz, porque acha maneiro... Depois vai se adaptando. Tipo assim, a roupa que a gente compra, vai querer comprar roupa igual a gente, o corte de cabelo também, entendeu? Quer mudar o corte igual a gente. Você lembra do cara (não diz o nome)? Ele era “playboyzão”, de repente ficou “funkeirão”. É, ficou “funkeirão”.

Eu: Como assim? Como é essa mudança?

R: Ficou doidão.

(risos)

Eu: Mas o jeito é diferente? Por exemplo, porque ele, o de fora, não é nascido aqui. Mesmo que ele tenha querido ser... (sou interrompida)

R: É diferente. É diferente. Até em coisa de atitude, também é diferente. Até o jeito de falar é diferente. Tudo é diferente. E em relação também, sabe? Das coisas. Saber lidar com a situação, saber lidar com certas coisas...

Eu: Porque não viveu as coisas, né?

R: É. Ele não viveu. E não tem como, ele não tem culpa de nada. Ele não entende às vezes, entendeu?

Eu: Tinha o “playboy” de dentro, tinha o “playboy” de fora e tinha um outro “playboy” que vocês tinham falado.

R: É o “playboy” que não gosta de ser igual a gente, é. É...

Eu: Ah...

R: Só quer a droga. Tipo assim, ele é “playboy”... Não quer ser igual. É. Ele gosta do estilo dele de vida, entendeu? Se sente por cima da gente, mas ele gosta de droga para caramba.

Eu: Se sente por cima?

R: É.

Eu: É o cara que quer ser “playboy”.

R: Gosta de ser “playboy”, entendeu? É o “playboy” assumido. É, assumido.

Eu: E dá para ter um relacionamento com esse cara ou não?

R: Não.

Eu: Ele fica fora, né?

R: O ZO é um de dentro. Ah, mas o ZO foi... É o “playboy” que convive no meio da gente. É isso.

Eu: É o que convive no meio?

R: Ele só é “playboy” porque tem que ser mesmo. Porque a família tem dinheiro. É, porque a família tem dinheiro. Mas de resto ele é igual a gente.

Eu: “Playboy” pode ou não estar envolvido com drogas?

R: Pode. Pode ou não. Não tem muita diferença assim, de lidar, de falar, é pouquinha diferença.

Eu: Mas agora, o cara que vem, querendo se identificar, que ele anda no morro, que ele é “playboy”, ele vem para querer participar do grupo? Ele vem por causa da droga? Ou ele vem para estar com o grupo?

R: Pode ser os dois. Ah, pode ser os dois. Às vezes a pessoa quer droga ou às vezes é um “playboy” que quer ficar junto com a gente só. É. Às vezes pode ser os dois. Às vezes a pessoa vem porque se identifica com a gente...

Eu: A música teria alguma relação com essa identificação?

R: É. Às vezes gosta da gente, às vezes vira amigo de uma pessoa e acaba entrando no nosso mundo e tal. Às vezes a pessoa só se identifica com a gente e não usa droga, às vezes a pessoa só usa droga, entendeu? Ou às vezes a pessoa usa droga e se identifica com a gente.

Eu: Você disse: “Entrando no nosso mundo.” Por quê? Tem mundos diferentes?

R: O nosso mundo é esse. É diferente. É. É diferente. Compara uma festa daqui com uma festa de lá... É. É diferente. É diferente. Igual assim, a gente tem muito amigo “playboy”, “playboy” mesmo, entendeu? É gente boa e tudo, mas é “playboy”, entendeu? É outro mundo, é outra coisa.

Eu: Como é que é? Porque você acha que é outro mundo? Como é que é? É um mundo de grana? É isso que você está falando?

R: É.

Eu: Diferença social, de dinheiro?

R: É. Exatamente, diferença de dinheiro. É muito diferente. A gente vai dar uma festa, fazer uma festa pequena, bem menor que a deles lá, mas aqui a curtição é maior. É, bem maior. É, aqui a curtição é mais pesada. É exatamente isso, “véio”, a gente às vezes, com menos coisas, se diverte muito mais do que eles. Entendeu?

Eu: O que é uma festa mais pesada? É mais legal, é isso? A deles seria diferente?

R: É. É mais maneira. Mais pesada para mim é mais maneira.

Eu: A festa de lá não é legal?

R: É legal. Mas não é como as nossas festas. É mais liberal aqui, né? É. Mais liberal. Pode fazer o que quiser. É. Rola de tudo rola de tudo. Lá não. Lá é mais...

Eu: O quê? É mais formal?

R: É. Aqui é mais sem regras.

(risos) É outra coisa. É outro mundo.

Nas observações no bairro, percebi que as conversas sobre o “playboy” variavam, tornando a categoria múltipla. Não falavam da existência de só um tipo de “playboy”; ele não fazia parte de uma categoria única, nem visto de uma única maneira. Evidências que traziam aos pesquisados reflexões quanto à existência de “mundos diferentes”, a partir das práticas que os “playboys” e a “molecada” do Mundo Novo realizam.

A diferença econômica é apontada pelos jovens como o principal aspecto definidor para marcar as diferenças entre eles. O dado comum a todos os tipos de “playboys” é o fato de fazerem parte das camadas mais privilegiadas da população. Os “playboys” de dentro são os jovens que moram no bairro desde pequenos, mas têm outra condição de vida, tem alguns contatos com o grupo, mas são “playboys”. Vivem outras experiências, não fazem parte das relações próximas de amizade que o grupo mantém. Algumas vezes me apontavam na rua os “playboys” do bairro, passando de carro ou os cumprimentando. Momentos em que os rapazes diziam que eles são amigos, mas é diferente. Durante o tempo que estive no bairro não observei experiências próximas entre eles. Não vi esses jovens entre os rapazes, no período que estive em campo, vi comentários sobre eles. Os rapazes dizem que já foram na casa de “playboys” que moram no morro; eles têm casas melhores, comem a comida toda “separadinha”, a mãe chama toda hora se eles estão na rua com eles, que têm videogames e computadores em casa, por exemplo. São os “playboys” de dentro, que eles conhecem por proximidade de moradia.

Há os “playboys” de fora que gostam do jeito da rapaziada do morro e querem andar com eles, querem participar de suas experiências, fazer as coisas que eles fazem. Mas o jeito do “playboy” é outro, o que faz com que essas diferenças sejam para os pesquisados motivos de “zoação”. Os rapazes costumam achar engraçado quando os “playboys” querem imitá-los, quando querem ficar parecidos com o jeito dos rapazes do morro. E passam a usar as roupas e os cabelos como os deles. Os pesquisados dizem que fica estranho por que eles não têm o mesmo jeito de falar e a mesma atitude. Fazem reflexões que envolvem questões sociais e culturais, como o fato de os “playboys” não terem culpa, porque o afastamento visto é questão de “condição”.

Mesmo antes de investigar mais especificamente o “playboy”, eu já havia obtido diversos relatos dos jovens nos grupos focais e nas entrevistas falando deles. O trecho que escolhi e apresentei anteriormente trata de detalhes das importantes relações entre os pesquisados e das diversas considerações que costumam realizar sobre os “playboys”, suas formas de vida pela convivência que o grupo tem com eles. Essas experiências constroem entendimentos significativos.

As relações que os pesquisados têm com os “playboys” estão hierarquicamente constituídas, são demarcadas de antemão pelas diferentes posições econômicas e sociais existentes entre eles. Existem análises do grupo com o reconhecimento do lugar social diferente em que estão em relação aos “playboys” que, como diz o jovem no trecho citado, é outro mundo. O dado sobre a festa no morro era recorrente. Ouvi diversas vezes falarem sobre as festas deles e as dos “playboys” como marca dessa diferença, onde, segundo o grupo, o divertimento no morro é mais livre e mais maneiro.

Há os “playboys” de fora que gostam de subir o morro pela droga ou pelo estilo de vida dos rapazes, que lhes agrada. Nesse caso, buscam proximidade por imitação ou admiração a um estilo de vida, segundo os pesquisados. Dizem que mesmo que esse “playboy” queira ficar parecido com eles, “ser um deles”, fica diferente, porque não conhece as práticas de quem vive no morro. O estilo faz parte das vivências, é mais do que roupas ou cabelos; é um jeito de ser que eles não têm, nasceram do “outro lado”, não têm culpa disso e não dá para fazer sentido para eles do mesmo jeito de quem nasceu na comunidade. Ainda segundo os rapazes, ser “playboy” e querer estar próximo da rapaziada pode ou não estar associado ao consumo de drogas. O rapaz pode ser “playboy” e se aproximar dos rapazes do morro por achar bacana ou maneiro o jeito deles. Há ainda os “playboys” que não querem interagir por proximidades, sobem ao morro pelos envolvimento com a droga e querem se manter distanciados de outras relações.

Pode haver mudanças nessa categoria, que é quando o playboy passa a ser “funkeirão” ou “tchum-tchá”. Segundo o grupo, é quando a relação com a droga passa a ter uma maior importância em sua vida e estilo. Quando o “playboy” passa a se mostrar mais envolvido com o uso de drogas, o estilo começa a mudar; usa roupas mais chamativas, podendo se envolver em atividades ilícitas. Não é só o “playboy” que pode passar a ser assim, um dos jovens do grupo, e que se identificou como “funkeirão”, me explicou que é alguém que usa drogas com mais frequência, curte muito *funk* pesado e tem um estilo de roupas característico de “tchum-tchá”, que é quando ele escolhe roupas, tatuagens e adereços mais chamativos. A categoria

será vista de maneira mais aprofundada no capítulo seguinte, quando tratarei das questões de estilos.

O playboy pode virar “tchum-tchá”, mas ele continua sendo “playboy”, ou melhor, “playboyzão”, como dizem quando o “playboy” passa a ser “tchum-tchá”. O “moleque” do morro também pode vir a ser “tchum-tchá”, como vi acontecer. Mas há diferenças que se mantêm, evidenciando que existem realidades simbólicas de acordo com as vivências sociais, econômicas e culturais que “playboys” e “moleques” experimentam. No morro, vejo que elas, algumas vezes, se tocam.

4 CAPÍTULO 3 – ACONTECIMENTOS NOS ESTILOS

4.1 O jeito de ser da “rapaziada” do Mundo Novo

Uma vez, logo no início da minha entrada em campo, quando fui encontrar o VI, na porta da igreja, ele estava tão arrumado e tão perfumado que não me contive e perguntei se ele ia sair. Disse que poderia me dizer e, caso preferisse, poderíamos marcar de nos encontrar em outro dia. Ele estranhou a minha fala, achou engraçada, me disse que tinha vindo para me encontrar, que estava tudo “tranquilo” e não ia a outro lugar. Da porta da igreja, fomos para casa dele conversar. Naquele momento que nos encontramos e eu me surpreendi com a sua aparência, ele repetiu o termo “tranquilo” algumas vezes. Seu uso não é simples como pode parecer agora, quando escrevo.

“Tranquilo” era muito usado pelos jovens, em vários contextos, como, por exemplo, como uma pausa reflexiva maior antes da resposta nas entrevistas realizadas; foi possível perceber o termo nessa sua forma pausada. Na maioria das vezes, não é uma aceitação passiva de algo; é o tempo anterior e necessário para a resposta, ou para o silêncio. Quando eu fazia alguma pergunta pela qual não se interessavam em responder, o riso e o “tranquilo” preenchiam o vazio. “Tranquilo” foi usado, com recorrência, nos relatos dos jovens sobre outros acontecimentos, como em momentos difíceis em uma briga e outras situações de risco, como enfrentar fisicamente um grupo armado. Casos em que o termo “tranquilo” era usado, antes da explicação da estratégia a ser utilizada, e essa, normalmente, era de enfrentamento. Nas minhas reflexões, não seria algo “tranquilo”, por se tratarem de situações limite, com possibilidade de morte. Ao tratar dos acontecimentos nas rivalidades, no capítulo seguinte, incluo, dentre outras questões, as socialidades que se relacionam a esses “enfrentamentos”.

O uso do termo “tranquilo”, em sua forma maleável ou elástica de apropriação de sentido e de uso habitual nas interações do grupo, mostra sua articulação com essas evidências e, além disso, a um jeito de ser da rapaziada. Reflito sobre os estilos de que trato neste capítulo, com a abrangência que essas questões me possibilitam. “Tranquilo” traz as experiências que não podem ser imediatamente definidas por um dos sujeitos ou pelo grupo, quando aparece algo que precisa ser pensado e revisto. Acredito que o sentido usado seja entre a experiência do inesperado e do que vai ser a resposta a ela, ou seja, como a nova experiência a ser devolvida na interação. Percebi que o uso e o sentido do termo pontuavam algumas questões entre nós, mostrando que as coisas são assim, do jeito que acontecem ou como o grupo vive ou prefere viver.

No evento com o VI, ele me mostrava que era uma escolha própria. Eu não falei claramente que estranhei sua aparência tão cuidada e perfumada, mas ele havia entendido minha surpresa e, ao me dizer “tranquilo”, encerrava minhas dúvidas. Era como se eu ouvisse do VI: acalme-se, é assim que gosto de estar, é uma escolha minha, é o meu estilo. Seu modo de vida não é o meu. O termo, ao longo da tese, me levou a diversas reflexões, mediou entendimentos sobre nossos diferentes modos de vida, como nesse encontro, quando me fez pensar que era uma experiência particular minha, não dele, o fato de eu achar que o investimento na arrumação era exagerado para me encontrar na porta da igreja. É disso que trato aqui: dos acontecimentos nos estilos da rapaziada do Mundo Novo como um modo de vida.

“O cara que nasce no morro, ele já tem os seus estilos”. Foi o que me disse N; eu via quando marcava ou, mesmo depois, quando aprendi que podia ir ao morro no Mundo Novo para encontrar os jovens, sem me preocupar com tantas marcações e confirmações prévias. Eram momentos nos quais eu observava que os jovens estavam sempre bem arrumados ou “trajados”, como preferem dizer. Isso significa, por exemplo, estar com os cabelos “afiados”, usar brincos, cordões, óculos espelhados, bonés, roupas, tênis e chinelos de marcas de grifes. Quando eu estava com os rapazes, essa forma de se apresentarem, constantemente me impressionava, porque eu pensava que talvez eles tivessem algum compromisso e, nesse caso, eu os estaria atrapalhando. Eu não queria ser inconveniente por chegar na hora “errada” para conversar ou entrevistá-los. Depois percebi que as saídas dos jovens não tinham relação direta com as roupas que eles usavam; e quando não podiam estar comigo, porque tinham ou aparecia, de repente, outro compromisso, me avisavam. Sem nenhum constrangimento entre nós, eu me despedia e retornava depois.

A representação que eu criei e associava os jovens ao fato de estarem arrumados para sair, ir para um compromisso, era uma reflexão minha e descontextualizada, a partir do que via, de forma rasa. Estarem arrumados e eu estar com eles eram situações recorrentes que me traziam questionamentos, me provocavam a voltar aos dados no material de campo e procurar entender com mais aprofundamento o que acontecia. Percebi que se relacionavam com a construção da “marra” discutida no capítulo anterior, a “ostentação” tão comum entre os rapazes, além de mostrar um padrão de cumplicidade e estabilidade nas relações do grupo. Aprofundar essas vivências teve importância e desdobramentos nesta investigação. Passei a olhar os cuidados com a aparência, que tanto me chamavam a atenção como dados significativos, tornando-os reflexões que me oportunizaram dialogar com o material conseguido em campo.

As relações que os jovens tinham comigo nunca foram formais. Mesmo assim, se tornaram mais naturais; iam acontecendo, do jeito deles. Eu entendi isso depois de algum tempo e muitas idas ao Mundo Novo, quando conheci mais de perto suas rotinas e vi que elas não eram planejadas; então passei a interagir de outra maneira. Passei a me encaixar a um tempo cotidiano que os jovens viviam e me permitiam participar, abriam espaços para mim e meus questionamentos. Esse tempo também era aberto a novos acontecimentos, que podiam mudar os planos deles. E, obviamente, os meus. Por isso, estarem arrumados me preocupava, eu pensava que teria que retornar sem dados. Às vezes, quando eu estava em campo, observando suas rotinas e conversando nas ruas do bairro, sem fazer entrevistas, eu saía de lá achando que havia perdido tempo, que precisaria começar tudo de novo para me aproximar e obter dados “realmente relevantes”. Traçava planos, enviava, novamente, mensagens pelo *Facebook* ou *Whatsapp* e remarcaava as entrevistas, por exemplo. Depois percebi que eu não perdia tempo, eu vivia coisas que não haviam sido planejadas e isso fazia surgirem outros dados, possibilitando outras compreensões. Como vê-los arrumados, sem que fossem sair de casa ou das proximidades do bairro.

No capítulo anterior discuti situações próximas ao que reflito aqui, sobre os encontros entre eles que eu via acontecer e lotar, de repente, as esquinas do Mundo Novo. Práticas que envolvem, dentre outros aspectos já discutidos, a informalidade e o prazer nos encontros, conquistadas por vínculos construídos: chega um, chega outro, vai “brotando moleque”, como dito nos termos dos rapazes. Comigo também era assim, sem combinações, mesmo tendo meus vínculos mais frágeis. Percebi que eles não se modificavam para me receber, mantinham o estilo de ser que fazia parte de suas rotinas. Acredito que eu tenha demorado e sofrido um pouco para perceber isso. Muitas vezes, eu pensava e tentava organizar horários para estarmos juntos, tive muitas preocupações⁴³ e desencontros com isso. Depois vi que quando me diziam, principalmente, pelas redes sociais, para eu “brotar” no morro, era para aparecer quando eu quisesse e, se coincidissem de eles estarem dispostos ou disponíveis, eu poderia entrevistá-los, conversar mais informalmente, ou só chegar e perceber que naquele dia não daria para realizar nada muito sistemático e, de acordo com a realidade da pesquisa, teria que voltar em outra oportunidade.

Eu já havia observado que a rapaziada do Mundo Novo tinha estilo próprio e isso envolvia um jeito de ser e um modo de vida, construídos individualmente e com o grupo de pares: uma evidência relacionada às vivências juvenis mais abrangentes e complexas do que o

⁴³ Conforme assunto tratado no capítulo I desta tese.

fato de estarem sempre bem arrumados. Essa evidência e reflexão quanto ao estilo ocorre a partir de uma dinâmica de significativas construções e reconstruções que os jovens realizam cotidianamente e se particularizam na categoria estudada por estarem, a meu ver, articuladas às práticas culturais que envolvem questões de gênero, faixa etária, etnia e sexualidade do grupo. Tais elementos vistos nos acontecimentos diversos e sucessivos em que os jovens se envolvem.

A convivência com os rapazes no bairro em que moram me fazia perceber que ter um estilo cuidado e diferenciado era algo muito valoroso para eles. Cuidar do visual apresentava singularidades nesta realidade juvenil, como morar no morro e ser um jovem pobre e negro, por exemplo. Isso envolvia um estilo a ser escolhido, cuidadosamente construído, visibilizado e valorizado pelos rapazes. Passei a buscar, nas minhas observações, entrevistas e conversas informais, dados sobre esse acontecimento que via importar a eles e a mim. A prática de cuidar da imagem se mostrava presente nas interações cotidianas dos jovens, com as diferenças que os momentos apresentavam. Sem, no entanto, ser desconsiderada. Por exemplo, há os encontros ou as práticas mais habituais ou cotidianas, como ir à casa dos amigos, estar com eles nas ruas do morro ou nas idas ao trabalho ou à escola, por exemplo. Há as saídas mais programadas para os bailes *funks* e os pagodes, para os envolvimento afetivos, para as fotos nas redes sociais e as filmagens dos vídeos de danças. Diferenças que fazem com que a roupa de trabalho seja a roupa de marca que já foi mais usada, que já frequentou eventos menos rotineiros, como as saídas com as meninas ou as idas aos bailes. A roupa vai “baixando”, perdendo seu *status* de nova, passando a ser usada para ficar pelo bairro ou para ir trabalhar. Isso faz com que as marcas estejam em todos os lugares por onde os jovens andam. “Aí ela já vai ‘baixando’, já vou colocar para ir para a aula. Aí vai fazendo assim”, segundo um dos jovens que me diz que só anda de roupa de marca.

Um dos rapazes, de 26 anos, casado e o mais velho do grupo que participou da pesquisa, me diz que tem muito medo de “cair” no reconhecimento e no lugar prestigiado que conquistou entre os amigos. Quer continuar sendo o cara que se cuida. Disse-me que é “vaidoso”, não tem jeito de ser de outra forma, tem inúmeras preocupações com a aparência e, por ser “coroinha”, toma remédio para calvície. Percebeu o problema no pai e está se prevenindo. Essa preocupação é vivida por outro jovem do grupo, nove anos mais jovem que o rapaz que se considera “coroinha”, que também faz uso do remédio. Essa vivência mostra que o lugar da aparência não se resume ou se vincula ao fato de ter mais idade, mas tem importância quanto a não perder a fama conquistada e, neste caso, não perder com o passar

dos anos a representação de “pinta” que o grupo tem do jovem. O termo “pinta” se refere a ter boa aparência.

A afirmação de que não gostam de sair com quem anda descuidado é algo que se repete nas falas dos rapazes. Costumam dizer que os rapazes que não se cuidam, nem iriam querer andar com eles; já saberiam que essa diferença marcaria uma fronteira entre eles. Os rapazes estão incluídos no grupo pelo estilo em que investem, visibilizam e compartilham. Acredito que isso tenha sido apenas uma reflexão hipotética em resposta as minhas perguntas, pois não vi no grupo nenhum jovem com aparência descuidada e que não se preocupasse em manter o estilo produzido e valorizado entre eles. Existe um padrão que o grupo gosta de estar, exceto pelas categorias do “tchum-tchá” e do “divo”, que fogem ao consenso dos pesquisados. Uma vez, vi outra discordância quanto ao estilo entre eles, com relação à prática completa da depilação de seus corpos. Apresento esse acontecimento mais a frente neste capítulo.

PR: Eu tenho que manter. Eu não posso usar agora umas... Aí nego fala, os “moleque” mesmo me encarna: “é, “primo⁴⁴”, caiu, hein”. Ok fala, ok.

Eu: Então tem que manter sempre...

PR: Tem que manter sempre na alta. Isso aí. Eu sou, é isso aí, vaidoso pra caramba.

Eu: Hum.

PR: Nossa, sou demais, cara. Sou demais.

Eu: Como é que você vê isso de ser vaidoso assim? Seria mais, assim, é...

PR: Ah, o cara tem que andar, velho... Não tem como, um cara largado também... As “mulherzinha” não vai olhar pro cara.

Eu: Só pra “mulherzinha”?

PR: Eu, sinceridade, sinceramente, eu não vou andar com um cara desleixado.

Eu: Do teu lado?

PR: Ah, não vou não. E ele também não vai querer andar do meu lado, porque eu sou vaidoso e ele sabe. Não tem como um cara largado andar comigo.

“Mulherzinha” é um termo que, entre outros, é usado pelos rapazes ao se referirem às meninas, tanto àquelas que encontram nas ruas e nos bailes, quanto as mais próximas, que eles têm relações de amizade ou amorosas. Desde a primeira vez que ouvi, senti vontade de perguntar o sentido do seu uso, no diminutivo, e me disseram que é para mostrar que elas têm “dono”, quando são namoradas ou “ficantes”; nas outras relações é para mostrar a “marra” de homens. Outro termo que se associa a essa questão é ser o “rei delas”, e quando perguntei por que, me diziam que é ser o rei “das mulherzinha”. Acredito que seu uso reforça e se refere ao

⁴⁴ O termo primo não está associado a questões de parentesco, é próximo ao sentido de “cara” ou “parceiro”.

lugar de domínio masculino que gostam de mostrar nas relações com as meninas. Os rapazes “namoram” ou “ficam” com as meninas. Uso os dois termos, pois os relacionamentos se modificavam com frequência; um namoro pode acabar e o casal se tornar “ficante”, e depois voltarem a ser namorados. Essas mudanças de relacionamento e dos termos associados a elas eram comuns no grupo de rapazes pesquisado. Observei uma dinâmica que tornava essas relações ora mais, ora menos sérias.

K: Minha mulher. Minhas “mulherzinha”, minha mulher. É. É uma relação que você é “cabuloso”, né? Que você é o “aço”, entendeu?

Eu: Que você domina a relação, seria isso?

K: É. É verdade.

Eu: É isso?

K: É.

A maior parte dos jovens dizia se relacionar com várias meninas ao mesmo tempo. Nesses envolvimento, existe a categoria das meninas que são denominadas de “fitinhas”. Nos relacionamentos mais próximos com as meninas existem três categorias sociais femininas que as inclui: há as “namoradas” e as “ficantes”, e essas algumas vezes se confundem; e há as “fitas”, sendo que na maior parte das vezes os jovens falam “fitinha”. Estar com quatro ou cinco “fitinhas” é conversa comum entre eles, o que faz com que tenham muito “trabalho” para “administrar” essas relações plurais, segundo eles. Tempo e dinheiro são elementos que precisam ter para estar com as “fitas”. Esse termo indica uma mudança a partir do sentido da “ficante”. Para o grupo, a “ficante” é quase uma namorada, alguém com quem eles têm compromisso. Normalmente, a “ficante” vai ser namorada ou já é, mesmo que o termo “ficante” se mantenha e ainda não tenha dado lugar ao termo namorada. Explicam-me que a “fita” evidencia um relacionamento menos sério que a “ficante”. A “fita” é com quem se envolvem em relações sem compromisso, de natureza mais efêmera, sem o aspecto da fidelidade, sem comportar aspectos morais mais considerados. O jovem pode encontrar e “ficar” com a menina considerada “fita” várias vezes, sem ter nenhum compromisso com ela. Nem ela com eles. Podem ficar com várias “fitas”, em um mesmo dia, na balada, sem que tenham “problemas” por causa disso. Ouvi muito o termo “fita”. Perguntei sobre a origem dele a vários jovens e me diziam que é como as gírias, não se sabe de onde vem, mas vai pegando e todo mundo usa.

T: Sei lá, cara! Porque é gíria mesmo. Vai pegando, vai pegando, entendeu? Não sei de onde veio, mas todo mundo fala, vai pegando. A maioria das

gírias são assim. Ninguém entende nada. Ninguém entende nada, mas todo mundo fala, vai pegando, entendeu?

Em campo, tive contato com algumas meninas, a partir de seus relacionamentos com os rapazes, em momentos com o grupo nas ruas e nas casas deles. Não ampliei minha investigação a elas; senti vontade algumas vezes, mas não era esse o meu objetivo. O campo, com o protagonismo nos rapazes, se mostrou muito rico em detalhes, fazendo com que eu optasse por conhecê-los com mais densidade e tempo, além da demora na entrada em campo e na realização das entrevistas. Mesmo com o olhar mais específico para os rapazes, procurei observar suas relações com as meninas, inserindo o grupo em vivências compartilhadas, e isso me ajudou a pensar questões como as de estilo.

Havia uma menina, que era mais frequente na casa em que eu realizava as entrevistas. Chegava, não falava comigo, nem me olhava, mesmo estando, algumas vezes, no mesmo espaço que eu. Segundo um dos rapazes, ela disse a ele que me conhecia, de Santa Luzia, onde eu trabalhei como professora. No Mundo Novo, ela nunca falou comigo; percebi que evitava o contato. Eu não modifiquei a interação silenciosa que ela me sinalizava. Nem disse nada ao rapaz sobre ela. Quando chegava, ela preferia subir, ia para outro local da casa, na parte de cima (onde nunca estive), por não ter sido convidada a conhecer outras partes da residência que não fossem a varanda e a sala. Havia momentos com alguma menina que eu percebia que o rapaz queria ficar a sós com ela, e era melhor me retirar. Despedia-me do jovem do jeito que sempre fazia, dando beijos no rosto dele e me preparava para “brotar” outra hora. Uso a gíria aqui para explicar a minha vivência nessa experiência e de outras próximas, que vivi com eles. O termo “tranquilo” me ajuda a usar a estratégia de aceitar a mudança e pensar em outra ida ao campo, em outro momento.

A compreensão disso me fez mobilizar entendimentos que eu não tinha quando entrei no Mundo Novo; levei mais de seis meses para construí-los. Acredito que essa experiência de viver acontecimentos inesperados, mudar e pensar em novas investidas, foi um aprendizado obtido nas relações com os rapazes e levo para outras situações de vida. Ela me remete às vivências juvenis vinculadas as práticas inusitadas, quando os jovens mostram que preferem a “surpresa” ou quando a experiência de estar aberto ao novo faz parte dos seus modos de vida, de suas condições de existência, do que pode se dar nos acontecimentos vivenciados. O que observo é que estão prontos para o novo; existe o prazer de experiências repentinas que podem fazer as coisas mudarem. Não é uma aleatoriedade total ou uma negação impensada de viverem experiências planejadas, como uma resistência à vida social. É um modo de vida que

se apresenta a eles e interagem. Nesse contexto, existe a aventura de poder viver o novo e a consciência da realidade social e política à frente deles, como as faltas que costumam apontar como existentes em suas vidas e que, segundo eles, os obriga a “ralar” muito.

Esse valor e resposta, dados às mudanças nos acontecimentos que vão surgindo ou que eles provocam, tornam possível transformar suas vivências a qualquer momento, deixando a vida social mais aberta, excitante, pela possibilidade constante de novas experimentações. Por exemplo, a vida profissional dos rapazes é marcada por um tipo de movimentação que Pais (2006) acredita existir na vida dos jovens na atualidade. O teórico reflete indo mais além do que só a busca pelo novo ou pelo prazer. Ressalta que essa flexibilidade pode estar associada a um social vazio de perspectivas futuras para os jovens. Seria um preenchimento do novo pela ausência dos planos futuros se cumprirem por planejamentos que pudessem ser elaborados e tivessem possibilidades de se realizarem.

Ouvi, no morro, relatos que se relacionam com essa circunstância de futuro incerto, inúmeras vezes. Dados que tratam de circunstâncias que envolvem prazeres e ausências. Não trato desta relação em particular, mas acredito que possa incluí-la como parte da realidade desta pesquisa. Um dos rapazes me pediu, com insistência, que divulgasse a situação de precariedade que sentem quanto à falta de lazer, de posto médico próximo ou de mais linhas de ônibus, por exemplo. Outros rapazes falavam de maneira mais geral dessas dificuldades e da falta de um futuro promissor através de um curso superior, por exemplo. Dizem que precisam conseguir dinheiro imediato, que não daria para esperar a construção demorada de uma carreira desejada. Falavam também da falta de investimentos públicos no bairro, da ausência de políticas públicas para eles, principalmente quanto ao lazer. Falavam de invisibilidade. Não se consideram “invisíveis”, mas diziam que muitas vezes são considerados assim pela sociedade.

Em uma conversa, um dos rapazes, de 23 anos, me disse que nunca viu um morador do morro sair doutor. Vejo, pela fala dos jovens, a situação de “contratempo”, refletida por Pais (2006).

Nos tempos que correm, os jovens vivem uma condição social em que as **setas do tempo linear** se cruzam com o enroscamento do **tempo cíclico**. Temporalidades ziguezagueantes e velozes, próprias de uma sociedade **dromo...crática**, na qual os tempos **fortes** se cruzam com os **fracos** e, em ambos, se vivem os chamados **contratempos**. São muitos destes contratempos que caracterizam a condição juvenil contemporânea (PAIS, 2006, p. 9, grifos do autor).

As vivências juvenis do grupo, pensadas nas maneiras de viverem e utilizarem suas práticas cotidianas, estão articuladas aos seus pertencimentos na vida social, tornando essa “condição” juvenil relacionada e particularizada. Evidencia como a sociedade olha e cria suas representações das construções e das manifestações juvenis. Dayrell (2007, p. 1108) nos esclarece que, “do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação”.

A experiência de percebê-los preocupados e investindo na imagem pessoal, me fez refletir que essa prática de arrumações e cuidados com a aparência tem a ver com suas maneiras de ser e como ser em suas relações com os demais sujeitos nas interações sociais que vão ocorrendo. São práticas com sentidos próprios, criados e buscados pelos jovens por caminhos e interesses subjetivos e relacionais.

Depois do encontro, que descrevi no início deste capítulo com o VI, na porta da igreja, e de outras situações que vivi com eles, como quando eu costumava ver e dizer que estavam sempre estilosos, minhas reflexões foram se construindo de outras formas, passaram a ficar mais claras. Passei a não me preocupar com o fato de estarem ou não muito arrumados para estar comigo, sair ou, simplesmente, ficar nas esquinas do bairro Mundo Novo. Isso não era o que deveria me importar. Eu precisava sair dessas visões superficiais e periféricas, me preocupar com as estruturas mais estáveis que envolvem a construção da aparência do grupo. Minha preocupação passou a ser conhecer e refletir, mais sistematicamente, sobre as maneiras de os rapazes realizarem esses cuidados e quais os sentidos que elas possuíam para eles.

4.2 A “rapaziada” do Mundo Novo é “apegada” ao estilo diferenciado

Entre os rapazes, o surgimento e a posição valorizada, que uma nova marca de grife famosa passa a assumir, mostra o lugar de interesse pela inovação e pelo diferente em suas práticas. Vi no grupo uma busca habitual pelas novidades e pelo prazer que elas proporcionam. Ter e mostrar variedade e diferença, por exemplo, nas roupas, bonés e tênis são práticas que fazem parte da vida social nas interações entre os rapazes. Expõe os gostos, as escolhas e a criatividade deles; e há o desejo de evitar repetições pessoais nos usos das roupas ou nas coincidências em suas preferências que podem fazê-los encontrar o amigo com uma roupa igual a sua, por exemplo. Os rapazes apostam nas alternativas que a internet proporciona, e ela é muito usada pelo grupo para cumprir esse papel de trazer o novo, o diferente, o que não poderia ser repetido. Digo, poderia, porque é um acesso que a maioria do

grupo tem e como o estilo e o gosto são acordados e compartilhados entre os rapazes, pode acontecer de comprarem objetos iguais. Mas é claro que na internet há uma maior variedade de opções do que nas lojas de Juiz de Fora.

Algumas pessoas costumam ir às casas dos jovens ou vendem, no bairro, as roupas de marcas conhecidas e desejadas. Pergunto sobre isso e os rapazes me dizem que elas são trazidas de São Paulo; dizem que se sentem valorizados com essa opção de venda particularizada e em domicílio. Dizem que é coisa de “patrão”, de quem tem poder e não precisa sair do morro para comprar o que precisa ou quer. Chamar o outro de “patrão”, quando estão, por exemplo, com alguma roupa ou cordão que ainda não foi visto, é uma vivência habitual, tanto nas relações pessoais e físicas, quanto pela internet através dos comentários e dos diálogos realizados no *Facebook*. Os rapazes usam muito os grupos fechados no *Whatsapp*, mas a prática é restrita apenas entre eles. A rede social que acompanhei de forma pública e coletiva foi o *Facebook*. Alguns jovens falavam comigo pelo *Whatsapp*, mas esse contato era realizado individualmente.

Não é qualquer marca nova que se instala repentinamente no grupo. É preciso que seu valor seja legitimado e reconhecido. As “celebridades”, segundo eles, legitimam os objetos e são fontes de inspiração. Os MC’s e os DJ’s do *funk* e do passinho, principalmente do Rio de Janeiro, são algumas dessas “celebridades”, vistos como referências para a composição dos estilos que os rapazes do Mundo Novo gostam de seguir. A inserção, manutenção ou a perda do lugar de prestígio de alguma dessas marcas são situações comuns entre eles. Há uma interessante dinâmica que movimenta e desloca as posições das marcas quando os rapazes se preocupam em elaborar e expor seus estilos preferidos. Essa movimentação inclui a intenção e o trabalho para que sejam estilos “diferenciados”.

Essas vivências mostram um pouco de como os rapazes investem nos cuidados com a aparência e de que maneira elas fazem parte da vida social da rapaziada. Tal relação possui realidades múltiplas, acarretando diversidades na maneira como os jovens interagem com elas, trato dessa correspondência entre vida social e questões de estilo, quando na relação de como os estilos são escolhidos e visibilizados. Para as saídas aos bailes, no grupo de amigos ou com alguma menina, o preparo é mais elaborado; algumas vezes requer inclusive empréstimos de roupas, bonés ou cordões, para que possam mostrar algo novo ou ostentar. Alguns rapazes dizem que sabem que algum amigo tem uma peça especial, como um cordão de ouro mais grosso que o seu. Assim, se o momento pedir, o empréstimo é considerado. As questões que envolvem os empréstimos e as trocas de bens materiais possuem interessantes lógicas entre os jovens. O que vejo é que mesmo que não haja o surgimento de um evento

maior, o cuidado com a aparência faz parte das práticas cotidianas habituais e o uso de marcas famosas ou os cortes semanais de cabelos, por exemplo, estão presentes nelas.

Essa não é uma lógica única. Há um jovem do grupo que pertence à categoria dos “tchum-tchás”, se reconhece e os amigos o apontam como tal. O jovem mantém o seu estilo de “tchum-tchá” constante, independe do lugar no qual esteja. Se considerarmos uma roupa que representa o *funk* ela é a do “tchum-tchá”. Ele não abre mão dela para estar em lugares sociais que possam requisitar mudanças no seu estilo de roupas e adereços. Vou voltar à categoria com mais detalhes, neste capítulo.

VI: É. O “tchum-tchá”, ele é “funkeiro”, a música para ele é *funk*, entendeu? O “tchum-tchá”, se ele vai no pagode, não vai com uma roupa social no pagode... Tipo assim, o cara que vai no pagode, ele mete uma calça jeans, uma camisa mais social, dá um trato no cabelo. O “tchum-tchá” não; ele vai de bermuda, shortinho, camisetinha, de boné... entendeu? O “tchum-tchá” curte pagode porque... geralmente muita gente gosta de pagode, né? Muita mulher gosta de pagode.

A prática dos empréstimos requer uma parceria no grupo, mostrando quem é mais ou menos “chegado”, quando os rapazes pedem ou realizam empréstimos de roupas ou bonés, por exemplo. Não é qualquer jovem do grupo que pode receber emprestado uma camisa de marca famosa, recém-comprada e pouco usada. Isso é só com quem se tem vínculos mais efetivos e intensos; com quem se “fecha” e muito, me dizem os jovens. Um dos rapazes me explica que quando o amigo é muito próximo, ele sabe o que pode ou não pedir emprestado, evitando constrangimentos entre eles. Observei que existe um acordo implícito nessas práticas dos empréstimos. Tênis não são muito compartilhados pelo grupo para os empréstimos; a prática é menos usual, mas acontece. São caros e para ter variedade de tênis alguns rapazes gastam o salário inteiro do mês; algumas vezes, eles têm que juntar dinheiro aos poucos ou recorrem aos cartões de crédito de familiares e amigos. Dizem ter ciúmes dos tênis. As roupas, as joias, e os bonés são compartilhados com maior constância. Um dos rapazes disse que já perdeu uma camisa quando emprestou e agora pede outro bem de valor próximo como garantia, mas isso não é para todos. Eu presenciei o mesmo jovem emprestando uma roupa a um amigo, sem pedir nada em troca. Ele me disse que os empréstimos são diferentes, dependem do grau de amizade que se tenha. Não é frequente pegar um objeto equivalente como garantia, em caso de o bem emprestado se perder ou ser danificado. Isso se realiza quando não são tão “fechados” com o amigo que o requisita. Segundo eles, esse “manejo” de troca é melhor do que negar. Negar é quando se tem muito ciúme do bem que o amigo pediu,

aí costumam negociar e pedem que ele peça outra coisa, que substitua o objeto pedido. Nesse caso não é troca, é substituição.

Eu: Eu percebi que vocês trocam, quer dizer, emprestam coisas como roupas, bonés. Como você vê isso?

E: É uma coisa que aqui no Mundo Novo é bom. A gente pode até ser “marrento”, mas isso aí com a gente não tem miséria, não. A gente empresta roupa um pro outro. Em questão de roupa a gente é bem desapegado. É apegado pelo estilo, é pelo estilo.

A fala do jovem mostra que a importância das relações de amizade entre eles se sobrepõe às roupas, e as questões de estilo são maiores que as roupas e marcas que se referem a elas. São partes que ajudam a compor e manter o estilo desejado, compreendem o principal. Ao estilo eles têm apego, às roupas são desapegados. Elas podem se renovar, se modificar, são referências na composição do estilo que querem manter. Estive com um dos jovens procurando um amigo que havia pedido uma camisa emprestada pelo *Facebook* e a gente não o localizava no bairro. Custamos a encontrá-lo. Observei que o amigo que ia realizar o empréstimo não deixou o bem com ninguém da família, como eu sugeri, sequer ele respondeu a minha sugestão, continuou conversando e andando comigo até que entregou a camisa nas mãos do jovem que havia pedido e precisava dela para “gastar”, no sentido de ostentar, no pagode. Para manter o “estilo diferenciado”, os empréstimos são importantes estratégias, mostram o novo, sem que os jovens tenham custo financeiro adicional.

Alguns amigos brincam com possíveis perdas de objetos caros. Mas dizem que não tem briga se acontecer alguma coisa, sem querer, com o objeto emprestado. O grupo diz que sabe que os amigos vão ter cuidado e vão correr atrás se houver algum problema com o que foi emprestado. Existe uma relação de confiança nas práticas que envolvem os empréstimos, entre os amigos mais próximos. Se o amigo tiver condições repõe, se não tiver, não tem briga. Segundo eles, dinheiro e objetos pessoais são do mundo, não é igual amizade que vão levar para sempre. Dizem que ficam chateados pela perda, mas do mesmo jeito que foi, vem de novo.

PR: Então. Me empresta essa roupa? Relógio, cordão. Nós empresta mesmo. Nós pega emprestado. Tem essa não.

Eu: Não tô falando que o cara é descuidado não, mas se acontecer de perder o objeto emprestado?

PR: Mas o cara também vai correr atrás, também, vai dar, vai... Não é que, assim, igual, por exemplo, eu tenho um cordão de ouro que o K pede emprestado de vez em quando, eu empresto ele. Aí, ele brinca comigo que perdeu o cordão, aí eu falo: “Ih, perdeu o quê. Mesmo se perder você vai dar

um jeito também de me pagar”. “Ei, eu não vou te pagar nada não”. Falei: “Então tá bom”. Falei: “Vai ficar no meu amor, então. Na amizade”. Ele: “Vai ficar na amizade”. Aí ele vai e vem o cordão

O grupo evidencia mais que um estilo delimitado à escolha de roupas e de marcas. Existe a construção de um jeito de ser particularizado, que se evidencia pelos cuidados com a aparência, nas escolhas e usos de roupas e adereços. Isso faz sentido quando dizem que a “tropa” do Mundo Novo tem que ser “diferenciada”. Segundo K: “O estilo daqui é diferente, os “moleque” daqui faz a diferença, onde chega todo mundo olha. Pode usar droga, ser o que for, mas onde você chega você é bem lembrado”.

Essas práticas juvenis, de investir na preparação e na visibilidade de uma aparência cuidada, apresentam complexidade. Isso se dá por um jeito de ser que os jovens escolhem, elaboram e desenvolvem. Traduz-se pelas formas como usam os brincos, os *piercings*, as tatuagens, as roupas, os tênis, os chinelos e os bonés de marcas de grifes famosas, como por exemplo, *Adidas*, *Nike*, *Redley* e *Lacoste*. São marcas que usam há mais tempo e têm reconhecimento quase consensual no grupo; mostram permanência entre eles, mesmo com a inserção de outras e preferências individuais mais específicas de alguns rapazes. Essa complexa configuração de experiências que se realiza quando os jovens cuidam do visual, os aproxima a sentidos múltiplos de convivência.

Nas relações que vão se sucedendo, essa configuração de sentidos cria identificação e reconhecimento entre os pares; ajuste e diferença no grupo e nas relações que acontecem entre eles. Em uma conversa com dois rapazes, falo sobre o uso frequente das marcas famosas que vejo serem priorizadas por eles e pergunto como veem esse uso. Os jovens, nas respostas, costumavam fazer uma análise, onde se reportavam aos vários sentidos e proveitos que elas trazem para eles; como chamar a atenção das pessoas, ser mais apreciado socialmente aonde chegam ou com o “intuito” de causar uma inveja a alguém. Ainda pode servir para impressionar as meninas e mostrar uma “condição” boa. A “condição boa”, de que falam, não é só ditada pelas marcas; ter dinheiro também faz parte da idealização e elaboração do estilo da rapaziada. A roupa de marca, os cuidados com a aparência e o dinheiro “sustentam” os rapazes nas relações sociais e formam o estilo que querem mostrar.

WI: Ah, é marca. Ah, entre meninos assim, é marca, e outra coisa que conta é dinheiro.

Eu: Pra que o dinheiro?

WI: Pra falar que você tem, entre menino é isso que conta. Mostrar que você tem. Mostrar que você tem dinheiro, é isso o pensamento de um homem. Mostrar que você tem dinheiro e roupa de marca.

Em outra conversa com vários jovens, um deles fala o que é ser “famosinho, pinta e mascarado”, não deixo os termos passarem sem questioná-los.

K: Pinta é a pessoa mascarada, estilosa, entendeu? Pô, mascarado? É cê ser... Como é que eu vou te explicar... É você tirar onda ao ponto de humildade, pô, você pode tirar onda. É você andar bem arrumado, entendeu?

Eu: Como assim, me explica sobre a humildade?

K: Pô, você chega num pagode, muitos cara “reda” pra nós, tá ligado? E não damo mole pra ninguém, normal.

Eu: É estilo?

K: É, tem que fazer um estilo, ah! Esse humilde é instinto, né? É o nosso instinto daqui, entendeu? Pô, é o nosso instinto que a gente tem, entendeu? Chega e não cumprimenta ninguém. Tirar onda, entendeu?

VI: A gente vai numa balada, chega, aí nego já fica olhando. A gente pega um balde, pega três combos, fica todo mundo lá curtindo, tipo assim... A gente vai ostentar, mas a gente está na nossa humildade. Entendeu? A gente está fazendo isso para o nosso lazer. Estamos eu e os meus amigos, então a gente está fazendo aquilo ali para nós, a gente está curtindo, a gente não está fazendo isso para se mostrar para ninguém. “Pô, os caras estão gastando para caramba”. A gente está na nossa humildade. A gente está gastando o que a gente tem, para poder curtir.

M: É. O cara está com uma marra. Assim, o cara está no momento dele, está curtindo o momento dele, só que o cara está humilde... Tipo assim, está na dele. Não está desmerecendo ninguém, está na dele, curtindo na dele... Ele não está querendo tirar onda com a sua cara e nem com a de ninguém, ele está na dele.

K: Tipo assim, você ostenta com o que você tem e apresenta algo que você pode, você tá exibindo o que tem, mostrando a importância daquilo que está mostrando... Mas mesmo assim não perdendo a humildade não tirando onda com a cara dos outros Pelo fato de você ter aquilo e ele não, agindo com simplicidade, sem arrogância com as pessoas. Pô! Gostamos de ostentar, mas não tiramos onda com ninguém, mas quem passa e olha e não sabe o que a gente sente, com certeza pelo fato de estar ali ostentando todos acha que está tirando a onda.

“Humildade” e “ostentação” são termos, muitas vezes, usados de forma associada pelos jovens, mostrando experiências que podem se misturar e acontecerem em um mesmo momento. Eu não via a relação que as mantinha unidas; considerava-as dissociadas. Questionava-me: como ostentar e ser humilde? Insistia em tratar com os rapazes as práticas de “ostentação” e “humildade”, buscando melhores compreensões, quando via um contexto possível em oportunizá-las, nas conversas e entrevistas que realizava. Eu pensava muito sobre os termos e o que eles podiam ter em suas relações de proximidade, usadas com frequência pelos rapazes para se referirem, por exemplo, às saídas pra os bailes *funks*, quando diziam que haviam ostentado na humildade. Eu voltava aos relatos dessa experiência nas diversas leituras que fazia dos dados, refletindo sobre os termos a partir das falas dos rapazes. Passei a

considerar que a prática da “ostentação” com “humildade” é quando o jovem ou o grupo diz estar no momento dele de ser e se mostrar poderoso, sem desmerecer ninguém. Isso faz com que surja a humildade como um valor sentido. Pode ser que os outros jovens “de fora” não pensem dessa forma e, para eles, o que fica mais evidente é a prática da “ostentação”. A associação dos termos mostra interações entre os jovens que misturam valores nos quais há a importância de mostrar o poder da “ostentação” entre os grupos, onde o grupo poderoso quer continuar a se sentir humilde. Ostentar sem desmerecer ninguém de dentro do grupo, nem de fora de suas relações. O interesse do grupo que ostenta é o de mostrar, a vontade é a de ser humilde.

A prática da “ostentação” pode se evidenciar por diversas formas nas experiências do grupo. É algo realizado e valorizado pelos pesquisados. Pode ser visto, por exemplo, ao mostrarem as roupas de marcas elitizadas, as joias e a maior quantidade de dinheiro que se leva e se gasta nas saídas para os bares e bailes com os amigos, ou quando estão com as meninas. A “ostentação” é cantada e dançada nas letras dos *funks* e dos passinhos. Alguns rapazes refletem com mais atenção sobre a prática, dizem que poderia não ser preciso usá-la, mas que é muito comum. É uma vivência compartilhada por eles e se associa as experiências que envolvem o estilo de vida dos rapazes. Há um jeito de ser que se revela ao praticarem a “ostentação”, que envolve o desejo e a necessidade de mostrar a importância e o sentido que ela tem em suas vidas.

WI: Nos bailes *funks* aparece mais, não sei se é bom ou ruim, mas é o que rola. Tipo eu, não sou contra, nem a favor. Mas se eu não fizer, eu vou tá diferente de todo mundo, então... Até porque não vou fazer mal a ninguém. É isso aí mesmo.

Para o grupo, nas relações com as meninas, as marcas provocam um olhar mais atento e definem quem o jovem é: alguém reconhecido e valorizado pelo uso de marcas de grifes famosas, alguém “respeitado no estilo”.

Eu: As marcas criam prestígio?

T: As marcas criam conforto, né? De você saber que você vai passar pela pessoa e a pessoa não vai falar mal de você, entendeu? A pessoa vai gostar entendeu? A mulher vai gostar, entendeu? A menina vai achar o cara mais bonito por causa da roupa, entendeu?

As razões para os usos das marcas de grifes são diversas e quando as discuti com os rapazes percebo que já foram pensadas anteriormente. As reflexões do grupo não surgiram

agora com os meus questionamentos sobre elas, vêm de experiências escolhidas e vividas. Os rapazes não usam as marcas de um jeito aleatório, as lógicas que envolvem seus usos são contextualizadas e ligadas à importância que têm como símbolos valorizados em suas experiências de vida. Lógicas relacionadas às questões econômicas, ao lugar social em que estão e a maneira como, nesse lugar, se fazem escolhas e querem ser vistos na sociedade.

Neste sentido, tênis, calça jeans, bonés, roupas e objetos são sinônimos de *status* e de prestígio. Especificamente sobre consumo popular, a **Antropologia do Consumo** contribui chamando a atenção para a dimensão simbólica presente no ato da compra, refutando a visão simplista do pensamento puramente economicista, onde a escassez, a necessidade e a lógica da sobrevivência seriam categorias para explicar o consumo dessa parcela da população brasileira, em que a necessidade é a variável explicativa da demanda⁴⁵.

Vários rapazes me dizem que não querem mostrar o que não são, é um estilo trabalhado que, sem deixar de ser o que são, os fazem se sentir valorizados. Dizem que são “mecs” (maneiros), estilosos, “rlks” (reliíquias), os termos se equivalem e são usados nas conversas nas ruas e nas redes sociais. Meu convívio com eles me faz refletir que os cuidados com a aparência, envolvidos na busca para serem estilosos, não têm intenção de negar que são rapazes negros, pobres, que moram no morro, e se importam com uma vaidade na masculinidade. Ao investirem na construção do “estilo diferenciado” e na vaidade mostram um estilo associado a essas questões, vistos por um “modelo” que constroem e querem ter.

M: É diferente. É. Tem que chamar a atenção.

N: Dependendo de como chega no lugar, aí a pessoa: pô aquele “moleque” ali... É assim e assado. Olha, é mais para chamar a atenção, seja mesmo com algum intuito de chamar a atenção ou de fazer uma inveja em alguém. Chamar a atenção de uma mulher. A gente se veste para chamar a atenção de uma mulher.

M: Para chamar a atenção, para chamar a atenção.

N: Já tem o intuito aí da marca, de querer a melhor roupa. Pô, fulano não tem, eu tenho a melhor roupa. Vou chegar. Vou me apresentar. É questão de se apresentar. Aí tem a pessoa, já vem, pô. Aquele cara que só anda com a tal marca, a tal marca, acho que é questão de se apresentar na sociedade. Se identificar na sociedade.

VI: É assim, a gente se veste igual a um modelo assim, que quem vê sabe que a gente é do morro. Entendeu?

EU: Mesmo com esse custo todo? Porque por exemplo... Quem vê sabe que é do morro, né? Mas quando vocês falam assim: “Eu uso marca tal, marca tal,

⁴⁵ Trecho retirado da entrevista de Mury Scalco. Disponível em: <file:///C:/Users/Mariza/Documents/“Eu%20não%20sou%20o%20jovem%20pobre,%20favelado,%20sem%20perspectiva.%20Eu%20tô%20podendo”.%20Entrevista%20especial%20com%20Lucia%20Mury%20Scalco.html >. Acesso em: 19 abr. 2015.

porque não posso aparecer de qualquer maneira. Aí eu tenho que ser chato, eu tenho eu ser enjoado”. Mas por quê? Continua mostrando que é do morro? A marca era para tentar não mostrar ou para continuar sendo?

VA: Não, a marca não é para tentar não mostrar. Só que a marca, tipo assim, é uma marca de roupa boa, porque não é porque a gente é do morro, que a gente usa qualquer coisa. Isso é certo. Um rapaz que é do morro e gosta de sair, essas coisas, você não vai ver o cara vestido de qualquer jeito.

EU: É, nunca vi.

VA: Seja na rua ou em qualquer lugar, você não vai ver o cara vestido de qualquer jeito, né? Então, também a gente vai... Quando a gente começa a conviver com os “playboys”, quando eles começam a ir ficar no meio de nós... Assim, com aquele estilo que gente usa. Você vê a diferença, porque eles não se vestem assim, eles se vestem... Porque geralmente “playboy” usa roupa cara, mas não tem muito estilo, entendeu?

EU: Hum...

VA: A gente é assim, a gente veste, mas tenta ser o mais estiloso possível dentro das marcas que a gente gosta de usar.

Entre eles, nem tudo é acordado e compartilhado quanto à aparência e à formação de um estilo aceito por todos. Existem escolhas e questionamentos individuais. No grupo, um dos jovens é apontado por um amigo como alguém que não gosta de se depilar, os rapazes mostram a perna do amigo com pelos. Ele confirma que não gosta da prática da depilação e que prefere ter pelos no corpo. Os rapazes dizem aceitar a decisão do amigo de não se depilar, mas não é bem isso que acontece; inúmeras críticas e risos quanto a não realização da depilação surgem na discussão. Questões de beleza e vaidade são apresentadas, dizem que é mais bonito o corpo do homem sem pelos, que fica mais exposto e pode ser melhor visto assim, completamente liso. Vou retomar a prática da depilação mais a frente, após discutir as questões de “limpeza” que participam da discussão.

A “higiene” é trazida nessa discussão. Dizem que ficam mais limpos, mais apresentáveis por rasparem seus corpos. Por essa chave, as relações com a higiene foram trazidas inúmeras vezes pelo grupo, inclusive um dos jovens reproduziu uma fala, com uso do termo fedendo e o gesto idêntico de se cheirar, como ouvi e vi no filme *Lixo Extraordinário*. Lembrei-me imediatamente da cena. No filme, a personagem conta que estava no ônibus e olhavam muito para ela, o que a fez se questionar quanto ao cheiro que estaria nela. O jovem do Mundo Novo me diz que havia acabado de saltar do ônibus e uma menina olhava muito para ele, que me disse pensar se estava fedendo e começar a se cheirar. Ele reproduz a fala e faz o mesmo gesto da parte do filme que descrevi.

PA: A gente tava na nossa, tranquilo... Aí a gente desceu do ônibus, começou a arreganhar as canjica (referindo-se a alguém rindo e que estava próximo a eles). Né possível! Aí o meu amigo falou: ou eu tô sujo, ou tô

fedendo, ou ela quer ficar comigo. É patricinha, branquinha, cabelo bonzinho. É um dos dois. Igual ele falou, sujo e fedendo eu não tô. Eu tomei banho, eu passei perfume (os amigos riem do fato, gesticulam e se balançam).

Os jovens falam, em momentos diversos e com frequência, sobre a preocupação que têm de estarem limpos e cheirosos. Disseram que tinham que ser muito “chatos”, no sentido de rigorosos, com a limpeza de seus corpos e de suas roupas. Quando ouvia que tinham que ser chatos com a aparência, eu agia como se não tivesse ouvido o termo anteriormente e perguntava por que ser chato, ou como assim, chato. E me respondiam que já eram pobres, pretos e moradores de favelas tinham que ser “chatos” com o estilo e com a limpeza.

O jovem ao verificar em seu corpo se estava “sujo” ou “fedendo”, a partir do olhar insistente da menina na rua, considerada por eles como “patricinha”, associa primeiro o ato a representações que acredita que ela possa ter dele. E essas, articuladas ao fato de pertencer a grupos socioeconômicos diferentes deles, que acreditam que a jovem pertença; e pelas comparações quanto à cor da pele ou tipo de cabelo dela. Vi a mesma reflexão na fala de outros rapazes e acredito que é como se pensassem, ou pensem, que por essas diferenças estão associados a sujeitos que não se importam com a higiene. O empenho que têm em cuidar de si tem a ver com o desejo de se dissociarem dessa imagem. As reflexões de Mary Douglas (1976) mostram como essas vivências dos jovens envolvem processos de classificação na vida social que regem os sujeitos e agem com importância nas relações culturais, a partir de apropriações simbólicas que vão além ou se dissociam dos sentidos que possam ter os termos “sujo” e “fedorento”.

Claro que não é só isso que envolvia esses cuidados, eles geravam uma forte autoestima entre os rapazes. No caso, a segunda reflexão de que a “patricinha” queria “ficar” com ele se reporta à autoestima e à vaidade dos jovens. O grupo diziam que as “patricinhas namoram com os ‘playboys’, mas o que elas querem é nós”. Riam disso muitas vezes, dessas preferências que eles acreditavam ser as escolhas das meninas de classes que consideravam ser mais privilegiadas e do desejo escondido delas de ficarem com eles, e não com os “playboys”. Existia uma prática prazerosa de valorização da vaidade e da beleza negra e masculina entre o grupo.

PA: Chegamo lá, pô, uma menina linda... Tomamo uns cinco baldes de cerveja. Pô, ela tava me olhando. O VI falou: ela tá te querendo. E ela me comendo com o olho. Aí ela me puxou assim (demonstra como foi puxado). Pô, sabe, tipo assim, ela é branquinha, cabelinho bonzinho, de saltinho. Aí eu falei: pô, vou chegar nela, pô a menina me tirou, vou chegar nela. Pô, vou

ficar sem graça aqui, tipo assim igual eu te falei, às vezes a menina não quer, mas ela acaba rendendo, ela vê o estilo assim, pô eu não tava fedendo, de boné, aparelhinho, aí ela... Eu sorria pra ela, ela sorria pra mim... Fazia assim com o ombro (mostra o movimento). Aí acabando o pagode, ela passou e puxou minha blusa, aí ela me deu o telefone dela. Eu todo sem graça, anotei. Aí virei as costas, VI e M riam, aí pô comecei a conversar com ela e pá e ficou por isso.

Dentre os cuidados que os rapazes valorizam, a depilação de seus corpos é uma prática querida e realizada pela maioria do grupo; ocorre semanalmente ou sempre que se faz necessária. Dizem que é o corpo todo, ouvi essa referência diversas vezes e por vários jovens que participaram desta pesquisa, e que a prática é realizada com aparelho de barbear. A discordância desse procedimento trazida por um dos rapazes gera desagrado no grupo, mesmo quando dizem respeitar a escolha do amigo.

PA: Não é só o VI não, é todo mundo. Todo mundo de perninha raspadinha (o jovem gesticula mostrando no círculo de amigos a afirmação que fez. Começam a olhar, mostrar as pernas e riam. Mostram a perna de um dos amigos que destoa do grupo. E riam).

L: Só que não (ri). Só que não. Não gosto.

PA: Ele é porque ele não gosta, entendeu? Tudo bem. Igual eu falei com ele outro dia: pô cara, fica feio! Eu já não gosto. Tipo assim, não gosto, não tenho nada contra. Eu não gosto (aponta para a própria perna lisa). Eu não julgo ninguém, mas fica feio.

Eu: Então você se depila?

PA: (o jovem está sem camisa neste dia, e continua mostrando o corpo). Eu raspo. Barriga. Tudo.

(os rapazes continuam rindo da situação)

VI: É questão de costume, eu raspo tudo, toda semana. Faço minha sobancelha toda semana.

PA: É igual cabelo pra gente, corto toda semana.

VI: Olha o tamanho da perna dele (referindo-se aos pelos e apontando), já tá me incomodando.

L: Eu só raspo o essencial. Só o essencial (fala mais baixo que o grupo).

Depois desses relatos retirados de um dos encontros no grupo focal, passamos a falar dos cuidados com os cabelos. Ninguém comentou a fala final do jovem que não se depila e diz depilar o “essencial”. Ao final da conversa, depois que outros assuntos foram discutidos, um dos jovens retoma a questão da depilação e me diz, na presença do amigo, que não gostar de se depilar, muitas vezes o cara que fala isso faz por “recalque”, diz que não gosta, mas daqui a pouco aparece depilado. Ele logo sente vontade de ficar igual ao grupo, mas não consegue manter a decisão, sente inveja dos outros que estão depilados. Tenta mostrar que a decisão do amigo pode não ser duradoura, a desqualifica. Penso que ele quer mostrar que

prefere que eu reflita que ter os corpos raspados é o melhor e o mais acordado na escolha do grupo.

Ao dizerem que raspavam o corpo “todo”, os rapazes enfatizavam o termo “todo” na discussão, realizando repetições e risos ao pronunciarem a palavra. Quando o jovem, que não realiza essa prática, diz que depila só o “essencial”, observo que são dois momentos, que eles se referem às partes mais íntimas do corpo, sem, no entanto, querer nomeá-las claramente – o que poderia ser feito. O grupo não fazia restrições para me proteger de termos que pudessem ser considerados mais “pesados” por eles ou por mim. Nas entrevistas falavam de coisas íntimas quando se referiam aos relacionamentos afetivos, por exemplo. As letras dos “*funks* de putaria” sempre foram compartilhadas comigo, me mostravam vídeos onde dançavam e os termos são bem mais “ousados”, se eu quiser pensar nesse sentido.

Não é minha intenção fazer comparações de termos, faço isso apenas para refletir sobre o evento da depilação. Os jovens tinham uma relação comigo que possibilitava que usassem os termos que quisessem, quando falavam da depilação íntima. Percebo que em alguns momentos gostavam de mostrar as questões que envolviam o sexo com mistério e importância, como o uso da palavra “essencial” ser usada em substituição a outro termo que eles poderiam dispor ao se referirem ao sexo, se fosse o caso de quererem fazê-lo. Mas isso ficaria em um lugar comum. “Essencial” é mais interessante de se usar, essa substituição me faz pensar em um sentido de valorização maior, assim como a ênfase em dizer que raspam tudo, o corpo todo.

Observo que a escolha do jovem, que difere da prática habitual da depilação, não é bem aceita ou compartilhada entre eles. O jovem que disse ser contra a depilação não discute, mas quando diz ao final, em tom mais baixo, aos demais, que só raspa o essencial, diz mais de uma vez: “raspo só o essencial”. Ao fazer isso, coloca-se não totalmente contra a depilação; mostra alguma concordância com os amigos. Acredito que ele quer ter algum envolvimento na prática, ou não quer ficar tão fora da escolha do grupo, porém sem aceitá-la completamente. Mais que seguir por inteiro a escolha dos amigos, ele mostra seguir um padrão de correspondência e participação no grupo. Além disso, o jovem se defende pela não depilação das pernas e braços, que estavam expostos, com aquilo que considera ser o essencial a ser depilado. Encerrou a discussão naquele momento, se defendeu, participou da escolha dos amigos e valorizou uma parte do seu corpo de forma importante e sensual.

Quando um dos entrevistados diz: “é igual cabelo pra gente, corto toda semana”. As pessoas no plural e singular compartilham as mesmas escolhas, mostram que o “eu” e o “nós” estão intimamente relacionados quando o desejo de cuidar da aparência, e neste caso os

cabelos, se junta às práticas semanais da depilação. Mostram a coesão do grupo envolvendo essa prática quanto aos cuidados com o corpo e com os cabelos, que vi serem muito valorizados, fazerem parte da rotina dos rapazes e encherem a casa do amigo que se propõe a ser barbeiro em um dado momento de sua vida, e se propõe a desenvolver habilidades para isso. Os cuidados com os cabelos têm um lugar de prestígio nesses cuidados com a aparência. Os cabelos têm grande importância na vida dos jovens e são merecedores de cuidados semanais e variados; têm que estar sempre “arrumadinhos” ou “afiados”. Há categorias que nomeiam cada corte escolhido e realizado. Os cortes e suas denominações têm sentidos relevantes e simbólicos nas práticas cotidianas dos jovens, geraram muitos dados; vou refletir sobre eles em uma seção neste capítulo.

Além da depilação completa de seus corpos, a modelagem das sobrancelhas, os cuidados com os cabelos, o uso dos brincos, dos *piercings*, dos perfumes, das tatuagens e das roupas de grifes famosas, os aparelhos nos dentes para uso estético⁴⁶ compõem as práticas dos jovens em cuidar e ornamentar seus corpos. Na maioria das vezes, são colocados por eles mesmos. Os jovens dizem ser “loucos” por esses aparelhos, que eles podem fazer a diferença na escolha de uma menina para “ficar” com um dos rapazes em um baile. Segundo os jovens, se o “moleque” estiver com um “aparelhinho” no dente, ele certamente será o preferido por elas. Consideram que o adereço é um diferencial importante nas escolhas femininas. Pergunto por que eles acreditam que isso se dá dessa maneira e tento refletir um pouco mais com os rapazes sobre essa escolha feminina ser definida pelo uso do “aparelhinho”. Eles me dizem que escutam as meninas dizerem que preferem “ficar” com quem usa esse aparelho. E, para algumas meninas, eles podem se sobrepôr às marcas de grifes famosas, no caso de elas nunca terem ficado com um rapaz que usasse aparelho, porque marcas é mais comum. Segundo os rapazes, o uso do aparelho coloca o jovem em outro padrão social, no caso, mais elevado.

Não é minha intenção comprovar se o dado se associa diretamente à explicação com a crença nos jovens com poder econômico e social, que têm o aparelho ortodôntico, em ser um elemento definidor de relacionamentos mais próximos entre eles e as meninas, nos bailes. Mas vejo que o uso do aparelho tem um valor específico para os rapazes, faz valer o esforço em conseguir os elementos de composição dele por vias alternativas, como os *kits* que são

⁴⁶ No Brasil, há relatos de que a prática é utilizada por diversos jovens, segundo matéria do jornal Folha de São Paulo “Moda entre jovens, aparelhos falsos trazem riscos à saúde”, de 20/02/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/02/1414866-moda-entre-jovens-aparelhos-falsos-trazem-riscos-a-saude.shtml>>. Acesso em 19 abr. 2015.

Em alguns países asiáticos há a mesma tendência nessa forma de uso dos aparelhos dentários entre os jovens, como explica a matéria da Revista Galileu “A moda agora é usar aparelho falso nos dentes”. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI327096-17770,00-A+MODA+AGORA+E+USAR+APARELHO+FALSO+NOS+DENTES.html>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

vendidos em sites específicos para esse fim pela internet, por exemplo. Ainda há o risco de colocá-los sem apoio de um profissional para esse fim, além do trabalho demorado de ter que colar cuidadosamente os *brackets* um a um, em todos os dentes. E, finalmente, ter que montar o aparelho sozinho ou contar com a ajuda de amigos mais habilidosos, como acontece entre eles. A prática completa inclui implicações de manuseio paciente, habilidoso e cuidadoso para montar e colocar os aparelhos adequadamente. Há a preocupação com as cores dos *brackets* e dos elásticos para que possam combinar com outras escolhas, como as roupas ou os bonés, por exemplo.

Vejo que, mesmo sendo mais popular e menos custoso que em épocas anteriores, quando em seu surgimento, o aparelho ortodôntico, e neste caso seu similar chamado de “aparelhinho”, ainda mantém *status* entre os rapazes. É considerado algo que faz com que se sintam “diferenciados” no estilo e em uma posição social mais privilegiada. Ao usá-lo, o “moleque” não seria visto como pobre ou mendigo, como me dizem. Acredito que, para o grupo, o uso e o reconhecimento estético e simbólico do aparelho nos dentes cria uma consideração social e econômica mais privilegiada para eles, além de, obviamente, compor o visual estético junto a outros adereços usados, como os brincos, os óculos espelhados e os *piercings*, por exemplo.

Constantemente, os rapazes preocupavam-se em não ser confundidos com outras categorias sociais, como ladrões, mendigos ou flanelinhas. Um dos rapazes me diz em entrevista que uma das preocupações que possui em não sair desarrumado, de bermudinha e chininho, e em não poder relaxar com o traje, é por não querer ser confundido no bairro Alto dos Passos com outros sujeitos que circulam por lá, como os que tomam conta dos carros na região, os “flanelinhas”. Dizem ser tratados “bem diferente”, quando estão no estilo. Segundo os rapazes, as pessoas olham de outro jeito quando estão arrumados, acham que eles têm dinheiro e passam a invejar a sua imagem, posição social e econômica. Reflexões como essas são recorrentes. Eles me contam inúmeros casos que vivenciam, no dia a dia, como as idas a um banco ou a *shoppings*, e serem tratados com discriminação, caso não estejam arrumados. Não se vitimizam com as situações que vivem, contam suas reações, algumas vezes de raiva, de enfrentamento, de silêncio ou de promoção da inveja.

A prática da inveja faz parte do grupo, que diz como é bom fazer inveja no outro. Ela mostra o desejo e o prazer que os rapazes têm ao mostrarem uma aparência cuidada e exibirem o uso de marcas caras e famosas. Para o grupo, a inveja mexe com as representações sociais que acreditam que o outro possa ter deles. Essa experiência do estilo, quando existe, dialoga com a inveja e combina a realidade social e econômica na qual vivem os jovens; o

preconceito, a subjetividade e a representação social. Experiências que se combinam nas interações que envolvem os estilos e suas relações com os demais sujeitos na sociedade local.

No uso do “aparelhinho”, surgem práticas juvenis de apropriações e transgressões criativas, a partir de ressignificações que os jovens realizam nas formas estabelecidas inicialmente, como a indicação e a colocação desses aparelhos ortodônticos por profissionais especializados em ortodontia. Vejo que os rapazes propõem outros usos: estético e de valorização social. E com eles desestabilizam reconhecimentos anteriores padronizados. São formas de estetização que acontecem em suas práticas sociais que envolvem e participam da elaboração e do surgimento de um “estilo diferenciado”, no qual os rapazes acreditam e investem. São esses, dentre outros bens como roupas, calçados e adereços que tratam dessas escolhas subjetivas dos jovens, articuladas às interações entre os sujeitos onde há, dentre outras, preocupações de ficarem mais belos, arrumados e diferentes.

Os jovens criam em seus corpos e com seus corpos um estilo, localizando um jeito de ser. Eles não possuem um corpo simplesmente, eles são seus corpos; estes são simbolizados quando se vestem e se arrumam. Corpos que chegam a dizer que se “abrem” mais, ou seja, são mais claramente vistos, chamam mais a atenção quando estão apresentáveis. São elaborações juvenis que constroem e evidenciam um estilo de vida, que os jovens querem o reconhecimento por eles e por outros sujeitos como “diferenciado”, envolvendo práticas que procuram correspondência em suas experiências cotidianas. Essas, organizadas e vividas pelos jovens que buscam parceria com os amigos do bairro. A procura pela consciência de si busca reconhecimento no “outro”, no contato, é na reciprocidade das práticas que os jovens podem compartilhar escolhas, emoções, sentimentos e experiências. Os jovens mostram e dizem que não é só estar arrumado, é se sentir melhor com isso.

VI: Pô, eu tenho que tá bem apresentado, eu tenho que chamar a atenção e tal. E tipo assim, eu mesmo quando me vejo no espelho, quando eu me arrumo, quando eu corto o cabelo, eu fico mais apresentável, né? Abre mais. Se sente melhor.

K: Aqui no Mundo Novo tem que ser diferenciado. Aqui os “muleque” é mídia. Nosso estilo aqui é diferente, entendeu? Os outros bairros têm o famoso “tchum-tchá”, o nosso aqui tem que ser o mais caro, entendeu? Aqui nós tem que ser o mais caro (falando sobre as marcas e como escolhê-las).

VI: Não saio sem marca porque não tenho. Sou meio enjoado. Não compro roupa sem marca, por isso que não saio com roupa sem marca, porque não tenho.

Pela aparência importar muito para a rapaziada que conheci no Mundo Novo, há uma vaidade trabalhada e alimentada cotidianamente, individualmente e entre eles, no grupo. Os

jovens falam em mudança de estilo, que não querem ser identificados como o “famoso ‘tchum-tchá’”. Que dentre suas outras características, que discuto mais a frente, gostam de usar muitas marcas ao mesmo tempo, imprimindo ao seu visual cores que chamem a atenção. Costumam ter sua imagem associada a brigas com outros jovens em grupos, a roubos e ao uso e a venda de drogas. A realidade que os rapazes vivenciam propicia experiências combinadas e compartilhadas, como traçar novas estratégias juntos, e entre elas estava o desejo de sair do lugar social e generalizante de “tchum-tchá”. Mudanças combinadas que acredito serem facilitadas por viverem em uma realidade social e geográfica de um bairro, como o Mundo Novo, que é pequeno, e um local no qual os rapazes do grupo pesquisado se sentem próximos, unidos pelas relações de vizinhança e proximidade, já discutidas anteriormente. Acredito terem sido fatos que os ajudaram a pensar em combinar uma mudança de estilo do grupo.

Quando eu falava de estilo com eles, me diziam que quiseram mudar. Mudar implicava em buscar marcas elitizadas menos conhecidas, parar de usar tanto ou somente *Adidas* e *Nike*, por exemplo. Mudar é combinar com mais discrição as cores das roupas escolhidas e marcas mais requintadas, sair do lugar comum. Isso passou a ser construído e pensado cuidadosamente. Ocorrem buscas em lojas da cidade, preferencialmente no Mister Shopping, no Shopping Independência e pela internet, que está aberta a escolhas mais variadas e diversas. Essa prática de mudança de estilo deu origem ao surgimento de uma outra categoria entre eles, o “tchum-play”, que é a combinação do “tchum-tchá” com o “playboy”, caracterizando um estilo mais cuidado, sem deixar completamente para trás o estilo anterior. É o “tchum-tchá” mais estiloso. O “tchum-play” é o jovem que gosta de *funk*, não quer estar associado a práticas criminosas, nem ao estilo chamativo da categoria que inspirou seu surgimento.

R: É... Com roupas de marca, como o “tchum-tchá” usa, mas ele não vai usar igual ao “tchum-tchá”, shortinho curto, sabe? Short da *Nike*, aqueles acima do joelho. O “tchum-play” não usa, usa bermuda abaixo do joelho normal, usa camisa da *Adidas*, da *Nike*, mas uma coisa mais.

O jovem que diz ser um cara muito preocupado com a aparência era apontado pelos amigos como alguém que se cuida muito, mais que os demais. Dizem que ele é unissex. O jovem não gosta de ser chamado assim, corrige os amigos, sem brincar ou rir como eles no momento em que os amigos fizeram a referência a unissex. E diz que é metrossexual. A preferência pelo termo evidencia a preocupação do jovem com a sua masculinidade; ele não gosta de ser chamado de unissex, se afasta do termo e o que ele significa. Diz que é um

homem que gosta de se cuidar. Unissex inclui, sem distinção, as escolhas de homens e mulheres para as roupas, adereços e cortes de cabelo. Por exemplo, unissex une os dois sexos, como iguais nas preferências e formação de um estilo. Não é isso que o jovem quer. Isso pode confundir as escolhas de um homem, pode confundir as questões de gênero com as de estilo e caracterizar uma representação que não o agrada e pode ser feita dele. O jovem quer ser associado ao metrossexual. Observo que o termo preserva a virilidade de homem na vaidade. Depois dessa referência dos amigos, em uma entrevista individual, o jovem retoma a questão, agora sozinho, e me diz que se vivesse em outro tempo poderia ser visto de outra forma, poderia ser considerado *gay* pelas preocupações que tem com o corpo e com a aparência.

VI: Eu não sei o que eles querem dizer com isso de unissex. Eu sou o cara que se cuida, que gosta de andar bem arrumado. E eu sou. Eu gosto de andar limpo, cheiroso. É bom, né?

Eu: Por que essa vontade? Mais pra você ou pro outro?

VI: Pra me sentir bem, entendeu? Eu acho que tem esse negócio do homem ser um cara mais bruto, né?

Eu: Tem?

VI: Tem sim. Homem de ser vaidoso. Antigamente tinha, aí chamavam o cara de “boiola”. De “boiola” talvez, ou de *gay*. E talvez me chamassem disso. Antigamente me chamassem disso.

Eu: Não tem *gay* entre seus amigos, no grupo?

VI: Não. Não sai comigo não, hum, hum. Geralmente esses menino assim não sai com menino, sai com menina ou sai com menino assim.

Eu: Entendi.

VI: Eu me arrumo para mim, mas não só isso, senão fica sendo narcisista, para impressionar, para ser admirado, porque um homem iria se arrumar para outro homem? Só de brincadeira, nada sério. No homem não é sério. Não tem por que um homem se arrumar pra outro homem.

O termo metrossexual é discutido por Garcia (2004). A descrição do autor pode ser produtiva para esta pesquisa ao se aproximar de como alguns jovens pesquisados do Mundo Novo querem ser considerados. Destoa do contexto desta investigação a afirmação do autor de que a categoria de metrossexual se aplicaria aos jovens de classe média e aos moradores de grandes cidades. Parece-me ser uma leitura inicial da categoria que, sem deixar de ser significativa e relacional, vai sofrendo modificações ao ser apropriada pelos sujeitos em uma multiplicidade de práticas sociais, que vão acontecendo em suas vidas. O termo e seu sentido vão caminhando com esses sujeitos por outros tempos e espaços, como se dá em nosso caso de pesquisa. Nesse momento inicial do tema que trato aqui, o autor falava de um surgimento específico e pontual do metrossexual, como pensado abaixo, que ao dialogar com as categorias sociais na sociedade passa a ter outras apropriações e representações, por isso me interessa trazer sua reflexão.

Jovem urbano, obcecado pela aparência superficial, o metrossexual parece manter sua virilidade tranquila. Esse típico macho classe média, no entanto, está longe de ser um brucutu e é cada vez menos preconceituoso em relação a cuidar do corpo e tentar ficar bonito. Assim, a noção de metrossexual define-se por uma masculinidade narcísica, egocêntrica, vaidosa, urbana e saturada pela exploração na mídia. Diz que é um homem com H (maiúsculo), que geralmente vive em cidades grandes. Alguns não se assumem como tal, e se dizem simplesmente “vaidosos”. Outros até disfarçam essa vaidade, temendo o preconceito por parte dos ditos “machões”. O homem contemporâneo percebe que não precisa ser desleixado para afirmar a masculinidade (GARCIA, 2004, p. 7).

A vaidade que os rapazes querem mostrar envolve preocupações com a aparência na masculinidade, me dizem que é uma vaidade de homens, cujos sentidos são aqui pensados a partir das vivências dos pesquisados, problematizadas a partir de suas construções e interações sociais. São rapazes que expõem seus corpos esculpido nas redes sociais, gostam de se mostrar fortes e viris, dizem que esses cuidados com a aparência, além de terem diversos propósitos, um deles é o de “pegar mulher”. E quando saem com elas, a conta é toda deles. São experiências que envolvem questões de masculinidade vistas de um lugar construído socialmente nas relações de gênero, que se articulam as suas práticas sociais e cotidianas. Pensadas como Cecchetto (2004), que a partir de um estudo sobre violência e estilos de masculinidade entre jovens de camadas populares do Rio de Janeiro, considera “masculinidades e masculinidades” por estarem articuladas a contextos sociais particularizados.

A meu ver, o fato de se cuidarem não os aprisiona a relações diretas com questões que se propõem a determinar os gêneros dos sujeitos, principalmente na época atual, onde há mais liberdade de escolhas, misturas e exposição de estilos. Mas vejo que existe entre eles a preocupação de a vaidade e os cuidados com a aparência não criarem dúvidas quanto ao lugar do homem que se cuida, assume e gosta de ostentar. O grupo é formado por homens jovens que querem ser e estar belos e valorizados por isso. Por esse viés, reflito na relação do grupo com as questões de gênero. Investir em um estilo passa a fazer parte de um modo de vida escolhido e construído pelos rapazes. Preocupam-se com a imagem do corpo masculino definido, depilado e “trajado”. Alguns rapazes dizem ser mais “obcecados” que as mulheres pela aparência cuidada, realizando comparações. Em nenhum momento deram às mulheres o protagonismo quanto a preocupações com aparência e vaidade. Para eles, não há um lugar específico para o que seja coisas de mulher. Constroem e mostram um estilo diferenciado na masculinidade que se particulariza por práticas específicas e formas de visibilidades próprias.

O grupo pesquisado é formado por rapazes que se importam muito com a aparência, investem esforço pessoal, tempo e dinheiro nela, sem descuidar de mostrar masculinidade. A vaidade e a masculinidade estão presentes cotidianamente em suas experiências. Os cuidados com a aparência e com a vaidade não são práticas exclusivas ou mais permitidas a uma categoria social, como poderia se acreditar serem mais “apropriadas” aos *gays* ou às mulheres, por exemplo. Uso o termo *gay* ao invés de homossexual, por ser mais comum entre os rapazes, e acredito ser socialmente mais usado, é menos formal nas interações. Saindo dessa representação, acredito na desconstrução de um lugar social tradicional, onde a vaidade possa ser mais liberada a um ou a outro sujeito.

Gostam de esclarecer que o estilo da rapaziada é o estilo favela. Nenhum deles quer ser considerado “divo”, ou ter o “estilo divo”, que é associado ao cara que, segundo eles, “exagera” nos cuidados que envolvem a aparência. A exposição nas mídias passa a ser o foco dos “divos”. O modo de vida do “divo” é diferente do deles. O “divo” fica mais ligado a ser visto nas redes sociais, faz poses, biquinhos, e quer ter um ar angelical. Passa a ser o cara que se cuida tanto que não se preocupa mais em “pegar” muitas meninas, segundo o grupo. Um dos jovens do grupo é apontado como “divo”, e ele procura deixar claro que não gosta da associação, mas é “zoadado” com frequência. Dizem que ele é o único “divo” que pode sair com eles, porque é “cria” do morro, é amigo que está “fechado” com eles desde a infância. Outro “divo” não entra; eles dizem que não deixam entrar no grupo os amigos do amigo considerado “divo”, que botam os “divos” para “ralar”, ou seja, para ir embora do morro. As questões que envolvem os “divos” são ditas de forma engraçada, com risadas, mas observei a preocupação em não terem proximidades com os “divos”, algumas vezes associados às categorias dos *gays* ou dos “cotchoys”, que, segundo o grupo, é o jovem que gosta de se relacionar afetiva e sexualmente tanto com rapazes, quanto com as moças.

Eu: Existe uma proteção do PD por ser amigo, é isso? Se o PD não fosse amigo da “galera” o que ele...

K: “Divo”.

RO: “Divo”.

WI: “Divo”.

W: “Divo”.

(risos)

K: Como é nosso parceiro o cara é “famosinho”.

N: É.

K: Se fosse de fora, era “divo”. É.

(risos)

T: Era “divo”.

K: É postar no *Facebook* assim: curte aqui, vai ser minha capa.

Eu: O que é um estilo favela?

E: Estilo favela é daqui, de comunidade, diferente de *shopping*. Poderia falar que é até um preconceito porque aqui não gosta de se misturar com os “divos”, entendeu? Por que ah, não sei se eu posso falar isso aqui, porque “divo” dá a bunda. “Divo” é “viado”, então eles não gosta de ficar andando com “divo”. Até no Rio de Janeiro é assim também, se não me engano veio de lá também, de uma música “divo” quer curtida nós que é “tralha” quer mulher. Tipo assim, estilo favela vai pro baile, pega um montão de mulher, gasta um montão de dinheiro, ostenta. Uns mexe com droga, isso daí já é um estilo favela, isso daí. O estilo “divo” é aquele que vai pro *shopping* conversar com amigo, com amiga, colocar na rede social, tomar sorvete, essas coisas.

Algumas vezes perguntava sobre a frequência de meninas ou de *gays* no grupo e me diziam que não há *gays* no grupo. Não gostam de serem associados aos *gays*, e quando fazem referência a essas questões sexuais há um tom de brincadeira ou “zoação” entre eles, como pôde ser visto no diálogo acima em que brincam com a relação do PD e os “divos”. Parece que o grupo não quer falar com mais seriedade. Segundo eles, os *gays* não se sentem bem perto deles, por isso não há nenhum no grupo. O grupo me diz que eles não poderiam sair juntos com os *gays*, porque o foco da rapaziada é outro: é coisa de homem sair em grupo para “pegar mulher”. Essa fala também foi recorrente quando eu perguntava sobre a presença das meninas entre eles nas saídas. Existe uma construção simbólica no morro entre o grupo pesquisado, que me fez ouvir e ver, inúmeras vezes, que há coisas de homem, coisas que têm o “propósito masculino”, como, por exemplo: “pegar muita mulher”, ter um jeito “forte” de tratar as meninas, como não sair com elas com roupas consideradas por eles como indecentes; aguentar uma dor ao máximo em uma briga, ou ter a obrigação de proteger a mãe e as irmãs de “abusos” de outros homens. Os *gays* não tem o “propósito masculino” deles, de fazer coisa de homem, segundo eles.

Quando conversávamos sobre essas questões de gênero, algumas vezes, sinto que me envolvi e questionei os pontos de vista dos jovens como pagar a conta toda quando saem com as meninas. Dizem que elas não podem mexer no bolso, de forma alguma, senão depois não haveria possibilidade de “renderem” para eles. “Render” é um termo usado com frequência pelo grupo, não só com a conotação sexual que está aqui envolvida quando falam das relações com as meninas. Em um baile, se estão ostentando mais que outros grupos, esses têm que se “render” para eles. “Render” envolve hierarquia, estar em uma posição superior frente ao outro.

Os jovens preferem sair quando têm dinheiro. Alguns me disseram que só saem de casa, mesmo que seja para as ruas mais próximas ao bairro, se tiverem com mais de 100 reais no bolso, que gostam de pagar a conta. Estranhei essa prática e sugeri que dividissem a conta

com as meninas, quando estivessem sem dinheiro e com vontade de sair. A minha ideia não foi sequer considerada, não agradou aos jovens. Mas acharam graça, riram dela. Surpreendi-me que a prática de dividir as despesas não fosse aceita, pois acreditava ser algo comum entre os sujeitos, e principalmente entre os jovens. Percebo a especificidade das escolhas e das práticas do grupo pesquisado surgindo na realidade desta pesquisa, e caso minha sugestão fosse uma realidade em suas experiências, ela tiraria os rapazes do lugar hegemônico que querem ficar.

Essa atenção ao visual, que é recorrente e muito apreciada pelos rapazes, me fazia pensar em como estava a minha aparência para encontrá-los, me levando a reflexões sobre a maneira despreocupada que possuo ao lidar com essas questões. Em uma entrevista, um dos rapazes me traz esse questionamento silencioso que eu realizava, disse que estava vendo que eu havia “feito” a sobrancelha, prática rara para mim e semanal para os rapazes. Talvez por isso tenha chamado a atenção do entrevistado. Vejo que não “passo” pelo campo. As questões de estilo são relevantes pra eles, me deparo com a observação do jovem e com os códigos e valores que possuem. O jovem coloca, naquele momento, com sua fala, a minha sobrancelha modelada no diálogo com a dinâmica que os envolve.

4.3 O estilo da “rapaziada” se particulariza nas práticas vividas

Os cuidados com a aparência são práticas que evidenciam a vontade e a dedicação dos rapazes para estarem bem, confirmadas pelo olhar de agrado a partir do que veem no espelho. Essa não é uma imagem criada por mim, reproduzo-a, a partir do que os rapazes diziam sobre ser “tão bom” a visão que o espelho lhes proporcionava quando estavam bem trajados. Revelam o prazer de se ver, de mostrar para si o “jeito” que se buscou e se quer. Veem a experiência de se cuidar confirmada pela imagem no espelho, revelando o que escolheram para si. Essa não é uma lógica única; tais cuidados movimentavam práticas plurais e complexas, que não envolvem só uma forma de expressão vista pelo resultado favorável das preparações estéticas que realizavam. Existe um contexto de experiências múltiplas que envolve o “cara que se cuida”, que participa dele porque quer ter um estilo “diferenciado”. São realidades presentes, por exemplo, quando o “estar” entre amigos para esse fim reforça um convívio de escolhas prazerosas que a busca pelo belo proporciona e revela o tão privilegiado lugar da amizade entre os rapazes do Mundo Novo, como visto no capítulo anterior.

Nas casas em que os rapazes trabalham, realizando diversos procedimentos estéticos nos cabelos, se criam animados pontos de encontros do grupo, onde a prática da “zoeira” é vivida e compartilhada junto a essas preparações. “Zoar” é quando existe uma oportunidade de brincar com um amigo na frente do grupo, é “tirá-lo”, gozá-lo com a participação de outros rapazes na experiência. Uma delas pode ser quando, às vezes, o “moleque” fica esperando por horas para realizar algum serviço combinado, como um corte ou uma tintura, por exemplo, e na hora de ser atendido, o jovem que ia realizá-lo diz que encerrou por hoje. E aí? Só resta a “zoeira” de todos. Diverti-me algumas vezes com esses episódios no corte que traziam a prática da “zoeira”.

Presenciei, com mais frequência, o K trabalhar com os cuidados dos cabelos. Ele dizia, às vezes, que já estava cansado ou que já eram mais de 17 horas e precisava encerrar. Dizia que já estava muito cheio de cabelo de homem no corpo e que “já deu por hoje”. Só restava a quem não cortou ainda reclamar, ser “zoad” e voltar outro dia. Essas mudanças nos planos dos jovens, mais que apreciadas por eles, são, neste caso, divertidas. Não causavam brigas ou reclamações mais sérias. Algumas vezes se queixavam comigo que estavam esperando a semana inteira a vez de cortar e não poderiam ter o desejo realizado naquele momento. Eu também me divertia com a situação, porque não adiantavam as “queixas” ditas a mim, eu não teria poder para mudar os planos do jovem que cuidava dos cabelos deles. Acredito que essas “queixas” serviam para aumentar a “zoeira” entre eles.

As experiências que os jovens viviam juntos nos espaços em que ocorriam os cuidados com os cabelos, como a relatada acima, envolvem mecanismos de subjetividade e autonomia, vistos pela escolha do K em não querer trabalhar mais a partir de um dado momento. O jovem já havia saído de um emprego formal por não querer se submeter a horários rígidos, tarefas direcionadas e salário mínimo mensal. As experiências que envolvem subjetividade e autonomia do rapaz encontram correspondência nas vivências sociais que abrangem o grupo. Elas não se transformariam em “zoadas” compartilhadas se não estivessem presentes as aceitações recíprocas nas interações entre eles. Essas valem para outros momentos quando dizem, por exemplo, que o cara já “sabe” que não adianta insistir em tentar modificar algumas vivências entre eles, porque não vão mudar. São entendimentos implícitos que existem, acredito que pelas vivências anteriores, compartilhadas e significadas pelo grupo de amigos.

As relações entre os jovens se legitimam pelas parcerias construídas juntos. Elas mantêm e acarretam experiências de aceitação e “zoad” mesmo na adversidade. Os jovens que esperavam e não foram atendidos participam das “zoadas” que os envolvem, como uma “autozoada”, e esses eventos passam a ser compartilhados e vividos no grupo de amigos.

Viram divertidas práticas de “zoadas”, que são momentos recorrentes e os motivos, diversos. Pode ser trazido um fato antigo, que se reporte a momentos do passado vividos entre eles, que são novamente trazidos para o convívio do grupo, são lembrados para que possam virar “zoadas”. E o propósito anterior do encontro, o motivo que os mantinha juntos, passa a ser deixado de lado, como os cuidados com os cabelos. Que é uma prática muito considerada entre eles e não fica esquecida, mas dá lugar à “zoada” e fica, algumas vezes, para outro momento. São experiências sociais que misturam os cuidados e os encontros, trazem o prazer por estarem juntos, o prazer para cuidar da aparência em parcerias compartilhadas pela farra desses momentos. Acontecem em um contexto interacional de reciprocidade, que, caso não ocorressem dessa forma, não haveria motivo e graça para as “zoadas” constantes.

Há sentidos diversos nas práticas que envolvem a elaboração, a manutenção e a exposição dos estilos entre a rapaziada. As marcas escolhidas têm particularidades que as relacionam às escolhas de estilo do grupo pesquisado ou de um jovem em particular. Por exemplo, hoje em dia, *Adidas* e *Nike* são mais pra “tchum-tchás”. Nessas marcas, as roupas extravagantes e as cores chamativas são as preferidas da categoria. Antes não havia essa associação. Os pesquisados usam essas marcas, mas não com exclusividade; o grupo diz que foi passando a escolher e associar outras marcas ao estilo anterior, como a *Onbongo* e a *Hurley*, para compor o visual. Os rapazes querem inovar e não ficar diretamente ligados ao estilo dos “tchum-tchás”. A partir dessa intenção, existem diversas maneiras dos rapazes escolherem e usarem as marcas preferidas, os cortes de cabelos, os bonés, os cordões e os brincos, por exemplo, e isso faz com que o jovem tenha determinado estilo. Como ser mais discreto e menos “chamativo”, dissociando-os do estilo dos “tchum-tchás”, aproximando-os do estilo pretendido pelo grupo, ter um “estilo diferenciado”, que se refere aos jovens mais estilosos e discretos, no uso de marcas de grifes, adereços e cuidados com a aparência. Alguns jovens dizem que quando usam esse estilo se consideram “tchum-plays”. Vou retomar a categoria mais a frente.

“O *funk* é muito mal visto, por causa das brigas, e também as brigas vêm com as roupas também”. Essa fala de um dos jovens me trouxe a ligação com o modo de vestir dos considerados “funkeiros”, “funkeirões” ou “tchum-tchás”, como dizem e, algumas vezes, apontam os amigos nas ruas. Um dos rapazes do grupo é “funkeirão” ou “tchum-tchá”. Em certos casos, como nas questões de estilo, os dois termos estão bem próximos e os rapazes usam “funkeirão” e “tchum-tchá” com o mesmo sentido. Portanto, os termos se equivalem, representam um jovem que gosta de roupas “chamativas”, com cores mais fortes e variadas. Os tênis também acompanham essa tendência do colorido para chamar a atenção.

R: O “tchum-tchá” mistura muita coisa assim, verde, amarela, azul... Tudo num corpo só, entende? Coloca um tênis... Coloca um tênis laranja, muito chamativo. Coloca um tênis vermelho, uma bermuda até aqui assim, aquelas calças pega frango, entende? Da *Adidas*, que tem um elástico na perna. Essas blusas... Calças... Vamos supor, ele está com um tênis laranja, calça vermelha, blusa verde fluorescente, uns negócios assim, muito doido.

Os “tchum-plays” ou os jovens que se preocupam em construir e mostrar o “estilo diferenciado” não acompanham algumas tendências que formam o estilo dos “tchum-tchás”, como a posição do boné. Essa destoa, porque esses jovens usam a aba para trás e não seguem a tendência da aba reta, que costuma ser o estilo mais usado pelos jovens do grupo. O boné de aba reta é considerado discreto, “adequado” de se usar; o jovem que usa a aba reta é mais “selecionado”, segundo eles. Essa posição por ser mais comum e neutra não chama a atenção, não sendo a preferida do “funkeiro” e do “tchum-tchá”. O jovem do grupo que se reconhece como “funkeirão” “entorta” o boné, vira sua aba para o lado ou para trás. Tem um boné rosa chamativo e por onde anda pode ser facilmente reconhecido através dele. O prazer é ter o boné “estalando” pelas cores que escolhe e passa a expor.

Os “funkeiros”, “funkeirões” ou “tchum-tchás” não gostam só de *funk*. Eles gostam do *funk* e de ostentar. Dessa associação, que objetiva mostrar poder, intimidar é que está ligado o estilo “chamativo”, um termo muito usado pelos rapazes. A explicação também é recorrente e, quando pergunto sobre o estilo “chamativo”, me dizem que é o estilo que “chama” para você, faz o outro se voltar para você. O gingado faz parte desse jeito do “funkeiro” ou “funkeirão”, tendo sua *performance* associada a duas formas significativas de uso. Pode ser um andar mais “descolado” ou se o jovem quer “intimar” outro grupo, ou outro sujeito, ele “fortalece” o andar “descolado”, “balança” mais para intimidar. Para mostrar quem ele é. Nem o gingado e nem o *funk* pertence só ao “funkeiro” ou ao “funkeirão” nas formas que discuti. Existe um jeito de se relacionar com o *funk* que não faz parte do estilo chamativo, nem é para ostentar. Segundo os rapazes, é só para curtir a música nos bailes. O gingado também pode ser usado por outros rapazes que não se consideram “tchum-tchás”, nos termos discutidos anteriormente: com o jeito descolado ou para intimidar. Há, na categoria dos “funkeirões”, elementos, como o *funk*, as roupas chamativas e o gingado, por exemplo, que compõem no estilo dele naquilo que lhes é mais dominante e característico, sem que esses elementos lhes sejam completamente exclusivos. Nas roupas, tênis, chinelos e bonés, as marcas *Adidas* e *Nike* são as mais usadas pelos “funkeirões”.

Os jovens procuram, na diversidade e variedade das marcas famosas, possibilidades variadas que se vinculem as suas escolhas do momento, visando inovação, criatividade, diferenciação, proximidade e afastamento, de acordo com seus interesses e envolvimento sociais. O estilo de vida que querem ter e mostrar, com criatividade e especificidade, articula-se com as marcas reconhecidas socialmente, adequando-as às escolhas subjetivas e ao grupo. A lógica que envolve a moda torna sua presença determinante nos momentos de escolha, composição e exposição de estilos entre os jovens. Dentre outros aspectos, a moda se define nas práticas que caracterizam a construção de novos gostos, estilos de vida diferentes, criativos e dinâmicos. A moda, vista aqui como um fenômeno social, é capaz de se relacionar ao que o grupo escolhe para compor o almejado estilo “diferenciado” da rapaziada, compreendendo utilizações e consumos a ele ligados. A moda permite aos jovens mudar, se tornar diferentes, evidenciando maneiras versáteis e efêmeras de se viver.

A moda se associa a usos e costumes individuais e do grupo, como as cores que têm seu lugar de preferência nas combinações realizadas pelos jovens. Nas camisas, as marcas famosas devem ser mais evidentes, porque essa peça fica mais exposta ao compor o visual. Os bonés são indispensáveis e muito valorizados, sendo o principal elemento para “chamar” briga. Se pegarem um boné de um “moleque” de outro bairro, a coisa “esquenta” e rende. Pegar o boné do outro pode dar fama e força ao grupo. Conseguido o feito, a “zoada” é garantida e permitida a quem pegou. Esse jovem pode se “sustentar” por dias a fio, no lugar de famoso e “marrento”, por ter colocado o outro grupo em posição inferior. Tratarei da relação dos bonés de marcas famosas e esse papel de poder que o objeto tem nas brigas, no capítulo seguinte.

Nessas diversas vivências, que os jovens experimentam para chegar ao estilo diferenciado, incluem-se o uso dos adereços, das roupas de marcas famosas e dos cuidados com a aparência que são, dentre outros aspectos, uma prática identitária. E faz sentido quando é acordada entre eles, há um contexto de relações de sentidos, no qual os rapazes gostam de compartilhar com seus pares essas preferências de formação e demonstração de estilos. Dialogando com o que reflito sobre os jovens e as marcas famosas nesta pesquisa, o estudo de Damazio et al. (2008, p. 12) apresenta e analisa dados de entrevistas com jovens, cujos enfoques são suas práticas identitárias, pensadas em sua relação com as marcas de grifes famosas. Uma das entrevistas mostra que quando o jovem não compartilha a marca mais em evidência no momento, ele não está usando o “uniforme” escolhido pelo grupo, tornando-se “diferente”. “Na escola todas as minhas colegas usam tênis *Reef*, aquele de quem anda de

skate, sabe? O tênis da *Reef* no meu colégio é como uniforme. E não ter um tênis desta marca é ser diferente”.

A fala traz a importância de fazer parte, pela escolha de uma marca famosa acordada pelo grupo, fazendo o jovem ser considerado “igual” ou “diferente”, delimitando lugares sociais e possibilitando a ele fazer parte do grupo, caso queira e tenha como objetivo aproximar-se pelo uso e pelo compartilhamento das marcas mais valorizadas entre eles. Usar o que é mais aceito entre os rapazes do grupo pesquisado é uma prática de identificação de ordem coletiva, como na entrevista que faz parte dos dados do estudo da autora. Os pesquisados querem ter identificação com os amigos pelo uso de marcas famosas e pelas escolhas e cuidados nessas relações com a aparência e com o corpo, mas se preocupam em evidenciar diferenças que os particularize e os mantenha próximos a um consenso escolhido pelo grupo que opta por construir e mostrar o “estilo diferenciado”. Após a saída do campo, essa evidência continuava a se revelar nas redes sociais, mostrando um estilo que se particulariza pelas escolhas individuais e pelo pertencimento coletivo.

As práticas sociais que envolvem a moda podem causar afastamentos. A maioria do grupo diz que não sai com os caras que eles consideram relaxados, podem conversar, mas sair não “rola”. Elas participam da elaboração de categorias diversas, quanto ao estilo, como a do “tchum-tchá” ou a do “divo”, e elas podem evidenciar relações próximas ou mais distanciadas, pelos códigos, regras, papéis, restrições e inúmeras possibilidades de sentidos que incluem. Articuladas a esse cenário, existem as relações dos jovens com a moda, inseridas em um mercado de produção e de consumo de marcas famosas, onde o grupo busca inovação, diferenciação e valorização, e que se encontra em diálogo simultâneo com a complexa dinâmica social que os envolve. Segundo os rapazes, a categoria dos “divos” é muito ligada à exposição, principalmente nas páginas do *Facebook*, mostrando a relação da moda com as mídias sociais.

VI: É, ele se preocupa muito com a imagenzinha dele. Tipo assim, rostinho angelical, essas coisinhas assim, sabe? Aquelas fotinhos com um montão de curtida. É. Vamos supor, o cara vai tirar uma foto, o cara vai lá se maquiar, só para tirar uma foto para colocar no *Facebook*, entendeu? É. Teve um conhecido nosso que postou uma fotinho e não teve o número de curtidas que ele esperava... Ele apagou a foto.

A força e a concorrência que as marcas famosas querem possuir cria um mercado que, ao dispor de apelo midiático e fascínio consumista, atinge e seduz os consumidores em geral, interferindo nas preferências juvenis que, obviamente, além de sentirem sedução pelos

produtos, faz com que os jovens reproduzam estruturas consumistas de dominação. Existe uma criação artificial, por exemplo, pelas mídias, de apelo e consumo de bens materiais que acentua a presença deles entre os sujeitos na época atual, principalmente pela velocidade e quantidade de informações e propagandas simultâneas de que dispõem.

A conformidade ou a submissão existente nas escolhas dos jovens associadas ao lugar de legitimidade que essas marcas famosas e elitizadas possuem não é a única lógica nessas relações dos jovens com o consumo. Quando os jovens usam as marcas que não são preferencialmente destinadas a eles, desafiam estruturas de poder da mídia ou da sociedade. Eles intervêm nos critérios organizados por algumas marcas famosas e as incomoda, subvertem uma lógica excludente que elas possuem, mostram que as regras do consumo não são imutáveis, nem possuem “donos”. Esse mercado, que circunda as marcas famosas, objetiva se apropriar e dominar a lógica da moda, nem sempre conseguindo. Nesse caso, pela diferenciação social, tenta criar “amarras”, onde uma de suas estratégias são os altos preços das mercadorias fazendo com que elas se direcionem aos clientes das camadas mais abastadas da população, tentando excluir ou limitar as demais. Direção que passa a ser desviada quando os jovens pobres usam essas grifes.

Observo que o grupo pesquisado se preocupa em usar marcas de grifes, ou melhor, se preocupa em usá-las exclusivamente. Um dos jovens costuma dizer que quando ganha uma roupa que não tem marca, ele se desfaz dela logo. Outros me dizem que não usam roupas sem marcas famosas porque não as têm. Eles se submetem ao uso das grifes, desafiando a reprodução de estruturas sociais que pretendem excluí-los. Tanto o mercado voltado para elite quanto os seus clientes se incomodam quando as camadas menos favorecidas escolhem romper essas barreiras sociais e econômicas. Vejo que os jovens mobilizam um tipo de inclusão, pelo uso de marcas de grifes elitizadas, que não interessa a algumas delas.

Boa parte das marcas tem vergonha de seus clientes mais pobres. São marcas que historicamente foram posicionadas para a elite e o consumidor que compra exclusividade pode não estar muito feliz com essa democratização do consumo⁴⁷.

⁴⁷ De acordo com Renato Meirelles, diretor do Instituto Data Popular. No site do instituto, há estudos que acompanham, desde 2001, o crescimento e desenvolvimento das classes C, D e E, sua visão de mundo, seus valores e sua inserção no mercado consumidor de norte a sul do Brasil. Através de metodologias qualitativas e quantitativas, realizam estudos sobre o consumo da população brasileira. Outras informações na matéria “Marcas de grife têm vergonha de seus clientes mais pobres, diz Data Popular”, de 03/02/2014. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/economia/2014/02/03/marcas-de-grife-tem-vergonha-de-clientes-mais-pobres-diz-data-popular.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

Os rapazes expõem na sociedade as suas diferentes escolhas e possibilidades, interagindo com elas e mexendo na lógica esperada por alguns responsáveis pelas marcas de grifes famosas e alguns clientes, evidenciando que a vida social se encontra em um movimento autônomo, mergulhada na dinâmica das práticas vividas pelos sujeitos. E não podem ser pensadas em termos de completo controle de alguns que se sentem em lugar social mais privilegiado. Esse vestir “grifado” dos jovens desafia limites convencionais; os rapazes se submetem e subvertem a lógica do mercado da moda, se misturam nesse intrincado uso que fazem dela, apresentando e desafiando exclusões.

A construção de um estilo, pelo uso de grifes famosas e cuidados pessoais com o corpo, envolve, dentre outros aspectos, o prazer das escolhas pessoais, a visibilidade, a proximidade e a identificação com os amigos e as estratégias de inclusão social. Nelas querem se sentir mais incluídos, menos julgados socialmente; testam as fronteiras existentes pelas interações com os demais sujeitos, no caso, os que não pertencem aos seus grupos e pares. Resignificam a presença deles nos lugares por onde circulam.

Desde o ano de 2014, vejo uma discussão frequente, tanto nas mídias quanto por alguns acadêmicos⁴⁸, sobre o surgimento dos “rolezinhos”, prática recente no Brasil, que se refere a eventos protagonizados por jovens pobres que marcavam encontros pelas redes sociais e ficavam em grupo nas portas de alguns *shoppings* do país. O termo tem seu uso ampliado, tanto podendo se referir ao grande número de rapazes que fica parado na porta de alguns *shoppings* no país, como pode considerar grupos de jovens, em sua maioria, pobres, negros e moradores de bairros periféricos das cidades, que combinam, pelas redes sociais, andar ou correr dentro dos *shoppings*, causando preocupação em lojistas e clientes e abrindo questões que envolvem preconceito e discriminação. Reportamo-nos ao estudo etnográfico sobre os rolezinhos de Machado e Scalco (2014), a partir de uma reflexão baseada em Lévi-Strauss (1962) sobre como o fenômeno dos “rolezinhos” “é bom para pensar” e, nesse caso, “pensar” sobre uma realidade que envolve esses jovens pobres e negros do país, como os que são os pesquisados desta tese. Jovens que, pelos relatos que obtive, constantemente, trazem as vivências cotidianas daqueles que as autoras identificam no fenômeno caracterizado como “rolezinhos”.

Ele traz à tona, de forma áspera e evidente, as estruturas da desigualdade profundamente enraizadas na sociedade brasileira, as quais foram sendo

⁴⁸ Os eventos podem ser mais estudados no texto “Etnografia do Rolezinho”, de 30/12/2013, do blog de Rosana Pinheiro Machado. Disponível em: <<https://rosanapinehiromachado.wordpress.com/2013/12/30/etnografia-do-rolezinho/>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

sedimentadas ao longo da história de um país colonizado e segregado cuja mitologia e ideologia versam sobre a democracia racial, mas seus ritos cotidianos e mundanos apontam para a sua negação (MACHADO; SCALCO, 2014, p. 2).

As grifes famosas mostram que não querem dividir o “prestígio” tradicional que acreditam ter conquistado entre as camadas mais elitizadas da sociedade com os jovens pobres. Deixam isso claro ao conviverem com manifestações que revelam jovens que optam prioritariamente por elas⁴⁹ para compor seu estilo. “Pelo menos essa é a impressão deixada após consulta de diversas delas ao Instituto Data Popular, especializado neste segmento, para desvencilhar suas respectivas imagens a dos frequentadores dos ‘rolezinhos’⁵⁰”.

Um dos entrevistados, o PD, chamado de “divo” pelos colegas e que substituí o termo por “reliquia” ou “famosinho”, gostava de ficar na entrada do Independência Shopping, em Juiz de Fora, e participava semanalmente destes eventos. Ele ia sozinho, nenhum amigo do morro o acompanhava, gostava de ficar lá com outros jovens que compartilhavam com ele a mesma escolha. Eram amigos que ele mantinha pelas redes sociais, esses não frequentavam o morro, a rapaziada não permitia proximidades pela associação com a categoria dos “divos”. A prática de ficar no *shopping*, dentro ou na porta, incluía tomar sorvete, ver as meninas, conversar e expor a imagem; mostrando a aparência cuidada, as roupas, os bonés de marcas famosas, os cordões, etc. Essa exposição incluía tirar muitas fotos e produzir vídeos para exibição e, conseqüentemente, mobilização das muitas curtidas desejadas pelo *Facebook*. Caso a foto ou o vídeo não acarrete mais de 100 curtidas, são retirados e mais a frente o jovem disponibiliza outro material para a visualização, e a tentativa de ter um número maior de curtidas e compartilhamentos.

Eu: Como é isso de ficar no *shopping*?

PD: Muita gente fica postando que vai no *shopping*. Aí vai no *status*, vai divulgando, divulgando. Aí assim vai...

Eu: Isso é rolezinho? É ficar parado ou correr...

PD: Não, não. Isso aqui não. Só pra pegar mulher, conversar, tirar foto, postar. Eu fico lá, continuo indo lá, mas diminuiu muito de gente.

Eu: Por que diminuiu?

PD: Igual essa semana eu tava lá parado ali onde tava a cerca. Aí eles vêm falar que não pode ficar ali, só pode ficar lá. Lá fora também tem lugar que não pode, só pode ficar onde fica o táxi ali.

Eu: Isso te incomoda?

⁴⁹ No estudo de Machado e Scalco (2014), rolezinho, consumo e segregação no Brasil são temas vistos de forma articulada e aprofundada.

⁵⁰ Disponível em: <<https://br.financas.yahoo.com/noticias/marcas-de-grife-tem--vergonha--de-clientes-mais-pobres-164006483.html>>. Acesso em: 11 set. 2014.

PD: Eu vou toda semana. É o jeito de se vestir. Esses “mulequinho” assim. “Playboy” cabelinho jogado pro lado assim eles nem olha. Mas se a gente passa assim, com boné, aí com uma roupa tipo assim, eles fica em cima. Esses “playboyzinho” eles não fica olhando muito. Mas você passa, igual ao M que se veste daquela maneira dele, igual “tchum-tchá”, de *Adidas*, *Nike*. É muito preconceituoso aqui.

Não só discriminação e preconceito podem ser vistos nas relações dos jovens pobres com as marcas famosas. Algumas delas veem a possibilidade de aumento financeiro de suas empresas e a oportunidade de negócios, caso invistam nas camadas menos favorecidas da população, que não deixam de ter poder e decisão de compra. A Data Popular também foi consultada para ajudar essas marcas que se interessam na ascensão da classe C. Ao realizar um levantamento, percebeu que a renda total dos jovens pertencentes à classe C é de R\$ 129,2 bilhões contra R\$ 99,9 bilhões das classes A, B e D somadas. “Em 2013, na capital paulista, o consumo da periferia alcançou um valor duas vezes maior do que o consumo da região central: R\$ 188,7 bilhões frente a R\$ 87,53 bilhões⁵¹”. Dado bastante atraente para quem vive do mercado econômico. Acredito que isso faça algumas marcas famosas, menos compromissadas com o tradicionalismo e com a elite, repensarem a quem atender ou que estratégias criar para atender públicos que estão em posições sociais diferentes na sociedade.

O aumento do uso das marcas famosas pelos jovens das camadas populares se relaciona, dentre outros fatos, à recente ascensão econômica que temos visto ultimamente na sociedade brasileira, provocando mudanças na vida social e cultural destes sujeitos. Ter melhores salários e buscar inserção no lazer, por exemplo, não traz somente bens materiais, mas mudam as formas de vida no cotidiano, promovendo alguns acessos antes negados ou limitados a eles. Como querer estar ou entrar nos *shoppings*. Esse espaço foi trazido em nossas conversas, muitas vezes, como opção de lazer e como lugar de terem aborrecimentos para passear ou fazer compras, ocasionados pelas perseguições dos seguranças e pelas maneiras pouco educadas de serem atendidos pelos lojistas. Dizem claramente que se sentem como se fossem ladrões ao entrarem lá.

O uso de marcas famosas entre os jovens de periferia se dá por um viés particularizado e relacional, apontando para regularidades nas vivências econômicas juvenis. Um trecho da entrevista⁵² de Scalco (2014) se aproxima dessa reflexão, principalmente quanto ao “capital

⁵¹ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/marcas-famosas-se-envergonham-de-seus-clientes-pobres-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

⁵² Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/527574-o-consumo-enquanto-simbolo-de-empoderamento-e-cidadania-entrevista-especial-com-lucia-mury-scalco>>. Acesso em: 21 set. 2104.

simbólico e social” tratado. A pesquisadora, ao ser questionada se os jovens que participavam de rolezinhos em São Paulo seriam das classes C e D, nos diz que:

Sim, acredito que é possível associar esses jovens da periferia como membros das chamadas **classes C e D** e também relacionar esse aumento de consumo a políticas públicas de distribuição de renda e ao aumento da linha de crédito, cujo efeito mais aparente e imediato é a ampliação do poder de compra. Mas na nossa etnografia encontramos jovens muito pobres, que se encaixariam perfeitamente numa **classe D**. Ressalto que, para a antropologia, essa classificação quantitativa é pouco representativa, pois adotamos uma perspectiva mais abrangente – a de **cultura popular**, que não é definida apenas pelo capital econômico (poder de compra ou faixa salarial), mas também pelo capital simbólico e social desse jovem.

Quando um dos rapazes do grupo quer ter uma roupa de marca ou um tênis novo, por exemplo, isso não está somente associado às mudanças sociais e políticas mais inclusivas que têm ocorrido no país. Elas fazem parte. Os jovens me disseram ter sentido mudanças em suas vidas a partir delas, como a compra de bens materiais de melhor qualidade, que não possuíam em casa antes, por exemplo, máquinas de lavar e televisões. Alguns jovens costumavam me mostrar os objetos adquiridos, principalmente, pelas mães. Mas as estratégias que costumam mobilizar em suas práticas cotidianas para as compras não são únicas, podem mobilizar, como disse anteriormente, usar o cartão de crédito de familiares, ir juntando dinheiro aos poucos, fazer empréstimos de dinheiro ou de objetos entre o grupo, conseguir empregos fixos ou temporários, e há o que pode render de atividades consideradas ilícitas. Lógicas diversas e heterogêneas compõem a vida social e vão sendo agregadas nas escolhas e experiências juvenis.

Nelas, a forma como os sujeitos tratam suas prioridades faz parte de escolhas subjetivas e simbólicas, que podem ou não serem associadas às necessidades que poderiam ser consideradas mais facilmente como “básicas”. Acredito ser complexo pensar sobre o que seriam essas necessidades básicas. Neste estudo, observei que não faz sentido para os pesquisados uma configuração hierárquica de prioridades, que não sejam definidas por eles. “Ao contrário do que se possa imaginar, não se pode encontrar coerência ou ordem hierárquica entre o que seria um bem básico ou um bem supérfluo na ótica do consumidor” (DOUGLAS, 1997 apud BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p. 37).

Uma multiplicidade de lógicas de ação construídas e evidenciadas pelos jovens pode ser pensada quanto aos cuidados com o corpo, com o uso de marcas famosas e com as suas relações nas práticas cotidianas. Os corpos cuidados, os cabelos “afiados”, as roupas, os adereços – como os óculos espelhados e os aparelhinhos nos dentes, por exemplo –, os bonés

e os tênis de marcas famosas estão presentes na vida e nas práticas que envolvem os gêneros musicais preferidos e na maneira como o grupo pesquisado se relaciona com eles. As roupas ajudam a compor a relação do estilo com as escolhas dos gêneros musicais, no caso específico do passinho, além da formação do estilo; e parece que se tornam elásticas quando os rapazes realizam os seus movimentos. Esse dado evidencia o grau de flexibilidade que o passinho requisita. No momento da pesquisa, esse estilo musical era a preferência entre os rapazes e revela uma dança com suas *performances* bem rápidas em uma coreografia própria.

4.4 O corpo e seus movimentos dialogam com os estilos do grupo

Acredito que mesmo quem não seja ligado ao ritmo e aos desdobramentos, vistos nas danças, precisa se esforçar para não ficar “instigado” pelo “batidão”. Os meus olhos ficavam grudados esperando o movimento seguinte, sem conseguir fixar direito o anterior. É tudo muito rápido, sem que seja desordenado. Há uma lógica de movimentos na dança do passinho que, segundo os rapazes, requer uma prática cotidiana, que acarreta longos ensaios e horas a fio de dedicação, após assistirem repetidas vezes os vídeos que escolhem como referência no *YouTube*. Algumas ruas do Mundo Novo são locais de encontro para a dança do passinho e seu treinamento, assim como as casas dos amigos e as garagens, enfim, onde tenha gente “disposta” a dançar e um celular que possa reproduzir as músicas preferidas e os vídeos assistidos pelo *YouTube*.

A partir disso, acontecem os encontros para dançarem o passinho que garantem repetições, “zoadas”, criações e recriações entre o grupo. “Talento” e “treinada” são habilidades necessárias que precisam desenvolver para dançar o passinho. PD me diz que chega a treinar mais de seis horas por dia. Os rapazes falam que ele dança direto, por isso se destaca tanto; alguns “zoam” dizendo que já não aguentam mais os vídeos do PD. Com os rapazes, pude presenciar muitas vezes brincadeiras nesse sentido, de que ele dança bem porque faz isso o dia todo, que virou “divo” por causa do passinho. Mas o amigo é apontado constantemente como o dançarino do bairro, o cara que “manda bem”, que “embraza” ou “quebra tudo” no passinho. Os termos tratam do jovem que dança muito bem, que dá um show no passinho. As brincadeiras com o PD acontecem, mas ele é respeitado como um dos amigos que faz parte do grupo, com quem se pode “fechar” e é reconhecido como alguém que tem o dom da dança, um talento particular.

Nem todos são como o PD no “talento” e na “treinada”, o que não os impedem de gostar e dançar o passinho, porque, segundo eles, se o “moleque” se esforçar não passa

vergonha ao dançar, nem na rua, nem nos bailes. Não pode é fazer “marmota”, dançar de qualquer maneira, de improviso, sem técnica e fazendo gracinha. O estilo de se cuidar e de se vestir está associado às danças que os jovens realizam. Para os bailes os cuidados com o visual e as roupas de grife são mais rigorosos. Eles expõem de maneira significativa a relação da aparência cuidada com o estilo musical preferido e o jeito de dançar da rapaziada. É um padrão trabalhado e reconhecido entre eles, uma tendência regular que associa ter um “estilo diferenciado” a um gênero de música e dança que faça sentido a esse estilo. “Não é só gostar do *funk*, ou do passinho, é o jeito como a pessoa se veste”, como revela a fala do jovem. Esse fato mostra a vinculação do estilo musical com os cuidados com a aparência e às roupas de marcas famosas e preferidas.

Nessa chave, os jovens particularizam a questão do *funk*. Sentem que existe preconceito da sociedade com relação a esse estilo musical e dançante. O que falam tem a ver com um ponto específico e dois desdobramentos principais: quais os sujeitos que estão vivenciando a experiência do *funk*, estejam eles ouvindo ou dançando; e onde essa prática está acontecendo? Os rapazes especificam, com suas vivências, essa relação de quem canta ou dança e em que lugar isso está acontecendo. Segundo eles, se a prática do *funk* for entre jovens que moram no morro, o *funk* fica mal visto, associado a uma manifestação de “periferia”. E aqui, no sentido pejorativo e excludente do termo, longe do uso, que em minha visão faz sentido, conforme discuti no capítulo 2 deste estudo.

O Mundo Novo é um bairro de centro-periferia, como apresentei no primeiro capítulo. O preconceito de que os jovens falam relaciona seus locais de moradia ao *funk* e à aparência deles, partindo de uma visão social e geográfica excludente. Vejo que ela dialoga com outras realidades mais coerentes, como a de Santos (1997, p. 261), quando diz que os espaços onde os pobres vivem “são espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão”. Isso evidencia uma visão de periferia associada à construção de laços de solidariedade e aos fortes vínculos de vizinhança e amizade, particularizados na experiência de uso dos espaços através da manifestação e da visibilidade de significativas práticas culturais.

O fragmento da discussão seguinte entre os jovens mostra as faces desta leitura social excludente que, segundo os pesquisados, a sociedade faz do *funk* e deles. E pode ser pensada junto às questões sociais e econômicas que envolvem, por exemplo, a aparência dos jovens que gostam do *funk* e moram no morro. Quando os rapazes dizem que “se não tocar *funk* não é uma festa” é porque eles refletem que o gênero musical está presente e é aceito nas festas de outros grupos sociais, os que são considerados mais elitizados. Falam do reconhecimento do

funk pela sociedade brasileira em geral. A discriminação da sociedade que os rapazes percebem é na relação do *funk* com os jovens pobres do morro e seus desdobramentos, como a aproximação dos jovens “funkeiros” às drogas, aos roubos ou às brigas de “galeras” nos bailes, por exemplo. Práticas que eles relatam que acontecem, mas obviamente não são realizadas por todos os “funkeiros”.

L: É muito difícil hoje em dia achar quem não goste de *funk*.

PA: *Funk* é isso, *funk* é aquilo, mas você vai num baile qualquer tem *funk*.

(L interrompe)

L: No dia a dia tem. Pode ser o que for, sempre tem, sempre, o que for. Uma festa se não tocar *funk* não é uma festa. Mas eles julgam a gente pela aparência.

PA: Muita gente fala.

Eu: Quando você fala eles julgam, quem são eles?

(VI, PA e L falam quase ao mesmo tempo: a sociedade. W fala mais baixo que os demais que é a sociedade, concordando com a cabeça)

Eu: Quem seria essa sociedade? Insisto em saber mais detalhes, em especificar de que sociedade eles falam.

(L aponta pela janela, fazendo gestos com as mãos e fala)

L: Vamos supor que o Rio de Janeiro é aqui. Por exemplo: aqui no morro, aqui é a favela; e o Alto dos Passos é o bairro nobre, tipo assim Tijuca, e Borel (referindo-se à favela).

Eu: Seria o quê? Um bairro mais pobre?

PA: É o asfalto lá, lá mais embaixo é o asfalto.

(L faz um gesto com o rosto mostrando desacordo com a minha colocação de bairro pobre)

L: Bairro pobre não! Não é bem isso!

PA: É o lance da rua.

VI passa a explicar: As pessoas em bairro, as pessoas ficam assim na rua. Em bairro nobre você não vai ver essa movimentação na rua.

PA: É criança jogando bola.

L: Aqui o pessoal na rua dançando. O som alto. Você não vai ver churrasco na rua, lá embaixo é churrasco lá dentro de casa, mais reservado, na família. Tem uma carne aqui todo mundo chega. Faz gesto com as mãos.

VI: Aqui bota uma sexta, vamos pensar de noite, vamos botar o Bom Pastor ali, vai lá, tá fraco. Agora, vem aqui, o som tá ligado, muita gente na rua...

Eu: Mas o Alto dos Passos fica lotado nas sextas feiras também.

VI: Fica lotado por causa dos bares, é um *point* ali. Agora se fosse o Bom Pastor, não tem bar não tem ninguém lá, não fica ninguém na rua. É residencial, mas é diferente daqui.

L: É o lugar dos “playboy” o Bom Pastor (ao se referir ao “playboy” faz aspas com as mãos).

PA: Que nem muita gente fala, o *funk* é isso, o *funk* é aquilo, mas quando tem um churrasco, mas quando tem uma festa, um churrasco, eles são os primeiros a vir, porque eles sabem como é. Como é que faz, entendeu?

VI: Igual essas “patricinha”, na verdade, que tira muita onda, que fala essas coisa de “funkeirão”. Todo o lugar que chega toca *funk*, tem uma casa de show, Turuna, que toca *funk*, e tem uma casa... Mas tem uma casa, Mansão, tem *funk*, elas vão pra lá, elas curte *funk* lá.

PA: Hoje em dia senão tocar *funk* não é uma festa.

W: Tem que ter *funk*.

VI: Elas curte *funk*, não curte onde nós, “funkeiro”, curte, mas curte em outro local.

K: O *funk* é muito mal visto, por causa das brigas também, as brigas vêm com as roupas também.

O diálogo, além de evidenciar as relevantes formas de socialidade distintas nas ruas do Mundo Novo, trata dos usos e das apropriações do *funk* por sujeitos em posições sociais diferentes dos rapazes, que se divertem com o *funk* em lugares sociais relacionados aos seus espaços físicos de referência. Segundo os rapazes, o *funk* está nas festas em geral, não podendo inclusive faltar. E o que muitas vezes acontece é o preconceito com quem está cantando ou dançando o *funk*. Dependendo dos sujeitos, quando são mais ou quando são menos privilegiados, a aceitação do *funk* se modifica.

O local pode fazer a diferença para o tipo de reconhecimento e aceitação do *funk* pela “sociedade” de que os jovens falam. Eles exemplificam com o Turunas, local mais afastado das áreas centrais da cidade e frequentado por “funkeiros” de bairros de periferia, onde o espaço é mais restrito a eles e visto com preconceito. Este local geralmente é relacionado a brigas de jovens “funkeiros”. Essa associação é feita pela mídia local, e a meu ver não faz sentido. Brigas podem ocorrer em locais elitizados ou não. Segundo os jovens, no Turunas é onde são considerados pela aparência, onde são julgados pela sociedade. Na Mansão, casa de festa em local mais nobre, no bairro Aeroporto, e frequentado por sujeitos considerados elitizados, o *funk* passa a ter um outro valor, a certificação é mais nobre e aceita. Os jovens deste estudo não ficam restritos ao Turunas, também frequentam os locais que tocam *funk* e são considerados mais “nobres” na cidade. Acredito que por isso façam essas reflexões sobre as diferenças dos locais e dos sujeitos que os frequentam.

As explicações das diferenças entre os bairros, realizadas pelos jovens, e a partir de comparações com o Borel e a Tijuca, no Rio de Janeiro, que são locais próximos e distintos socialmente, ajuda a configurar o que consideram ser favela, no caso o Borel, e o bairro nobre, a Tijuca. Os jovens vão apresentando como essas diferenças acontecem e são vistas por eles ao interagir com os demais sujeitos em um panorama urbano desigual, como na cidade de Juiz de Fora. Asfalto é usado para exemplificar um lugar de elite, delimitando a diferenciação entre os bairros; o sentido é claramente simbólico. Todas as ruas do Mundo Novo que percorri são asfaltadas. Não é disso que falam, não desse asfalto. Falam do tipo de movimentação que acontece no morro em que vivem, diferente da que acontece no asfalto, e faz parte do modo de vida dos sujeitos.

Os rapazes comparam o Bom Pastor com o Mundo Novo, mostrando a diferença entre bairros residenciais. Eu insisto propositalmente em meus questionamentos e falo do bairro Alto dos Passos, que fica lotado como me dizem ficar o Mundo Novo às sextas-feiras. Quando especifico por essa aproximação, os jovens elaboram uma definição precisa de quem vive a experiência diária de morar em um bairro de periferia, de comunidade, que, segundo eles, por esse viés não tem que ser reconhecido como um local pobre. Inclusive um dos rapazes não gosta do termo que uso, porque a experiência não é a de ser pobre, na questão que discutíamos. O que importava nas explicações deles eram as vivências dos sujeitos em suas relações com os usos dos lugares. No Mundo Novo existem diversas experiências acontecendo nas relações cotidianas entre os sujeitos, o churrasco, as crianças brincando, a dança na rua, e nelas não há tanta discriminação e silêncio. Há o clima de amizade e pertencimento na comunidade por compartilharem suas práticas de socialidade, vistas em uma movimentação que dizem não acontecer no bairro Bom Pastor, que utilizam para as comparações.

No Mundo Novo, as ruas são propícias às interações e as portas de algumas casas ficam abertas. Algumas pessoas têm o hábito de sentar nas calçadas. E nesses momentos de convívio compartilhado na vizinhança pode acontecer uma conversa, uma “zoada”, um “furduncinho”, um pagode, um *funk* ou um churrasco, por exemplo. Os vizinhos, se quiserem, podem participar. A maior parte das relações entre eles é de proximidade pelas experiências vivenciadas no bairro. As relações são abertas à participação da maior parte dos sujeitos que vivem lá, e essas são propícias aos encontros e às festas.

Os jovens me explicaram que o passinho vem do *funk*. Percebo que é uma apropriação e atualização criativa dele, um jeito novo que passa a surgir e tem similaridades com o estilo musical anterior. O passinho abre outras possibilidades próximas ao ritmo e ao embalo do *funk*. E que esse fica em uma versão de música e dança mais tradicional, um ritmo de origem, que iniciou as *performances* nas quais o passinho foi buscar a ousadia que apresenta, trazendo significativamente para um novo contexto o gênero anterior. O passinho passou a ser um estilo musical e performático mais inovador, que permite aos seus dançarinos liberdade de criação pela possibilidade de surgimento de estilos próprios aos seus dançarinos, como tem feito o PD. Parece-me que o passinho não tem “dono”, alguém que apresente os passos a seguir para que outro jovem possa praticá-lo, não há regras ou etapas controladas. Nem tudo é livre, existe um passo “marcante”, a partir daí é criação e inovação. PD, E, M, N, K, VI, RO W e outros rapazes do grupo apresentam o passinho como primeira escolha de gênero musical

e dançante. Dizem que assistem a inúmeros vídeos pelo *YouTube* e criam movimentos a partir deles.

O grupo aponta, principalmente, os vídeos da Cidade Alta, no Rio de Janeiro, do MC Magrinho e do MC Pedrinho, como fonte de inspiração. A partir dessas referências inventam outros movimentos e criam *performances* em suas realizações na prática cotidiana do passinho. Quando falam do passinho do Rio de Janeiro, pergunto aos jovens que dançam sobre o passinho de São Paulo. Eles explicam que o passinho do Romano é muito estranho, em um baile pode até ser que dancem, mas como algo menos comum, só para chamar a atenção e mostrar a “mulherada” que eles sabem. Mas não é um estilo de dança próximo, como acontece com o do Rio de Janeiro. Segundo eles, o passinho do Romano é agitado demais, parece que o dançarino está pegando um “espírito”.

O passinho da Cidade Alta é o preferido dos rapazes do Mundo Novo e é realizado por jovens que moram em uma favela do Rio de Janeiro, em Cordovil. Lá e em locais próximos são realizados bailes com frequência. A partir deles e de filmagens em diversos locais do bairro carioca, são disponibilizados vídeos no *YouTube* que mostram as habilidades dos dançarinos nas *performances* criativas do passinho. O tipo de dança que os jovens do Rio de Janeiro realizam atrai a admiração e o desejo dos jovens pesquisados em reproduzi-las. Os jovens costumam dizer que ficam “instigados” para saber de onde os dançarinos da Cidade Alta tiram sua inspiração para inovar tanto e dançar do jeito que fazem. Um dos rapazes me disse como descobriu a relação do grupo com Will Smith, na série “Um Maluco no Pedaco”, e me disse para fazer uma pesquisa e verificar o que ele havia observado.

E: O Bonde da Cidade Alta é os menino da Cidade Alta que deu origem a essas dancinha, olha lá no *YouTube*, depois você coloca o Will Smith dançando lá no Maluco do Pedaco. Igualzinho dançando, não é todos os passos, mas a maioria é.

Eu: Como você chegou nisso, você viu um e lembrou do outro?

E: Não! Eu ficava assim, pô, né, possível esses “muleque” aí. De onde que eles tirou esses passos. Eu ficava pensando. Pô, como é que eles inventou isso. Um belo dia eles postou uma vídeo dele, tipo assim, eles colocou só a música que é da Cidade Alta do Rio de Janeiro, da área do *funk* do Rio de Janeiro, tum-tum, e colocou o Will Smith dançando aí eu vi, agora tá explicado. Ele dançando no programa lá do pedaco e o ritmo da música da Cidade Alta e ele dançando. É porque eu não tenho o vídeo aqui senão eu pegava pra te mostrar.

Os jovens costumavam me dizer para pesquisar algumas coisas. Acredito que seja para dar mais veracidade às suas falas ou para que eu possa me aprofundar mais em suas declarações. Fui procurar o vídeo não para buscar confirmações, mas principalmente para ver

a correlação que o jovem me disse existir. Após assistir o vídeo⁵³ indicado pelo jovem observei que a relação é próxima, para mim ela faz sentido. É uma montagem de várias partes de “Um Maluco no Pedaço” com as músicas do grupo da Cidade Alta. O ator realiza uma dança rápida e criativa ao som da música do Bonde da Cidade Alta, do Rio de Janeiro, que parece ser própria da série. O ator Will Smith foi citado pelo grupo como referência nos cortes de cabelos, tema que vou discutir mais a frente neste capítulo.

No início do campo, PD me dizia ter preferência por postar fotos dele no *Facebook* ao invés de vídeos, para estar na mídia, para ter curtidas e compartilhamentos na rede citada. Pude vivenciar a mudança dessa proposta. A partir de 2015, meu segundo ano em campo, o jovem passou a disponibilizar os vídeos no *YouTube*, com ele dançando. Os vídeos passaram a ficar em mais evidência do que as fotos em sua página na rede social. Inicialmente, eram vídeos individuais, feitos em casa, no banheiro da escola, na sala de aula; a maior parte deles PD dançava sozinho. No início de 2016, PD ou PH, que se apresenta como PH das dancinhas nos vídeos de danças, criou um canal⁵⁴ no *YouTube* para suas exibições. Mesmo depois de sair fisicamente do campo, continuo interagindo e participando de alguns acontecimentos no Mundo Novo, como aceitar o convite feito pelo jovem para eu me inscrever e ver no canal dele, no *YouTube*, depois curtir e compartilhar seus vídeos através do *Facebook*. Inscrevi-me e acompanho o canal dos jovens e, com esse cadastro, sou avisada por meu e-mail pessoal quando um vídeo novo é inserido. O interesse dele é que haja muitas visualizações e curtidas para que possa ficar conhecido, ou melhor, famoso.

Seus vídeos de *performances* individuais de dança, depois da inscrição no *YouTube*, passaram a ser realizados com dois amigos, também bastante habilidosos, que não fazem parte do grupo pesquisado. Os rapazes realizam danças impressionantes em termos de coreografias combinadas e complexas. Em alguns momentos as danças parecem simular duelos entre eles, como se estivessem brigando, não de forma agressiva, mas com leveza e arte. Os vídeos do PH das dancinhas e de seus amigos são criados e completamente editados pelo celular, com um aplicativo chamado Viva Vídeo⁵⁵. É realizado exclusivamente pela câmera de vídeo do celular, sendo uma ferramenta muito utilizada pelos usuários, na atualidade, em mais de 70 países. Possui diversos recursos, um deles utilizado pelos rapazes, como o de realizar

⁵³ Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=AXYxHFNyAhg&spfreload=10>. Acesso em: 21 set. 2014.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b6mYIAKeOAQ>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

⁵⁵ Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.quvideo.xiaoying&hl=pt_BR&referrer=utm_source%3Dgoogle%26utm_medium%3Dorganic%26utm_term%3Dapp+viva+video&pcampaignid=APPU_1_oEOqVsPbFcKk wgSF2KwQ>. Acesso em: 12 fev. 2016.

montagens na edição dos vídeos. Essas montagens são feitas a partir de modelos de colagens de vídeos criados ou não por eles, onde podem misturar os seus ou outros cliques preferidos em uma mesma história, criando um enredo, por exemplo. Outro recurso interessante são os efeitos especiais, como uma explosão repentina.

Os dois primeiros vídeos, inscritos no canal do *YouTube*, são de início de 2016, e os únicos postados até o momento da escrita desta tese; refiro-me ao tempo porque entre os rapazes as práticas se modificam com frequência. Os vídeos foram realizados em uma garagem no bairro. O local dos vídeos é onde vivem, em meio às condições simples de suas existências; já a dança não é nada simples. Seu nível de dificuldade se torna evidente e as repetidas batidas deslizantes dos pés dos rapazes no chão mostram parte da complexa coreografia combinada que realizam. Eles seguem na dança com determinação, em uma harmonia frenética de movimentos, articulando braços e pernas de um jeito sincronizado e acelerado. Não há preparações elaboradas na aparência dos jovens para essas filmagens. Aparecem, por exemplo, algumas vezes, descalços e sem camisa. As roupas de marcas famosas continuam, assim como os cordões e bonés, mas o jeito é despojado. Eles explicam que dá vontade de fazer um vídeo de repente, do jeito que estão. Além disso, percebo que a dança requer bastante esforço físico; acredito que por isso os jovens pareçam menos “produzidos”.

W: Vimos os “moleque” do Rio de Janeiro dançar, começamos a gostar.

K: O passinho.

VI: É isso, passinho.

PA: Esse menino é famosinho no *Facebook* (apontando para o amigo K). É passinho, começamos a fazer umas “marmotas”, mas ele não.

(O amigo fica de braços cruzados, demonstrando autoridade, balança a cabeça concordando).

PA: Ele mostrou a bunda dele.

Eu: Mostrou no vídeo? Tem um diferencial, é um vídeo diferente?

PA: Ele já era famoso com as meninas, ficou mais. Chega numa menina tá com o K, chega na outra, você chega tá com o K. Lançou o vídeo. Nossa Senhora!

VI: Famosinho.

Eu: Vi um filme sobre o passinho (eu ia me referir a Batalha do passinho quando fui interrompida pelos jovens).

PA: Tem muito vídeo, mas fazendo mais “marmota”. Ele foi sério, ele e um primo meu que dançou. Aí deu bastante curtida lá. Já era famoso, aí ele “pega” um montão de mulher ao mesmo tempo.

Eu: Elas assistem? Vocês acham?

VI: Legítima pelo *Face*, é talento. Botou lá no *Face* e tudo, e tem passinho.

L: *Face* e passinho. Ah, *Whatsapp* também.

Eu: Qual a diferença entre o *funk* e o passinho?

(Os jovens falam ao mesmo tempo)

PA e L me explicam: Tem o *funk* proibidão, tem o de putaria, tem o do comando, que é do crime, e tem o *funk* dos passinho, que só fala isso mesmo.

Eu: Ostentação, assim de ouro e prata, mais de São Paulo, por que no Rio é mais do comando, do crime, que só fala de crime, apologia?

L: Comando (faz gesto para fora da janela, mostrando lá fora), tipo do comando. A diferença é questão de talento, de treinamento.

VI: A diferença é pelo que vê. A diferença é o tipo de dança. passinho é talento. A música é treinada, não é só sair rebolando normalmente. Não é qualquer um que faz.

Eu: Vocês ensinam?

PA: Tem que criar, você aprende o básico e vai. Com o talento vai criando.

Nesses relatos e em outros momentos que conversei com os rapazes ou os assisti dançar o passinho, percebi que, mesmo tendo o seu lugar de preferência entre eles, o passinho não é o único estilo vivenciado. Também me falaram do *funk*, do samba, do *rap*, do pagode. Falam de um tipo específico de pagode: o pagodinho, que é um pagode romântico, é uma música que mostra sentimentos, e é preciso ter certos cuidados com ela. Segundo os jovens, é para ser ouvida e sentida sozinho ou com algum amigo em quem se confia muito. O pagodinho é para se ouvir com os “fechados”, porque pode mostrar que o “moleque” está apaixonado, pode mostrar fraqueza. A música preferida deles, nesse estilo, se chama “Segredos”, do conjunto Revelação. Ao ouvi-la percebi que é uma montagem de partes de diversas músicas de outros cantores, para dar sentido a um todo musical com uma linha mais romântica. As montagens também fazem parte das escolhas do passinho. Notei que as montagens de vídeos e, neste caso, de músicas para ouvir ou dançar, formam um estilo musical e revelam a preferência do grupo por elas.

R: Que está falando muito de amor, esses negócios, aí já vem... Nego começa a te “zoar”, a falar: “Ih, está apaixonado. Não vou ficar perto de você não, é contagioso esse negocio”. É mais isso que acontece.

Eu: R, aí você já se protege da “zoação”. É isso? Você já sabe o jeito para se proteger.

R: Ah, eu sei que ninguém coloca pagode perto de ninguém, não. Ninguém coloca não.

Sentir ou sofrer por amor é uma experiência quase secreta para o grupo, é responsável por muitas “zoadas” e pode também mexer na fama de “pegador” ou de “brabo” dos rapazes. O famoso “rei delas”, como alguns gostam de ser reconhecidos no grupo e pelas meninas, ficaria comprometido se ouvisse esses pagodes mais sentimentais, publicamente. Isso faz com que eles não sejam compartilhados em qualquer grupo de amigos; não é uma prática coletiva, já o passinho é próprio ao encontro do grupo.

O passinho é uma dança que envolve os rapazes em uma prática de parcerias e de compartilhamento prazeroso. Sabem usar isso em suas interações com as meninas, revelando interessantes questões de gênero no Mundo Novo. Os rapazes se consideram melhores dançarinos do passinho do que elas porque, segundo eles, têm mais habilidade e expressão. Observei que o grupo resiste em colocar meninas na roda do passinho; a predominância do grupo que dança no Mundo Novo é de rapazes. No dia do “furdunço” no bairro, elas não dançaram com eles, ficavam em volta, próximas, e observavam. Os rapazes realizam os movimentos com sensualidade e habilidade na dança, exibindo, sem camisa, seus corpos definidos, mostrando um tipo de masculinidade que na dança se define pelo valor da exibição da imagem que constroem e gostam de expor. Dançar o passinho para a rapaziada do Mundo Novo é uma prática entre homens que, na maioria das vezes, dançam bem. As relações dos rapazes com o passinho, além de tornar possível a participação, a união e a exibição prazerosa junto dos amigos nos bailes, nos treinos e festas nas ruas, têm a intenção de, pelos movimentos da dança, “chamar” mulher, como dizem. Empenho que torna os rapazes conhecidos e famosos. Eles passam a se impor pelas *performances* construídas, visibilizadas por eles e apreciadas por elas, e por mais quem os assiste. São demonstrações que dão sentido e legitimam o dançarino, valorizando o cara que “amassa”, “quebra” ou “rabisca”. Os termos se equivalem e mostram os atos de quem se destaca nos passos do passinho.

O futebol também é uma prática cotidiana realizada pelo grupo, desde “molequinhos”, nas esquinas do Mundo Novo e, algumas vezes, em campos que alugam juntos. Acredito que através dele obtenham resistência física e definição em seus corpos. Um dos jovens me diz ser “quase um atleta” pela prática constante do futebol. Os rapazes têm energia física que se mistura à habilidade, talento e sensualidade, revelando uma destreza capaz de impressionar as meninas que os assistem. Essa experiência com a dança caracteriza um lugar de masculinidade sensual de rapazes que se preocupam em dançar bem e não fazer “marmotas”. E que podem potencializar esse sucesso com uma transgressão ao, por exemplo, mostrar a bunda na hora da dança, o que torna o dançarino famoso no grupo e com as meninas ao trazer um ato inusitado a sua *performance*.

Assisti a vários vídeos a partir do que os rapazes me apontavam. Eu via os vídeos que eles faziam e os que eles mais gostavam. Observei que o gosto por um Mc ou um grupo de dança foi se modificando no decorrer da pesquisa. Um Mc pode não ser mais ouvido quando outro Mc ou grupo passa a ter uma fama e sentido mais valorizado. São músicos e dançarinos que perdem sua posição hegemônica rapidamente. Observei também que quando acontece alguma coisa inesperada, no meio dos movimentos do passinho, isso pode se tornar um novo

passo de dança, como, por exemplo, sem esperar, o jovem tira o tênis dançando e repete o movimento como se fizesse parte da coreografia. Um movimento ritmado com uma garrafa de cerveja pode trazer uma nova coreografia, uma brincadeira com um amigo no momento da dança também. Ou seja, acontecimentos que poderiam interromper passam a fazer parte. Não sei precisar quando são ou não completamente espontâneos. Observo que uma interação repentina, no momento, passa a ser um movimento novo do passinho. Acredito que é na experiência vivida ou reproduzida que o improviso criativo dos rapazes acontece.

Busquei dados quanto às letras do passinho pelas identificações e sentidos que pudessem ter para os rapazes, em nossas conversas sobre elas, nas músicas e nos vídeos que eles me indicavam. Quando conversávamos sobre essas letras, os rapazes costumavam se reportar ao *funk*⁵⁶, mostrando que os dois estilos têm semelhanças. O *funk* tem um gênero conhecido como “proibidão”, com letras sobre atividades criminosas, que costumam mostrar os contextos de violência e de poder vividos nas comunidades do Rio de Janeiro, relacionados ao tráfico de drogas. O grupo acredita que o “proibidão faz a cabeça” da molecada mais nova do Mundo Novo, porque valoriza o crime e mostra os jovens que estão envolvidos como sujeitos com muito dinheiro e poder nas comunidades. Isso atrairia os mais novos para atividades ilícitas, segundo alguns rapazes. Há jovens do grupo que dizem gostar do “proibidão”, que curtem as letras, e que se envolve com o crime quem quer.

Em um estudo socioetnomusicológico de Russano (2006), além de o autor discutir o percurso histórico do *funk* “proibidão”, mostra, dentre outras evidências, que os cantores do “proibidão” estão entre um “estilo oficial e underground” e suas letras possuem características do que chama de um “banditismo romântico” e de transgressão social.

Quanto ao aumentativo, admitamos que pode ser entendido de 2 formas: primeiro, ele conota poder, força – trata-se de algo muito proibido, ligado ao banditismo; e segundo, confere certa “leveza” humorística à repercussão e ao escândalo que a venda de um CD feito com baixíssima qualidade técnica, de forma caseira, ganhou na mídia” (RUSSANO, 2006, p. 11).

A maior parte do grupo diz preferir as letras dos *funks* de “putaria”. Alguns rapazes dizem que se divertem com elas, tanto no *funk* quanto no passinho, principalmente aquelas que mostram o poder e o desempenho dos rapazes nas relações sexuais com as meninas. Segundo o grupo, o homem do *funk* de “putaria” não tem dona, é o “rei delas”, o cara que tem domínio financeiro e sexual sobre as mulheres. “A putaria toma arquétipos sexuais, por

⁵⁶ O estilo encontra-se discutido de maneira aprofundada em Vianna (1996). Em Guedes (2007) e em Herschman (2000) podem ser vistas as relações do *funk* com o surgimento do *funk* “proibidão”.

definição sexistas, que são representados e reprocessados por DJs, MCs, dançarinos e ouvintes⁵⁷” (PALOMBINI, 2011).

Um dos rapazes do grupo me diz que tem um tipo de *funk* conhecido como “da mentalidade” ou “da rivalidade”. Segundo ele, um “moleque” fica discutindo com o outro quem é mais forte ou fraco na batida do *funk*. Essa discussão vira o tema da letra da música. Ele explica que acha chato, o assunto fica mais entre os dois que estão discutindo, por isso não gosta.

A maior parte dos rapazes diz gostar particularmente da batida do *funk*. A preferência pela batida é um consenso no grupo, é o que mais “chama”, “contamina” e “instiga”, e, ainda segundo eles, esse é um fator determinante quando se quer escolher uma música para dançar. É o “batidão” o que os afeta e os move de maneira intensa na dança. O “batidão” ou o “tamborzão” referem-se às batidas graves, continuadas e acentuadas que alguns *funks* apresentam. O PD explica que, atualmente, no passinho eles utilizam a palavra “atabacada” ou “tambor relíquia” para se referir às batidas fortes que instigam a “dancinha” do passinho, nos seus termos.

Vários pesquisados dizem que, hoje em dia, o *funk* não representa mais em suas letras o “tom” da comunidade. Os rapazes costumam dizer que o *funk* já representou uma geração, falou dos problemas da comunidade, teve uma voz, falava dos preconceitos, e que não representa mais o que a comunidade precisa. Eles estão tratando do que diz Souto (1997), quando reflete sobre o *funk* carioca e evidencia que:

Por meio das letras do *funk*, moradores jovens das favelas e das periferias cantam seu protesto contra o quadro de condições que historicamente tem servido para marginalizá-los e estigmatizá-los. No grito de alerta que lançam, vão se delineando registros de suas concepções de justo e injusto, dos sentimentos que a elas se associam e das reivindicações que delas derivam (SOUTO, 1997, p. 80).

Existe um saudosismo no grupo quanto às letras do *funk* terem ficado mais centradas nas questões que são vistas no “proibidão” e na “putaria”. Eles dizem que escutam esses estilos, se divertem com eles, porque tem letras engraçadas e é por elas que o “batidão” ou a “atabacada” forte acontece.

Eu: Você curte *funk* ou passinho?

⁵⁷ Conforme entrevista em “Mora na filosofia: putaria é lixo”. Disponível em: <<http://www.proibidao.org/mora-na-filosofia-putaria-e-lixo/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

N: Não curto nenhum, porque o *funk* hoje em dia não é mais o de antigamente. Hoje caiu muito. É muito raro você achar um *funk* de verdade. Não é mais a expressão certa que eles falam que é hoje. Caiu muito.

Eu: O que é cair?

N: Tipo assim, qual é o sentido do *funk*? Orgia, apologia ao tráfico de drogas, dinheiro e tal. E antes? Qual era o sentido do *funk* antes? Representar a paz, a comunidade. A gente não vê isso mais. Gosto mais dos antigos.

Os pesquisados dizem preferir o *funk* e o passinho, mas existe um estilo que eles admiram e faz sentido para eles, porque tem o “tom” ou o “fundamento” que sentem faltar atualmente nas letras do *funk*. Esse é visto e refletido pelo grupo a partir de um *rap* do grupo Racionais, chamado de “Negro Drama”. Essa música é a preferida dos jovens, pelas relações que dizem ter em suas vidas, com as letras apresentadas pelo grupo. Cantaram e colocaram para que eu ouvisse algumas vezes. Os rapazes do Mundo Novo refletem sobre a identificação deles com as realidades sociais e econômicas de jovens pobres e negros retratadas nas músicas dos Racionais. Essa identificação com o grupo é algo que faz a diferença para os pesquisados que falam sobre a origem e proximidade do grupo Racionais em uma vida em comunidade, associada a uma origem “de ralação”, segundo eles. As letras em questão tratam da vida de rapazes negros e pobres da periferia de São Paulo. Eles se identificam com a vida de outros jovens sujeitos às questões de violência, racismo, exclusão social e preconceito, por exemplo. Por esse viés, o grupo, em uma conversa, reflete sobre temáticas sociais que consideram “mentirosas” em alguns *raps*, que tentam se aproximar de realidades de vida distantes da dos sujeitos que as interpreta.

N: É. De verdade. Não é essas modinhas quem tem aí, o cara mora lá no Laranjeira e quer reclamar da vida (referindo-se ao bairro do Rio de Janeiro).

E: Eu acho que o *rap* no estilo Racionais... Acho que faz você refletir um pouco sobre a sua vida. Porque às vezes tem as músicas deles que são muito interessantes.

N: É. Falam da realidade.

Eu: Eu escutei algumas assim. No começo da pesquisa do “Negro Drama”, né? Tem umas músicas que...

N: É. Tem.

Eu: Então não é só assim, o ritmo da música, a batida. Ela tem que ter uma identificação...

N: Um fundamento.

Eu: Um fundamento. É isso que você falou, N? Como é que é isso? Assim, esse *rap* de agora, que você falou, é diferente? É isso?

N: É, é.

E: Tipo assim, os caras cantam a realidade da vida deles, entendeu? Você vê que os Racionais, Sabotagem, esses caras, eles cantam aí, você vai puxar o fundamento da vida deles, eles cresceram naquilo ali, os caras nasceram num lugar pobre... Agora eu te pergunto, o que esses “playboys” que cantam hoje

em dia, que preconceito esses caras enfrentam? O cara mora lá no Catete, em Laranjeiras... Está reclamando de quê?

Eu: Você está falando do Rio? Catete e Laranjeiras?

E: É. O café do cara é Nutella, isso e aquilo. A gente luta para ter um pão na mesa e o cara quer ficar dando uma de bolado com a vida. Que é isso.

N: Verdade.

Eu: Ele faz uma letra de apelo assim também? Como se eles passassem necessidade?

N: É. Queria ver se ele fosse um deficiente da vida, aí ele teria motivo para reclamar. Fica reclamando de quê?

Eu: Vocês ouvem esse tipo de musica?

N: A gente tem eles como mentirosos. É, esse pessoal a gente tem eles como mentirosos.

Quando procurei me informar com os rapazes sobre a diferença das letras do passinho e do *funk*, conforme discuti brevemente, eles trouxeram as letras dos subgêneros do *funk*: o “proibidão” e o de “putaria”, dizendo que esses também são vistos nas letras do passinho. Os relatos dos rapazes e os vídeos que assistia chamam a minha atenção para outro tema recorrente nas letras do passinho: muitas se reportam ao próprio dançarino e a sua trajetória. Elas falam do jovem, morador da favela, pobre, que luta por seus sonhos, mesmo em condições econômicas e sociais difíceis. A narrativa que compõe as histórias das letras vai se relacionando às cenas apresentadas nos vídeos, com as vivências de dificuldades do protagonista que se mostra retratado no jovem que dança. A ideia das letras é mostrar a vida do dançarino do passinho. Ele é visto como um “guerreiro”, termo usado em algumas músicas. Mc Pedrinho, apontado no início do campo pelos jovens, tem em um de seus vídeos uma letra que aponta, com exclusividade, para as questões do jovem pobre que vive no morro e quer se destacar socialmente por cantar e dançar o passinho. O personagem, representado pelo próprio MC Pedrinho, se mostra como alguém que luta, é guerreiro, tem fé em Deus e não quer mais roubar e viver na criminalidade. Nas cenas finais, ele é reconhecido e “vence na vida” como dançarino de passinho.

A ênfase fica por conta do dançarino que, se tiver talento está bem, conquista “sua fama”, como costumam dizer. Segundo os rapazes, o passinho é mais para dançar. Fica evidente o processo criativo que envolve os movimentos da dança, possibilitando o jovem a ser valorizado pelas *performances* que realiza. Um dos jovens diz que para se conhecer o passinho tem que dançar para ver “mesmo” como é, mostrando em sua fala que o sentido do passinho é o de ser uma experiência para ser vivida no momento da dança.

W: Contar não tem como contar, tem que dançar pra ver mermo. Tem que dominar o passinho, aí fica violento.

Eu: Pra ficar assim, tem que treinar muito?

W: Você não sabe o passinho, é assim, pá, é assim, pum. Aí vai te ensina devagarzinho, pá. Aí você aprende, acaba ensinando o outro, aí o outro acaba ensinando o outro. Faz um passinho marcante que nós aprendeu e inventa o resto. Não sou dançarino de concurso, só pra mim curtir, só pra gastar no baile (o jovem aumenta e diminui a voz, como se estivesse me ensinando mesmo).

Eu: Aí todo mundo aprende?

W: Nem todo mundo aprende, fica um troço assim, meio avacalhado. Tem que ter o balançar, chega os cara no baile, “muleque” tem o traje maneiro, corte maneiro, disfarçado, pô! Aquele “muleque” ali é de favela. Pá, dançando, mesmo sem fazer muito movimento você vê, aquele “muleque” ali representa no passinho, tem ginga, “muleque” representa no passinho. Chega “muleque” desengonçado, você vê, aquele “muleque” sabe dançar não.

Com o passinho, houve uma valorização das montagens musicais e da dança, cuja ênfase é no ritmo. Há entre os dançarinos uma relação lúdica com o passinho. Mas, ao mesmo tempo, sonham em fazer sucesso, viver da dança. Eles têm orgulho em mostrar o talento e representar a comunidade em que vivem.

Busquei a origem do passinho e percebi que é um fenômeno cultural urbano, surgido a partir do ano 2000, nos morros cariocas. Há mais de uma possibilidade para seu surgimento⁵⁸ ou, talvez seja melhor dizer, há diversas possibilidades de surgimento. Em uma reflexão⁵⁹, apresentada por Rafael Mike, produtor musical e participante de um grupo de dançarinos de passinho considerado referência pelas mídias, o passinho surgiu quando um jovem considerado líder de uma favela carioca observava a maneira como os jovens *gays* dançavam ao som do *funk*. Para ele, era um jeito diferente. E se interessou por essa forma nova que esses sujeitos traziam: com os movimentos dos pés mais marcados e rápidos ao som da batida do *funk*. O jovem que era dançarino passou a imitar e incorporar esse estilo de dança a seus passos nos bailes do morro carioca. Segundo Rafael, por seu lugar de líder na comunidade e pela inovação que trazia às pistas de dança, foi seguido por outros jovens das favelas do Rio de Janeiro. Essa é uma dentre outras versões que pode ser refletida.

Outra hipótese de origem é a de Emílio Domingos, diretor e roteirista que lançou em 2012 o filme “A batalha do passinho”. Segundo ele, o passinho surgiu, por volta do ano 2000, a partir de um tipo particular de *funk*, conhecido como “tamborzão”, tratado anteriormente. Ele propiciou uma dança de movimentos bastante acelerados e preferida pelos rapazes.

⁵⁸ Mapa de Cultura RJ. “Batalhas do Passinho”. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/batalhas-do-passinho>>. Acesso em: 02 out. 2014.

⁵⁹ Matéria “Mais que uma dança, entenda o ‘Passinho’”, de 03/08/2014, do Jornal O Tempo. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/mais-que-uma-dan%C3%A7a-entenda-o-passinho-1.893296>>. Acesso em: 02 out. 2014.

“Como é uma dança em que cada um tem seu estilo e imprime o que quer, cada um tem seu estilo. É difícil chegar e afirmar. É muita subjetividade”⁶⁰.

Acredito que por ser uma manifestação criativa de *performance* coletiva foi e continua acontecendo por apropriações livres dos sujeitos, nos meios urbanos. E pode ter sido influenciada pelo jeito de dançar dos *gays* ou pelas batidas mais rápidas do *funk* que tem o seu ritmo chamado de “tamborzão”. Ou pode ser que haja outras associações que tenham ocorrido em seu surgimento.

O passinho é um fenômeno formado por ações coletivas, espontâneas, criativas, e, em certa medida, autônomas. Isso porque o passinho, em suas formas inovadoras de expressão, parte de lugares musicais e *performances* de dança já existentes, dialogando com características de outros gêneros como o frevo, o *break*, o *hip hop* e o samba, por exemplo. Nesse diálogo, o passinho é um ritmo que traz andamento e execução rápidos, coordenados e alegres, ficando em aberto para outras intervenções e expressões. Permite aos sujeitos que o apreciam inserir outras *performances* ao seu ritmo, trazendo algo novo nessa curiosa mistura de estilos musicais dançantes.

Ao buscar dados sobre o passinho, encontrei muitos vídeos de danças, com jovens “ensinando” a dançar, relatos de dançarinos falando de suas experiências com o passinho, reportagens sobre o filme “A batalha do passinho” e poucos trabalhos acadêmicos. O que posso afirmar é que os jovens pesquisados se veem representados pelo passinho, que tem nos rapazes seu protagonismo, e que dançar envolve suas práticas cotidianas. Hermano Vianna (2013), ao refletir sobre o reconhecimento do frevo pela UNESCO como patrimônio imaterial da humanidade, fala de sua importância para o surgimento do passinho. Isso confirma a significativa característica do passinho de se misturar a outros gêneros dançantes e musicais. No caso, o autor trata especificamente da relação do passinho com o frevo.

O registro como bem imaterial apenas reconhece a importância daquela tradição cultural, e toda tradição evolui. E o frevo realmente é uma obra-prima da humanidade. Uma música/dança incrível, que continua evoluindo, vide o *Micróbio do Frevo*, de Silvério Pessoa, ou sua importância decisiva na criação do ‘passinho’ do funk carioca⁶¹.

⁶⁰ Portal Vírgula. “Diretor de A Batalha do Passinho compara dança a colagens do funk”, de 19/03/2013. Disponível em: <<http://virgula.uol.com.br/musica/diretor-de-a-batalha-do-passinho-compara-danca-a-colagens-do-funk/#img=1&galleryId=464805>>. Acesso em: 02 out. 2014.

⁶¹ De acordo com Revista Rede Brasil Cultural, com a matéria “O ritmo da ferveria”, de 04/04/2013. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/80/cultura-1>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

O passinho é uma dança que associa talento e disposição para treinos incessantes, com sofisticação técnica, surgido por um ímpeto espontâneo e criativo que continua acontecendo em suas releituras, vistas nas práticas cotidianas dos jovens. É uma manifestação coletiva de relevante valor cultural. Sai do morro através de seus vídeos autônomos e caseiros e interage com os meios de divulgação mais amplos da sociedade, como o *Facebook* e o *Whatsapp*, que são as redes mais usadas pelos rapazes do Mundo Novo. Os pesquisados dizem que o passinho, o samba, o pagode e o *funk* são realidades culturais que vêm do morro. Elas fazem parte das construções na comunidade em que vivem, mas a partir disso saem outras reflexões. Essas quanto a esses estilos musicais não ficaram restritas às favelas, acontecem e têm raízes ali. Mas são realidades que eles veem em outros lugares, que se movimentam em uma dinâmica que circula por outras camadas sociais.

A linguagem faz parte das práticas sociais que envolvem o grupo, e nela o “estilo favela” é construído, reconhecido e valorizado. Considerado aqui como lugar de construção de referências e afinidades, lugar que envolve, dentre outros aspectos, os encontros e conversas nas ruas, as práticas das amizades e das danças, ou seja, lugar de construções e identificações significativas. Segundo os jovens, muitos termos que usam são reproduzidos a partir de seus usos nas favelas do Rio de Janeiro. A complexidade que engloba a linguagem dos rapazes é vista aqui como parte relevante das configurações que compõem o estilo deles, e acredito ser um dado que devo considerar para futuramente, em outro estudo, me aprofundar mais. Conforme Pais (1993, p. 101), para além dos sinais exteriores (vestuário, portes corporais, penteados, maquiagens), os sinais interiores são, igualmente, uma fonte de distinção, nomeadamente através de diferentes formas de falar, de andar, de comer, etc.

Algumas vezes eu perguntava o sentido de alguns termos e, em outras, procurei entendê-los pelo próprio andamento das nossas conversas em campo. Nos contextos em que os termos se realizavam, eu conseguia entender seus sentidos; era mais fácil e, ainda, eles se repetiam em diversos momentos, isso facilitava. Eu evitava interromper os jovens constantemente, mas, em páginas do *Facebook* e, principalmente, nos diálogos comigo pelas redes sociais, eu perguntava o sentido dos termos porque não os entendia para responder imediatamente.

A linguagem, como pode ser vista nos diálogos que apresento no decorrer da tese, mostra o envolvimento dos pesquisados com termos que lhes são significativos, vistos por seus usos nas interações cotidianas, mostrando os termos preferidos e, algumas vezes, apropriados por eles. Os jovens os trazem para suas práticas cotidianas, por exemplo, através dos vídeos do *YouTube* de *funk* e de passinho, realizando apropriações que fazem sentido ao

serem contextualizados as suas realidades e vivências, como a expressão “mídia da vida”, que me chamou atenção. Um dos jovens me disse que, algumas vezes, passam a utilizar na “mídia da vida” termos como “patrão” ou “rei delas”, vistos nos estilos “proibidão” e de “putaria”, divulgados pelas letras dos *funks* e dos passinhos, na mídia televisiva e nos vídeos. Isso acontece quando os temas divulgados nas letras do *funk* “saem da mídia e vêm pra vida”. O dado me trouxe questionamentos sobre o intercâmbio entre as mídias digitais e as interações físicas que o grupo realiza. Esse fato me levou a discutir um termo recorrente entre eles que é o que é ser mídia. A exploração do dado me trouxe mais proximidade com os rapazes e com as questões de estilo.

Eu: O que é isso que vocês dizem que o cara é mídia? Como é ser mídia?

E: Ah! Esse mídia que a gente fala da gíria do *funk*, não é você ser... Mas até que é um pouco, mas é mais do mundo mesmo. Não é você ser mídia na televisão, no rádio, é mídia no mundo.

Eu: Não é ser mídia nas redes sociais?

E: Não. É lógico que não. É na sua vida mesmo, social, no mundo. Igual por exemplo você chega num lugar, você chega num baile, você é um cara mídia. Você chega num baile as menina toda te conhece, os cara quer te pega. Não é só ser famoso nas redes sociais, não é necessário na rede social, entendeu?

Eu: Mas existe a mídia da mídia?

E: Tem, mas existe isso sim. A mídia da mídia. Tem, tem sim. Acontece muito de você ser mídia da mídia. Você chega no *Facebook* tem 500 curtidas, chega na rua ninguém te conhece, ninguém fala que é você que tá lá no *Facebook*.

Eu: Então existem duas mídias?

E: Sim, eu mesmo já curti muita foto de menino que chegou lá na rua eu nem sabia quem era o menino. Aí chegou no *Facebook* o menino fala, você me tirou, você é marrento, metido. Pô, eu nem sabia que era você. Isso acontece muito.

Eu: Existe uma mídia da mídia e uma mídia do cotidiano?

E: Isso, no cotidiano a pessoa já te conhece porque ela tá te vendo no dia a dia, ali, ela sabe quem você é. Na mídia você, às vezes, sabe porque você conhece a pessoa, mas tem pessoa que você não conhece.

Eu: Esse fica na mídia...

E: É, fica na mídia. Ah, eu acho que entre nós aqui assim, os mídias é nós mesmos, os “moleques”, sabe? A gente joga bola junto, a gente está num campeonatinho aí e pá... Não gosto de ser um cara aparência para os outros não, sabe? A gente aqui, entre a gente aqui, está bom. A gente se dá bem aqui e tudo, não precisa ser um cara aparência para todo mundo não, sabe? Um cara que tem *Facebook* e tal quer aparecer para todo mundo, né?

Mídia é um termo usado nas ruas do bairro e nas páginas do *Facebook* dos rapazes para se referir ao jovem que tem prestígio, é famoso ou “famosinho”. Esse termo no diminutivo não é pra para diminuí-lo em relação aos outros termos usados, as palavras se correspondem. Desde a minha entrada em campo, ele foi usado como valor de

reconhecimento para os amigos que faziam algo que se revelava como mais significativo entre eles. Por exemplo, o K era apontado como “famosinho” na prática dos cuidados com os cabelos e nas danças. Mas o “famosinho” nas danças é o PD. Todos gostam de jogar futebol, mas o VI é mais “famosinho” no futebol, etc.

Ser mídia compreende mais de um sentido, não está somente articulado ao local onde a imagem do jovem se constrói e se torna famosa. A partir disso, a representação e as formas de interação que se desenvolvem passam a se diferenciar. Inclusive podem sequer se tocar, o jovem que é “mídia na mídia” pode não ser reconhecido na vida social, mesmo tendo mais de 500 curtidas. Esse fato revela que, por mais que as redes sociais façam parte da vida dos rapazes, elas podem fazer alguns jovens passarem despercebidos. Minha percepção é de que não há um lugar de superioridade das redes sociais nas interações. A vida social não está controlada, foge ao controle das centenas de curtidas do *Facebook* e o cotidiano surpreende pelo valor das vivências construídas e compartilhadas. O “cara mídia do mundo”, ou “mídia da vida”, como dizem, constrói e evidencia sua fama nas práticas cotidianas físicas que ocorrem entre eles, nos encontros nas ruas, sem preocupações em se mostrar nas redes sociais e acumular muitas curtidas.

Participa do estilo dos pesquisados ter tatuagens, *piercings* e brincos. Mostrar muitas tatuagens e “fechar” algumas partes do corpo com elas é um dos desejos que a maior parte do grupo compartilha. Alguns mostram que já “fecharam” algumas partes de seus corpos. “Fechar” significa cobrir completamente uma parte do corpo por uma ou mais de uma tatuagem. As estratégias e as maneiras de realizar as tatuagens são diversas. O padrão estratégico para realizar a primeira tatuagem é, na maioria das vezes, colocando o nome da mãe, para homenageá-la. Assim a família não reclama e, a partir da primeira, outras podem se suceder; eles me dizem que vicia demais fazer tatuagens. A maior parte dos rapazes tem família que frequenta igrejas evangélicas e essa prática não é aceita por essas igrejas, segundo os jovens. Alguns frequentam as igrejas com os pais e familiares. Outros se dizem “desviados”, mas falam em retornar; nenhum deles se mostrou contrário às práticas religiosas dos familiares.

Para fazer as tatuagens dizem que tem “canal” no morro para isso. Alguns amigos que já fizeram as suas indicam rapazes que realizam a prática em domicílio; nenhum deles disse ter feito em estúdios profissionais. Os tatuadores desses “canais”, que vão à casa dos jovens para realizá-las, ratificam a representação valorizada pelo grupo quanto ao jovem ser “patrão” e não precisar sair de casa para ter esse desejo atendido. Apresentei esse dado anteriormente quando discuti a venda de roupas de marcas famosas na casa dos jovens. No relato a seguir, e

em outros momentos em nossas conversas, observei que alguns familiares participam das práticas que cuidam da produção do “estilo diferenciado” dos rapazes, do cara que quer ser “famosinho”. Isso envolve se sentir belo e, algumas vezes, para isso acontecer, eles precisam sentir dor.

PR: A minha mãe furou a minha orelha.

Eu: É, eu tô vendo, assim, que você usa...

PR: *Piercing*.

Eu: *Piercing*.

PR: *Piercing* foi a RA.

Eu: E as tatuagens?

PR: Tatuagem eu sou fã também.

Eu: *Piercing* foi a RA que furou?

PR: Foi.

Eu: E não... Ela mesma?

PR: Ela mesmo.

Eu: E não doeu?

PR: Ela foi e ela disse: “Eu não!”. E ela: “Você vai furar?”. E eu falei: “Vou! Eu quero”. E ela: “Então tá”. Ela foi e ela: “Toma!” e ela me deu um brinco lá, pequenininho lá, de neném. Já tinha uma pontinha já. E ela: “Você vai furar?” Eu: “Vou”, “então bota gelo”. Aí botou gelo, fiquei lá com o gelo um tempão lá. Aí: “Vão bora”. “Você é homem, né?”. Eu falei: “Claro, pô! Au! Au!”. (o jovem ao relatar faz gestos da dor que sentiu no momento do furo).

E eu: “Furou, né?”, ela: “Han? Essa é só a primeira. Três furinho, tem que dá três furinho”. É um, dois, aí o outro você já pensa: “pô, agora furou”. Aí eu fiz assim com o rosto... (mostrando a dor) “Han?” (falou a RA) Tinha nem apontado o brinco aqui não. Aí ela: “agora é o mais difícil”. Ela: “toc!”, aí colocou.

Eu: Mas colocou na mão, assim? Ou tem uma máquina, tem alguma coisa?

PR: Nada, no dedo.

Eu: No dedo?

PR: É, ela marcou e fez força, furou.

Eu: E ficou de boa?

PR: Ficou, até hoje. A minha primeira tatuagem foi essa feiosa aqui. Aí eu sempre viajei em Maori...

Eu: Você fechou?

PR: Era pra ser uma Maori. Você já conhece tatuagem Maori?

Eu: Aham. Que era uma tribo, né?

PR: Isso.

Eu: De guerreiro.

PR: Era pra ser, mas o cara é “fuleragem”.

Eu: O VI fez uma.

PR: É, a do VI é maneira. Ele fala: “Pô, mas a minha nem aparece!”. Mas, porra, tá maneira. Os traços tá certinho, bonito. Se ele faz mais uma sessão vai ficar mais real.

Eu: Mais forte, né?

PR: Vai ficar mais realçada.

Eu: Por que não ficou legal a sua? Não foi um cara legal?

PR: Não, o cara é “fuleragem”... Nossa senhora!

Eu: Pode olhar?

PR: Pode.

Eu: Ah, é teu braço todo.

PR: É, vai vir até aqui.
 Eu: Ela não tá pronta já?
 PR: Não.
 Eu: Ah, tá.
 PR: Oh, ainda falta aqui.
 Eu: Por que fechar é importante? Fechar...
 PR: Não, porque eu sempre, eu sempre viajei em Maori e mecânica.
 Eu: Maori...
 PR: E mecânica.
 Eu: Mecânica?
 PR: Essa aqui é biomecânica que fala.
 Eu: Han...
 PR: É metade humana e metade robô.
 Eu: Uhum.
 PR: Aí, a intenção era fazer uma dessa na perna, mas só que tem que na hora lá eu vi a Maori. Então eu falei: “pô, faz uma Maori aí.” Aí o cara começou a desenhar lá. Nossa, aí o cara...
 Eu: Você fez de uma vez só essa toda?
 PR: É. Umas quatro horas.
 Eu: Cara, você aguenta bastante dor, hein.
 PR: Umas quatro horas. Quatro horas. Quatro horas. Fiquei a tarde inteira na casa do cara lá. Quatro horas. Aí fiz essa. Aí eu fiz um “Rafael” nas costas também, com o mesmo cara.
 Eu: Entendi.
 PR: É, tem um grandão aqui: “Rafael”. Aí depois dessas duas eu fiz essa. Essa, depois eu fiz essa.
 Eu: Essa significa o quê?
 PR: Essa aqui é a Maori também, eu vi um negócio no Rio lá também, um traficante lá. Aí pedi também PL, vai, aí ficou. (PL é o diminutivo de seu primeiro nome)
 Eu: Aí você usou essa ideia?
 PR: É.
 Eu: É isso?
 PR: Eu tenho um anel lá de ouro lá que é PL.
 Eu: Entendi.
 PR: Aí eu chego: “Prazer, PL”. E já mostro...
 Eu: Você curte isso? Entendi.
 PR: Gosto, gosto demais de um bagulho de prata, negócio de ouro. Eu adoro demais. Então, pode colocar aí, ou P, PR ou PL.

Para o grupo, a prática da tatuagem se associa ao prazer de ter seus corpos mais belos, artisticamente trabalhados, “rabiscados”, como me dizem, e isso se inclui na imagem com a qual se preocupam em elaborar. Vários rapazes fazem tatuagens com o nome de suas mães, pela relação particularizada e recíproca de carinho e proteção que se estabelece entre a maioria dos rapazes e suas mães. As tatuagens com o nome delas, ou a palavra mãe, são usadas como estratégia que emociona e passa a ser “porta de entrada” para muitas outras que são desejadas. As tatuagens maoris e biomecânicas são as preferidas, acredito que pela relação simbólica que os jovens têm através delas, mostrando força e coragem, elementos presentes em suas vivências cotidianas, na imagem das tatuagens e no processo de suas realizações. A

maneira como o jovem descreve a colocação do *piercing* e da tatuagem, fazendo gestos de dor ao descrevê-las, mostra a força necessária a ser dispendida para aguentar sua realização até o fim.

4.5 As “arrumações” nos cabelos participam do “estilo diferenciado”

Os cortes são as práticas mais procuradas pelos rapazes do grupo pesquisado quando as preocupações com a aparência e o estilo envolvem os cuidados com os cabelos. Acontecem de maneira habitual, principalmente nos finais de semana, e são experiências consideradas indispensáveis e criteriosas. Podem incluir desenhos, traços e recortes com significativos sentidos para os jovens. E de acordo com as escolhas particulares, realizam pigmentações, luzes, hidratações e alisamentos. Essas “arrumações” são símbolos de criatividade que caminham juntos a valores e considerações estéticas. Os cabelos envolvem uma prática que trata da importância do cuidado e da vontade de mantê-los “afiados”. Nesses cuidados com os cabelos, os rapazes evidenciam, por exemplo, a busca pelo belo, a preocupação com o visual e a coesão do grupo pelas escolhas próximas. O “estilo diferenciado” compreende as “arrumações” nos cabelos, articula expressões e caracteriza identidades juvenis. Segundo a rapaziada, “o moleque bem trajado tem o cabelo afiado”.

O jovem que me apresentou aos demais rapazes, e se colocou disposto a me ajudar nos contatos e relações que eu queria desenvolver no bairro, cuidava dos cabelos dos amigos, no início desta pesquisa. Para nossos primeiros contatos, usávamos o telefone celular e as conversas pelo *Facebook*. Muitas vezes, quando eu ligava para saber se podíamos conversar pessoalmente, ele me dizia que estava em casa trabalhando e não poderia me atender. Eu não perguntava o que ele fazia, mas depois pude ver que ele era um jovem barbeiro do Mundo Novo. Trabalhava em casa, diariamente. Tinha uma clientela numerosa, formada, principalmente, por amigos e sem horário delimitado; se chegava algum amigo e cliente, ele realizava o procedimento. O jovem mudou de atividade principal no decorrer da pesquisa, passou a trabalhar no comércio, em uma loja de material de construção, em outro bairro da cidade, mas ainda corta, esporadicamente, o cabelo para algum amigo ou parente, quando eles pedem. O trabalho como barbeiro não é mais sua principal atividade profissional.

O termo barbeiro é usado pelos rapazes, mas eu não o utilizava inicialmente. Na verdade, não percebi a diferença e achava que eles reconheciam como referências próximas a outros termos relacionais à prática que realizavam. Eu falava salão para me referir aos locais de cuidados com os cabelos e chamava o profissional de cabeleireiro. Os rapazes consideram

uma diferença significativa entre os termos; eles usam barbeiro para o profissional que cuida dos cabelos e barbearia para o local onde as práticas são realizadas. O jovem que me chamou atenção para as diferenças e os sentidos dos termos já havia trabalhado como barbeiro no bairro. Ele disse que eu não deveria falar, nem escrever salão e cabeleireiro. Ele me explicou que os termos “barbeiro” e “barbearia” são os que os rapazes reconhecem como próximos a eles, porque particularizam os cuidados de cabelos de homens. De acordo com P: “Cabelereiro é o que corta cabelo de mulher. Arruma cabelo de mulher. Barbeiro corta cabelo de homem só”. A terminologia que eu usava não associava essas práticas às questões de masculinidade e isso importava para eles. Os jovens me disseram que salão e cabeleireiro não têm a ver com o que eles fazem. Na barbearia, os barbeiros “arrumam” cabelos “só” de homem. Os jovens especificam através dos termos “barbeiro” e “barbearia” que os cuidados com os cabelos, a sobrancelha e a barba definem as práticas como específicas de rapazes e entre rapazes. O jovem que me ensinou o termo mais apropriado para me referir à prática dos cuidados com os cabelos tinha uma estrutura de barbeiro mais formal que a dos outros dois amigos que vi trabalhar como barbeiros no Mundo Novo. Ele colocou uma placa grande e azul na porta de sua casa com os dizeres “Barbearia Dois Irmãos”. Perguntei sobre o nome e me disse que era em referência a um laço forte de irmandade dele com um amigo muito “chegado”, que tinha “um fechamento” com ele. O laço “de fechamento” foi construído por relações de proximidade de vizinhança.

Normalmente, os procedimentos nos cabelos ocorrem em locais improvisados, como parte das varandas, dos quintais e das salas das casas dos rapazes. Não há um lugar próprio para eles. No caso do jovem com a placa na porta, havia um local mais específico para as práticas e a mãe dele se envolveu para ajudar o filho a exercer a função de barbeiro. Ela esvaziou um espaço na parte de cima da casa onde eles moram, que utilizava anteriormente como local de serviços de costura. Estive na casa do jovem e vi que o empreendimento havia fechado. Ele não se interessou em me dizer o porquê, mudou de assunto, não insisti. Mais tarde, ouvi nas conversas em outro barbeiro que a mãe do rapaz não estava concordando com os clientes que estavam entrando em sua casa, que seriam rapazes do tráfico de drogas e ela preferiu encerrar a atividade. O local esteve fechado durante minha estada em campo, no entanto, a placa permaneceu na porta.

Na maior parte da pesquisa, assisti aos cuidados com os cabelos na casa de um jovem que morava em um local que eles chamavam de cortiço. Acredito que por ser uma vila, com várias casas ou “cômodos”. Devo dizer que, nesse local, entrei apenas na casa do jovem pesquisado e nas áreas de acesso a ela. Ele cortava e cuidava dos cabelos em uma varanda,

antes do início da primeira casa da vila, que no caso era a dele. Esse era um espaço de entrada comum aos moradores. Preso, também ficava seu cachorro. Era sem restrições de frequência, qualquer amigo podia entrar ou ficar na porta que encontrei sempre aberta. Os jovens que esperavam para cuidar dos cabelos se sentavam nos muros, no chão ou em latas de tinta que ficavam por lá; quando sobrava uma eu me sentava em uma delas.

Apresentei, no primeiro capítulo, o local descrito acima como lugar onde obtive a maior parte das entrevistas; contei com o apoio do rapaz que era morador e barbeiro. Ele permitia minha entrada, explicava, de forma simples e rápida, aos amigos, que eu fazia uma pesquisa e pedia que participassem dela. Falava para eu entrar e entrevistar na sala de sua casa, que eu podia ficar o tempo que quisesse. Lá, tive a oportunidade de conviver com diversos rapazes do bairro, não só os do grupo pesquisado. Havia uma frequência numerosa de jovens para os cuidados com a aparência e para as conversas habituais. O jovem barbeiro me disse que com alguns rapazes da “correria” não adiantaria ele pedir para participar da pesquisa, porque eles não iriam querer, disse que já sabia disso. Esse jovem fez o movimento de trabalho inverso do realizado pelo meu primeiro informante, que me apresentou ao campo. Ele saiu do trabalho no comércio e passou a trabalhar como barbeiro. Primeiro em uma barbearia no centro da cidade e depois preferiu trabalhar em casa. Disse que não precisaria ser mandado por ninguém, dividir o dinheiro recebido ou ter um horário definido.

Essas e outras experiências próximas que o jovem relata na entrevista eu vi acontecer, na casa dele, que era o local onde ele trabalhava, na varanda. Ou quando eu entrava e ficava na parte debaixo da casa, observando. Pude olhar com atenção seu trabalho na realização do pezinho, que é o acabamento na lateral do corte, para finalizar de maneira perfeita e com arte os cortes, comprovando a habilidade e a fama do profissional. Os rapazes chegavam e me falavam que o K é “afiado” no corte, que “manda” bem, é reconhecido como barbeiro “mandado” ou “afiado” pela rapaziada. O jovem usava a máquina e a gilete para os cortes dos cabelos dos amigos e pude ver, poucas vezes, ele cortar o cabelo de algumas crianças. Eram meninos, filhos ou sobrinhos dos amigos dele. E mesmo que tivessem apenas dois anos de idade, como vi acontecer, ficavam quietos para realizar o corte. Os rapazes não permitiam que as crianças se mexessem para cortar os cabelos, falavam de maneira firme, que era para sossegar, que iriam se machucar, caso não ficassem parados. Nessas orientações, o clima de repreensão não era desagradável, falavam sem muitas repetições, porque as crianças ficavam bem. As crianças maiores escolhiam os cortes, pediam, algumas vezes, traços ou desenhos nos cabelos, como os jovens também faziam. Alguns pedidos das crianças não eram realizados de imediato, precisavam do consentimento dos pais. O barbeiro perguntava se podia mesmo

cortar do jeito pedido, dizia para a criança chamar o pai e pedir autorização, se estivessem sozinhos. O pai ia falar com o barbeiro pessoalmente e decidia o que ele queria que fosse realizado.

Nos cuidados com os cabelos, existe uma atração proporcionada pelo que os rapazes consideram belo e que seja capaz de revelar identificação, como no caso do corte de cabelo observado por eles no ator Will Smith e de sua posterior apropriação pelos jovens do Rio de Janeiro. As elaborações que envolvem os cuidados com os cabelos dos jovens se vincula, dentre outros aspectos, a representações que acarretam sedução e identificação. Essas experiências movimentam os sujeitos e passa a existir um diálogo dessas apropriações da realidade social vista e das escolhas subjetivas juvenis. Há, por esse viés, o desejo de estarem próximos a essas questões da moda que tratam dos cuidados com os cabelos. Segundo os jovens, o verdadeiro corte de favela aqui no Brasil veio dos Estados Unidos. Diziam para observar que o Will Smith já usava o corte disfarçado desde quando começou a fazer sucesso. E para eu pesquisar melhor, que os jovens do Rio de Janeiro vão buscar esses estilos de cortes de cabelos nos Estados Unidos e trazem para o Brasil. Em uma conversa na casa de E, os rapazes falam dessas relações.

K: Na minha percepção os cara do Rio, lá, de Janeiro, eles estão buscando alguns estilos dos Estados Unidos pra trazer pra cá.

N: Esses nomes vieram mais mesmo de fora, veio mais mesmo do Rio de Janeiro, né? Essa moda de corte de cabelo, corte disfarçado, essas coisas, veio de lá.

E: É. Então esse nome foi dado lá mesmo. Aí essa moda chegou aqui e todo mundo cortava de um jeito assim. Aqui o pessoal usava mais o corte soldadinho, igual esses caras militares, sabe? Do exército.

K: É. E tem o soldadinho, que é o tampinha. O tampinha é o soldadinho de antigamente. Só que com menos preocupação.

Antes do disfarçado, como diz um dos jovens no relato acima, havia menos “preocupação” com os cortes. Ele se refere à inexistência de tantas escolhas e variações nos cortes e “arrumações” com a complexidade que atualmente podem realizar. O grupo fala que, há uns dois anos, os cortes ficaram muito estilosos. Os cortes “soldadinho” e “tampinha” são similares e, segundo os rapazes, deram origem a outras criações. O “soldadinho” e o “tampinha” são bem curtos e simples, como os usados atualmente pelas organizações militares no Brasil. Essa obrigatoriedade estética de padronização militar passa a ter releituras entre os jovens, proporcionando cortes diversos e inovadores. O corte disfarçado é uma dessas ressignificações. Vi que era a maioria nas escolhas dos jovens. Eles dizem que é o corte mais tradicional, feito com a máquina. A partir dele, se pode criar, por exemplo, um desenho

complexo ou um simples risco, ambos feitos com a gilete. O corte disfarçado forma um “dégradée”, termo usado nas explicações dos rapazes para se referirem às modificações graduais feitas nos cabelos ao serem cortados. Realiza-se pela elaboração de sombras que se deseja criar. Os rapazes dizem que o corte vai “sombreando”, sem acentuar muito as partes cortadas. As partes de cima e as laterais mais altas da cabeça ficam mais cheias, a máquina vai descendo, “sombreando”, ou seja, cortando gradativamente. O barbeiro pode passar a máquina um a zero e a transversal. Ouvi muito o uso do termo transversal. Explicavam que é um “pente diferenciado”, um “pente especializado”, “um pente que vem com a gilete”.

Em geral, o corte disfarçado não fica muito cheio, nem na parte de cima, que é o local onde costuma ficar com mais cabelos. Pelas observações e imagens que obtive em campo, reflito que o disfarçado mostra a versão mais clássica dos cortes. Observo neles diferenças quanto às sombras realizadas, que podem ser mais ou menos densas. O disfarçado é mais procurado, mais tradicional, porém possui diversidade. A parte de cima da cabeça também pode mostrar diferenças do corte, quanto à quantidade de cabelos e à forma de defini-los. Todas as imagens dos cortes dos cabelos apresentadas neste capítulo foram obtidas em campo, alguns rapazes fotografados não fazem parte do grupo pesquisado. Na primeira imagem do corte do jovem, a seguir, o cabelo na parte de cima fica mais baixo e liso. Alguns rapazes usam alisantes para obter este efeito. Na imagem em sequência, o jovem opta por um estilo mais alto em cima, que eles dizem ser um estilo arrepiado. E a terceira imagem apresenta um disfarçado mais cheio, menos “batido”, ou seja, menos rente.

Figura 14 – Variação do corte disfarçado 1.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 15 – Variação do corte disfarçado 2.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 16 – Variação do corte disfarçado 3.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Os detalhes que compreendem o corte disfarçado dependem da escolha de cada um, de como querem o disfarçado e, a partir disso, a máquina vai descendo e diminuindo, de forma mais ou menos acentuada a quantidade de cabelos. A intenção do disfarçado é de que não haja uma exagerada distinção entre a parte que fica com mais e a que fica com menos cabelos. Dizem que a ideia é ir devagar, ir “disfarçando” com a máquina para não parecer uma “cua marcada”, para não mostrar uma diferença forte no corte. Perguntei e assisti muitas vezes a técnica realizada para o efeito desejado do corte disfarçado. Os cortes podem ser mais tradicionais, como o estilo de corte disfarçado apresentado, que é o mais básico e mais pedido pelo grupo, ou as escolhas podem ser criativas e inovadoras, como pedir para o barbeiro desenhar diamantes, flores, o nome das grifes preferidas, o nome da mãe, de alguma menina, ou, por exemplo, podem ser as iniciais do próprio nome. A próxima imagem possui diferenças em seus dois lados – um é o disfarçado comum e outro possui um recorte que o jovem criou a partir de uma imagem da página do *Facebook*: “Eu mando o corte do jacá”, do Rio de Janeiro. Os efeitos estéticos podem ter desenhos, recortes ou “riscas”, como me dizem. Essas podem ser diversas e são associadas ao corte disfarçado, como mostram as imagens a seguir.

Figura 17 – Variação do corte disfarçado realizada por um desenho.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 18 – Variação do corte disfarçado realizada por “riscas” 1.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 19 – Variação do corte disfarçado realizada por “risca” 2.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 20 – Variação do corte disfarçado realizada por “risca” 3.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 21 – Variação do corte disfarçado realizada por “riscas” com um recorte onde se lê o termo “mãe”.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Existe uma configuração de inúmeras possibilidades, para a construção do estilo diferenciado do grupo do Mundo Novo, que abre a porta de entrada no bairro para novos cortes, recortes e outros procedimentos estéticos que cuidam das arrumações dos cabelos dos jovens. Porta que permite, por exemplo, a entrada das ideias dos barbeiros do Rio de Janeiro em um movimento constante e rápido. As ideias podem surgir pessoalmente pelas idas dos jovens ao Rio ou pela internet. Nessa articulação, eles refazem, trazem o novo pelas criações subjetivas e do grupo e podem fazer voltar à cena uma moda de um corte usado anteriormente, como é caso do “quadrado”, que faz parte dessa lógica aberta de possibilidades múltiplas. O “quadrado” não era mais pedido pelos clientes, mas voltou à moda no grupo. Como pode ser visto na imagem seguinte tem seu nome reconhecido pelo formato quadrado realizado na parte de cima do cabelo. É realizado também a partir do disfarçado feito antes do efeito quadrado.

Figura 22 – Variação do corte disfarçado associado ao corte quadradinho.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

A moda dos cortes se liga ao efêmero, àquilo que pode mudar facilmente. Os recortes têm pouca duração, apenas três ou quatro dias evidenciam a definição dos traços, depois disso se desfiguram. Esses estão envolvidos em uma prática de construção e experimentação que se renova entre os jovens do grupo. Observo que não há rompimentos definitivos com a moda, os rapazes vivem experiências de cuidados com os cabelos que trazem inspiração para voltar com o que já foi construído anteriormente e, assim, podem trazer, por exemplo, o quadradinho de volta.

Eu: Está na moda agora o quadradinho de novo?

K: O quadradinho?

Eu: É.

Eu: O corte.

K: Ah, tá na moda.

Eu: O que aconteceu? A moda está voltando

K: A moda volta do nada. Bate na ideia de fazer um quadradinho e vai fazer um quadradinho. Aí se alguém me ver na rua vai copiar o quadradinho, aí vai espalhando, entendeu?

Fiquei envolvida com a prática dos jovens nas “arrumações” com os cabelos. Algumas vezes, nas ruas ou em barbeiros na cidade, eu via os cortes em outros jovens e sentia vontade

de conversar sobre eles, pensava em mostrar meu conhecimento sobre os termos e obter outros dados sobre os estilos dos cortes deles. Acredito que meu envolvimento se traduza pela habilidade que via nos jovens barbeiros, além do desejo e o prazer dos clientes em estar ali, semanalmente. Eu estava envolvida pela complexidade que envolve arte, beleza e destreza nos cortes que via se realizarem em campo.

Nas interações com os rapazes, observei o envolvimento deles, clientes e barbeiros, todos amigos, e como estarem envolvidos nessa prática importava. Existia prazer na realização e no resultado, me diziam como é “maneiro” ver a mudança de um cabelo sem cuidados para um disfarçado “afiado”. Não era só a fala que estava nessa constatação, era o prazer de perceberem o efeito em seus próprios cabelos arrumados. Tiravam fotos desses momentos, riam e se divertiam com as etapas das tinturas, luzes com uso de toucas ou clareamento dos pelos do rosto, por exemplo. Muitas vezes eram momentos engraçados, por estarem em processo de realização. As fotos iam para o *Facebook* e as “zoadas” aconteciam.

O “pezinho”, na lateral do rosto, é obrigatório nos cortes dos cabelos do grupo pesquisado. Tem a função de atualizar e finalizar os cortes; segundo os jovens, deve estar presente em todos os modelos. Além de ser esteticamente desejado pelo que revela de belo e artístico, é o que define se o cabelo está “em dia”, ou seja, se o corte foi realizado na semana, como dizem que deve ser e como vi acontecer. Ou pode revelar quando ele está precisando ser atualizado, nesse caso o uso do boné passa a ser quase obrigatório.

O boné não é só para esse fim. Ele é um bem muito valorizado entre os rapazes, que procuram nas marcas famosas a diferença, porque o boné ocasiona coincidência no uso entre o grupo. Um jovem pode encontrar com o amigo um modelo igual ao seu e isso não agrada. O uso de bonés de marcas famosas importa e compõe o estilo. Um dos rapazes me mostrou em sua casa um boné comprado em um site, me disse que tem dois bonés especiais, que são preciosos e ele nunca viu um igual com ninguém, por ser uma edição limitada. É considerado quase um troféu. Em momentos de brigas de grupos considerados rivais mostra poder e liderança a quem pega o boné do outro. Esse acontecimento tem mais complexidade do que trato aqui, e será discutido com mais dados e reflexões no capítulo seguinte.

As imagens a seguir mostram a complexidade que envolve a prática elaborada de fazer o pezinho nos cortes. A primeira imagem mostra a sua relação com a barba, ficando localizado e marcado mais acima dela; a intenção do efeito é a harmonia dialógica da barba e do pezinho. A segunda e a terceira imagem mostram outra variação na realização do pezinho e sua relação com as preferências dos jovens e o tipo de corte realizado.

Figura 23 – Variação do pezinho associado à barba.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 24 – Variação do pezinho associado ao corte 1.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Figura 25 – Variação do pezinho associado ao corte 2.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Não é qualquer jovem barbeiro que faz o “pezinho” nos cortes dos cabelos dos amigos. Ele tem que ser bastante habilidoso para fazê-lo certinho, perfeito, porque se aparece muito no corte, é a primeira coisa que se vê, segundo os rapazes. Ele define o tempo que o cabelo foi cortado. Para realizá-lo, além do desejo de perfeição, os clientes precisam confiar na realização da prática pela vulnerabilidade do manuseio da gilete, que fica livre na mão do profissional e não tem nenhum aparelho que proteja a mão dele, nem a pele do cliente. O uso da gilete é comum a todos. Outra peça é comprada quando a anterior não está mais afiada. A compra costuma se realizar nos comércios das esquinas do bairro, por algum amigo que está esperando para cortar ou fazer algum outro procedimento. Os três jovens barbeiros citados neste estudo são os únicos no morro respeitados pela execução perfeita e segura do pezinho.

VI: O pezinho é essencial, todo mundo faz o pezinho. Não tem como, porque o que dá vida para o corte de cabelo é o pezinho. Assim, tem formas de pezinho e pronto. Tem gente que faz o pezinho do lado reto, tem uns que fazem com contorno, entendeu? Mas tem que ser bem trabalhado, é uma coisa assim, é o *grand* final do corte de cabelo. É tipo o limite do seu corte de cabelo. O cabelo está cortado, aí você reconhece se o cabelo está cortado.

Eu: Aí você reconhece se está cuidado, é isso?

VI: É. Porque assim, se eu cortar o cabelo agora e não fizer o pezinho, vai parecer que eu cortei o cabelo na semana passada.

Eu: E isso não é legal?

VI: Não. Pô, cortei o cabelo agora e parece que eu cortei cabelo na semana passada? Então o pezinho mostra que você acabou de cortar o cabelo agora, entendeu? Você está com o corte fresco. É. Quem faz pezinho não pode ficar tremendo, tem que ter segurança no que está fazendo.

Os barbeiros iniciantes fazem os cortes, inicialmente, observados pelos mais habilidosos e pedem que esses façam o “pezinho” para eles. Há “zoadas” por isso. Os rapazes barbeiros dizem que tem que ter uma primeira vez, que não vão fazer, mas acabam realizando o pedido do amigo. A foto abaixo trata de um desses momentos em que o jovem barbeiro está iniciando a prática, observado pelos amigos e pelo barbeiro mais habilidoso que termina o corte, fazendo o pezinho para o amigo, depois de muitos pedidos e “zoadas”.

Figura 26 – Jovem iniciando a prática dos cortes de cabelos.



Fonte: Mariza Conceição Grassano Lattari

Percebo que os barbeiros com mais tempo e habilidade na prática com os cortes pressionam um pouco para que o novo barbeiro execute o “pezinho”, que é como um rito de passagem para o jovem ser considerado “completo”. Os barbeiros que estão aprendendo não cobram dos clientes, é de graça porque é só para treinar. Estive, algumas vezes, na casa de um jovem que estava começando a trabalhar como barbeiro e o vi passar por essas experiências iniciais. Ele me disse que gostava de cortar, tinha prazer em realizar a prática, em ver o corte pronto, além de ser um dinheiro que entraria a mais para ele. E a nova aprendizagem poderia fazê-lo ajudar o amigo considerado “irmão”, em momentos de muito movimento, quando o amigo estivesse “abafado” com muitos clientes. Eles planejavam montar uma barbearia juntos, como sócios.

Eu: Achei tão bacana os cortes, a habilidade, os modelos que você faz...

K: Ah, é bom essa profissão de cortar cabelo. Ah, é bom demais!

Eu: Você saiu do salão?

K: Ah, porque você trabalhar sozinho é a melhor forma, assim de você ganhar o seu dinheiro, entendeu? Sem ninguém te mandar.

Eu: É só ganhar dinheiro? Tem a criação?

K: Você faz o que você quer. Eu faço o que eu quero, mas muitas pessoas falam: faz isso, e já chega com o desenho. Pô, faz isso! Você só vai e obedece.

Eu: Que tipo de desenho?

K: É o nome na cabeça. É o nome delas mesmo.

Eu: Elas quem?

K: É delas. De meninas, entendeu? Faz desenho. Igual diamante. Flor.

Eu: Me lembra tatuagem, só que com menos duração, que pode mudar sempre...

K: Tem a ver também. Você faz o diamante, uma flor, vai sombreando, entendeu?

Eu: Qual a duração de um desenho, como esses que você faz?

K: Ah... Desenho assim uns três dias.

Eu: Que dia fica mais cheio?

K: Sábado fica lotado, pra ficar com o cabelo “afiado”.

Eu: É mais trabalho que o anterior no comércio lá no Shopping Alameda?

K: Ah, lá né bom não! Ah, a gente não tá acostumado com muita gente metida querer te mandar, entendeu? Aí eu trabalhando pros garoto aqui, eu ganho até mais. Um pessoal nojento lá. Ah, sei lá!

Eu: Aqui é diferente por ser todo mundo parceiro?

K: Lá é salário mínimo, aqui eu tiro mais de 100 por dia, se eu quiser.

Eu: Quanto tempo você leva para cortar um cabelo?

K: Ah, cada um uma meia hora, 25 minutos, isso se eu conversar, se eu não conversar eu corto rápido.

Eu: Eu acho difícil pelo que vejo nos cortes, você fez curso?

K: Tem uns quatro anos que eu corto. Eu comecei a cortar antes do VI ainda, eu fui ensinei a ele cortar. Tem bastante tempo já, no começo você nem pode cobrar porque você tá aprendendo, aí você erra aqui e ali.

Eu: Você é profissional agora, como é o termo que você usa?

K: Té que não. Só assim que eu tô afiado, entendeu?

Eu: Como você faz o disfarçado, que eu vi que é o mais pedido?

K: Porque vai tipo *dégradée*. Tipo assim, vamos pensar que você vai passar uma máquina alta em cima, embaixo vai tá mais pelado. Aí você vai passando, vai caindo 3, 2/5, 1/5, 1/0 até 0 até cair, vai disfarçando tudo.

Eu: Disfarçar é enganar?

K: É enganar, entendeu? Não dá pra passar uma máquina alta em cima e embaixo, entendeu? Vai dar pra você ver um alto e outro baixo.

Eu: Pode ter desenho no disfarçado?

K: Pode, pode sim. Por exemplo, manda um “mandela”, é o disfarçado. Tem o disfarçado que é arredondado, é o “mandela”. E tem o bicudo atrás. É das favela lá do Rio, assim, entendeu? O pessoal fala que é corte de bandido o bicudo. O disfarçado veio das favela do Rio, que é dos Estados Unidos. Estados Unidos que lançou o disfarçado e foi espalhando. Aí espalhou, entendeu? Eu gosto do corte de cabelo dos cara lá dos Estados Unidos, entendeu? Eu vejo vídeos, aí eu vou aprender mais. Aqui no Brasil não tem ninguém não.

Eu: Não tem no Brasil ninguém que você veja que faz esses cortes?

K: Igual o que eu faço aqui, os cara de favela faz. Eles liga a máquina no escadão, coloca a extensão na casa deles e liga a máquina no escadão. Aqui também a gente já fez isso muitas vezes. Vamos botar muita gente dentro de casa, aqui em casa tudo bem, pode botar quantas pessoa quiser. Minha mãe não incomoda não. Muitas vezes a gente já botou extensão, aí ficava muito cheio, já ficou muito, muito cheio, que teve que cortar na rua entendeu?

A partir do corte disfarçado, o cabelo pode ter outros efeitos, como riscos laterais, com ou sem frisos associados a ele. As criações são diversas – o corte “mandela”, que além de disfarçar para não acentuar partes mais altas e baixas, é arredondado atrás. Busquei dados com os rapazes para compreender a associação do nome do corte “mandela” a Nelson Mandela, mas não obtive nenhuma relação. Dizem que a apropriação e o uso do nome por eles vêm pela observação principalmente nas redes sociais e vídeos no *YouTube*, de jovens de favelas do Rio de Janeiro, que usam o termo e cortam assim. O corte “jacaré” tem a mesma relação de origem com as experiências dos jovens cariocas e é mais conhecido como corte do “jacá”. É um disfarçado bicudo atrás e existe uma relação com quem corta assim e se envolve em crimes, uso e tráfico de drogas. Dizem que o jovem que faz esse corte quer ser reconhecido assim. Vi em campo que a relação não é rigorosa, o corte do “jacá” pode ser usado para variar o corte anterior, porque algum jovem acha bonito ou para brincar com a relação de ilegalidade existente neles.

Os cuidados com os cabelos levam os jovens a outros lugares físicos e sociais, como quando cortam o cabelo com o uso da extensão elétrica, mostrando a frequência numerosa de jovens para esses cuidados. Nesses casos, a varanda da casa do barbeiro não comporta tantos rapazes, o uso da extensão se torna necessário e inclui a rua para ampliar o espaço da barbearia. Quando os cortes e as tinturas vão para a rua, tornam a prática mais compartilhada

e divertida, sai do lugar habitual. Os rapazes ocupam a rua para cuidarem de si, fica visível para os moradores e para quem passa o que estão fazendo. Expõem e valorizam no espaço público esses cuidados e as suas preocupações com a beleza e a vaidade. A prática dos cuidados com os cabelos e seus sentidos mostra o deslocamento do lugar do barbeiro, interagindo com outros movimentos no bairro e dialogando com outras vivências.

Os rapazes falam que já participaram dos cortes de cabelos no escadão, em alguns bairros de Juiz de Fora. São locais onde tem uma escadaria de acesso às partes mais altas dos morros, exemplificam com as idas ao escadão do bairro Dom Bosco. Lá, a prática das “arrumações” com os cabelos se associa a outras experiências. Na hora dos cortes e outros cuidados no escadão, acontecem outras práticas, segundo os jovens, e a proposta principal é a de cuidar da aparência. Mas podem acontecer diversas experiências ao mesmo tempo, como as danças do *funk* e do *passinho*, a realização de churrascos ou o uso de bebidas e drogas. É um lugar considerado mais livre. Segundo o grupo, cortar o cabelo no escadão é uma prática comum nas favelas do Rio de Janeiro, reproduzida em alguns morros de Juiz de Fora. O escadão é usado como lugar de cortes quando os jovens, que estão envolvidos com drogas ou outras experiências de ilegalidade, não querem ir à casa do barbeiro e “promovem” outro lugar para isso. Como no caso do “patrão”, o sujeito que faz um serviço ir até ele, porque passa a ser personalizado, sem a necessidade de se deslocar. A mesma relação acontece com as roupas que, como já disse, são vendidas nas casas dos jovens.

O estilo dos jovens das favelas, dos MCs e dos DJs cariocas, é muito citado e seguido pelos rapazes do Mundo Novo como fonte de inspiração. O Rio de Janeiro é o lugar de onde sai, por exemplo, os passos dos *funks* e dos *passinhos* para ressignificações e as ideias de cortes de cabelos. A maior parte destas informações vem dos vídeos que a rapaziada do Mundo Novo assiste e das páginas que acompanham no *Facebook*. Passei a visitá-las a fim de refletir sobre essas apropriações dos rapazes. Durante o período em campo, observei que vários jovens do grupo viajam ao Rio de Janeiro, vão aos bailes, à praia, e alguns têm parentes por lá e se hospedam na cidade carioca.

Os jovens do Mundo Novo realizam criações de estilo, como a construção do estilo diferenciado, através das práticas cariocas que admiram por um intercâmbio social e cultural entre as cidades. Essa admiração se configura pelas inúmeras visualizações e reproduções dos vídeos de dança e dos cortes de cabelos, e a proximidade traz influência ao grupo. Um dos rapazes me diz que tem muita “imitação” no grupo, e que ele não concorda, porque o mineiro é diferente do carioca. Segundo Goldenberg (2011):

Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da **imitação prestigiosa**⁶². Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que têm prestígio em sua cultura (GOLDENBERG, 2011, p. 80, grifo da autora).

Vejamos as considerações do rapaz sobre a imitação:

E: Mas igual o Rio de Janeiro não é, não é. É mais um tipo assim, uma imitação.

Eu: Você considera isso uma imitação?

E: Eu acho uma imitação, porque se não fosse o Rio de Janeiro eu acho que não teria isso aqui. Não teria chegado isso aqui.

Eu: Mas não tem uma forma de criar do que vem do Rio?

E: Isso tem, com certeza. Isso cria, com certeza.

Eu: O que se cria?

E: Igual eles cria muito em cima por causa dos famosos. Os famosos vai e vai divulgando na mídia, aí quando você vê os menino do Rio vai, começa a imitar os famosos de lá mesmo. Aí os menino daqui vê e começa a imitar, a imitar. Acho que ele se baseia no fato disso. Isso assim, entendeu?

Eu: Entendi. Quando você fala em imitar seria no estilo de roupa, de dança...

E: Acho que o estilo de roupa, o estilo de marca, marca de roupa. Estilo de corte de cabelo, também imita muito. Tem pessoas que fala até. Fala igual carioca. Imita eles.

Eu: Você tem amigos que fazem isso?

E: Tem, tem bastante. Força, força o sotaque, fala gírias igual de lá.

Eu: Você acha que as gírias de lá e daqui são diferentes?

E: Acho que tem diferença sim, do mineiro pro carioca acho que tem sim. E questão de música também. Muda bastante.

O jovem reflete sobre a “imitação” que, para ele, se apresenta como um problema, ele observa que há diferenças entre os mineiros e os cariocas. O exemplo do sotaque parece incomodá-lo ainda mais que outras “imitações”; ele diz que os amigos “forçam” o jeito de falar para ser semelhante ao do Rio. Na entrevista, vejo o interesse e posicionamento do jovem em significar e refletir sobre as suas vivências com o grupo de amigos, os valores e os elementos culturais e sociais existentes nas relações entre eles e a realidade de jovens no Rio de Janeiro. E que são vivências trazidas como críticas sociais que ele elabora e apresenta, no sentido de que a “[...] a historicidade, sob sua forma de tensão dialética, de **reflexividade**, construída na luta contra a alienação e contra a dominação social” (WAUTIER, 2003, p. 188, grifo da autora).

Assim, na experiência social, o sujeito se define ao construir uma identidade própria e relacional, articulada à tensão de gerir uma pluralidade de racionalidades da ação que remete a uma pluralidade de mecanismos dos sistemas. Essas formas de entendimento baseadas nas

⁶² “Imitação prestigiosa” é um termo refletido por Marcel Mauss, em **As técnicas do corpo** (2009).

reflexões dubetinas trazem a ideia de uma subjetividade não social, porém socialmente definida. Neste conjunto de ideias,

[...] a sociologia da experiência só pode ser uma sociologia dos atores. Ela estuda representações, emoções, condutas e as maneiras como os atores a explicam. Ela é uma sociologia da subjetividade cujos objetos práticos, dados pelas categorias sociais banais, têm todas as probabilidades de surgirem como problemas sociais [...] (DUBET, 1996, p. 262-263).

O jovem, na entrevista anterior, constrói sua capacidade crítica com alguma distância, sem deixar de se envolver, empenhando e vivendo conflitos nas práticas do grupo com quem interage. Essa dialógica articula suas relações sociais aos valores de prestígio vigentes na capital carioca, fazendo-o considerar uma prática forçada e que não faz sentido a “imitação” dos amigos do bairro.

5 CAPÍTULO 4 – OS ACONTECIMENTOS NAS RIVALIDADES

5.1 O desejo dos rapazes de falar das brigas

Em campo, nas conversas com os rapazes, tanto nas mais informais pelas ruas, nas portas de suas casas, quanto nos encontros organizados para os grupos focais ou para as entrevistas individuais, percebia a vontade e o prazer deles em contar muitas vezes, com risos e farras, as “brigas, confrontos ou enfrentamentos” que aconteciam entre eles e os outros jovens considerados rivais. Esses são termos que se aproximam desses momentos plurais vividos pelos jovens, motivos das “zoadas” no grupo de amigos no morro, que precisam de entendimentos particulares, como os que pretendo realizar neste capítulo.

Segundo os jovens, depois dos momentos mais difíceis, as situações tornavam-se engraçadas. Vistos à distância, neles cabiam novas representações. O aperto na hora das brigas ou dos enfrentamentos entre os grupos de jovens podiam se transformar, tempos depois, em zombarias e deboches dos “moleques” que tinham apanhado ou sido humilhados. Lembravam de que forma isso tinha acontecido, como deram os socos, onde acertaram e como tinham ficado os “moleques” que apanharam ou correram; eventos que viravam diversão. Na maior parte das vezes, os relatos eram compostos de vitórias.

Tentavam reproduzir, pelas descrições, os momentos mais intensos das brigas, os detalhes das ações, às vezes incluindo gestos para que as histórias pudessem se tornar ainda mais reais. Em alguns momentos, me parecia que contavam filmes de ação, faziam relatos emocionantes e pediam algumas vezes a um amigo próximo que confirmasse a história para mim. Pelas fortes relações de amizade construídas entre eles, não acredito que algum amigo desmentisse, caso houvesse exagero. Havia muita cumplicidade entre o grupo, que ultrapassava a experiência de se envolver para mudar um contexto que pudesse ter sido exagerado para ficar mais vibrante. Não me preocupo se havia exagero ou não. Preocupo-me em observar, confirmar a união do grupo nos relatos e, principalmente, ver o prazer que os envolve ao contar, com entusiasmo, as práticas que envolviam as “brigas” ou “enfrentamentos”.

Quando sentiam vontade de confirmar para mim os relatos, pediam a algum amigo que estivesse por perto para auxiliá-los na tarefa, e observavam as distâncias nas experiências de vida entre nós. Queriam me mostrar que não mentiam que o embate havia sido forte, mesmo se estivessem brincando depois com os fatos. Praticar a “zoada” em grupo não diminuía os momentos intensos que haviam experimentado nas brigas e, quando queriam confirmar ou

reforçar dando mais força a algo que me falavam, além das confirmações dos amigos, mostravam partes de suas conversas em *chats* particulares nos celulares, que tinham relação com o que falavam, a partir dos comentários ocorridos entre eles. Havia outros casos em que faziam isso, como quando se referiam às mulheres que “pegavam” ou aos termos nativos usados. Caso eu não os conhecesse, gostavam de me explicar o contexto usado, como “padoca” (padaria) ou “reliquia” (usado como um elogio a um amigo respeitado), por exemplo. Durante a pesquisa, nunca fiz parte de *chats* privados entre eles. Minha participação ficou apenas no “olha aqui”, que me diziam e mostravam nos celulares que se mantinham em suas mãos. Éramos próximos, mas havia limites e eu sabia claramente isso.

Desde o início em campo, eu lhes dizia as várias situações que me haviam chamado a atenção nos grupos formados por muitos jovens que andavam juntos pelas ruas da cidade e inseria a questão das brigas que, algumas vezes, ocorriam entre esses grupos nos bairros considerados rivais, como tratei na introdução deste estudo. Elas faziam parte do fenômeno entre os jovens que eu havia observado, sem que eu deixasse de ficar atenta para não focar particularmente nesses eventos. Algumas vezes não os prolongava, mas os rapazes gostavam de falar sobre esses “confrontos”, “enfrentamentos” ou “brigas” entre eles.

Parei de tentar mudar de assunto e controlar os dados. Eu via que fugia de algo que era próximo a eles, algo que fazia parte de suas experiências cotidianas, por não querer tratar de um tema no qual os jornais locais exploravam muito, de forma sensacionalista e deslegitimada, ao falar dessas vivências que observavam de fora, distante dos envolvidos. Isso me incomodava. Eu queria mostrar interesse por outros assuntos que faziam parte de suas vidas, que não os via somente pelo viés dessa violência seletiva atribuída a jovens “causadores” de distúrbios na cidade, em uma situação que os generalizava. O que é verdade é que eu me interessava por outras manifestações junto a esses momentos, como o jeito de andar, as roupas usadas, as relações entre os amigos, como já ressaltéi em momentos anteriores. Percebi que, tentando me afastar dos eventos juvenis que envolviam as “brigas”, estava forçando outra situação, a de não valorizar um dado de pesquisa relevante e significativo sobre os jovens.

O que os rapazes queriam tratar não se aproximava da maneira como a mídia cuidava do tema e do qual eu gostaria de me distanciar. Com eles, eu poderia ver quais eram os sentidos envolvidos nas diversas “brigas” que relatavam, como elas aconteciam ou como era a energia que mostravam estar contida nelas, no momento das brigas, antes e depois de os eventos acontecerem. Os rapazes mostravam, por envolvimento próximo, os vários contextos desses momentos. Passei a me interessar por eles, organizando e realizando questionamentos, através

das reflexões que o grupo pesquisado trazia, ou seja, por suas vivências, a partir das práticas cotidianas que experimentavam da maneira pretendida, recorrente e significativa.

Ao tratar de experiências que tratam das rivalidades entre os jovens, interesse-me em pensá-las de forma próxima, pelas socialidades particulares que se realizam e no diálogo, como reflete Magnani (2002): “Em todo caso, em vez de um olhar de passagem, cujo fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador, o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais [...]” (MAGNANI, 2002, p. 19).

Envoltas em uma série de contingências que vou tratar neste capítulo, as “brigas” vivenciadas pela rapaziada do Mundo Novo são experiências próprias de jovens pobres que moram em um morro da cidade e gostam de ter e viver rivalidades com outros rapazes de grupos considerados rivais e que vivem, na maioria das vezes, em bairros também pobres. Algumas práticas, de que trato mais à frente, são semelhantes e conhecidas pelos grupos de jovens que rivalizam entre si. Percebo que as rivalidades precisam ser situadas para serem discutidas, pois possuem lógicas diversas que penso, por seu caráter de diversidade, serem vistas na “experiência social”. São práticas que possuem sentidos que se justapõem e trazem entendimentos sobre os princípios em que a teoria de Dubet (1996) se constrói, quando tem a intenção de tratar os fenômenos sociais atuais pelo viés da multiplicidade. Sentidos em que a “experiência social” vislumbra como uma forma de agir no mundo que não se traduz em adequação (DUBET, 1996).

As brigas para o grupo pesquisado acontecem por motivos diversos. Como quando um “moleque” de fora está com uma mulher que um cara de outro grupo tem vontade de ficar ou se ele está “pegando” muita mulher e o cara de fora não está pegando ninguém num baile, por exemplo – são as brigas por causa de mulher. Os rapazes falam mulher tanto para se referir às jovens com quem mantém um relacionamento próximo, como para com as relações de amizades ou para as mais distantes, as que são desejadas e motivam as “brigas por causa de mulher”, como costumam dizer. Dentro do grupo, a relação entre eles é diferente. Se um amigo deseja a mulher do outro e começa a agir fora dos valores que mantém suas relações de amizade, não acontece somente briga, há um rompimento. Quando um “amigo fechado” quer “pegar” a mulher do outro, ele não é mais amigo, passa a ser “talarico” – termo que se refere a um “amigo fechado” que trai o grupo com quem fez o “fechamento”. Essa categoria foi discutida no capítulo 2, no qual trato das amizades.

Vários rapazes me falavam de um amigo que fez parte do grupo pesquisado, participando de dois encontros nos grupos focais e duas entrevistas individuais, momentos em

que era considerado e agia como “amigo fechado”, e que eles passaram a ver com reservas, porque ele queria a mulher dos amigos. Contavam sobre as tentativas do rapaz para “chegar” nelas, diziam como ele, agora “talarico”, ia se encostando fisicamente ou tentando ficar mais próximo quando elas estavam sozinhas. Segundo o grupo, as mulheres contavam aos jovens, com quem tinham envolvimento afetivo, que os episódios estavam acontecendo.

Durante a pesquisa, me relataram um evento de briga por isso. A jovem telefonou para se queixar como estava sendo assediada na descida do morro e o jovem que se relacionava com ela foi até lá, discutindo e, segundo ele, deu umas “porradas” no cara que correu, porque era covarde. Depois de um tempo, percebia que o jovem estava afastado dos encontros nas ruas, não o via mais com o grupo. Quando eu perguntava por ele, riam e diziam que “talarico” não tem vez e que, se ele continuar a circular, ia levar mais “porrada”.

Há outras questões que envolvem as desavenças. Como o uso das roupas estilosas que costumam causar “ostentação” e podem, em alguns casos, incomodar ou causar inveja a um jovem de outro grupo considerado rival, ou ao grupo todo. É um mecanismo que pode desencadear brigas quando o outro entende que o jovem “afiado” pratica uma “ostentação” intencional, que se realiza para provocar, humilhar, mostrar que está mais arrumado e tem mais poder, se sente e se coloca em posição superior. Não só as roupas que causam “ostentação” podem gerar brigas, também há a “ostentação” ao mostrar no baile que se está gastando muito com bebidas, por exemplo.

Estar com as meninas desejadas por outros rapazes pode ser bom, algo valoroso ao jovem que vive essas experiências, mas, em alguns momentos, pode trazer o “recalque” de outros considerados “de fora”. Há diversas experiências no qual o “recalque” pode aparecer. Ele ajuda a “puxar” muita briga, segundo o grupo. Surge em contextos de inveja e mágoa pela ausência da capacidade de algum sujeito desejar ter o que vê no outro ou querer ser como o outro é. O termo, que considero como uma categoria nativa, é usado entre o grupo pesquisado como um valor que trata da insatisfação de um jovem reprimido, aquele que se sente mal em ver no outro o que ele não tem e quer. Um tênis de marca famosa pode trazer o “recalque”. É algo que pode, em alguns casos, fazer mal ao sujeito que está sofrendo o “recalque”. Ainda segundo os rapazes, no “recalque” existe o “baixo nível”, que é uma inveja mais pesada e, por ser assim, pode “pegar” no outro.

O “recalque” é considerado mais que a inveja. Está presente nas letras de alguns *funks* e é usado com frequência pelos jovens nas redes sociais e encontros físicos entre eles. É uma vivência reconhecida e experimentada pelos rapazes. Se o jovem causa inveja ou “recalque”, é porque está em lugar de prestígio, é valorizado. O “recalcado” está em uma posição inferior.

Por isso, quem tem “recalque” ou inveja começa a “mexer”, no sentido de implicar com o outro, porque não se sente como alguém capaz, é despeitado, tornando-se além de uma pessoa invejosa alguém que quer “caçar” confusão.

Entre os pesquisados e outros jovens, considerados rivais e moradores de fora do morro, os contextos que envolvem as brigas ou os enfrentamentos são diversos. Refiro-me a “enfrentamentos” para casos como o do “blefe”, de que trato neste capítulo, em que não há diretamente confronto físico, como ocorre nas brigas, e pode ou não haver confrontos entre grupos. Em campo, pude perceber pelas observações e conversas com os rapazes que os envolvimento com as drogas e as cobranças que elas provocam trazem muitas desavenças, ocasionadas, por exemplo, quando um jovem não quer pagar o que combinou por elas ou quando alguém mistura substâncias para fazer o produto render mais ao vender para outros grupos de outros bairros. Dizem que um jovem do grupo, mesmo que não tenha feito nada, pode sofrer uma vingança, pode ter que “pagar” por um amigo seu ter enganado um cara ao vender uma droga misturada, por exemplo. Os rapazes que fazem parte do grupo de amigos estão propensos às retaliações de outros jovens. Como disse antes, as relações apontadas pelos rapazes para as brigas são diversas. Preocupo-me em entendê-las em seus contextos particulares de acontecimentos. Um motivo pode se dar quando um olhar considerado estranho ou uma esbarrada se torna motivo de “puxar” briga entre os jovens ou entre os grupos.

O jovem PD me disse, em uma conversa informal na rua, que prefere ir aos bailes *funks* no Rio de Janeiro, porque tem menos brigas e se sente menos preocupado, pode se concentrar mais em se divertir. Eu disse a ele que me surpreendia com o que falava, porque achava que lá os bailes também tinham muita briga. Ele me disse que não, que costuma frequentar os bailes cariocas e quando, por exemplo, esbarra em alguém, pede desculpas ou nem fala nada e fica tudo bem. Disse que costuma ir frequentemente, que os “caras” de lá não ligam para coisas bobas. Em Juiz de Fora não, segundo ele, aqui existe uma “cultura de briga nos bailes”, que por um olhar que o outro passe a considerar provocativo ou uma esbarrada tida como proposital já é motivo e pode desencadear confusão e tumulto. Outros jovens do grupo dizem que em Juiz de Fora não há comando do tráfico em alguns locais centrais da cidade, onde ocorrem os bailes que costumam frequentar, e, por isso, acontecem muitas brigas. Segundo os jovens, em alguns locais do Rio de Janeiro, o tráfico controla a diminuição das brigas nos bailes *funks*.

O dado acima reforça minha posição de que, para entender as questões que envolvem as brigas nos bailes, é preciso particularizá-las, entendendo os lugares sociais e espaciais nos

quais ocorrem e quais bailes *funks* são mais frequentes as brigas e a relação com os locais, como é o caso da região central de Juiz de Fora; e como os sujeitos que estão envolvidos no baile lidam com as brigas. Pode ser que, nos bailes do Rio de Janeiro frequentados por PD, a proposta de divertimento seja mais pela dança ou outros divertimentos que possam ocorrer por lá. Já em Juiz de Fora, a ocorrência de brigas por motivos considerados menores pelo jovem podem fazer parte de um outro tipo de diversão e socialidade que se articula nos bailes *funks* que ele frequenta. Um dado que, para ser mais bem compreendido, deveria ser aprofundado a partir das cidades a que se referem.

As brigas ou esses encontros com tipos particulares de “enfrentamentos” que ocorrem nos bailes de Juiz de Fora podem ser por motivos que aconteçam no momento presente, como os olhares desafiadores ou as esbarradas. Mas também observei nos relatos dos rapazes que muitos desses momentos vêm de momentos anteriores, são o que eles chamam de “rixas”. Muitos rapazes falam em brigas de hoje motivadas por “rixas”, por motivos antigos. Nos bailes pode ser que não sejam somente os olhares, as ostentações realizadas ou as esbarradas momentâneas; ali, pode haver mais coisa, fatos anteriores, fazendo parte das experiências que envolvem as “rixas”.

5.2 As “rixas” entre os bairros

As rivalidades que ocorrem entre os bairros são recorrentes e antigas, sustentam-se ao longo do tempo. Algumas foram realizadas pelos familiares dos jovens, repassadas aos rapazes, no lugar de “rixa” antiga, dando a essas práticas um caráter intergeracional. “De acordo com PA: “Não sei, os ‘cara’ mais velhos já falava isso pra nós, não sei... Pensava que era brincadeira, mas isso vem de geração em geração... A gente percebeu isso”.

A “rixa” entre os bairros é uma evidência recorrente nos relatos dos rapazes e envolve vivências anteriores consideradas mal resolvidas ou marcadas por constrangimentos sofridos. Observei que, muitas vezes, as “rixas” se constroem entre grupos de jovens moradores de bairros considerados rivais. As brigas por estas circunstâncias, algumas vezes, acontecem pelos encontros entre jovens de bairros vizinhos, favorecidos pelas possibilidades de ocorrerem em ruas próximas, como, por exemplo, quando saem para dar um “rolé”, como dizem. “O aspecto rixa mostra um rico fator de análise, na medida em que supõe uma relação de poder intergrupos, aguçando a identificação intragrupo [...]” (UVINHA, 2001, p. 54).

Existe nas “rixas” entre os jovens um estado de conflito em potencial, com a possibilidade de se acentuar em momentos de encontros nas ruas ou em bailes e desencadear

numa briga, dependendo do contexto e da “condição” em que as “rixas” se realizam. Ter “condição” é uma outra categoria nativa discutida mais à frente, trata de um estado que os jovens precisam para se manterem bem em uma briga, decorrente ou não de uma “rixas”. As “rixas” se mostram nesses encontros cotidianos pelo valor de disputa e de inimizade entre os grupos, crescendo pelas possibilidades de se acentuarem a cada novo encontro e expor a animosidade latente entre os jovens. As “rixas” mantêm de forma intensa a relação de conflito, permitindo aos amigos “fechados” se incluírem nelas como forma de solidariedade nas disputas que elas proporcionam e movimentam.

Nas “rixas” entre os bairros, que envolvem disputas entre os grupos de jovens e entre os jovens considerados rivais, a prática está presente e possui um importante valor de referência e de contextualização. Configuram-se pela manifestação de “rixas”, competições, contrariedades e impulsos, que podem ser ou não capazes de desencadear violências físicas, ficando, pelo menos a princípio, no campo das rivalidades. Nos casos em que essas passam a incluir contatos físicos, podem ocorrer situações mais truculentas a partir de contatos corporais danosos, como, por exemplo, agressões através de ferimentos ou de golpes, que podem ser ou não intencionais (ZALUAR, 2004).

Discuto, mais à frente neste capítulo, a partir de experiências que ocorrem entre a rapaziada nos bailes *funks*, a manifestação não intencional de confrontos físicos danosos que ocorrem nas práticas de rivalidade, certas vezes, pelo caráter incerto que esses enfrentamentos possuem. As experiências que incluem as rivalidades podem ser vistas nas práticas sociais e culturais, através de estratégias e recursos que os jovens pesquisados utilizam e movimentam nas relações entre eles, e entre eles e os demais sujeitos com os quais interagem cotidianamente.

Eu: Como é... Por exemplo: você está transitando em outros bairros, né? Tá namorando no São Pedro, que você falou. É numa boa? Ou assim, é meio complicado, você sendo do Mundo Novo e tal? Existe algum lugar onde é complicado?

RO: Ir para outros bairros? Aqui eu ando tranquilo, mas às vezes é complicado, sabe? Você vê que às vezes tem uns caras que olham diferente e pá... Mas eu... Tranquilo.

Eu: Já aconteceu de você ter problema em algum bairro?

RO: Já, já mesmo.

Eu: Você tinha uma “rixas” antiga ou você... Foi na hora?

RO: Já tinha. Já aconteceu um montão de coisas assim, já. De coisas...

Eu: Difíceis?

RO: De caras de outro bairro vir para cá e brigar aqui. Uma vez que eu fui... Igual, tipo assim, teve uma vez que eu tinha o que? Uns 12, 13 anos. Aí os meninos daqui bateram nos meninos de Santa Cecília, sabe? Mas eu não bati não.

Eu: Mas eram seus amigos os que bateram?

RO: Eram meus amigos, eu estava no local, eu vi.

Eu: Ah, você viu a briga.

RO: É.

Eu: Hã...

RO: Mas não bati não, fiquei só olhando.

Eu: E essa briga teve motivo? Ou foi uma briga...

RO: Briga de... porque os “moleques” estavam dando um rolé aqui no Mundo Novo, os “moleques” aqui foi e deu nos caras. Aí aconteceu de ter um ensaio de uma escola de samba, aquela Mocidade de São Mateus, que era lá na Padre Café. Tinha alguns meninos do Mundo Novo que estavam lá, de Santa Cecília ali e do Dom Bosco. Aí deu um intervalo no ensaio da bateria, veio um “moleque” pequenininho assim e ficou me encarando e esperando eu falar alguma coisa com ele. O “moleque” ficou assim, me olhando, dentro do meu olho, dentro de mim. Eu falei: “O que foi? O que você está me olhando véio?”. “Que foi o que véio? Vou chamar o meu irmão”. Aí ele voltou com o irmão dele. E o irmão dele: “Que foi véio? Você esta mexendo com o meu irmão aí? Eu vou te pegar. Na hora da saída você vai ver”. Tipo assim, ele quis arrumar uma confusão comigo.

Eu: Ele fez de propósito.

RO: Ele fez de propósito. Ele tipo assim, arrumou um pretexto para mim brigar com ele. Aí na hora que eu coloquei o pé para fora, assim, eles fizeram uma roda em cima de mim, grande, um montão de “moleque”... Esse dia foi foda. Aí eu tomei logo um soco do “moleque”... Aí eu só consegui correr. Depois eu dei no “moleque” lá também, o “moleque” caiu, depois tomei outro... Aí que outro “moleque” conseguiu separar lá, porque o bagulho ficou louco. Depois nunca mais encontrei com esses “moleques”, nunca mais mesmo. Eu nem lembro o rosto deles.

Eu: Ainda bem, né? Que aí não tem problema. Tomara que ele não lembre o seu também.

RO: Não. Mas o meu ele lembra, o meu ele lembra... Porque ele já falou já, com alguns meninos, sabe? Ele é “tchum-tcházão”, sabe? O “moleque”... Eu não encontro com ele porque ele frequenta uns lugares muito diferentes dos meus, sabe?

A estratégia usada pelo olhar insistente do menino para dentro dele, como diz o jovem, buscava o que faltava: o pretexto para chamar o irmão com o grupo e fazer a briga acontecer. O olhar era a provocação para que a fala do jovem surgisse e trouxesse o pretexto atualizado para cobrar uma “rixa” antiga, para completar a cena. Tal cena tem relação com o que o pesquisado diz sobre ser “tchum-tcházão”, o irmão do “moleque” pequenininho que forçou a briga. Por essa fala, o pesquisado deixa claro o tipo de confronto intenso que enfrentou. O “tchum-tcházão” é conhecido como o sujeito que gosta de brigar, equivale ao “funkeirão”, categoria discutida no capítulo anterior, principalmente quanto às questões de estilo. Identifica o jovem como o sujeito que tem uma relação próxima com as práticas que envolvem o confronto físico, uma predisposição para as brigas e que gosta de ser reconhecido como alguém que “chama briga” e não corre dela. Os rapazes costumam citar o prestígio do “tchum-tchá” entre o grupo por ser considerado “enjoado”, como dizem, por ele não desistir

fácil. No contexto das rivalidades, existe o reconhecimento entre os rapazes de sua imagem, como aquele que “intima” os outros jovens. A maioria da categoria costuma ter envolvimento com práticas ilícitas que acarretam poder, admiração e respeito entre os rapazes. No entanto, algumas vezes, vi os jovens reclamarem do estilo “tchum-tchá”, que acaba por chamar a atenção da polícia, que o identifica com facilidade e “dá geral” em todos no grupo. Acredito que isso ocorra porque a polícia faz a associação entre o estilo usado pelo “tchum-tchá” e a indicação de que a maior parte deles tem envolvimento com drogas e roubos, por exemplo. O jeito de ser, as roupas, os cortes de cabelos, os adereços chamativos e os envolvimento ilícitos ajudam a caracterizar a categoria.

O jovem do Mundo Novo sabe que ainda pode ser que tenha de enfrentar situações futuras de “desenrolo”, como costuma se referir aos momentos das brigas. Esses podem surgir caso venha a se encontrar novamente com o irmão do menino, porque se mantém a existência da “rixa”. Ele acredita que o “tchum-tchá” que puxou a briga não vai se esquecer dele. É comum os rapazes dizerem que tem “rolo” com um “moleque” de fora do bairro onde moram, ou seja, um “caô” em outros bairros, exemplificando os locais. Quando se referiam a ter ou não um “caô”, eu entendia que era como ter um problema ou uma animosidade com algum jovem ou grupo de jovens considerado rival, semelhante a ter uma “rixa”. Os jovens usam o termo dessa forma. No entanto, observei por outras falas que há um jeito próprio de uso e sentido do termo “caô”. Os rapazes costumam personificar e evidenciar uma relação direta entre eles e o “caô” que possuem, como se o “caô” fosse uma pessoa. O “caô” muitas vezes é utilizado para se referir à própria pessoa com quem se tem um problema a tratar ou para fugir. Falam sobre o “caô” referindo-se a outro jovem especificamente, como, por exemplo, quando dizem que o meu “caô” morreu, o meu “caô” está atrás de mim, eu tenho um “caô” que não me esquece, ou eu posso andar tranquilo porque está tudo bem entre mim e o meu “caô”.

No relato anterior, o jovem mostra como uma experiência de lazer em outro bairro pode se transformar em uma situação de tensão, evidenciando o que os pesquisados reforçavam sobre como pode ser complicado estar fora do seu território – como ocorreu anteriormente para o grupo do São Mateus que esteve no Mundo Novo e apanhou. O jovem do Mundo Novo acredita que a memória da “rixa” antiga originou a situação de cerco e briga na qual se viu envolvido após o ensaio da escola de samba. Havia a “rixa” construída anteriormente entre os grupos de jovens dos dois bairros, Mundo Novo e Santa Cecília, e depois do episódio com o “tchum-tchá” no ensaio da escola de samba no São Mateus, creio que ele passou a ter um “caô” nos termos discutidos de personificação de um valor. A existência do “caô” é recorrente e um motivo para gerar novas brigas.

Conforme o jovem apontou, ele não participou da briga em seu bairro, fato que não fez diferença para o grupo rival; estava presente, mesmo que observando, de alguma forma fazia parte da situação, estava no acontecimento da briga entre os seus. Evidenciam-se as relações de pertencimento entre os grupos de amigos. A vingança deu-se tempos depois, quando houve oportunidade e não precisou se realizar em quem bateu. Fez sentido para o grupo rival se realizar em alguém do grupo. Os rapazes do Mundo Novo que bateram não estavam presentes na roda de samba no São Mateus, no momento em que o jovem foi cercado, mas ele representava o grupo e, com isso, todos foram atingidos. Saberiam o que ocorreu. As brigas que sacodem os bairros são contadas e recontadas pelos rapazes, principalmente quando são os “vencedores”. Ter o “espírito de vencedor” é uma vivência intensa nos jovens e será discutida adiante, neste capítulo.

As posições sociais discutidas, como as dos amigos e dos “caôs”, se articulam às práticas de rivalidades, dialogando regularmente com a vida social dos jovens, pela proteção disponibilizada através da amizade e da lealdade existente entre a rapaziada do Mundo Novo, que apoia e “fortalece” os parceiros do grupo nos momentos de brigas, pela adversidade e pela rivalidade existente entre os grupos considerados rivais que estimula e alimenta a dinâmica das brigas. Nesse intercâmbio de relações, vejo a existência de interações propícias a rivalidades entre os jovens que os relaciona a modelos culturais de referência. Há valores como o de se vingar de algo que não é bem aceito pelos rapazes.

Os jovens do grupo pesquisado, e segundo eles, de outros bairros e de suas relações, costumam “cobrar dívidas”, como, por exemplo, as ocasionadas por “rixas” antigas ou por questões que envolvem trapças na venda de drogas. São questões que envolvem perdas cobradas tanto por eles, quanto por outros grupos, em um movimento que se repete pelas vinganças mútuas. Vivenciar, no desenrolar da vida cotidiana, a falta de um amigo no grupo traz a vontade recorrente de se vingar. Como observa o jovem: “O cara tá aqui comigo, todo dia, todo dia, todo dia, aí acontece alguma coisa ruim vem a falecer, meus amigos tá tudo junto comigo, vai sentir falta, a família cobrando, vai fazer o quê? Vai querer cobrar!”. Nessas experiências compartilhadas das perdas, acontecem afirmações de identidades e pertencimentos juvenis pelo poder do enfrentamento e da vingança. São trocas simbólicas vividas pelo reconhecimento mútuo da amizade e da lealdade vivenciadas pela ausência sentida diariamente no grupo de amigos.

Durante a pesquisa, ocorreram ausências emocionalmente sentidas de jovens, amigos do grupo pesquisado, no morro – algumas por prisões e mortes. Um desses episódios fez parte de um relato ocorrido em uma entrevista individual. Vejamos:

W: Tô ficando maior. Era menorzinho gostava mesmo de brigar com os outro. Hoje em dia eu corro de briga.

Eu: Por quê?

W: Hoje em dia eu tenho medo de morrer. Não tinha não. Perdi o amigo que andava comigo lá embaixo. Pô! Sexta-feira tô aqui e falava: vamo dar um rolé? Nunca mais vi. Levaram ele pro escambo, tipo crocodilagem.

Eu: O que é isso?

W: Chamaram pra chopadinha lá. Lá no Ponte Preta. Onde é? No Ponte Preta? Ah! Num vou! Pô que nada muleque. Vamo (imita a fala do amigo). Falei: não! Não vou! Se eu fosse você também não ia não. Falei com ele: velho... O nome dele era até B Não vou, eu tô aqui com meu parceiro aqui... Não vai não. Então me dá um toque pra saber se você vai chegar no bairro bem. Passou 2, 3, 4 horas, um dia, dois... E eu ligava, ligava... Aí encontrei um cara. Mataram o B. Que isso??? Se eu tivesse ido com o cara, tinha ido pro saco.

O relato acima mostra que uma perda pode acontecer quando um jovem acredita em um convite para uma “chopadinha” entre jovens, uma reunião para o divertimento, que na verdade é um “escambo” ou uma “crocodilagem”. Os termos são usados quando um jovem pesquisado, que se afirma como “tchum-tchá”, fala sobre uma traição sofrida e faz parte do que conta sobre a morte de um amigo em uma cilada armada por jovens de outro bairro para os dois. O entrevistado relata que recebeu o convite junto com um amigo B, vizinho e “chegado” do Mundo Novo, mas desconfiou. Não foi e pediu muito ao amigo para não ir também. Nesse evento, perdeu o amigo que não acreditou no perigo e aceitou o convite. O jovem diz que tentou protegê-lo, reproduzindo a prática comum de amparo e lealdade presente entre a rapaziada. Disse que insistiu para que o amigo não fosse, mas não quis se arriscar indo junto com ele. Tentou estender a proteção e o cuidado aprendido e compartilhado no grupo, monitorando por telefone a chegada do amigo na “chopadinha”, no bairro Ponte Preta. Acredito que, com isso, quisesse estender os laços de proteção construídos, mas, obviamente, fora do bairro fica impraticável fazer isso.

Os bairros com maior rivalidade com o Mundo Novo são Santa Luzia, Dom Bosco e Santa Cecília, e costumavam ser apontados, com frequência, pelos rapazes, como locais de moradia de jovens que fazem parte de grupos rivais. Esses bairros se localizam em áreas próximas ao Mundo Novo, como apresentei no primeiro capítulo desta tese. No caso da cilada relatada pelo jovem, o evento foi no bairro Ponte Preta, local afastado do bairro pesquisado. Encontra-se fora desse eixo de proximidade entre bairros que os jovens costumavam apontar como espaços de referência. O bairro Ponte Preta se localiza na zona Norte da cidade e sua distância do Mundo Novo é de aproximadamente vinte quilômetros.

O jovem não entrou em detalhes sobre esse distanciamento entre os bairros. Não se mostrou interessado em dizer se havia ou qual seria a relação dele e do amigo com os jovens do Ponte Preta. Nem se era uma “chopada” de jovens de locais diversos que se realizou lá. Percebi que a situação do relato dolorido da morte do amigo emocionava o entrevistado. Em conversas fora desse relato, ele me disse que se sente culpado por não ter conseguido se despedir do amigo depois de ter tido conhecimento de sua morte. Disse que chegava a chorar por não ter conseguido ir ao enterro do amigo, nem de um primo que havia perdido antes, se preocupava se os mortos poderiam perdoá-lo por não ter conseguido vê-los nessa condição.

W disse várias vezes que se sente muito inseguro depois do “escambo” sofrido por B, inclusive para se locomover por outros locais da cidade. Prefere ficar no Mundo Novo, porque se sente protegido entre a rapaziada do bairro, que com eles não tem tanto medo de morrer. O jovem relatou que a família tinha intenção de mudar do bairro, mas a ideia passou a ser desconsiderada depois que disse à mãe que teria que comprar um caixão para levar na mudança, porque caso ele saísse do Mundo Novo certamente iria precisar de um. Segundo o jovem, o medo da morte passou a fazer parte de sua vida junto com a falta do amigo com quem convivía no morro.

Presenciei várias vezes os amigos do jovem que fez o relato acima insistirem em dizer que o “caô” dele já havia morrido. Mesmo com essa informação, o jovem prefere não se arriscar e, quando precisa sair do bairro, diz que a estratégia é sair de carro (a pé não “rola”, segundo ele). Situações como a relatada pelo rapaz em questão são recorrentes. A relação individualizada entre os jovens, que existe e se configura na categoria dos “caôs” descrita, não exclui a participação dos amigos nas vivências nas quais se envolvem os jovens e seus “caôs” específicos. Os amigos participam dessas experiências que provocam rivalidades e brigas entre os grupos. Acredito que por esse motivo a morte de um “caô” não transmita tranquilidade ao jovem. Ele sabe que mesmo que o “caô” dele tenha morrido, fazia parte de um grupo de amigos, como ele faz, que pode querer se vingar. A presença do “caô” continua mesmo com sua morte, a ameaça pode permanecer.

Observo que entre os jovens ser “caô” ou ser amigo vai depender do lugar social em que eles estejam. Se o jovem está em uma relação de adversidade com um jovem de um grupo considerado rival, ele é “caô” desse jovem; se está em uma relação de amizade com a rapaziada, é amigo. Assim como o “alemão” pode ser “o sangue bom” em um jogo de alternância que pode colocar o “sangue bom” no lugar de “alemão” (VIANNA, 1997). Os rapazes do grupo pesquisado usam o termo “alemão” ao se referirem a jovens que consideram de fora e de quem são afastados e costumam ter relações de inimizade. Isso acontece nos

grupos e entre os grupos de jovens por uma correspondência de identificação e de reciprocidade. Por exemplo, entre a rapaziada, o amigo de um jovem pode estar na posição de “caô” para um jovem de outro grupo rival. O outro grupo pode ter no amigo o “caô” de um jovem do grupo pesquisado. As posições sociais juvenis que definem amigos e “caôs” se correspondem entre os grupos, ainda que sejam rivais.

Observo que os grupos de jovens possuem categorias semelhantes, como os “caôs” e os amigos que participam de brigas de grupos; assim como as práticas de rivalidade acontecem com similaridades nos grupos juvenis em confronto. Muitas dessas práticas contêm estratégias conhecidas dos grupos como, por exemplo, os rapazes me dizem que o “blefe” é conhecido e utilizado pelos jovens do Mundo Novo, como também pelos jovens de outros bairros. São reciprocidades de práticas que incluem experiências e estratégias conhecidas e que acontecem nos grupos juvenis.

5.3 Para o “blefe”, tem que ter “disposição”

O “blefe” é um acontecimento, dentre outros, que faz parte das práticas que envolvem as rivalidades e os enfrentamentos entre os grupos. Costuma se dar de forma recíproca e recorrente no dia a dia da rapaziada do Mundo Novo.

Eu: Mas você não acha que isso acontece no grupo? Por exemplo, de você se colocar como melhor do que o outro? Por exemplo, se você sacode um outro grupo, um outro bairro, uma outra “galera”, a outra também pode...

R: É sempre assim que acontece. Você vai, encontra com outra pessoa ali, bate nas outras pessoas, aí fala: “Ah, sou o maioral.” Aí outro dia vêm outras pessoas e batem em você, aí outro vem e fala: “Ah, sou o maioral.” Aí no outro dia, esse que falou que era o maioral, vem uma outra turma e bate...

Eu: Você acha que não se mantém o maioral.

R: Não mantém.

Eu: Não tem como?

R: Não tem. Pode ter mais gente, pode ter mais grupo... Mas é igual em Santa Luzia, tem muita gente ali, mas é tudo bundão. Tudo bundão, se pegar os “moleques” ali, é tudo bundão. Nós brigávamos com eles lá e eles todos saíam correndo, pode ter uns dez, quinze, vinte deles lá, e todos saem correndo.

Eu: Você falou brigar com vinte, né?

R: É, vinte.

Eu: O que é ser bundão?

R: Tem gente que corre, entende?

Eu: Hum...

R: Vê que a outra turma não correu, aí fala: “Se eles não correram é porque estão com alguma coisa, arma, faca”. Eles já devem pensar assim, entende? Então eles já vão embora.

Eu: Quer dizer, o fato de não correr já cria um...

R: Já. Já cria um... Como vou te falar? Ah, não sei te explicar isso. Eu sei o que é, mas não vou saber te explicar.

Eu: Uma imposição?

R: Tipo eu te falei o negócio do poder. Vamos supor, a pessoa já começa a achar que ela é melhor que a outra, igual você falou mesmo. Então nisso, já: “Esses caras aí são bundão, não sei o que...” Aí a gente vai e corre atrás deles, só para eles saírem correndo de uma vez.

Eu: Ah... Já faz mais ainda.

R: É. Porque já viu que eles ficaram meio baqueados assim, meio com medo.

Eu: Ah, legal você falar isso.

R: Então já sai correndo. Ih, acontece muito disso.

Eu: Acontece muito isso o quê?

R: Acontece de um só ficar, no meio de cinco, brigar com cinco.

Eu: E os cinco? Podem correr?

R: Eu quase fui roubado, a minha mãe até sabe disso. Quase. Quase fui roubado. Meteram o meu boné, eu fui e peguei o boné da mão do “moleque” de novo, eles estavam em cinco... O que acontece? Eles não fizeram nada.

Eu: Por isso que pode vencer cinco? Como?

R: Pode. Porque eles acham que você está armado, alguma coisa, com faca. Aí se eles não estiverem com nada, eles já saem correndo.

Eu: É a sua disposição, a sua imposição...

R: Disposição. Acho que é mais disposição.

Eu: Esse jeito de você chegar assim, sem ter nada, é isso? É interessante isso que você falou, que só o jeito, a maneira como você chega, já pode...

R: Pode. Como eu descrevo isso? Ah, é você ter disposição mesmo, disposição para encarar cinco, entende? Mesmo você não estando com nada. Eu acho que você tem que ter disposição mesmo... Só. Não tem outro jeito de explicar isso.

Eu: Por exemplo, tem “zueira” depois por os caras terem corrido de enfrentar um?

R: Entra. “Puxa, deixou o “moleque” só, não sei o que...” Acontece muito isso de correr, aí o outro, que ficou sozinho, escuta: “Puxa, você é doido.” Acham que você é doido, mas não é não.

Eu: Mas você fica valorizado se ficar só, não fica?

R: Um pouco.

Eu: Poxa, o cara encarou...

R: Eu não gosto de briga não, mas também não corro não, entende? Ainda mais se eu estiver certo.

Eu: Você não correria mesmo se você achasse que o cara está armado?

R: Não.

Eu: Estou te colocando do outro lado.

R: Não. Não correria não. Dependendo... Pô, é que rola muita situação diferente. Um só ficou, tá. Eu, no meu caso, eu não teria disposição, se só ele ficou, vou pensar do mesmo jeito que eles pensaram... Aí, no caso, eles vão me chamar de bundão. Porque um bundão é igual eles falam aí, tem até um ditado aí: um bundão vivo é melhor que um valente morto. Então, eu acho isso também, entendeu? Se o cara ficou ali sozinho, você vai lá para ver o que ele está fazendo e ele sozinho... Vamos supor, você está com dez cabeças do seu lado, o cara ficou sozinho, você não vai para cima dele.

Eu: Você fica na sua?

R: É lógico.

Eu: Mas não vai correr?

R: Não. Não vai correr. Aí você fica ali parado também, entende? No meu caso assim, eu não correria não.

O contexto em que se deu o relato acima ocorreu a partir da ida de um grupo de amigos do bairro Mundo Novo a um baile *funk* na cidade. O grupo resolveu deixar o local, mas ele preferiu ficar por lá mais tempo que os demais. Entre a rapaziada do Mundo Novo, pude ver que praticar o “blefe” é uma proeza perigosa. É quando um dos jovens decide enfrentar sozinho um grupo rival, como reproduzo no depoimento acima. O jovem pesquisado, ao “blefar”, consegue fazer o grupo rival temer e mudar de atitude, recuando, ao pensar que ele tem alguma vantagem sobre ele. Um falso trunfo, que lhe garante realizar uma atitude de coragem, como, por exemplo, fingir ter uma arma escondida, em uma situação de confronto e risco eminente.

R, um dos pesquisados, conta que estava em um baile *funk* sozinho e teve seu boné “quase roubado”. Reforço, como ele fez na entrevista concedida, a importância da colocação do quase, porque a partir dele se revela a não aceitação do roubo sofrido e a estratégia escolhida do “blefe” para buscar o bem de volta. O jovem sequer reconhece que seu boné tenha sido roubado. Ter ido buscar o objeto e transformar o roubo consumado em “quase roubo” tem uma implicação significativa no evento pelos desdobramentos que a experiência manifesta. Supera e dialoga com a escolha subjetiva e calculada do jovem que “blefa”, abrangendo aspectos sociais e culturais vividos e compartilhados entre os jovens e os grupos considerados rivais. Ao ficar sem os amigos no baile, o jovem, que viveu a experiência de ter o boné quase roubado, experimentou uma situação de “esculacho” e pela não aceitação escolheu “blefar”. O “esculacho” é quando um jovem ou um grupo é desmoralizado publicamente por outro jovem ou grupo com quem tem rivalidade. As três situações – roubo, “esculacho” e “blefe” – são práticas usadas e conhecidas entre os jovens do grupo pesquisado, e, segundo eles, conhecidas dos grupos considerados rivais com os quais interagem. Casos nos quais revelam práticas entre “iguais”.

Ao optar por ficar só, após a saída dos amigos, R rompeu com a coesão conhecida e compartilhada pelo grupo antes de saírem juntos, entre outras práticas que se encontram nas relações de amizade do grupo, ou seja, da união e do investimento em sua visibilidade com o grupo é o que dá proteção geral a todos que fazem parte do grupo de amigos. Os jovens se “fortalecem” juntos, viram uma força única, se “blindam”, como costumam dizer, pela evidência da coragem, lealdade e força contida na imagem que o grupo exhibe. Dizem que fica difícil, quando estão juntos, de serem “invadidos” por outros grupos rivais. É claro ao grupo de amigos que a escolha do jovem em não deixar o baile com eles não é bem aceita. Ficar sem os amigos não é uma escolha apenas individual, ela atravessa questões coletivas reconhecidas

e acordadas pelo grupo, que fica mal visto pelos “cara de fora” quando deixa um amigo para trás, quando “sobra” alguém.

Há mais valores reconhecidos que os jovens não querem perder quando a proposta é a manutenção do prestígio do grupo por se manter unido. A “marra” e a “disposição⁶³” ficam enfraquecidas quando, por exemplo, um amigo é “esculachado”. Quando isso acontece, todos se sentem invadidos negativamente, cai o *status* do grupo. Vários rapazes dizem que se saíram juntos, devem voltar juntos: ou fica todo mundo junto ou vai todo mundo embora, sempre junto. Se alguém quer ficar mais tempo, que volte depois, sozinho. Ouvi diversos relatos sobre a importância de quem saiu no grupo voltar para o morro com ele. Importa manter e divulgar a imagem do grupo unido, aquele que sai e volta junto. Se um jovem mostra-se parte da rapaziada, não fica vulnerável, está “fortalecido”. A organização dos rapazes em grupo caracteriza-se por proteção mútua, vista, dentre outros aspectos, pela prática comum e constante do “fortalecimento”, que acontece por saber que se pode contar com um amigo ou com o grupo com quem se “fechou”, saber que se pode contar na hora de algum “desenrolo” ou outra necessidade.

O “fortalecimento” mostra a vida social de fortes lealdades com os amigos “fechados” e tem uma dinâmica de não poder deixar para trás quem faz parte dela. Os dados que tratam das amizades e lealdades, que envolvem o grupo, já foram discutidos no segundo capítulo e um dos motivos apresentados nele, por vários rapazes do grupo, foi a preocupação em evitar que um grupo rival pegue desprotegido quem é parceiro. A necessidade dessa proteção mútua, vista pelo “fortalecimento” que não quer ou não pode, pelo que foi combinado antes, deixar algum amigo enfraquecido, é porque ele pode ser “esculachado”, como foi o caso desse acontecimento no qual o jovem relatou a respeito do “quase” roubo do seu boné. Segundo ele, quando ficou sozinho, um jovem de outro grupo, considerado rival, “meteu” o seu boné e voltou com o objeto. Teve o prazer de tê-lo tomado à força, para que, junto dos seus amigos no grupo de origem, passasse a ficar “fortalecido” por eles. O “fortalecimento” realizado pelos grupos juvenis mostra a reciprocidade existente nas práticas de rivalidades que envolvem os rapazes do grupo pesquisado e os rapazes de outros grupos com os quais interagem.

Costumam dizer que os caras, referindo-se a outros grupos, fazem gracinha se o “moleque” ficar sozinho. Dizem que tem que evitar essa posição de “desfavorecimento”. O

⁶³ A “marra” e a “disposição” são valores reconhecidos e recorrentes no grupo pesquisado. A “marra” refere-se a estar com a autoestima elevada, principalmente pelas questões de estilo, e encontra-se discutida, com aprofundamento, no capítulo 3. A disposição refere-se à força e à garra do grupo, e se encontra discutida mais à frente, neste capítulo.

jovem, que foi quase roubado, foi buscar o boné de volta, mesmo estando sozinho e sem o “fortalecimento”. Mostrou ao jovem e ao grupo rival que eles não estavam “fortalecidos”, e que ele tinha “disposição”, precisava dela não só para ter coragem e ir ao encontro do jovem que “meteu” o seu boné, mas que tinha “disposição” para escolher “blefar”.

A “disposição” é um valor relevante e recorrente no grupo pesquisado. Consiste em ter coragem para se impor com determinação, força e poder; para “ter o seu respeito”. A “disposição” aqui é para ser o “maioral”, ser temido não só pela força física, mas pela coragem visível a todos no baile. É o poder da imposição, de se colocar forte e superior ao grupo rival, mesmo que esteja “blefando”. Não é só “blefar”, é escolher fazer isso, é ter “disposição” para essa escolha, porque o jovem sabe que a prática do “blefe” pode se tornar bem complicada para ele.

O jovem prefere dizer, ante o meu questionamento, se seria “disposição” ou imposição para enfrentar sozinho um grupo rival, que o que fez não tem outro jeito de se explicar a não ser pela “disposição” mobilizada, conhecida pelos jovens e apresentada no momento em que precisou agir. Sua escolha trata da experiência próxima ao que Zaluar (2004) considera ser a do “sujeito-disposição”, que é a condição subjetiva e física de força e enfrentamento que “fortaleceu” o jovem e o levou a “blefar” que tinha uma arma, a ter coragem para enfrentar o grupo rival e ir buscar o seu boné, que vira troféu. É o sujeito que se arrisca no “jogo” das práticas de rivalidades e de enfrentamentos. Mesmo considerando que o outro, “o alemão” (VIANNA, 1997), poderia pagar para ver o que ele efetivamente tinha, e que no momento do confronto ficou subentendido em meio à “disposição” mobilizada e à atuação encenada. É importante considerar o desempenho que a “disposição” compreende.

Os valores simbólicos ficam claros no momento de o jovem que blefa ser o “sujeito-disposição” (ZALUAR, 2004), aquele com uma maneira firme e impositiva para chegar, jogar e se mostrar, momentaneamente, o “maioral” fazendo o outro acreditar que você está “portando”, termo que a rapaziada costuma usar quando possui uma arma.

A **disposição** para brigar e até matar um jovem de galera rival torna-se fonte de prestígio e consideração e, de certo modo, estampa um dos aspectos mais marcantes da convivialidade tensa entre esses grupos: o jogo e a rixa violenta (ZALUAR, 2004, p. 27, grifo da autora).

A lógica que abriga o “blefe” confirma não só a “disposição” do jovem para enfrentar um grupo, mas evidencia a sua arte. Ela não envolve uma simples mentira, é uma simulação com a arte necessária para transformar um momento de ilusão em um momento real. Uma

encenação que envolve o talento, a postura corporal, a iniciativa e o jeito para deixar o outro “baqueado”, nos termos dos jovens. Essa astúcia ou malandragem que se aprende a praticar nas relações sociais juvenis tem a intenção de deixar o outro na dúvida, como em suspenso, e ter que decidir rapidamente qual será a melhor aposta – ser bundão ou ser valente? O verdadeiro e o falso se confundem na prática do “blefe”. Descobrir e apostar em um desses dois lados fica confuso para o grupo que sofre a investida do jovem sujeito que “blefa” e que tem “disposição”. O “blefe” fica no lugar do que pode ser, do que é indefinido, do que é impreciso; e confunde os sujeitos pelo inesperado e pela dubiedade que o constitui.

A ação que se articula à prática do “blefe” tem um forte apelo para a postura corporal necessária para o desempenho frente ao grupo rival. Constitui-se da força e da firmeza que o jovem, “o sujeito-disposição”, precisa mostrar para dar à experiência que escolheu como *status* de verdade. Precisa ter e mostrar uma habilidade pessoal capaz de fazê-lo legitimado como alguém que está “portando”, produzindo nos demais a crença naquilo. É fundamental, para que haja sucesso, que a *performance* realizada no “blefe” não seja vacilante, que se evite o risco de ser descoberto e as consequências do ato, que não podem ser minimizados. Nos termos discutidos por Goffman (2002), considerando um contexto interacionista, a *performance* ou a representação, entre outros aspectos, objetiva a influência recíproca entre os sujeitos, como em um jogo cheio de expectativas e manipulações, para que se possa ter equilíbrio ou domínio da situação. O jovem implícita e explicitamente quer ser acreditado e manobra o seu jeito de agir ao praticar o “blefe” pela *performance* realizada.

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita que seus observadores levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede que acreditem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (GOFFMAN, 2002, p. 25).

Ao “blefar”, o jovem reproduz a ação de um jogador que quer mudar sua sorte, aposta pesado a partir da decisão de seu ato: ele arrisca não ter seu boné querido de volta, levar uma surra e, inclusive, perder a vida. Há níveis de violência ao ser “esculachado”. Vários jovens do grupo relatam casos de sérios danos físicos, inclusive com mortes em momentos de confronto com grupos considerados rivais. O jovem tenta subverter e abalar a força e a coesão do grupo rival ao buscar seu boné, acreditando na possível credibilidade do outro de que esteja armado e de que ele “esculache” sozinho, com uma arma, todo o grupo. A arma é um relevante recurso de poder entre os jovens. Não acreditar no “blefe” pode fazer a situação do

grupo ficar pior do que somente deixar o jovem levar o boné de volta. Quando a prática do “blefe” sai vitoriosa, ela minimiza, mesmo que temporariamente, os danos, pelos confrontos violentos que podem ocorrer nessas rivalidades juvenis.

Tanto o jovem que “blefa”, quanto o grupo que sofre o “blefe” vivenciam situações que costumam desencadear outras práticas de rivalidades futuras. Além dos riscos no momento do “blefe”, principalmente para o jovem que está “blefando”, há as implicações posteriores, que tendem a se transformar em novas brigas e “rixas” entre os grupos. A instabilidade do lugar do “maioral” acontece por essa dinâmica de brigas e “rixas” que desloca lugares de vencedores e vencidos.

O “blefe” que dá certo, como ocorreu no relato apresentado, quando é descoberto, torna público que o grupo foi enganado. Não só o grupo passa a ter consciência de ter sido feito de “otário”, mas a rapaziada dos bairros próximos também; isso gera muitas “zoadas”. Entre os jovens é comum e prazerosa a divulgação de ter enganado ou vencido outro grupo, fazendo a fama de quem blefou e dos amigos do grupo de que ele faz parte. Ele superou o “esculacho” que ia sofrer. Ao invés de colocar o grupo em situação inferior, houve uma inversão. O jovem fica na posição de “maioral”, e a rapaziada se valoriza junto com o amigo. Existe uma valorização pessoal de quem ficou só e venceu. O grupo não compartilha dessa ideia, prefere a vitória coletiva, sem deixar de reconhecer que ele não deveria ter ficado sozinho. O grupo compartilha do sentimento de se sentir o “maioral”. Para ser o “maioral” é preciso ter moral, respeito e honradez. Observei que a “moral” conquistada por um jovem do grupo se estende aos demais, que comemoram. Como uma vitória de um time inteiro por ocasião de uma partida de futebol.

A satisfação com a vitória não é só no momento da conquista do boné; ela se prolonga nas conversas no morro entre os jovens pelas “zoadas” e combinações das próximas investidas, alimentadas pelo prazer da vitória. Costumam acontecer novas rivalidades e enfrentamentos a partir das adversidades e das conquistas entre eles. Ouvi muitas vezes entre risadas que é briga que não acaba mais. A evidência de ter sido feito de “otário” e as “zoadas” que passam a ocorrer podem não modificar futuras situações semelhantes de “blefes” que venham a ocorrer. Pelos motivos apresentados anteriormente, é sempre complicado identificar um “blefe” e desconsiderar uma real ameaça de enfrentamento com uma arma. Talvez não valha o risco.

K: Brigar para pegar um boné é pra mostrar que você pegou, é legal! Você rouba por diversão. Ah, lá! Aquele eu peguei! Aí olha: pô! Bonezinho maneiro, vamo lá pega, por diversão. Aí tem porrada.

Eu: Pega de cara de outro bairro, e de “playboy”?

K: Pega sim, “playboy” é mais bobo, né? Tá ali, pega deles também. É o valor do boné, né? Tipo assim, apenas mais um pra firma. Todo mundo tem muito boné. Pô, eu mesmo tava com mais de 16 boné. Hoje tem 3, 4, vai emprestando pros amigos, vai sumindo. É pra isso mesmo.

Eu: Não existe assim um apego ao boné? Mas e o valor dele na hora de pegar?

K: Na hora tem que pegar, pegar é bom. Pô esse aqui eu peguei. Pô, olha aí rapaziada, esse aqui eu peguei. Aí já viu, né? Deixava com um, deixava com outro.

Eu: O boné circula, é um boné valorizado?

K: A gente quer dar uma de diferente, só que você fica andando meio com pé atrás. Sei lá, cê fica meio, vem de você. Pô! Será que é daquele “moleque” lá que tá me olhando? Você fica meio desconfiado de sair com o boné. A confiança de andar com ele é só aqui, dentro do morro.

As brigas para tirar o boné dos jovens de outros grupos ou para reaver o seu são constantes. O boné é fonte de diversão e valorização entre os jovens. Quando conquistado, é um símbolo de força e de vitória. Se um boné é “conseguido” pelo grupo, eles dizem que “sacudiram” os grupos rivais. Pode acontecer de a rapaziada do Mundo Novo ser “sacudida”, quando a situação se inverte, na vitória de grupos rivais. Existe satisfação em dizer que “se a gente pegou o boné, sacudiu o outro bairro”. A fala que ouvia dos rapazes mostra que as práticas que envolvem as “rixas” e as brigas movimentam as relações no grupo pesquisado pela cumplicidade e força que se configura entre os amigos para os enfrentamentos, além da adversidade e hostilidade que se estabelece com os grupos rivais. Tanto a vitória quanto o fracasso nas rivalidades criam excitação para novos confrontos. Os rapazes falam no prazer da “adrenalina” em viver riscos pelas rivalidades constantes. A existência de brigas entre os grupos mostra a busca da excitação nas práticas de rivalidades e de enfrentamentos.

O incentivo e a constância das práticas de rivalidades trazem vitórias e derrotas para os grupos indiscriminadamente. Não há garantias prolongadas de quem vai ser o “maioral” ou o perdedor. Existe uma fragilidade quanto à obtenção e à manutenção do poder; ele se desloca entre os rapazes e entre os grupos. Os jovens sabem disso, reconhecem que há uma dinâmica que modifica constantemente quem está no lugar de “maioral”. É algo que precisa ser conquistado com “disposição” nas disputas, nas brigas e nos blefes, por exemplo. Cada um tem seu momento de “sacudir” e vencer o outro. Os grupos que rivalizam sabem das estratégias usadas, elas servem para os dois lados, estão disponíveis para serem usadas por todos. Se os jovens aceitam ou não um “blefe”, vai depender da situação que encontram. Quando no relato, o jovem me diz que as situações são diferentes, é porque precisa considerar

as circunstâncias que se apresentam a ele e escolher ser um dia “maioral” e outro dia, “bundão”. A partir disso, refletem que “um ‘bundão’ vivo é melhor que um valente morto”, como me disse o jovem.

5.4 Os enfrentamentos entre os grupos “de montão”, “bondes”, “gangues” e “galeras”

Em uma entrevista individual, um dos jovens disse-me que parou de ir à praça do Shopping Santa Cruz, localizado na região central da cidade, conforme apresentei anteriormente. O lugar era utilizado como ponto de encontro e lugar de lazer pelo grupo e outros jovens de bairros diversos. Depois de algum tempo, passou a não ter mais essa frequência. Segundo os jovens, por ter se tornado ponto de grupos rivais, passaram a ocorrer brigas mais acirradas entre eles.

W: Assim, todo mundo gosta de ficar de lazer. Antigamente era aquele *Shopping* Santa Cruz, ir pra lá e tal. Mas lá embaixo você descia pra lá, tinha que tá pronto, pronto pra tampar a porrada lá. Era aquele negócio de “bonde” mesmo, de briga mesmo. Aí hoje em dia parou de ir, deu uma acalmada nisso aí, quando começou nego matando, matava um ao outro naquela pracinha do *shopping*. Ficou tudo com medo de descer ali, você vê que o movimento não é tão lotado como era.

Eu: Por que acontecia isso lá?

W: “Rixa” de bairro. “Rixa” de bairro. Tem bairro aí: vamo montar um “bonde”? Aí geralmente fica jogando videogame em casa, na época todo mundo era “funkeiro”, curtia futebol assim. Aí ficava olhando o nome do jogador pra colocar o nome do “bonde”. Esse nome aqui, aí pá, pá, fazia a camisa e tudo com o nome do “bonde”.

Eu: Quanto tempo tem isso de usar camisa igual? Como você se sentia no “bonde” com todo mundo de camisa igual?

W: Uns três anos atrás. Tem uma blusa do Mundo Novo, tá pequenininha, mas guardo até hoje. Não joga fora não, pô! Tinha uma menininha ali que eu ia, mesmo no Bandeirante, com um bonezão mesmo, pra trás, e gingava, gingava mesmo. Mundo Novo nas costas, bermudinha pequenininha. Queria nem saber!

Pelo que tenho observado nas ruas da cidade e, principalmente, em campo pelo que os jovens mostram em seus depoimentos são confrontos entre grupos que possuem diversas similaridades em seus modos de vida, como visto anteriormente pela prática do “blefe”, ou pela frequência a lugares comuns de lazer – refiro-me à pracinha do Santa Cruz, por exemplo. Existem semelhanças nos códigos e práticas desses jovens, como as que envolvem construir um “respeito” ou um “conceito” entre eles.

São grupos, em sua maior parte, formados por rapazes negros, pobres, moradores de bairros periféricos da cidade; têm preferência por marcas de grifes famosas e gostam de “gingar” quando se encontram. A “ginga” de que falo se caracteriza pelo balanço, ora mais, ora menos acentuado do corpo, na intenção de um grupo se impor ao outro, ou seja, mostrar força. Os grupos com quem os pesquisados costumam ter “rixa” possuem proximidades com eles, como as que podem ser vistas nas categorias dos “tchum-tchás” e dos “divos” que reconhecem existir no Mundo Novo. Segundo os rapazes, em Santa Luzia, há muitos “tchum-tchás” e “divos”.

Os jovens têm essa percepção e talvez seja um dos motivos de me dizerem, com frequência, que não são iguais a nenhum grupo de outro bairro da cidade, que lançam sempre novos estilos de roupas, cortes de cabelo, ou seja, têm o “estilo diferenciado”. Além disso, valorizam as relações que constroem e as consideram singulares, como quando dizem que os demais grupos não possuem uma “irmandade” como a deles. Costumavam dizer que em outros bairros não há a união e a parceria que eles têm. Cheguei a ouvir que eu tive muita sorte em fazer pesquisa com eles por esses motivos.

A partir de reflexões sobre os confrontos entre grupos de diferentes bairros considerados rivais, como os ocorridos na pracinha localizada no Centro e citada no relato, os jovens contam que houve uma época na qual mandavam fazer camisas com os nomes de alguns jogadores de futebol de suas preferências para o grupo. Visava ressaltar o nome do bairro Mundo Novo, se diferenciar dos demais, intensificar a união entre os amigos “fechados” e estimular as “rixas” através da inveja que poderiam causar. Escolhiam um jogador famoso, em evidência no momento, com quem os rapazes tivessem afinidade e associavam o seu nome ao “bonde” do Mundo Novo. Eram camisas que relacionavam uma celebridade ao bairro. Uso o termo “bonde” conforme os contextos de seus usos, como no momento dos relatos dos jovens sobre o uso das camisas, por perceber que “bonde”, “galera”, “ganguê” e “de montão” costumavam ser os preferidos quando eles falavam de rivalidades entre os grupos juvenis. Vou discutir o uso dessa terminologia que se refere ao grupo mais à frente, neste capítulo.

Após a escolha do jogador para estampar as camisas, os rapazes do bairro mandavam confeccioná-las com o nome dele e todos usavam. O objetivo era mostrar a união pela escolha compartilhada do jogador, pelo reconhecimento da força e do pertencimento dos jovens no grupo frente aos demais bairros. Além de causar inveja pela diferenciação provocada, pela forma de “ostentação” do grupo vista nas camisas que incentivava o surgimento de novas “rixas” entre os bairros. Os relatos que falam sobre o uso das camisas iguais e capazes de

identificar os pertencimentos dos rapazes ao grupo do Mundo Novo, como neste caso, são realizados com orgulho. Mostram o prazer na experiência compartilhada do uso das camisas iguais; o entrevistado não se desfaz dela, faz parte da memória das parcerias e práticas vividas pelo grupo.

Em um encontro no grupo focal, os rapazes tratam de outras experiências que os remetem a essas relações de competitividade e hostilidade com os jovens “de fora”. A reflexão de um deles associa duas vivências que os jovens costumam experimentar nos momentos das disputas entre eles ou entre grupos considerados rivais: “ganância” e “condição”. O boné é um símbolo que, dentre outros sentidos apresentados no capítulo anterior sobre estilos, se realiza por eles. Neste caso, o objeto evidencia a força e a coragem dos jovens ao mostrar o que pode ser conseguido nas disputas entre grupos rivais. Conquista que atravessa as relações entre eles, caracterizando práticas que mostram os sentidos de poder e as hierarquias entre os grupos, colocando em um lugar de destaque quem tira o boné do outro, por exemplo. “Ganância” e poder podem ser vistos pelas circunstâncias que as articula. São apresentadas pelos jovens na relação com um tipo de querer vivenciado pela “ganância” que possam ter, num certo momento, e sua forma de concretização, pela “condição” que tenham, tornando a discussão sobre a realidade dos termos e das práticas que consistem em suas vivências ainda mais complexas.

Vários rapazes costumam dizer que a “ganância” tem o seu lugar, que é apontado por eles na relação com as brigas entre os grupos. É vista como um valor relevante e considerada por alguns jovens como uma das principais causas de conflitos entre eles. A “ganância” é uma cobiça ou um desejo que move os rapazes em querer para si algo que consideram valoroso, sem querer se preocupar com as consequências dos atos para a obtenção do objeto desejado. Esse momento envolve a “condição” que os jovens precisam dispende, com força mental e física, para que possam buscar o que se admira de qualquer maneira.

A experiência da “ganância” agrega circunstâncias particulares a partir da “condição” que o jovem tenha no momento de, por exemplo, “meter” um boné. Nela é preciso também a “disposição” que o jovem deve mobilizar para pegar o bem e, como discutido anteriormente, neste capítulo, envolve coragem e determinação. Mostra o que pode ser feito e usado nas situações nas quais os jovens se encontram, com o objetivo de que algum desejo, no sentido tratado, se concretize. Nessa chave acredito que “ganância”, “condição” e “disposição” caminhem, algumas vezes, juntas ao se articularem às práticas de rivalidades entre os pesquisados.

“Ganância”, “condição” e “disposição” incluem-se nos modos de vida dos rapazes. Estão presentes, por exemplo, quando a decisão é por pegar algo sem ser autorizado a fazê-lo. São experiências que não estão relacionadas apenas aos preços dos bonés, que costumam variar de 12 reais até mais de 100 reais. Outras lógicas podem ser consideradas quando esses valores levam o jovem a “meter” um boné. Servem ao prazer e ao poder contidos na prática. Os rapazes gostam do prazer de tomar algo pela força, de se impor pelo “blefe” ou fisicamente, e tornar a coragem visível, dispendendo o esforço necessário para ser naquele momento o “maioral”. “Meter” um boné não é a única forma que os rapazes utilizam para obter um bem, pode se dar e ser uma escolha que se realiza para mostrar o poder e a disputa entre os grupos.

Não existe uma lógica única dos jovens ao se envolverem nesses eventos sobre questões de “ganância”, “condição” e “disposição”, vistas nas práticas de rivalidades, nem há uma única reflexão a desenvolver que possa tratá-las. As práticas do grupo devem ser analisadas em suas realizações e por reflexões específicas, como as que tento realizar. O uso do termo “condição” mostra a consciência do jovem sobre as possibilidades em que se encontra e da proximidade com as práticas de confronto físico misturadas nessas experiências para a obtenção de bens e de poder. O jovem explica a sua escolha e conduta, manifestadas de forma reflexiva, pelos termos usados na sua abordagem quanto à decisão de “meter” e se precisar “tampar”, no caso roubar e brigar.

Esta distância reflexiva é social, se constrói nas ações autônomas, entendidas por uma socialização que não é total em virtude da pluralidade dos mecanismos com os quais os jovens dialogam em suas vivências. Não é aleatoriamente, são reconhecidos princípios estáveis, porém heterogêneos e estes podem ser vistos na combinação de diversas “lógicas” de ação. Não falam do seu papel, mas da sua experiência. Na “experiência” social, o ator torna-se sujeito pelo processo de formação de uma identidade própria, por escolhas reflexivas, na distância, a partir de suas reflexões em relação a si mesmo e aos contextos que se apresentam a ele (DUBET, 1996).

“De montão”, “ganguê”, “galera”, “rapaziada”, “bonde” e “tropa” são termos que ouvi com frequência, em campo, ao serem usados pelos jovens quando falavam de suas diferentes formas de organização em grupo. Usei as expressões ao me referir a eles em nossas conversas, tive oportunidade de refletir e aprofundar seus sentidos nas entrevistas e na escrita desta tese. São classificações usadas, habitualmente, na vida social, para nomear grupos juvenis. Saliento a importância das configurações específicas que os termos possuem e suas ressignificações que os remetem a construções sociais, culturais e históricas diversas e complexas. Nesta seção

cuido dessas assimilações e, especialmente, das representações de sentido realizadas pelos jovens a partir de suas formas de se agruparem. São seis termos regularmente usados pelos rapazes: “de montão”, “ganguê”, “galera”, “bonde”, “tropa” e “rapaziada”.

A escolha e a apropriação simbólica de quatro deles – no caso, “de montão”, “ganguê”, “galera” e “bonde” – se definem, inicialmente, pela organização e visibilidade dos rapazes em grupos numerosos com um “intuito” em mente. Quando decidem sair “de montão”, como costumam dizer, há nessa prática um “intuito” definido que os mobiliza e dá sentido para que essa formação quantitativa, ou “de montão”, seja necessária e relevante. “Rapaziada” e “tropa” também são denominações usadas quando os pesquisados tratavam das formas de organização do grupo de amigos do Mundo Novo, sem que possuam a mobilização que se articula a práticas de rivalidades vistas no “intuito”. Não há o cuidado com a formação numerosa dos grupos ao se organizarem para sair “de montão”. Quando se denominam de “rapaziada” ou de “tropa” costumavam se referir a relações mais fluidas, por se tratarem de grupos que querem ser reconhecidos e valorizados pelo “estilo diferenciado” – evidência discutida no capítulo 3 desta tese, em que trato dos acontecimentos nos estilos.

O “intuito” é um valor de forte consideração entre os rapazes; articula-se às práticas de rivalidade e enfrentamentos entre os grupos. É um valor subjetivo com o conteúdo do apelo consciente e rigoroso, acordado de forma coletiva para os enfrentamentos, que podem ocorrer entre eles e os grupos rivais, ou entre eles e a polícia. É utilizado com o propósito de mostrar força e intimidação a quem vai se deparar com o grupo. O “intuito” pode se manter nesse lugar, no limite da representação visual dessa força no espírito do grupo, sem que avance para os confrontos físicos.

São jovens, exclusivamente rapazes, que, ao se organizarem, por exemplo, para os passeios pelas ruas da cidade ou para as idas aos bailes, levam com eles a construção e a manifestação do “intuito” para mostrar que têm coragem e “disposição” para formarem e se incluírem nesses grupos numerosos. Quando a proposta está definida para que um desses eventos venha a acontecer, fazem combinações pela internet, via *Facebook* ou *Whatsapp*, algumas de forma pública, outras privadas (as quais não tive acesso) ou pelos encontros nas ruas do bairro. Algumas vezes, os grupos rivais combinam de se encontrarem para “tampar”, como se costuma dizer quando se referem às brigas. Outras vezes, os confrontos entre “ganguês” podem ocorrer sem que combinem de pegar um grupo específico. Alguns jovens contam episódios de enfrentamentos entre grupos, por exemplo, nas saídas de algum baile *funk*, quando estão andando de “galera” pela rua e encontram outro grupo, também “de galera”; o encontro já propicia uma briga.

Os rapazes dizem que saem “de montão”, “de galera”, “de gangue” ou “de bonde”, mostrando que a ênfase no uso do “de” trata-se de um modo de ação, atuação ou de apresentação vista pela maneira como algo que planejam pode se dar. Com isso, os rapazes indicam que há preocupações com a prática de “tampar” ao participarem do tipo de grupo que escolheram, no caso os que se correspondem e me referi acima. São cuidados vistos, por exemplo, pela posição corporal, pelo estado físico ou emocional na relação com as outras pessoas. Mais adiante, essa reflexão será aprofundada a partir da posição de quem vai à frente do grupo, dando força e incentivo aos demais, precisando para essa tarefa ter “o espírito de vencedor”.

Estar “de montão”⁶⁴ envolve fazer uma escolha pessoal e “fechar” com o grupo. É um tipo de organização e acordo reconhecido anteriormente entre eles para serem vistos de forma específica e afrontar nas ruas. Forma que inclui mostrar olhares desafiadores, gingas corporais mais acentuadas, estilo diferenciado, práticas de “ostentação”, xingamentos e confrontos físicos nos encontros com outros grupos de jovens com quem se deparam nas ruas. São atos queridos e valorizados, próprios de jovens machos. Estão juntos aos amigos com quem são “fechados” vivendo valores de masculinidade, lealdade e fidelidade em uma conexão simbólica de pertença grupal.

Eu: Como você vê os grupos aqui no Mundo Novo ou em Juiz de Fora. Vejo que a maioria é sem meninas. Você chamam de “gangues”, “galeras”, “bondes”, “tropa”... Não sei a diferença, ou se tem diferença. Como você vê essa organização?

N: Eu acho que o termo “gangue”, “bonde” e “galera” tem que ser atribuído assim ao número de jovens. Eu acho que deve ser atribuído ao intuito, aí sim se forma uma “gangue”, se forma um “bonde”. Dependendo do intuito.

Eu: O que é o intuito?

N: Eu mesmo assim já fiz parte de grupo que a gente não tinha a intenção de sair pra briga, sair assim num sábado, a gente sai pra beber e tal, mas aí, já tem pessoas que já tem a intenção disso, procura ter o maior número possível de pessoas. Pode ser comparado até assim com o reino animal. Formar o maior número possível por que é mais difícil de aquele grupo ser desfavorecido numa briga. Já sai assim na mente, a gente vai passar em tal e tal lugar. Aí geralmente as pessoas já se conhecem pela internet, já não vou com a cara de fulano e com a cara de sicrano. Muitas vezes já combina pelo *Facebook*.

WI: É... Já combina pelas redes sociais, pelo *Whatsapp*.

N: Aí se fulano de tal vim ou fulano de tal tá em tal lugar, aí quem tiver com ele e tal. Essa intenção é o intuito, é pra brigar, aí no pensamento já se torna “gangue” ou “bonde”, ou os chamados de “bonde”.

⁶⁴ Uso o termo “de montão” como referência, servindo ao mesmo propósito significativo de “bonde” e “gangue”, por exemplo. Os termos são correlatos nessa reflexão a partir da lógica dos pesquisados.

Em entrevista com outro jovem do grupo pesquisado, e depois que passei a ter mais familiaridade com os sentidos contidos em suas práticas, falo sobre essa vibração, que ouvia e sentia pelos relatos e estava presente quando diziam sair em grupos, principalmente nos “de montão”. Fui corrigida, o jovem me explica que o termo certo é “adrenalina”, não “vibração”, para tratar desses momentos de emoção e de experiência intensa que costumam viver nas brigas. Isso aconteceu inúmeras vezes. Os rapazes me aproximam de suas realidades pelo uso “certo”, como dizem, dos termos e da realidade que eles tratam. Algumas vezes me diziam que eu teria que viver o que eles vivem para entender suas experiências.

Eu: Sair de “galera” faz rolar uma vibração? Uma energia quando sai em grupo grande? Tem isso de vencer? De mostrar essa masculinidade...

VI: É lógico. É claro. Tipo assim dá uma adrenalina, sair de “galera”, sempre dá uma adrenalina, a palavra certa é essa. Uma questão de adrenalina e condição. Sair com meus amigos. Sair com meus amigos (o jovem repete). A gente não sabe se vai ter que brigar. Mas chega num lugar o cara arruma confusão contigo. A gente não quer apanhar. Os cara vem arrumar confusão com a gente. Os cara tem condição de ir até o fim por que se a gente tá na nossa e os cara vem, os cara tem que guenta a gente. Se os cara entrou na confusão com a gente vai até o fim. Os cara tem que ter condição, tem que aguentar, a gente vai até o fim.

Eu: É bom ir até o fim?

VI: Pode ser bom, mas também pode ser ruim.

Eu: Como assim bom e ruim?

VI: No momento ali é bom, depois a gente até ri. Olha o soco que eu dei na cara do fulano... Não hora não. Na hora é uma adrenalina forte, dá até uma preocupação assim se o cara correr. Dá uma preocupação, aí a gente tem que ir embora rápido.

Eu: Por quê?

VI: Porque o cara sempre volta. Mas não é bom brigar não, mas na hora da um gostinho bom. Não vou mentir não.

Eu: Quando o grupo é muito grande sai mais motivado, pode ser isso?

VI: Tem alguns rapazes que sai com uma boa quantidade de pessoas em grupo.

Eu: O que é uma boa quantidade de pessoas em um grupo?

VI: Ah, uns 30 (risos).

Eu: Você já saiu assim?

VI: Já. A gente sai com os famoso “tchum-tchá” motivado a brigar. Pegá o outro. É, se a gente vê o fulano de tal não sei donde a gente vai pegá, aí cê vê o muleque não sei donde a gente vai pegá, já sai assim do bairro.

Eu: Vai como? A pé?

VI: Nós vai de ônibus. Já intimida no ônibus. Um montão. Pô! Os cara fala: Oh! Um montão de muleque! Aí é bom, pra eles é bom, pra nós que tá de fora não. Os cara faz gracinha contigo, entendeu? Se pode faz! Eles quer pegá boné, roubá cordão, quer te bater.

Eu: Mas por quê? De farra? Pega de qualquer pessoa?

VI: Não! É só com “funkeiro”. É, vamo botar um exemplo aqui: os garoto de Santa Luzia sai, vai encontra os muleque de Santa Rita...

Eu: Mas onde vai encontrar?

VI: Baile, baile. Já sai daqui “de montão”, os muleque de lá sai também “de montão”. Fica lá, cada um curte o seu baile. Pô cê tá com seus amigos, mas dá seu rolé, mas só que sempre acaba dando confusão.

Desde o início da proposta de sair “de montão”, a experiência já se traduz na adrenalina sentida e compartilhada entre os amigos que estão juntos no grupo, mesmo sem saber se vai ou não ter confusão. O relato evidencia ainda o que discuti sobre serem experiências recíprocas que fazem parte da vida de grupos de jovens que se consideram rivais, vistas em práticas como o “sair de montão”, que cada grupo procura organizar. E ainda a evidência de que as brigas e os enfrentamentos são entre eles, não se referem a outros sujeitos que possam estar no momento dos encontros das “galeras”.

As combinações iniciais já começam a mostrar como os jovens criam a atmosfera necessária para que o clima de euforia pretendido nas saídas possa acontecer. Nas organizações para as saídas “de galera”, os jovens gostam de contar com a presença dos famosos “tchum-tchás” ou “funkeirões”, como se referem a eles. A presença da categoria encoraja e anima os rapazes; nela acreditam estar contida a “disposição”, a intimidação, “o intuito” e a “condição”, valores indispensáveis para que as práticas de rivalidades e enfrentamentos possam ocorrer com o êxito que pretendem ter ao final. Com a categoria, os rapazes “fecham” a parceria necessária para a proposta do grupo, evidenciando que sair “de montão” requer planejamentos, como a presença de muitos amigos, dos famosos “tchum-tchás” e a intimidação crescente que vai acontecendo no caminho das “galeras”.

O antropólogo Luis Eduardo Soares (2004) analisa no fragmento abaixo algumas relações próximas sobre a coesão dos grupos na relação com as práticas de rivalidades. Vejamos:

Por isso, nada como a guerra para unir. Nada como a oposição extrema da guerra para unir internamente os grupos que se chocam no confronto. Infere-se daí que a guerra proporciona aos grupos rivais a maior taxa de coesão e, conseqüentemente, a mais gratificante experiência de pertencimento (SOARES, 2004, p. 151).

Os rapazes quando estão “de galera” não sabem se vão brigar ou pode ser que a prática fique na demonstração de força e de imposição pelo enfrentamento do grupo a outros grupos, como disse anteriormente, mas pode ser que haja briga e precisem estar preparados. Diversas vezes ouvi dos rapazes que ao sair em grupos grandes têm que estar pronto para “tampar”. Não saber o que pode acontecer cria uma tensão a mais pelo “inesperado”. A dúvida se vai ter

briga ou não mantém a euforia individual e a do grupo em alta. A adrenalina de cada um está presente para manter o ânimo no “intuito” do grupo.

Eu: Você disse que gosta de brigar de galera, por quê?

K: Nossa! É uma coisa legal! Bom demais você brigar. A gente senta na roda, pô! Conta tudo que aconteceu de novo, muito bom!

Eu: É um prazer brigar e falar das brigas...

K: Pô, só é! Brigar é uma adrenalina diferente, a partir do momento que dá o primeiro é descontrole. É muito. É um prazer totalmente diferente, sei lá. É uma coisa boa e ao mesmo tempo ruim. É uma coisa, nossa, às vezes quando você vai brigar e você já sabe que a pessoa tá na maioria teu coração já vai a mil, mistura as sensação.

Eu: Dá medo?

K: Nossa! É bom e é ruim ao mesmo tempo. Pô é meio que... Você quer, ao mesmo tempo tem medo. É dispara, nossa! Pô! Agora, fudeu! Na hora que a porrada pega você tá nem aí pra nada. Muita adrenalina, é o prazer do momento ali.

Se a briga acontece, existem valores específicos envolvidos na experiência, como ser ao mesmo tempo bom e ruim brigar. O bom fica na emoção do momento em si no qual estão sendo vistos como poderosos por estar “tampando” e o seu prolongamento que acontece nas “zoadas” entre amigos nas ruas do morro. O ruim pode ser visto quando essa emoção forte dos momentos citados transforma-se em preocupação de que uma arma possa surgir em meio às brigas, quando o risco de levar um tiro passa a se incluir na experiência das brigas entre as galeras. As armas são temidas, a maioria dos jovens diz ter medo de morrer, por isso a melhor decisão às vezes é correr. Nem todos pensam dessa forma. Um deles me dizia que não corre, nem se houver a possibilidade de morrer, não quer ter fama de “bundão” no morro. Algumas vezes esse jovem me dizia andar armado para se sentir mais seguro e que a opção só seria usada em uma situação na qual não pudesse mesmo evitar.

O grupo pesquisado conhece as práticas de rivalidades e enfrentamentos vividos entre os grupos. Os jovens dizem que se estão “na deles” e algum “cara” vem chamar briga é porque ele tem “disposição” e “condição” de ir até o fim. O prazer aumenta por esse tipo de provocação, onde o enfrentamento e o risco que passa a fazer parte da prática é o de saber que o rival é poderoso. Existe uma emoção forte contida nessa evidência de saber que o outro é dessa maneira, não é qualquer confronto, é um tipo de confronto específico. Segundo os jovens, se um cara ou um grupo “viaja” na deles, no sentido de provocar sem razão e chamar briga, é porque pretende aguentar até o fim. O mesmo propósito de aguentar acontece com eles, porque se eles estavam na deles e foram provocados, ou seja, “os cara” vieram “viajar” neles, eles também não pretendem recuar. A lógica é a de que os grupos que se enfrentam pela

provocação que precisam mostrar força e aguentar; ambos têm que ter “disposição” e “condição”.

A “disposição” inclui um estado de força e resistência que, dependendo de sua intensidade, dá “condição” aos jovens de, por exemplo, aguentar até o fim. A não ser que haja algum elemento externo e limitador aos grupos, como uma arma, que modifica as intenções pretendidas de não desistência em uma briga entre “ganges”. Se algum cara que os jovens sabem que costuma aguentar firme correr, é melhor quem ficou correr também. Certamente, o outro vai voltar armado para resolver o fim da briga.

Nas saídas de “montão”, os jovens vão adquirindo força no caminho pela presença numerosa dos amigos “fechados”, pela vivência do “intuito” e pela movimentação intensa do grupo nas ruas. Quando entram no ônibus ou andam pelas ruas, percebem que chamam a atenção. Um dos jovens reflete que chamam a atenção não só dos seus rivais, mas dos demais sujeitos, explica que as questões não são com eles, são com os “funkeiros”, referindo-se aos grupos rivais, mas que as pessoas podem não se sentir bem com a presença de uma galera numerosa dentro de um ônibus. O entrevistado constantemente realizava análises das experiências que ele e os amigos vivenciavam, saindo do contexto particular em que estava inserido entre os amigos. O momento tem relação com as questões que costumam apresentar, de forma recorrente em seus relatos e conversas, quando dizem não se sentir bem pela visão distorcida que percebem de algumas pessoas quando saem juntos que, diferente desse momento, reconhece que podem causar intimidação.

A existência do preconceito e da discriminação dialoga com esses momentos nos quais saem em grupos numerosos, junto à presença e à intensidade da adrenalina que lhes dá tanto prazer. Não há uma lógica única na experiência de sair “de montão”. A análise anterior do jovem quanto a sua percepção ao entrar no ônibus trata de uma dessas articulações e o desloca para analisar a experiência de quem não está no grupo de amigos. Na reflexão, ele se desloca. O que anteriormente o colocava como membro da galera, o leva a falar sobre a experiência de quem está de fora, se sentido intimidado, e como é distante da experiência vivida pelo grupo. A experiência do grupo é de parceria entre iguais, com prazer e excitação. Há em sua fala um reconhecimento negativo da prática de sair “de montão”, quando se coloca do outro lado da interação, pelo viés da experiência de quem está fora do grupo de rapazes. Depois retoma e passa a limitar os eventos às relações entre os jovens que fazem parte de “ganges” dos bairros que consideram como rivais. Este entrevistado constantemente realizava análises das experiências que ele e os amigos vivenciavam, saindo do contexto particular em que estava

inserido entre os parceiros. Procurava refletir sobre os demais sujeitos com quem eles interagem na vida social.

5.5 O incômodo do olhar

São relações entre os sujeitos na cena urbana de Juiz de Fora que expõem e delimitam fronteiras e exclusões sociais por se articularem, algumas vezes, a visões distorcidas dos jovens ou a comprometimentos considerados ilícitos, como as brigas que podem acontecer nas ruas da cidade entre as “gangues”, os “bondes” ou as “galeras” juvenis, e, algumas vezes, causar confusões e correrias, por exemplo. Nem sempre as saídas dos jovens em grupos numerosos desencadeiam brigas e tumultos. Quando isso ocorre vemos que envolvem, além dos sentidos e dos pertencimentos deles e entre eles, discutidos anteriormente, manifestações de expressão, ludicidade e afirmação de jovens pobres.

Os jovens pesquisados são sujeitos que vivenciam dilemas sociais em suas experiências cotidianas e de classe. As regras de exclusão são evidentes, significativas e refletidas por eles através do sentimento de serem e se sentirem constantemente discriminados. Dizem que quando não querem ser julgados ou se aborrecerem, limitam-se a sair em grupos pequenos, porque com mais de cinco, já se sentem mal vistos. Sair “de montão” tem seu momento e seu sentido, que não o faz único, não é a única experiência que os jovens se propõem a experimentar. Os rapazes podem em outros momentos querer se afastar de visões que tendem a estigmatizá-los por andar em grupos numerosos, como quando decidem sair em grupos menores para evitá-las ou mesmo para viverem outras experiências.

Ir ao Independência Shopping ou ficar em sua entrada costuma trazer desdobramentos e render histórias de perseguições realizadas pelos seguranças que, segundo os jovens, costumam vê-los como marginais e não param de andar atrás deles. São experiências comentadas com frequência. Os rapazes costumam dizer que, nesses momentos, se esquecem das compras que seria o objetivo inicial, por ficarem bastante chateados, e passam a se preocupar em fazer caminhos diversos e demorados para que o segurança os siga. Ao terem consciência de que estão sendo seguidos, passam a querer dominar a situação, escolhem a rota que os seguranças devem fazer. O objetivo dos jovens passa a ser o de se transformar em alvo da perseguição, agora de maneira diferente, com o controle deles, fazendo os seguranças segui-los, mobilizando-os, fazendo-os se cansar de andar. Ao final dizem que costumam nem fazer compras, desistem. Segundo eles, ainda há a recorrência do mau atendimento realizado por alguns lojistas também contribui para as desistências. Mostram-se irritados com esses

eventos, dizem sentir vontade de revidar com agressividade, mas que a melhor alternativa é evitar. Um dos jovens me diz que a resposta que querem dar ao preconceito é pela cultura. Fazer diferente do que seria o esperado: não responder com violência, segundo ele.

Práticas rotineiras, como algumas idas a supermercados ou bancos, por exemplo, são exemplificadas constantemente como momentos em que se sentem olhados com preconceito. Dizem acreditar que as pessoas demonstram ter medo deles nesses locais, pelo olhar das pessoas dizem perceber isso. Em uma entrevista, um dos jovens fala que se incomoda muito, que mudou o estilo, para ser menos notado nas ruas.

Eu: Você fez isso por que se sente discriminado?

PD: Eu sinto. É o jeito de se vestir. Esses molequinho assim, os “playboys”, cabelinho jogado pro lado assim, eles nem olha, mas se a gente passa assim com boné. Aí com uma roupas tipo assim. Esses “playboyzinhos” eles não fica olhando. Mas se você passa. Igual W que se veste assim daquela maneira dele, igual “tchum-tchá”, com *Adidas*, *Nike*. É muito preconceituoso aqui.

Eu: Você considera o estilo do W chamativo?

PD: Igual ontem, ontem eu saí com eles. Eu chamei eles e meu primo também pra ir no dentista comigo. Aí tava no dentista, aí eu tive que tirar um dinheiro pra minha avó. Fui no São Mateus. Aí ficou eles e meu primo lá fora. Aí toda hora o segurança tava na porta pra ver o que eles tavam fazendo. Todo mundo no banco tava olhando pra fora. Todo mundo ficava olhando.

Ouvi histórias longas e detalhadas sobre esses eventos que costumam ocorrer com os rapazes; são acontecimentos antigos e recorrentes. Que o preconceito é histórico na comunidade. Alguns rapazes do grupo dizem usar estratégias para minimizá-lo, como as mudanças de estilo para não serem tão notados. Nesses casos, optam por usar roupas que chamem menos a atenção das pessoas nas ruas ou evitam cortes de cabelos muito desenhados e coloridos, elementos que se mantêm no estilo escolhido pelos “tchum-tchás” que, diferente de alguns jovens do grupo, dizem não se importar em chamar a atenção. Pelo contrário, gostam disso. Outro jovem, em entrevista individual fala como lida com essas questões de discriminação.

Eu: Como é isso que você fala, sobre a alegria da comunidade, é uma vibração?

N: Então o pessoal da comunidade ela sabe muito bem o que é isso, ela sabe muito bem o que é isso, apesar de sofrer com o preconceito, com a discriminação, com o esculacho. Mas a gente tem uma alegria diferente. Tem uma vontade de vencer na vida.

Eu: Como assim vencer na vida?

N: Ah, tipo assim, eu acho que isso assim o pessoal do morro tem um brilho diferente. A pessoa vê e reconhece quem é do morro, vê a pessoa, já conhece já, pelo falar, pelo andar, pelo jeito assim. Mesmo que coloque uma roupa assim, a pessoa já conhece, por isso chama pré-conceito. Na mente dela ela já imagina assim, aquilo ali é assim, é assim, é assado.

Eu: Você acha isso, pode não ser assim...

N: O que surge na mente é isso, esse pensamento que surge na mente é fruto de acontecimentos de há muito, muito tempo, que tipo assim você vai num lugar aí o segurança já vai e reprime. A gente aqui, às vezes, a gente vai em grupo, aí que reprime. Aí já chega um pessoal branquinho, aí eles tumultua ali e ninguém vai, eu vejo muito “playboy”, muito “playboy” mesmo fumando maconha, aí a polícia se faz de boba. No São Mateus, no Alto dos Passos, aí a polícia passa direto, ou só pega o baseado. E a comunidade sente isso, ela sente isso na comunidade.

Eu: E isso revolta?

N: Mas a gente tem um jeito de revidar, de dar o troco, de mostrar pra sociedade quem nós somos, que não é na violência, não é trocando tiro com a polícia, mas é mostrando a nossa cara. Mostrando o que nós somos através da nossa cultura.

A marca de reconhecimento citada pelo jovem como instrumento de identificação dos jovens da comunidade é pelo brilho diferente que evidencia o jeito de ser, de andar, de falar, ou seja, o jeito de ser de jovens negros e pobres. Para ele, o que se constrói a partir daí pelos outros sujeitos está em suas mentes, no conceito “pré-concebido”, e isso não tem relação com suas visões, pertence ao outro sujeito, pertence à sociedade. O preconceito faz parte da forma como o outro quer vê-los. Ter um brilho diferente não poderia ser motivo de exclusão e preconceito. Muitas vezes em que estive com os rapazes, observei preocupações com o preconceito, a discriminação e o “esculacho”, inclusive, algumas vezes, procuravam os apontar quando estávamos juntos em situações do dia a dia deles. Quando a polícia passava no morro e eu estava com eles, mandavam que eu me preparasse, porque eles iriam parar e revistar, o que não acontecia. Eles passaram a observar que era porque eu estava com eles e, se eu não estivesse, a prática aconteceria.

Ouvia os jovens dizerem que a sociedade deveria ter preconceito com o “playboy”, não com eles. A categoria sempre teve tudo, não teria motivos para subir o morro em busca da droga e imitar o estilo de marginais. Ainda segundo eles, os “playboys” é que deveriam ser vistos de forma negativa, com preconceito, porque sempre tiveram tudo e fazem escolhas erradas. Sempre tiveram “café com Nutella” pela manhã. Nessa imagem elitizada que acreditam ser a do café da manhã dos “playboys”, que costuma ser usada no morro para mostrar o tipo de realidade cotidiana que supõem acontecer nessas categorias. Imagem metafórica que marca, pelo produto citado, e considerado caro e não habitualmente usado por jovens pobres, a diferença entre eles e os hábitos que acreditam ser dos sujeitos em melhores

condições sociais e econômicas. Apresento essas reflexões sobre a distância social sentida pelos jovens em relação aos “playboys” para discutir prioritariamente as questões que envolvem o incômodo sentido pelos pesquisados em relação ao preconceito sofrido e as suas formas de realização, não para discutir se os “playboys” têm ou não motivos para se envolverem em práticas ilícitas.

Pelo que vi e discuti em campo com o grupo, a busca pelas drogas ou pelas práticas ilícitas não se limita à condição social e econômica dos jovens. Acredito que as experiências dos “playboys” podem passar pelas mesmas questões que observei nos pesquisados. Não as considero valorizações positivas, há ausência do poder público no morro, falta de opções de lazer, presença marcante de domínio ilegal do tráfico, por exemplo, mas são realidades que os jovens vivem no campo em que estive. Ouvi conversas sobre o fato de que estar no morro dá aos “playboys” mais poder. Vi que os jovens ao se envolverem com o uso ou venda de drogas costumam passar a ter uma rápida ascensão econômica, pois o poder de compra dos rapazes aumenta. Há ainda a admiração pelo poder dos traficantes. Os jovens falavam dos sujeitos que organizavam e trabalhavam na “boca” com respeito. Diziam que os caras “pesados”, como se referiam aos traficantes, não deixavam os caras de fora bagunçar o morro com assaltos na região, promoviam festas dando dinheiro e apoio para fechar as ruas, ajudavam os moradores, caso precisassem e recorressem a eles. Outras questões também podem ser inseridas nessa reflexão como a vivência pessoal de cada jovem, “playboy” ou não, ao se sentir mais poderoso por estar participando de experiências no tráfico; e ainda a transgressão realizada nos grupos de origem, a vontade de experimentação e a afirmação de um tipo de masculinidade, por exemplo.

M: O pessoal pega muito pesado com a gente.

Eu: Com menos gente nos grupos pega menos pesado do que se for uma “galera” muito grande de meninos?

M: Às vezes também não é bom sair muita “galera”... Acaba dando confusão quando você sai de muita “galera”. A polícia vem: “E esse monte de gente aí? Pode dispersar”, Sabe? Pode não estar fazendo nada, mas todo mundo já vem...

Eu: Ah, a polícia.

M: É. Já vê aquele montão e manda dispersar.

Eu: Isso incomoda muito? Por exemplo, esse olhar assim... Sai junto, não está fazendo nada...

M: Ah, é lógico. É lógico. Às vezes assim...

Eu: Isso te acompanha?

M: Ah, agora até pouco, sabe? Já acompanhou mais, quando era mais “moleque” e tal. Porque assim, isso parece para mim, que é por causa da sociedade... Porque se tem um monte de rapazes juntos e tal, eles começam... se ver na rua as pessoas, ainda mais se é do morro assim... Vamos supor, se a

gente está em sete, oito, sei lá, a gente está andando assim, no Alto dos Passos, algum lugar, você vê pessoas te olhando diferente. Você vê olhar diferente para você, sabe? Aí você não está fazendo nada, mas parece que tem alguém que não gosta, sabe?

Eu: Não gosta de quê?

M: Não gosta do pessoal do morro, sabe? Algumas coroas, alguns caras assim, que não gostam. Aí vai e fala com a polícia: “Olha, tem uns meninos estranhos ali e tal.” A polícia vai e: “Olha, você pode ir embora.” Manda embora, sem estar fazendo nada.

Eu: Mesmo que não esteja fazendo nada?

M: Mesmo que não esteja fazendo nada. Agora, se é um monte de “playboy” e “mauricinho” junto, não fala nada, entendeu? Acontece, tem uma discriminação da sociedade... Quando os meninos do morro descem para algum lugar. Sempre tem, ainda tem, sabe? Você vê nos olhares das pessoas.

Eu: Você acha que diminuiu?

M: Acho que diminuiu, já teve mais. Porque hoje em dia, eu acho que a sociedade está vendo que coisa errada não tem só no morro. Não é só os meninos do morro que fazem, você está vendo muito menino “playboy” sendo preso por tráfico de drogas. Muito “playboy” aí envolvido em assassinato, homicídio...

Eu: Você acha que os garotos do morro ficam mais por aparência? Só de olhar...

M: É. Não conversa, né? Assim, às vezes as pessoas julgam só por ver que a gente é de um lugar, não chegam, não conversam, sabe? Acham que a gente é algum animal. Para mim, eu realmente não gosto disso... Tem lugar que eu não gosto nem de entrar.

Eu: Você acha que você não vai se sentir bem?

M: Não vou me sentir bem. Fica todo mundo te olhando estranho, sabe? Eu não gosto nem de entrar.

Os pesquisados são jovens que relatam com frequência situações de discriminação e preconceito que vivenciam e, entre outros aspectos, se relacionam às visões apresentadas na introdução deste estudo quanto ao olhar de julgamento preconceituoso que percebem da sociedade juizforana destinado a eles. Junto a essa vivência de que tratam, percebida nas ruas pela mídia da cidade, ao tratar das brigas entre os grupos juvenis da cidade, apresentam, na maioria das vezes, os jovens pobres, negros e moradores de bairros periféricos como “perigosos”. O preconceito provoca invisibilidade na medida em que projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, a esmaga e a substitui por uma imagem caricata, que nada tem a ver com ela, mas expressa bem as limitações internas de quem projeta o preconceito. O incômodo dos jovens é pelo olhar do outro quando transitam pela cidade em que moram e os desloca para as percepções de serem vistos em outros lugares sociais, como os de ladrões, drogados ou flanelinhas. Ou de passarem despercebidos, vistos como nada. É um olhar de duplo sentido, que aproxima o que falam dos jovens Soares (2004), sobre esse olhar social que ora os vê como não são e ora não os vê.

Outra forma da invisibilidade é aquela causada pela indiferença. Como a maioria de nós é indiferente aos miseráveis que se arrastam pelas esquinas feito mortos-vivos, eles se tornam invisíveis, seres socialmente invisíveis. Também por conta de nossa negligência, muitos jovens pobres, especialmente os negros, transitam invisíveis pelas grandes cidades brasileiras (SOARES, 2004, p. 133).

O olhar da invisibilidade possui dois lados, o de se sentir julgado e o de se sentir invisível. Estes foram termos que seguiram junto a esta tese, nos relatos das entrevistas e nas nossas conversas nas ruas, pontuando questões que envolvem invisibilidade, discriminação e preconceito.

5.6 As vivências nos bailes *funks*

As diferentes práticas que expõem as rivalidades estão presentes repetidas vezes em suas vidas e são vistas, por exemplo, nos bailes frequentados pelo grupo. São locais reconhecidos, principalmente, como um dos ambientes naturais do *funk*, o estilo musical se afina com a preferência dos jovens e é próprio e dominante nos bailes que escolhem estar.

Observo que a movimentação que se realiza na vida social dos pesquisados os leva a lugares de lazer de suas preferências, como os clubes e as casas de shows onde se realizam os bailes *funks*. São locais significados por práticas juvenis cotidianas que os transformam em lugares sociais e culturais de suas referências. Representam espaços de afirmação e de identificação dos rapazes. Definidos para o convívio, lazer e prazer de seus frequentadores, a partir de construções e partilhas simbólicas e particulares, socialmente definidas pelas vivências juvenis e pelos acontecimentos que por lá ocorrem. Os espaços em que se realizam os bailes possuem simbologia e reconhecimento próprios, são vividos por escolhas subjetivas, conformidades, manutenções, pertencimentos e reconhecimentos mútuos entre os jovens. Na experiência dos encontros e dos enfrentamentos que envolvem os bailes *funks* e os jovens podem vir à tona “rixas” antigas ou se criar outras, que tendem a se estender, em momentos posteriores, pelas ruas da cidade, provocando brigas da rapaziada do Mundo Novo com outros grupos juvenis.

Os bailes *funks* e os locais nos quais os eventos se realizam são dotados de valores e sentidos próprios, como, por exemplo, os que envolvem as adversidades entre os grupos de jovens de diferentes bairros da cidade, alguns considerados rivais entre si. Os jovens sabem em quais desses locais as práticas de rivalidades podem acontecer com mais frequência e liberdade, e quais os tipos de baile em que elas são mais incentivadas. Na maior parte das

vezes, saber o nome dos MCs ou dos DJs que vão comandar os bailes dá essas leituras antecipadas aos jovens e os ajuda a escolher em que tipo de baile querem estar. O local onde os bailes acontecem também costuma definir anteriormente se pode ou não haver brigas. Existem espaços onde os jovens reconhecem ser mais propícios para as brigas. Os arranjos e os mecanismos próprios dos bailes para que as brigas aconteçam fazem parte do conhecimento e da vida dos jovens pesquisados. Nesses locais, ocorrem práticas que favorecem e mobilizam as rivalidades com constância e particularidades, como quando os jovens relatam, desde a entrada, como os bailes costumam ser muito perigosos.

Quando estão na fila para terem acesso às partes internas dos clubes ou das casas de shows, existe a possibilidade de serem atingidos por pedras. Alguns jovens do grupo pesquisado já foram atingidos, segundo eles, sem sequer saber de onde elas vieram ou quem as lançou. Segundo os rapazes, pode ser que estas sejam dirigidas especificamente a algum deles por “rixa” antiga ou por “coisa de momento”, como uma “tirada”, que é quando você dá uma desqualificada em alguém, como um deboche, por um olhar “esquisito” que o outro não gostou, por exemplo. Pode ser que sejam atingidos simplesmente por estarem ali na fila e acontecer “brigas de moleques” em outro local próximo à entrada, que não tem nada a ver com eles. Pelo que os jovens relatam sobre as pedradas, além das direcionadas especificamente a eles, existem, na maioria das vezes, as que são chamadas de “pedras perdidas”, circunstância semelhante a das conhecidas “balas perdidas”, característica da violência nos grandes centros urbanos do país. São experiências que se referem ao objeto que fere quando ele não tem intenção ou predestinação de atingir quem atingiu, errou ou não havia um alvo específico e ainda não se sabe quem jogou ou manipulou o objeto.

Os rapazes evidenciam que alguns bailes são reconhecidos como lugares que incluem confrontos físicos, com relatos de mortes, ocorrências de brigas na entrada, durante e nas saídas deles. As mães não gostam das idas dos jovens aos bailes *funk*; os rapazes costumam dizer que vão, na maior parte das vezes, sem o consentimento delas. Um dos jovens relatou que a mãe passou a dizer, quando o via pronto para sair que estava com um pressentimento ruim com relação a sua ida ao baile. O jovem disse que nas primeiras vezes teve medo de que algo ruim acontecesse, mediante o pressentimento dela, mas que, com o passar do tempo, passou a perceber que o pressentimento era recorrente demais e não se importou mais em sair, mesmo acompanhado da previsão ruim.

Junto a outras vivências como a dança, o lazer, o namoro e a liberdade nos bailes, existe o reconhecimento e o envolvimento dos rapazes com o caráter lúdico e atrativo que faz parte de uma socialidade juvenil que gosta de viver os momentos dos confrontos com os

grupos rivais. Socialidade que é ampla, relacional aos contextos em que ocorrem e permeia relações e interações dos jovens pesquisados que envolvem emoções intensas. Ao tratar desses aspectos nas “brigas de galeras”, Cecchetto (2004) observa essa complexidade de vivências, “Apresentam-se sob diferentes formas e intensidades, mas afetam suas subjetividades, se expressam manifestações de ódio, grande prazer, dor, júbilo, profunda alegria ou raiva” (CECCHETTO, 2004, p. 89).

Segundo o grupo, o baile *funk* com briga traz mais intensidade à diversão. Passa a ser um acontecimento em que se combinam práticas sociais, trazem o prazer do baile com a música e a dança preferida, articuladas às circunstâncias de acontecimentos sem amarras, sem as regras do controle social dos “playboys”. Ouvia isso com frequência em campo – para se divertir de verdade, não se pode ter regras limitadoras da diversão. Diziam-me que muita gente considerada por eles como parte de camadas mais elitizadas não se divertem porque tem muitas regras. Diziam que já foram em festas de “playboys”, sujeitos pertencentes a essas camadas, segundo os jovens, e não se divertiram porque não se pode fazer muita coisa nas festas deles, como beber demais ou dançar intensamente. Para se divertir, tem que se ser completamente livre dessas regras. Os “furdunços” nas ruas, as festas nas casas do grupo e de seus amigos e os bailes permitem a irreverência nas danças, o uso das roupas estilosas, o estar entre amigos para “zoar” à vontade, para a prática da “ostentação” e a manifestação da virilidade e da força, caso haja algum conflito.

A maioria dos rapazes fala desses conflitos, que acontecem nos bailes *funks* e alguns locais onde se realizam, como recorrentes e representativos de práticas de rivalidades, com a ocorrência, muitas vezes, de confrontos físicos entre os jovens, principalmente entre os moradores de bairros considerados rivais. Dizem que os bailes sem “porradaria” ficam sem graça. “No baile, lá no baile *funk*, lá no Arado⁶⁵... Que porradaria! A porradaria pegou lá”. A fala do jovem sobre as “porradarias” que ocorrem são comuns quando os rapazes mencionam as idas e situações vividas nos bailes *funks*, mostrando a experiência excitante desses confrontos que gostam de experimentar.

Os rapazes dizem sobre os bailes *funks* que as brigas “pegam” facilmente e comparam com outras situações de brigas como quando se encontram para o futebol. Segundo eles, as brigas não evoluem nos campos de futebol em que jogam entre eles ou com times de outros bairros. A prática do futebol é compartilhada cotidianamente por todos do grupo. Um dos jovens é mais comprometido com o futebol que os demais. Joga duas a três vezes por semana,

⁶⁵ Nome anterior do atual bairro São Benedito, em Juiz de Fora.

participa de campeonatos na cidade, se diz “quase atleta”. Já jogou em times de Juiz de Fora e de outras cidades de Minas Gerais e, atualmente, costuma jogar as “peladinhos” que, segundo ele, são os jogos mais informais, sem muitas combinações e organizações, servem como treinos para os eventos mais organizados, como os campeonatos nos finais de semana.

As vivências nos jogos de futebol possuem discordâncias. Os rapazes costumam falar sobre as brigas em campo. No entanto, revelam que, quando ocorrem, são rapidamente desestimuladas e enfraquecem. O futebol fica esvaziado de sentidos próprios à briga. Os jovens dizem que “é coisa de momento” ou que “todo mundo separa logo” e que “elas não pegam”. O ambiente no futebol tem suas particularidades, como as que mostram que mesmo que as rivalidades entre os jovens de bairros diferentes ocorram ou existam previamente, as brigas não evoluem naqueles momentos. Há um propósito definido e priorizado para o lazer envolvendo os rapazes no futebol. A prática interage grupos de jovens para que as partidas e disputas aconteçam no campo e parecem proteger a prática do futebol – lá é para jogar bola, segundo eles.

O lazer do futebol se diferencia do propósito, muitas vezes mais flexível e permissivo às brigas, como visto nos bailes *funks*, evidenciando uma maior flexibilidade entre o tipo de lazer e de ludicidade do baile e as práticas de rivalidade que podem incluir brigas entre os grupos. O clima de diversão do baile *funk* pelo depoimento abaixo mostra essa multiplicidade de experiências próximas, como dançar, “pegar mulher” ou brigar, que os rapazes podem viver quando estão por lá.

Eu: Como é isso de a música “chamar”?

K: Pô! É uma batida assim, pô que bate assim e dá uma adrenalina dentro de você. A vontade que dá é sair na porrada mesmo.

Eu: Essa batida que chama dá vontade de fazer mais coisa?

K: Depende da batida e do momento, porque ao mesmo tempo que dá vontade de dançar pode ser a mesma batida que dá vontade de brigar. Depende muito do momento ali.

Eu: Como são esses momentos ali? Tem como falar deles?

K: Vamo botar. Depende da onda, eu tô numa onda, meu amigo tá na outra. Tô numa onda de pega mulher, meu amigo tá numa onda de brigar. Se ele for brigar eu vou brigar com ele.

Eu: E a menina? Ou a vontade de ficar com ela?

K: Se ele for brigar eu vou deixar ela, e vou com ele, briga sozinho não. Deixo ela pra lá e vou lá. Hi, muitas vezes já aconteceu isso no baile. Muitas vezes de você tá ficando com uma mulher aí quando você vê os “moleque” brigando, eu largo ela e vou brigar.

Eu: E ela?

K: Aí que tá o “fortalecimento”, os cara eu conheço desde pequeno, ela não. Conheci agora.

Eu: Hum, mas se você levar uma menina que você já conheça bem?

K: Depende de quem tá na briga, aí eu vou botar no canto. Ela já vai saber, e vai se afastar. Às vezes nem precisa avisar a ela.

Os bailes têm experiências particulares, como quando dizem que há uma hora que o baile fica “violento”, no sentido de um clímax, um momento mais intenso, quando as ações ficam fora de controle. Há um rompimento com a realidade anterior, a partir da música que passa a tocar. É o momento em que o baile fica louco, “embraza” (segundo eles, se deve escrever com z, como fazem nas redes sociais e nas letras de *funk*), e se inicia pela batida mais forte da música, que contamina e fascina os jovens. Tomei conhecimento do fenômeno de “embrazamento” que ocorre em alguns bailes da cidade em um dia quando cheguei ao Mundo Novo e encontrei os jovens realizando um pagodinho na esquina de uma das ruas do bairro e conversávamos sobre os estilos musicais de suas preferências. Vi, algumas vezes, no morro, os rapazes envolvidos em práticas musicais. Nesse dia, havia quatro rapazes do grupo, sentados em frente à casa de um deles, e cantavam. Usavam instrumentos de percussão e um cavaquinho, para acompanhar as músicas. A preferência quanto ao estilo musical era pelo pagodinho, pelo samba e pelo chorinho.

Depois desse evento com música, eles me convidaram para entrar na casa do rapaz que morava em frente ao local onde estávamos. Lá continuamos a conversar sobre os estilos musicais e um dos rapazes pedia insistentemente que um deles cortasse seu cabelo. Depois de muita risada e “zoeira”, em que diziam que não cortariam naquele dia, o jovem foi atendido. Não pelo jovem considerado barbeiro profissional que estava presente, que recebia os pedidos e ignorava. Sendo a prática realizada por outro jovem considerado pelo grupo como barbeiro iniciante.

Eu estava atenta aos fatos que via acontecer entre eles e envolviam a discussão sobre as preferências musicais e a prática da barbearia. Não tinha a intenção de gravar as conversas naquele momento, porque eu percebia e participava de uma experiência onde havia a fluidez natural que era possível pela intimidade e informalidade da vida cotidiana. Estávamos na cozinha da casa do rapaz. Mas quando começaram a falar, com entusiasmo, do baile *funk* como preferência de todos, contando detalhes dos bailes, como o “embrazamento”, que, segundo eles, antes de eu começar a gravar, é o oposto do que se deve seguir pelas normas da igreja que alguns jovens frequentam. A maior parte do grupo dizia frequentar igrejas evangélicas da cidade com seus familiares. É uma prática não aceita pela igreja, segundo eles, porque envolve beber, “pegar mulher”, zoar, dançar mais intensamente, brigar e quem quiser pode usar drogas. “Embrazar” tem a ver com viver intensamente nos bailes *funks*, fazer tudo.

Pedi para gravar porque percebi que podia obter dados mais organizados para posterior análise e, assim, pedi autorização e fui atendida. A gravação se realizou simultânea ao trabalho do corte do cabelo, com falas que se misturavam às risadas e não modificou o clima descontraído que se manteve desde quando cheguei ao morro e os encontrei na rua tocando e cantando.

Eu: Qual a diferença? Num baile de DJ para MC. O que um faz que o outro não faz?

K: O DJ, pô... Faz montagem. O DJ faz montagem... Na hora ali, também. O MC traz as músicas dele mesmo.

Eu: Só as músicas dele? Não faz montagem nenhuma?

PD: Não. Põe umas rimas na hora, uns negocinhos massa.

Eu: Mas ele promove mais as dele?

K: As dele.

E: É.

Eu: O que é mais legal?

E: O MC já usa a voz, no caso. E o DJ, não.

Eu: O que ele tem, a mixagem... Qual baile é mais legal? O do MC ou o que tem DJ?

K: Depende.

E: O DJ?

N: Eu gosto mais do MC.

Eu: Por quê?

E: Aqueles que jogam para o alto mesmo, bolado.

Eu: O que é jogar para o alto bolado?

K: Ah, só porradão mesmo. Não é fininho não, só porradão.

N: Batidão grave, entendeu?

Eu: Batidão grave. Eu não sabia que tinha batidão grave...

PD: O grave é aquele: bãããooo. Já estoura e você expira. Você expira, aí o baile fica outra coisa, entendeu?

Eu: Uma sensação diferente, é?

K: É.

N: É por isso que você perde a linha. Por isso que pode chegar a...

E: Porque está tocando numa batida, aí dá aquela batida bããõ... Aí você quer fazer várias coisas.

Eu: Adrenalina, né?

N: Rola muito isso... Está tocando um pagodinho, aí todo mundo está quietinho, conversando, quase ninguém dançando. Aí os caras soltam um porradão do nada, aí pô... Geral começa a dançar. Uma batida dessas, as mulheres rebolando na sua frente, aí você vai e perde a linha.

N: A batida treme e...

E: Aí você fala: "Ah não, vou até comprar uma birita ali agora".

Eu: O que é perder a linha?

N: Ah, você "embraza", você faz... O que você quiser fazer, você faz.

Eu: Ah, por isso que vocês falaram antes que o baile *funk*, por exemplo, ele promove uma série de coisas que não seriam legais para o que se aprende na igreja... É isso?

K: Isso. Porque dá essa "embrazada".

Os DJs e os MCs participam dos bailes *funks*, ficando à frente dos jovens, selecionando as músicas a serem tocadas, de acordo com o que percebem pela receptividade dos frequentadores, e a partir dela vão escolhendo e disponibilizando as músicas. Segundo os jovens, os MCs tocam as músicas criadas por eles, oportunizando animar os bailes e divulgá-las nesses momentos, também produzem vídeos para expor na internet. Os DJs fazem montagens das músicas que escolhem para que a animação do baile possa se dar e se manter por elas. As duas categorias fazem, na maior parte das vezes, suas escolhas musicais de criação e de montagem a partir de letras do *funk*; não utilizam outros estilos musicais, como os pagodes, que costumam ser tocados em menor escala nos bailes. MCs e DJs são os responsáveis pela animação e pela “temperatura quente” dos bailes a partir do tipo de som que oferecem. A música tem um importante papel nos bailes; por elas os DJs e MCs costumam “comandar” os bailes, como dizem. Quando sentem necessidade de “levantar” o clima ou mantê-lo em alta para maior diversão e prazer dos jovens tem o recurso do “batidão” para romper com a calma e entusiasmar os grupos de jovens.

Os rapazes se dividem nas preferências quanto ao comando musical dos bailes. Alguns jovens dizem preferir os MCs por serem cantores e apresentarem através da própria voz as músicas, cujas letras, muitas vezes, são criadas por eles mesmos. Na fala anterior de um dos rapazes, e em outros relatos em campo, os jovens reconhecem que também pode haver criação espontânea no trabalho dos DJs, quando dizem que esses profissionais fazem montagens das músicas na hora que o baile está acontecendo. Essas experiências permitem aos MCs e aos DJs dialogarem com os sujeitos nos bailes.

Depois de ouvir o termo “embrazada” passei a inseri-lo nas entrevistas, quando falávamos dos bailes *funks*. Vejo que é um momento forte do baile e os rapazes se sentem livres de qualquer regra ou norma social os reprimindo. Chamados pelo som do “batidão” livram-se da possibilidade e da vontade de se controlarem. Eles se libertam do controle social e do autocontrole no momento da “embrazada”. Passam a querer fazer várias coisas, como dizem, e elas não incluem coisas suaves ou normativas.

A experiência que se instala pelo som forte do ambiente ao ouvirem algo que não é “fininho”, é “porradão”, se estende para uma vivência interna. É um momento no baile que afeta os jovens internamente para uma vivência coletiva, de importante intensidade subjetiva. Os rapazes tentam me aproximar da sensação que vivenciam no baile e os leva a “perder a linha”, descrevendo a experiência sentida de poder fazer o que quiser e, para isso, um dos rapazes reproduz o som do “batidão”, “bãooo”, bem alto. Com isso se esforça em traduzir a sensação forte e intensa que vivenciam nos bailes e é iniciada pelo batida grave que penetra

nos rapazes, e os faz experimentar o limite extremo da batida do *funk* na relação com o limite extremo da sensação de uma expiração. Quando dizem “você expira”, mostram a energia do que estão vivenciando naquele momento.

5.7 Os bailes de “fortalecimento”

Os MCs, os DJs e os seguranças podem transgredir de forma diferente do uso do “batidão” para “embrazar” e tornar os bailes ainda mais “quentes”, agindo como incentivadores de atividades intensas entre a rapaziada, promovendo as rivalidades entre os jovens de bairros rivais. Os eventos tratam do estímulo às brigas realizado pelos MCs e DJs, em comum acordo com os seguranças. Em alguns bailes *funks*, isso pode ser feito quando os organizadores escolhem um momento para ser o “violento” do evento. Nos termos dos rapazes, “violento” é o momento em que as práticas de rivalidades tornam-se as protagonistas da festa, dando o tom de excitação máxima desejado. Acontecem pelas estratégias que MCs, DJs, seguranças realizam para existir um tempo diferenciado nos bailes. Para isso acontecer, os organizadores costumam abrir mão de regras de condutas rígidas, pela inexistência ou pela suspensão temporária do uso de normas ou proibições para o divertimento.

VI: Vamo botar um exemplo aqui. Os garoto de Santa Luzia sai, vai encontra os “moleque” de Santa Rita.

Eu: Mas onde vai encontrar?

VI: Baile, baile. Já sai daqui “de montão”. Os “moleque” de lá sai também “de montão”.

Eu: Aí vocês combinam antes?

VI: Não, a gente não combina antes não. Ninguém, não, não combina não. Fica lá. Cada um curte o seu baile. Pô, cê tá com seus amigos, mas dá seu rolé, mas só que sempre acaba dando confusão.

Eu: Uma vez eu vi um filme, os seguranças empurravam...

VI: Isso era baile de corredor, era antigamente... Ah, não é mais assim não. Curte todo mundo junto, no mesmo local. Um junto com o outro. Sempre toca uma música, vamos supor, toca uma música do bairro Santa Luzia.

Eu: Tem uma música do bairro?

VI: Tem. Tem. Tem uma música do bairro. Os MCs, esses mesmos daqui de Juiz de Fora, esses MCs faz música pro pessoal daqui do bairro.

Eu: Eles falam do bairro?

VI: Aí acaba dando confusão.

Eu: Por que o outro não gosta, é isso?

VI: Você tá no baile, tá um “moleque” que você não gosta, aí começa a tocar uma música: a Mariza é um terror, aí você começa a dançar.

Eu Tá me valorizando.

VI: Tá valorizando. Aí os “moleque” que não gosta de você, aí você vai dançando pra provocar, te dá uma sensação de poder naquele momento. Aí acaba dando confusão.

Eu: Depois?

VI: Não, na hora da música.

Eu: Acaba o baile? Os MCs não sabem o que pode acontecer?

VI: Assim, eles sabem, muitos sabem, muitos param. Mas muitos outros dizem assim... Eu já cansei de ir em baile que diz assim: expulsa os alemão, entendeu? Alemão é quando os menino não é do seu bairro, entendeu? De outro bairro, aí você dá o nome de alemão. Aí começa a tocar a música lá de Santa Luzia. Aí fala: Luzia é o terror! Ô, Ô, Ô, Luzia é o terror! Aí começa a dançar assim. Aí, os MCs no palco: expulsa os alemão! Expulsa os alemão!

Eu: Incentivando, né?

VI: Aí tem que botar os cara pra fora do baile na porrada.

Eu: E o baile? Continua?

VI: Eles saem e o baile continua, tem uns rapaz que saem e entra de novo.

Pelo contexto interacionista que se instala, MCs e DJs podem intervir na atmosfera dos bailes *funks* e, para torná-la ainda mais excitante, precisam contar com o envolvimento dos jovens e dos seguranças, criando um clima de lazer e prazer particularizado por enfrentamentos entre os grupos de bairros rivais. Pelo que os jovens dizem sobre sempre ter briga nos bailes, vejo que a dinâmica recorrente que estimula e torna presentes as práticas de rivalidades nos bailes *funks* têm múltiplas articulações, como a situação das pedradas relatada anteriormente na entrada de alguns bailes. Considero a existência de outra lógica que participa dessa dinâmica e apresenta formas específicas de participação dos sujeitos que se envolvem em brigas nos bailes; refiro-me aos jovens, aos seguranças, aos MCs e aos DJs.

A experiência de rivalidade que os jovens relatam acontece no decorrer dos bailes e inclui etapas ritualizadas: primeiro o incentivo dos MCs ou DJs, que realizam o “fortalecimento” de um grupo de rapazes de um certo bairro; depois podem fazer o mesmo de outro bairro. A ideia não é “fortalecer” um único grupo, mas os grupos alternadamente, mostrando que a prática do “fortalecimento” envolve práticas de reciprocidade entre os grupos considerados rivais. “Os caminhos trilhados por eles realçam todo o tempo os valores essenciais no universo *funk*, quais sejam, território, disposição e reciprocidade” (AMARAL; SILVA, 2012, p. 241).

O “fortalecimento” é uma prática múltipla, que acontece por formas diversas. Os jovens o consideram de forma bastante significativa. A descrição de um jovem sobre o “fortalecimento” em uma briga evidencia a força desse valor entre a rapaziada.

Eu: Por que não pode cair em uma briga?

K: Por que nego te chuta, vai te desmaiar. Igual que que aconteceu, o “fortalecimento” do Z. Eu cheguei, fui chutar a cara do cara, só que eu chutei tão alto que eu levantei muito a perna, e eu caí. Na hora que eu caí, o Z já tava atrás de mim, entendeu? E já me pegou rapidinho, e já me jogou pro alto. Isso que tá aí é o “fortalecimento”, é o “fortalecimento”. O cara

brigando, viu que eu caí, chegou e me jogou pro alto e eu continuei brigando. Se eu fico no chão? Se alguém pisasse na minha cabeça? Ele pode tomar ou não, quando ele virou as costas pro cara, mas ele tá me “fortalecendo”, entendeu? Ele pode tomar, mas é melhor do que me pisarem no chão.

O relato acima faz parte das relações entre amigos “fechados” que se “fortalecem” nas brigas, não pensando só em si individualmente, mas no grupo todo. Pode fazer parte de relações familiares, quando algum membro da família “fortalece” um jovem, seja emprestando um dinheiro ou por uma imagem de respeito que possua, na qual o jovem possa se sentir incluído.

Um dos jovens relata ser “fortalecido” atualmente pelo respeito conquistado por seu pai, que esteve ou está (alguns relatos são ambíguos nesse ponto) envolvido em práticas de criminalidade. Ser filho do “moço”, de alguém “pesado”, como costumam dizer, garante ao jovem prestígio e “um certo respeito”. Não só a figura do pai pode dar aos jovens esse *status*, outros rapazes têm na influência e na memória das experiências vividas por familiares, como tios e primos mais velhos, o respeito geracional que os mantém protegidos. Vários rapazes relatam que mesmo que alguns familiares estejam presos, a fama, o respeito continua e seus familiares que estariam desprotegidos pela ausência passam a ser acolhidos pelos amigos que têm a mesma moral e que estão no bairro.

Eu: Você acha que essa fama, esse respeito, que você tem aqui, vem de...

K: De infância.

Eu: De infância? Da família?

K: Também. Do meu pai também.

Eu: Tem uma influência? O seu pai era daqui mesmo, do Mundo Novo?

K: Não, não era daqui não. Não era não.

Eu: Ele não nasceu aqui, não morou aqui não?

K: Não, não. Mas muita gente de outros bairros respeita o cara, conhecem ele.

Eu: Já conhecem ele? Como assim?

K: Muita gente conhecia ele, entendeu? Então antigamente: “Pô, esse aí é filho do moço”. Também eu passava, falavam assim: “Esse aí é o filho do moço”. Ainda é assim.

Eu: Moço? Como assim?

K: Só falam moço.

Eu: Por que só fala assim?

K: Todo mundo que vai falar, geralmente fala moço, entendeu? Pros que são pesados, entendeu? Os que são pesadões.

Eu: Ah, tá. Para ter o respeito. Aí você já fica protegido.

K: Fico protegido.

Eu: Onde? Na rua? No bairro?

K: Na rua, no bairro, em vários lugares... Onde eu entro, entendeu? Os outros falam. Aí, igual eu cheguei lá no campo lá... Tem muito tempo não,

isso foi o ano passado. Cheguei lá no campo lá, cheguei com um carro louco...

Eu: O que é um carro louco?

K: É um carro bolado. Cento e oitenta mil que vale o carro. Eu cheguei lá e geral já: “Pô, é o filho do moço. É o filho do homem”. Entendeu? O pessoal fala.

No contexto dos bailes *funks*, o “fortalecimento” acontece pelas músicas que visam valorizar os bairros nos quais os jovens vivem, como o pesquisado VI mostrou em seu relato, usando o meu nome como exemplo. Os jovens costumavam dizer que me “fortaleceriam” caso eu precisasse de alguma coisa e, a partir do nosso conhecimento na pesquisa, eu poderia passar a contar com eles. O “fortalecimento” tem um sentido amplo, pode se dar de acordo com as relações construídas pelos jovens e os contextos a que se referam.

Em um segundo momento, junto ao “fortalecimento” que os DJs ou MCs realizam pelas músicas valorizando os bairros, vêm as danças sensuais dos rapazes, que dizem exagerar nos movimentos para provocar. São utilizadas como resposta ao “fortalecimento”, ocorrendo pelo exagero na dança, onde realizam um jogo de provocação dirigido aos outros rapazes vistos como rivais ou mais fracos naquele momento, por não estarem sendo “fortalecidos” pelos MCs ou DJs. Quando os rapazes realizam suas danças provocativas no momento que são “fortalecidos” pelos MCs ou DJs mostram por seus corpos formas de expressão pelo exibicionismo. É o momento do deboche, da afronta, da brincadeira, dos xingamentos e das humilhações. A evolução costuma ser para a briga, são etapas conhecidas e ritualizadas desde o incentivo inicial, passa a resposta com coreografias compostas de danças exageradas, até chegar ao confronto físico.

Ocorre uma briga entre homens que exacerba as virtudes masculinas, a sensualidade reforçada se dá pelo exagero que relatam presente na dança para provocar os rivais. Não estive nos bailes com os rapazes, conversamos sobre a minha ida com eles, em campo, e me diziam que iam marcar e me chamar, o que não aconteceu. Falo sobre essa sensualidade pelas oportunidades que tive em vê-los dançar. Nelas não faltava a sensualidade a que me reporto. Essa construção de masculinidade se aproxima do que dizem Silva e Amaral (2012, p. 252): “A festa *funk* é uma festa fálica, o falo todo poderoso”.

Para o processo se desenvolver e se completar, o grupo precisa contar com a lealdade dos amigos, como disse anteriormente, não só para a briga, mas para “zoar” o outro grupo, senão não tem graça: a experiência é uma vivência coletiva. Costuma haver um espetáculo de masculinidade e de virilidade, que se expressa pelos corpos definidos, pelos movimentos treinados e habilidosos, nos momentos em que os jovens dançam, e nesse caso são os que

antecedem as brigas, como uma preparação para o ápice que se revela no confronto. Representação ritual dos jovens, usando seus corpos para guerrear. O prazer da competição entre bairros e entre jovens que disputam pelas sensualidades exibidas. A experiência é de homens e entre homens que traz a ideia de respeito, virilidade, força e poder. Os rapazes dizem que esse jeito deles no baile chama a atenção das mulheres, porque é o jeito do sujeito estiloso, cheiroso, do que tem o corte de cabelo cuidado, que gosta de se vestir bem, que é bom dançarino e tem “disposição” para brigar.

Com esse cenário de “rixa” e provocação que se instala, inicialmente promovido pelos MCs ou DJs, o caminho para o surgimento das rivalidades e logo após das brigas entre os grupos é rápido e efetivo, tudo ao som do “batidão” do *funk*. A experiência iniciada pelos MCs ou DJs se caracteriza por incitar no baile rivalidades momentâneas entre bairros, ou trazer rivalidades anteriores e já construídas entre os grupos. Essas brigas acontecem por uma prática ritualizada, vista pelas sucessivas ações conhecidas dos jovens e vão se realizando pelas interações entre esses sujeitos nos bailes. Como a referência valorizada e realizada pelos MCs e DJs aos bairros onde os jovens residem para criar rivalidades entre eles, nos momentos das danças provocando os rivais, na suspensão das normas permitidas pelas seguranças que separam as brigas que aconteçam. Essa rede de relações entre eles revela os sentidos e os propósitos de uma forma de diversão no contexto do baile, realizado entre as categorias sociais citadas.

Nas brigas “fortalecidas” pelos MCs, os jovens não vivenciam o caráter extremo de querer “acabar” com o “inimigo”. Existe uma participação que traz o prazer e a excitação nelas, momento próximo do que Zaluar (2004) diz ser a prática não intencional, já citada neste capítulo, de ferir, de causar dano físico, sem ser esse o seu objetivo. O ânimo que motiva as brigas de “fortalecimento” não tem a violência que fere o seu foco. Elas fazem parte da socialidade dos jovens pesquisados, no caso dos bailes é uma prática voltada para a excitação, próxima à brincadeira dos jovens no grupo de amigos brincando de brigar após os jogos de futebol.

É sabido que existe o risco. Vários rapazes têm armas e nos relatos dessas brigas dizem que elas não precisam ser usadas, elas não fazem parte desse contexto e se configura por uma prática ritualizada e compartilhada. Vivência atrelada ao divertimento, à virilidade, à excitação e à força física. Sem desconsiderar que, na experiência, os rapazes precisam do apoio, da cumplicidade e da lealdade dos amigos com quem são “fechados” para os confrontos com os outros grupos. Precisam dos valores que cuidam dos fortes laços de amizade e de solidariedade construídos pelos rapazes, discutidos em detalhes no segundo

capítulo deste estudo. Nos bailes, os rapazes estão fora de seus bairros, longe de seus territórios de origem, espaços em que se sentem protegidos. Precisam estar perto dos amigos, e contam com eles para enfrentar “o inimigo” e evitar qualquer fragilidade, como serem cercados por um grupo mais numeroso e com mais “condição”.

5.8 Um tempo de diversão no baile

Em outro relato, meses após o anterior, os jovens fazem referências a eventos envolvendo outras brigas em bailes *funks*, dos quais participam, com algumas diferenças e particularidades que não surgiram no relato anterior.

T: Rola muita briga nos bailes.

Eu: Tem formas de promover uma briga num baile *funk*?

R: Existem. Também, música também... Mas existem outras.

N: Sempre teve isso.

Eu: Mas ainda tem de corredor?

N: Corredor não.

Eu: Não? Então como pode dar uma briga num baile *funk*? Uma briga assim... De farra, de adrenalina, sem ser pessoal.

T: Pô, você está doidão, você está muito louco, está dando um rolê e nêgo te bate: “Que isso?”. Aí já começa uma discussão, discussão, sai porrada, quando você vê já está estalando, aí a roda abre no baile.

Eu: Mas pode ser uma promovida por alguém? Por exemplo...

T: Você vê o “caô”... Vou te dar um exemplo...

Eu: Pode falar.

T: Vou te dar um exemplo, tem um cara aí, que chamam ele de Cabide... não sei se você já ouviu falar? O baile dele sempre dá briga.

M: Por que ele gosta?

T: Porque chega uma hora do baile, ele fala assim com os seguranças: “Seguranças, deixa os garotos brincarem. Dez minutinhos para eles”.

Eu: É isso que eu estou perguntando, a brincadeira.

R: É. Dez minutinhos para eles. Aí os seguranças ficam dez minutos sem separar briga, aí os caras começam a brigar...

Eu: Mas aí, como é que rola essa briga? Como? Dez minutos... Brigar como? Tem que ter alguma coisa antes?

N: A porrada pegando. Aí a porrada pega. Por exemplo...

Eu: Quem briga com quem?

N: Por exemplo, o cara tem tumulto com o bairro do K...

Eu: Ele já vai lá?

N: Nessa hora os dois já tampam na porrada.

T: Ou se não, vamos colocar... Pô, a gente tá de bloco, uns quinze “moleques”. A gente vai se sentir os reis, está de quinze “moleques”, está de muita gente... Então a gente vai pular no que tiver ali.

R: É.

Eu: Já tem um clima para briga, é isso?

T: É. O clima.

Eu: Quando ele fala dez minutos para brigar...

T: Aí a porrada vai pegar. Você já entra... Você vê só garrafa voando e porrada pegando.
 Eu: E depois? Volta o som?
 N: Depois volta ao normal.
 R: Tem uns que continuam, tem uns que tiram, tem uns que voltam...
 N - Na hora que é para parar os seguranças entram, porque parar, ninguém quer parar não.
 Eu: Os seguranças dão conta disso?
 N: Dão. É muito segurança.
 Eu: Muitos? Mas são muitos jovens também?
 N: Dá. É muito segurança.
 Eu: Onde é esse baile?
 T: É onde ele faz. Ele já fez no Turunas ali...
 Eu: Ah, ele transita. É isso?
 T: Ele faz muito no Tupi, no Olímpicos....
 Eu: Vocês já sabem que esse MC então, é diferente?
 R: É. Só que esse aí, no caso, ele é DJ.
 Eu: DJ? Ah, tá.
 R: É, DJ. Tipo assim, você está aqui, eu estou aqui, deixa a porrada pegar. Vou encostar no canto e deixar a porrada pegar.
 T: É. Se me encostar, eu vou tampar também.
 Eu: Ah, tá. Você pode não entrar, né.
 T: Eu posso não entrar. Hoje em dia eu não curto isso não, mas se nego quiser me acertar... Aí porrada vai pegar para ele também, entendeu?

Nas conversas em campo, os jovens costumam se referir às brigas que têm ocorrido nos bailes atualmente, brigas de “fortalecimento” e provocação pelas danças, citadas anteriormente. Dizem que as brigas nos bailes são muitas e algumas são promovidas pelos MCs ou DJs. Um dos jovens me corrige quando falo exclusivamente da participação dos MCs no comando das brigas e diz se referir a um DJ conhecido dos jovens, pelo tipo de briga que promove nos bailes. Nos seus eventos, ele pede um tempo, liberto de qualquer repressão, aos seguranças para os jovens se divertirem. Os seguranças atendem ao pedido, se afastam e retornam mais tarde para restabelecer a ordem quando o tempo destinado às brigas se esgotou ou quando sentem necessidade. Questionei, na entrevista, que deveria haver dificuldades para os seguranças reestabelecerem a ordem, mas não é isso o que me dizem os rapazes. Relatam que os seguranças conseguem controlar porque são muitos. Questionei ainda a informação de que o término das brigas ocorre porque existe um grande número de seguranças a partir do cenário instalado de difícil controle nos bailes.

O espaço em que se realiza costuma abrigar um número grande de jovens e quando ocorrem as brigas elas acontecem nos mesmos espaços nos quais estavam sendo compartilhados. Os grupos não ficam separados, mesmo que fiquem mais próximos aos amigos de seus bairros de origem, ficam em espaço comum a todos os grupos nos bailes. Essa

organização difere dos eventos que aconteciam nos bailes de corredor⁶⁶, onde os grupos de jovens considerados rivais ficavam separados, por lados, deixando um espaço vazio no baile entre os grupos, que era chamado de corredor. Em alguns momentos os grupos se tocavam e brigavam, os seguranças lidavam com a situação, permitindo, separando e deixando novamente o corredor livre. Pela delimitação dos espaços, era mais fácil para os seguranças separarem os rapazes nos momentos que queriam ou naqueles em que as brigas começavam a fugir ao controle. A dinâmica da vida social, com suas elaborações e reelaborações de sentido, revela as brigas consensuais nos bailes, onde a proposta atual é a de deixar a molecada se divertir, brigando no mesmo espaço. Práticas que acontecem quando os sujeitos evidenciam uma reinvenção dos enfrentamentos nos bailes, uma outra forma para o seu surgimento no baile *funk*, como uma atualização criativa, distanciando-se dos conhecidos bailes de corredor.

O término das brigas relatadas pelos pesquisados ocorre porque existe um tempo consensual e acordado entre os sujeitos para a duração delas. Os envolvidos conhecem esse tempo, nele há um acordo de que participam DJs, MCs, jovens e seguranças para que os excessos dos dez minutinhos de frouxidão e “porradaria” no baile aconteçam e tenham a hora certa de parar. A hora é no momento em que os seguranças entram e voltam a ser respeitados. Os jovens não questionam a posição dos seguranças. A entrada deles simboliza a autoridade. A rapaziada sabe de que forma eles fazem parte do jogo, ou seja, qual é o lugar social desses sujeitos. Nos eventos, é permitido que alguns rapazes que foram retirados pelos seguranças possam voltar ao baile. Dizem que “o baile segue normal depois da porrada”. Mostram com essa fala o acordo e a cumplicidade dos MCs, DJs, jovens e seguranças para o cumprimento desses momentos de prazer, risco, excitação e volta à ordem. Uma conciliação de coisas que, a princípio, parecem ser irreconciliáveis. Os bailes em que os DJs e os MCs “fortalecem” os grupos de jovens rivais e os outros, nos quais os mesmos sujeitos pedem dez minutinhos para a molecada se divertir, mostram novos sentidos e ressignificações dessas práticas de rivalidades e diversão nos bailes pelas experiências vividas e acordadas entre eles. Uma representação simbólica que envolve emoção, aventura, excitação e medo.

5.9 O espírito de vencedor

Existe afinidade e reconhecimento do valor que as brigas e os enfrentamentos têm entre os jovens pesquisados. Algumas vezes, desse valor vem a vontade que existe de brigar

⁶⁶ Os bailes de corredor podem ser vistos com mais aprofundamento em “Festa como perspectiva e em perspectiva”. AMARAL, Rita. In: AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Orgs.), 2012.

antes mesmo de que possa haver um motivo para isso, ou mesmo que precise haver um motivo. Brigar dá “moral” individualmente e aos grupos, dizem isso com frequência. Moral que coloca o jovem ou o grupo pesquisado em um lugar social de respeito que lhes agrada estar. Algumas vezes ouvi histórias contadas das saídas em noites anteriores, de quando encontravam com outros rapazes e rolava “porradaria” nas ruas ao voltar para casa. Que brigaram pelo prazer.

Eu: O que acontece quando um grupo “de montão” encontra com outro também “de montão”?

T: Nossa, é muito difícil, muito difícil a porrada não pegá.

Eu: Por que é muito difícil? O que acontece quando um grupo vê o outro?

T: É prazer! É uma coisa que estimula. Sempre tem um que gosta. Muitas das vezes você pensa não quero brigar, mas você não fala pros cara. Mas tem um abusadinho que estimula. Aí você pensa, eu vou! Nossa, se eu não for a gente vai tomar um prejuízo, tem mais deles e tal e tal. A partir do primeiro chute, do momento que tomou, parece que não é mais você que tá ali.

Eu: Parece que não é você, por quê?

T: Porque você esquece que não queria brigar mais, te dá uma sensação, você quer dá um prejuízo nos outro, vai no chão. Você fica cego, é o prazer daquela briga.

As saídas “de montão” são práticas que podem se definir pelos encontros dos grupos onde costumam ocorrer brigas, são momentos nos quais os jovens particularizam suas formas de vida, marcando-as com referenciais simbólicos e lhes trazem sentido e reconhecimento, como a determinação ou a excitação contida na vontade e no prazer de se enfrentarem. São sentidos que constroem práticas de identificação e legitimação, tipicamente juvenis, revelando o que os jovens têm em comum e de proximidades em suas realizações. Os jovens se aproximam de seus grupos de pares, diferenciando-se dos demais sujeitos não participantes dessas vivências. As práticas de rivalidades são entendidas na relação com o contexto social de que os jovens fazem parte, conforme apresentado no primeiro capítulo deste estudo, com as especificidades das relações vividas e compartilhadas entre eles.

Como no depoimento acima, e em diversos momentos em nossas conversas em campo sobre os encontros dos grupos de jovens “de montão”, percebo a existência de uma vivência prazerosa pela excitação antecipada, experimentadas pelos jovens ao se imaginarem “tampando”. Eles sabem por experiências vividas antes que o prazer nas brigas pode ser intenso, há forte excitação desde os momentos que as antecedem, por saber o que se pode viver mais à frente. A experiência é dupla, presente no que antecede e no que está por vir, envolta em um misto de imaginário e de realidade. E tem pela excitação e pelo prazer um forte apelo para se realizar. Segundo Elias e Dunning (1992, p. 71):

Perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria são produzidos e possivelmente resolvidos no quadro dos divertimentos. Diferentes estados de espíritos são evocados e talvez colocados em contraste, como a angústia e a exaltação, a agitação e a paz de espírito. Deste modo, os sentimentos dinamizados numa situação imaginária de uma atividade humana de lazer têm afinidades com os que são desencadeados em situações reais da vida – e isso que a expressão “mimética” indica –, mas o último está associado aos riscos e perigos sem fim da frágil vida humana, enquanto o primeiro sustenta, momentaneamente, o fardo de riscos e de ameaças, grandes e pequenas, que rodeia a existência humana.

Alguns jovens se sentem com o espírito de vencedor, posição e reconhecimento apenas para alguns.

Eu: Quê que é o espírito de vencedor? É ser um líder?

K: Ah, é uma coisa que vem desde a infância, você vem desde pequeno. Sempre tem aquele que vai, pô, que é um líder aqui. Não, não é. A gente não chama de líder aqui. A gente fala, pô, ele puxa o “bonde”! É uma coisa igual eu, eu sou um cara que, pô, não uso droga, é uma coisa muito difícil eu fazer as coisa errada, então os cara me respeita pra caramba.

Eu: Como é isso de respeito e puxar o “bonde”?

K: Eu sou um cara responsa. Pode ter vários cara igual eu, mas se eu chegar na roda, e falar que eu quero droga, os cara fala: vai comprar, não dou. Os cara não iam me dar, pô! Os cara não querem isso pra mim. Pô, eu sou um cara que não vacilo na roda, é igual atitude. Pô, os cara que usa tem responsa também, mas faz muita coisa errada.

Eu: Entendi.

K: É difícil eu vacilar na roda. Igual o papo que eu dá, os cara sabe.

Eu: O que é vacilar na roda?

K: Tem uns vacilo aí né, Mariza. O cara usa muita droga, aí dá uns vacilo, igual a partir do momento que o cara tá drogadão, nossa! Ele fica muito chato! Ele fica insuportável! Muda muito.

Eu: O cara que puxa o “bonde” não vacila na roda?

K: Então você se sente um pouco superior, não que a gente é mais que o cara, mas você se sente superior. Você se sente um pouco mais forte no meio da rapaziada. Você se sente.

Eu: Como se sente quem puxa o “bonde”?

K: Coragem. Aumenta a minha coragem. Igual quando a gente vai brigar eu sempre vou na frente porque eu vou dar o primeiro. Já vai na frente você sabe que vai dar o primeiro e pode toma muito. Igual a coragem e a responsabilidade. Tem que ser esperto, entendeu?

Eu: É o risco que você corre. Mas e isso de deixa que eu vou dar o primeiro?

K: Tem. O PD gosta muito, meio que na briga ele gosta de puxar. Ou é eu ou é ele ou é o CH daqui da rapaziada. A gente já sabe. A gente já fala: Não! Deixa! Deixa! Hoje sou que vai puxá! Aí já vai andando na frente. Aí vai geral atrás.

A imagem descrita pelo jovem ao sair à frente do grupo mostra sua posição de liderança na relação com os demais. Esse jovem que sente e mostra ao grupo o espírito de

vencedor não faz parte da categoria dos “tchum-tchás”, tão valiosa para os enfrentamentos nas saídas “de montão”. O jovem que vai à frente faz a diferença por possuir o seu respeito⁶⁷ pela fama que conquistou por ser amigo de confiança do grupo, ou como dizem os rapazes por ser “amigo fechado”; por ser um jovem considerado “cria” do morro e por ter dois familiares respeitados no bairro, no caso, homens envolvidos com questões de criminalidade. O evento de liderança narrado pelo jovem faz parte das experiências vividas pelos jovens amigos e compartilhadas através das socialidades, como na “roda”, que vão acontecendo como a valorização criada entre eles. A roda é o lugar de os amigos do bairro se juntar, resenhar e “zoar”. As experiências que vivem não estão dissociadas de seus modos de pensar, de agir e de ser. A “galera” do Mundo Novo mantém a construção e a importância da lealdade, da marra, da “ostentação”, da competência na roda, dentre outras questões que são priorizadas e cuidadas pelo grupo pesquisado.

5.10 O “homem-homem” do Mundo Novo

Ouvi da maioria dos rapazes que eles gostam de brigar, dá prazer, é alegre brigar, é “adrenalina”. A prática mostra a energia e a valentia que possuem, não sabem o motivo, como disse anteriormente, mas reconhecem que é bom brigar. Vários rapazes diziam que estariam mentindo para mim se dissessem que brigar não é bom. Além da satisfação em brigar nas ruas com os grupos de outros bairros, há, algumas vezes, as brigas entre amigos, depois das “peladinhas”. Alguém sugere “vamo tampá” e acontece de brincarem de brigar. A vivência de brigar de brincadeira costuma ocorrer entre os jovens depois do futebol e, segundo eles, permite ampliar a “adrenalina” após o jogo, potencializam a diversão do encontro proposto para o futebol com a excitação no prazer de brigar. São momentos que fazem parte do culto à sensação de experimentar pela adrenalina multiplicada: o jogo e a briga ampliam a excitação entre os jovens.

Nas brigas entre amigos, existe a preocupação em manter um “conceito” que vem das gerações anteriores; quem quer tê-lo precisa “correr atrás”, principalmente, pelas condutas que realiza, não vem de graça. Esse “conceito” foi e é construído no morro e a rapaziada quer mantê-lo. Algumas condutas, como mordidas, não são bem aceitas nas brigas, principalmente, entre amigos, elas não fazem parte da construção do “conceito”, desmoralizam os rapazes. Não é coisa de homem, morder, não é um recurso que possa ser aceito e fazer parte das brigas.

⁶⁷ Valor considerado entre os jovens e discutido no capítulo 2 desta tese.

Uma vez, um dos jovens apontou o corpo marcado de um amigo que está entre eles para me explicar como o “conceito” adquirido no morro se reflete no corpo. As marcas são construídas, por exemplo, nas quedas e nas brigas entre homens que se machucam e ficam marcados. Existem marcas que valorizam os momentos de brigas entre a rapaziada do Mundo Novo, as marcas deixadas por mordidas são vergonhosas. A partir disso entendo a imagem da marca associada ao que ele me diz sobre a formação do “conceito” no morro. As marcas na pele construídas na infância entre os amigos no morro revelam vivências prazerosas e reconhecidas pelo grupo como cair e brigar, mas a briga tem que ser reconhecida como prática de homem.

As práticas juvenis de rivalidades entre os jovens envolvem valores e normas subjetivas e relacionais ao meio social com o qual os rapazes interagem, onde a construção da masculinidade se faz presente e participa delas. As meninas também fazem parte dessas vivências. Não fiz entrevistas com elas, conforme expliquei na introdução desta tese, mas conversei com algumas e pude observar seus envolvimento e movimentos na vida dos jovens nas ruas do bairro e nas falas deles comigo. Perguntei aos rapazes por que elas não vão com eles nas saídas nos grupos quando o “intuito” é mostrar força nas ruas. Todos me disseram que elas atrapalhariam. Segundo eles, já ocorreram situações em que elas “atrasaram” o lado deles, por não conseguirem correr tão rápido quanto eles ou por não terem a força masculina necessária para um confronto físico. Caso elas se envolvessem nas brigas junto com eles, os confrontos poderiam se tornar ainda mais complexos, os jovens dizem que teriam mais coisas com que se preocupar, como defendê-las. Dizem, que quando um grupo rival pega uma menina que está com eles, “esculacham”. Batem sem considerar que são mulheres, o grupo diz que não pode deixar isso acontecer, teriam que responder com força.

As saídas em “galeras”, “bondes” ou “ganguês” podem, algumas vezes, incluir o uso de armas de fogo ou de facas. Ter armas e falar sobre elas foi algo que se deu com frequência pelos rapazes, havia uma naturalização de seus usos e a evidência da facilidade em obtê-las no morro. As armas podem mudar os confrontos, definir e encerrar uma briga, por desistência, por medo ou por ferimentos e mortes. Se a polícia aparecer, os rapazes vão presos caso estejam “portando”, como dizem quando andam com armas. A não ser que obtenham êxito na estratégia que, algumas vezes, realizam e envolve a ajuda das meninas nos eventos. A participação delas importa para “aliviar o flagrante”, como dizem. À certa distância, o mesmo que ficar de “escama”, acompanham o trajeto e a movimentação dos rapazes sem estar dentro do grupo, sem chamar a atenção. Assim, algumas vezes, as meninas dão apoio aos “bondes” pela possibilidade de ajudar a esconder uma arma, no caso de uma revista policial. Nessa

forma de participação os rapazes gostam de incluí-las. Não tenho dados de entrevistas realizadas diretamente com as meninas, como já disse, mas a presença delas ajudou a compreender a construção da masculinidade do grupo pesquisado e completou dados deste estudo. Como o fato de mostrar que elas não poderiam ser deixadas para trás em uma briga e eles terem que demonstrar apoio e força, evidenciando a presença masculina protetora.

A rapaziada mostra uma masculinidade específica que se refere ao contexto de que trato. Como disse, anteriormente, são jovens, em sua maioria, negros, com corpos definidos pela prática do futebol e das danças, que gostam de exibi-los bem cuidados, muitas vezes sem camisa, que se preocupam em manter o “estilo diferenciado” e têm “disposição” para aguentar ao “tampar”. Segundo um dos jovens são “homem-homem”.

PR: É. Chorar também eu nunca chorei, não. Sou “homem-homem”.

Eu: Posso fazer uma última pergunta?

PR: Pode.

Eu: Homem tem que aguentar? A dor? As coisas? Tem que ser “homem-homem”?

PR: É, homem tem que ser forte.

Eu: Por quê?

PR: Ah, porque homem... Poxa, é mesmo. Porque o homem tem que ser forte?

Eu: Por quê? Tô te perguntando por que vi que você aguenta aí o tranco.

PR: Já corri... Já.

Eu: Mas normalmente se enfrenta?

PR: É. Primeiro a gente fica.

Eu: Para ver se aguenta?

PR: Quando vê que não dá: “não dá, vão bora”.

Eu: E vai todo mundo junto?

PR: É. Pô!

Eu: Eu vejo que rola um pouco isso aqui, né? De, assim, entre vocês, dos meninos, de aguentar bastante coisa.

PR: Poxa, cara. Essa eu não tenho resposta pra essa pergunta de por que ter que ser forte.

Eu: Não precisa ter resposta. Eu acho que é mais uma coisa que eu pensei, entendeu? Assim, de achar que você, né, aguenta bem.

PR: Aham. É, já passei bastante coisa, né? É isso que você, eu acho, tá querendo dizer.

Eu: É, acho que é isso que estou querendo dizer, né?

PR: É. É mesmo, o homem tem que ser forte pra aguentar.

Eu: Você se sente mais forte como homem? Que as mulheres, por exemplo?

PR: Ah, isso sim.

Eu: Por que, por exemplo...

PR: Mas a RA é mais... A RA chega mais.

Eu: O que é isso?

PR: A RA é mais dura na queda, acho. A RA manda mais em casa.

Eu: Manda mais?

PR: É.

Eu: Firme?

PR: Eu sou “homem-homem”. Mas a RA é mulher, mãe, mas a RA tem a voz mais ativa ali na casa dela.

Eu: O que é ser “homem-homem”? É não deixar de ser homem pra... Numa briga, deixar para trás alguém?

PR: Eu não. Eu não deixo não.

Eu: E se tiver que morrer? E se tiver risco de vida?

PR: Ah, mas eu acho que eu vou tá com o cara.

Eu: Como é que é?

PR: Eu vou tá com o cara ali, lado a lado com ele. Eu vou tá junto com ele na hora do desenrolo. Se o cara vir com um revólver...

Eu: E aí?

PR: Eu vou sair voado.

Eu: E o cara?

PR: Pô, vamo correr junto. É, um ditado, como é que é?

Eu: Vai puxar o cara junto.

PR: Um ditado que um cara, eu ouvi falar um cara, não sei quem falou. É, foi em um filme. Gigantes de aço, já viu? Gigantes de aço? Que é o pai e o filho que luta com um robozinho.

Eu: Não. Vou ver.

PR: O robozinho é meio fraco, fraquinho mesmo, mais que o adversário dele. Mas o robozinho, ele é duro na queda, aí o cara fala: “a gente vai apanhar”, não, “a gente vai cair, mas a gente vai cair batendo”. Eu acho que é mais ou menos isso. A gente vai enfrentar o negócio, mas a gente vai enfrentar, vai, “ó, quando não dá nós vai correr”. Acho que é isso, cara.

Eu: PR, tu falou uma coisa super legal.

PR: Não sei, não sei. Até agora não ouvi nenhum barulho ali em cima não. (PR respondendo a pergunta de outra pessoa fora da entrevista)

Eu: Acho que tu respondeu o que eu te perguntei dessa força de ser homem, “a gente vai cair batendo”.

PR: É.

Eu: Eu acho que você fechou, assim, você explicou...

PR: A gente vai enfrentar o desafio, mas a gente sabe que o desafio é duro, mas a gente vai enfrentar.

Eu: Vai cair batendo.

PR: Vai cair batendo. É assim mesmo. Acho que é isso.

Eu: Eu acho que é isso também.

PR: A minha vida, resumindo, é isso aí. Mais ou menos, né? Tem coisa que eu não posso falar, mas... Fechou?

Eu: Fechou. Te agradeço muito, muito mesmo.

Inúmeras falas obtidas em campo se transformaram em imagens para mim, essa foi uma delas, a do robozinho que cai, mas cai batendo, resistindo. O filme “Gigantes de Aço” trata de uma época futura, na qual os lutadores de boxe são representados por robôs construídos com alta tecnologia e que os jogadores manipulam na hora das lutas nos ringues de boxes, como em uma partida de videogame, só que na presença física de personagens e jogadores. O robozinho é construído pelo pai e pelo filho, protagonistas de filme, com menos recursos, por isso o jovem fala que é fraquinho e é parceiro deles. O robozinho é manipulado pelos dois e os representa nas lutas, enfrentando robôs bem mais poderosos. A metáfora do robozinho e sua “fraqueza” que não desanima na hora do “desenrolo” se reporta ao que vi e

ouvi no morro, quando o jovem enfrenta com o parceiro, lado a lado, sem querer deixá-lo para trás. Principalmente nas questões que envolviam as brigas de grupos, vi a vontade de não desistir, de enfrentar, buscar caminhos para vencer, querer estar junto aos amigos com quem são “fechados”, mesmo quando veem que as coisas podem se complicar para o grupo. São práticas vividas e valorizadas pelos jovens que se veem como “homem-homem”, que dizem nunca chorar, que não se envolvem em algumas experiências femininas como mandar nas coisas de casa, por exemplo. O “homem-homem” é a categoria que mostra força, virilidade, energia, resistência em aguentar dores que são próprias aos machos, no sentido de viverem em suas práticas cotidianas experiências de uma masculinidade intensa e particular, de “crias” do morro. O “homem-homem” é o sujeito que tem que ser duro na queda, porque se, ou quando ela ocorrer, ele tem “disposição” para continuar batendo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONECTANDO OS ACONTECIMENTOS NO MUNDO NOVO

6.1 Acontecimentos como eventos significativos

Valeu Amigo

*Eu ouvi palavras ditas com carinho
 De que na vida ninguém é feliz sozinho
 E você é um alguém que sempre me fez bem
 Me protegeu e me tirou de todo perigo
 E quando eu precisei você chorou comigo
 Valeu por você existir, é tão bom te ter aqui
 Eu rezo e peço pra Deus cuidar
 A sua vida abençoar
 Vou correr por você até o fim
 Me quis tirar do mal, eu percebi
 Disse verdades que eu mereci
 Então pra sempre amigos, sim
 Se Deus quiser
 Vou ter você guardado no meu coração
 Até nos seus conselhos de irmão
 E é pra você que eu dedico essa canção
 Eu rezo e peço pra Deus cuidar, cuidar
 A sua vida abençoar, abençoar
 Vou correr por você até o fim
 Assim eu sei que pra você também
 Sou alguém que te faz tão bem
 Mais que amigo e irmão meu, valeu
 Eu rezo e peço pra Deus cuidar, cuidar
 A sua vida abençoar, abençoar
 Vou correr com você até o fim
 Assim eu sei que pra você também
 Sou alguém que te faz tão bem
 Mais que amigo e irmão meu, valeu
 Quando todos se forem, eu vou estar lá com você
 Amigos até depois do fim
 Valeu, amigo!
 (MC Pikeno e MC Menor)⁶⁸*

Nesta tese, discuti os acontecimentos construídos e vivenciados por um grupo de jovens e como esses eventos se encontram significativamente articulados às suas práticas cotidianas. Como na música acima, que a rapaziada me sugeriu apresentar para mostrar as relações de amizade que os envolvem, o grupo é formado por rapazes que são muito amigos – “amigos fechados”, como se reconhecem – e moram em um morro, de importante definição para o grupo, o bairro Mundo Novo, na cidade de Juiz de Fora. As práticas cotidianas do

⁶⁸ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pikeno-e-menor/valeu-amigo.html>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

grupo estão diretamente ligadas às suas vivências de socialidade e ao que passam a construir a partir delas. São jovens que valorizam as fortes relações de amizade que experimentam, tão fortes que consideram e denominam algumas delas, como discutirei à frente, de relações de “irmandade”.

Amizade ou irmandade são experiências vividas, que os motivam a construir uma multiplicidade de formas de expressão e de pertencimento. Como o estilo “diferenciado” para se mostrarem “mandados” e se diferenciarem de outros grupos de jovens da cidade; ou como as práticas de rivalidades com grupos considerados rivais para viverem momentos de divertimento, poder e excitação. Discuto aqui os acontecimentos vividos pelos pesquisados, partindo da complexidade desse intenso valor de adesão ao grupo de amigos e das diferenças valorizadas no jeito de ser que constroem juntos.

Os pesquisados participam de vários acontecimentos que envolvem a construção de experiências subjetivas e intersubjetivas e são pensados como eventos construídos e significados pelos jovens. De importante presença em suas vidas, os mobilizam e os fazem preencher, expressivamente, seus tempos entre os amigos e os espaços que costumam frequentar. Como na “roda” para as “resenhas” e “zoadas”, na barbearia para os cuidados com a aparência, nos ensaios do passinho e nas saídas organizando uma “tropa” ou os grupos “de montão” – estes últimos quando querem demonstrar as rivalidades existentes com os grupos de jovens de outros bairros que são vistos como rivais.

Os acontecimentos observados em campo, além de permitirem reflexões sobre as práticas juvenis cotidianas e particulares que os constituem, possuem, dentre outros aspectos que serão discutidos, diversidades internas. Serão articuladas questões de pertencimento que podem ser observadas a partir da consideração etária, de classe, geracional e social que singulariza as experiências dos pesquisados.

A classe social menos favorecida a que os jovens do Mundo Novo pertencem exerce influência, e não determinação, em relação ao tempo da juventude vivido e às experiências que escolhem, realizam e compartilham com o grupo de amigos. São jovens pobres e negros que buscam práticas que os unem, os valorizem, os diferenciem e lhes deem prazer, como inúmeras delas que, conforme os dados obtidos em campo, foram descritas e refletidas no decorrer desta tese, em capítulos anteriores.

Os pesquisados elaboram e compartilham um jeito próprio de viver os acontecimentos que vi se realizarem entre eles, com múltiplas elaborações e reelaborações em suas práticas cotidianas e que se tornam produtoras de singularidades. Com isso, marcam uma tensão que inclui reconhecimento e pertencimento à “condição juvenil” vivenciada (DAYRELL, 2007).

Vista assim, como a maneira do grupo pesquisado viver suas práticas cotidianas e utilizar seus pertencimentos sociais.

Discuto, neste capítulo conclusivo, os acontecimentos que vi serem os de maior importância na vida da rapaziada, que são os vinculados ao investimento e esforço em construir e manter as fortes relações de amizade entre eles. Experiências que ocupam lugar central em suas vivências e ocorrem por um estar junto dos amigos, que passa por um querer individual e coletivo, dá suporte e influência às práticas de grupo. A socialidade praticada pelas experiências de amizade mobiliza e entusiasma a elaboração, juntos, por exemplo, da “ginga” mais ou menos marcada ao andar, das danças que tendem a constantemente se renovar e das vivências, com divertimento e excitação, que compreendem o “tampar”, perigosa e prazerosamente vivido nas ruas pelas práticas de rivalidades entre os grupos “de fora” com os quais os pesquisados interagem. Ou ainda do “estilo diferenciado”, eleito como a maneira de se organizar e prestigiar o grupo com empenho constante pela busca por algo novo; ou a experiência de um dos lazeres, na maior parte das vezes praticado nos bailes *funks*, e da linguagem, muitas vezes, codificada.

Revelou-se em campo, inúmeras vezes, o uso pelos jovens de uma linguagem cotidiana formada por signos convencionais com outras apropriações ou signos utilizados por eles que são retirados das músicas do *funk* e do passinho. Algumas vezes, precisei pedir que me explicassem o que diziam, porque só os que fazem parte do grupo de jovens podia entender o sentido daquilo que expressavam. O uso desses termos se realizava entre eles, tanto nas interações físicas quanto nas postagens das redes sociais. Com isso, reforçam o processo de reconhecimento pela participação simbólica, onde identificam coisas que compartilham por entendimentos construídos e apropriados anteriormente. A ação dos jovens sobre a linguagem mostra o deslocamento e a força criativa trabalhada na linguagem convencional, além das interessantes apropriações dos termos dos estilos musicais citados, que são contextualizados em suas experiências cotidianas entre os amigos. A atividade linguística como construção da vida social, onde as ações na linguagem tornam-se expressões sociais e culturais, participando da construção de práticas que representam e unem esses jovens. Por elaborações e reelaborações na linguagem, os jovens em suas vivências cotidianas mobilizam seus comportamentos nas descrições, dando sentido e pertencendo à realidade social em que vivem.

As relações nas amizades tornam possíveis aos pesquisados a participação na construção de valores, nas maneiras de se conduzir e de ser, nas escolhas, nos estilos e nos gostos. Através delas, a rapaziada do Mundo Novo vive experiências criativas, de

pertencimento, reconhecimento e diferenciação, dando um caráter especial a essa convivência, construindo um estilo singular de ser jovem. “É nesse jogo de multiplicidade de estilos que eles vão compondo imagens e, através das próprias imagens, possibilitando a produção de significantes de diferenças” (DIÓGENES, 1998, p. 28). Por exemplo, os acontecimentos que envolvem a dança, uma prática recorrente de união no grupo, constituem-se como referencial cultural e de socialidade. Pelos movimentos do passinho, estilo musical que transcende o *funk*⁶⁹ e é o preferido dos pesquisados, caracterizam-se um dos principais aspectos identitários e relacionais do grupo. Como disse anteriormente, muito do que falam entre os amigos nas ruas e nas postagens no *Facebook* vem das letras do passinho e do *funk*. Os vídeos com as letras e as *performances* dos dançarinos do passinho, que os jovens costumam assistir no *YouTube*, influenciam os gestos, os estilos das roupas e os comportamentos dos rapazes.

As relações entre os amigos do bairro Mundo Novo são a matéria prima que os levam à construção dessas vivências de subjetividade e de grupo, organizando valores, normas e atividades entre os rapazes. Em um processo no qual essas relações estão sempre se fazendo, refazendo e conectando as subjetividades e a vida social em um movimento articulado e relacional.

O grupo vive desigualdades sociais e ausências públicas que geram, muitas vezes, condições insuficientes e precárias em suas práticas cotidianas. Nesse cenário, os rapazes não optam pela passividade, investem em práticas que os movimentam na direção de realizações, diferenciações e de criatividades juvenis, que se constroem por proximidades e parcerias entre os pesquisados. Em um contexto marcado por fragilidades institucionais, evidenciam formas de participação social juvenis, por uma postura baseada na busca pelo novo, pelas criações e experimentações.

Os rapazes caracterizam seus jeitos de ser ao fazer escolhas especificamente juvenis, nas quais tentam superar por essas realizações e movimentos criativos a monotonia de um cotidiano marcado por faltas. Ouvi de vários jovens que a percepção e a vivência de precariedade que costumam experimentar os fazem criar estratégias, tentar suprir as reconhecidas ausências do lazer pelos encontros espontâneos e animados nas ruas, os pagodinhos nas calçadas ou os “furduncinhos” que organizam e, normalmente, se estendem por todo o fim de semana. Os rapazes costumavam dizer que são pobres, mas não querem morrer nesta condição, correm atrás de uma vida melhor. Vários deles não se veem motivados a buscá-la nas relações com a escola. Há inúmeras desistências e desconhecimentos dos

⁶⁹ Conforme apresentei no capítulo 3 desta tese.

jovens nos valores da instituição, quanto a lhes dar prazer e uma vida melhor. As relações com o trabalho são, na maior parte delas, inconstantes. Só um jovem, o rapaz que me ajudou na entrada em campo, se manteve no trabalho como balconista em uma loja de material elétrico durante a pesquisa. Ele tenta se manter no emprego por condições econômicas, mas pensa, com frequência, em sair; disse-me que sonha em fazer Engenharia Civil, mas sabe que não tem base, nem dinheiro para uma escola particular que o prepare e ainda precisa terminar o Ensino Médio. Pediu-me que o ajudasse com aulas particulares para esse fim. Falei que esperasse e fosse estudando, porque pretendo me organizar, vendo em que conteúdos posso ajudá-lo, um local apropriado, a fim de atender o seu pedido, após a pesquisa.

Alguns pesquisados gostam de pensar em vencer por aquilo que pode lhes dar prazer e ao mesmo tempo buscar condições melhores de vida. Essa proposta marca importantes acontecimentos em suas vidas. PD formou um grupo de dança junto com alguns jovens do bairro, o PBDD; a primeira letra é a inicial do seu nome, as outras são as iniciais do termo “Bloco das Dancinha”. Eles investem diariamente na dança, com treinos intensos e lançamentos constantes de vídeos inéditos nas mídias sociais que frequentam. Incluem novidades em passos, em recursos tecnológicos e na alternância entre locais da cidade onde as gravações acontecem. Enquanto estive em campo, as gravações se limitavam aos locais do bairro. P tem realizado processos de seleção, com inscrição e avaliação de novos dançarinos, para que possa verificar se esses jovens têm habilidade para entrar no PBDD. Depois que saí de campo, recebi vídeos dos rapazes com novos participantes, inclusive em um deles fazia parte da dança uma criança e em outro uma jovem, evidenciando a entrada de participantes de outras categorias e do sexo feminino. Esse fato não aconteceu enquanto eu estava em campo, época na qual o grupo de dança era exclusivamente formado por rapazes. O caráter inovador é uma evidência no PBDD e em várias práticas dos pesquisados. Vou discuti-lo depois neste capítulo.

Os sonhos e as experiências de realização profissional envolvem o grupo, servindo ao propósito de estar junto no presente e manter-se junto no futuro. Os rapazes realizam vivências que valorizam estar com o grupo de amigos, querem fazer parte da rapaziada, realizando práticas que lhes sejam relevantes e “produtivas”; aqui, me refiro às práticas de um trabalho prazeroso que os mantêm envolvidos e unidos. Querem se sentir incluídos e saber que podem, nesta inclusão, construir práticas coletivas, coerentes com seus propósitos.

O jovem barbeiro diz que quer ter seu negócio próprio, sem que precise se submeter a horários rígidos e a tarefas que não o interessam e o constroem. Segundo ele, quando trabalhou no comércio sofria humilhações de alguns clientes. Nos serviços na barbearia

procura se atualizar, trazendo outras possibilidades criativas ao seu trabalho, inventando novos estilos nos cortes, nas tinturas e nos tratamentos nos cabelos dos amigos, que são sua maior clientela. Poucas vezes vi jovens de fora do morro marcando horário ou cortando cabelos por lá. Um dos jovens do grupo estava iniciando a prática do corte para ajudar esse amigo barbeiro e planejavam abrir uma barbearia fora do local atual, que é onde um deles mora. Querem ter algo mais comercial, com mais recursos e retornos. Nessas investidas profissionais exemplificadas, as atividades tendem a incluir os amigos próximos na busca de algo melhor para suas vidas.

No percurso de quase dois anos em que estive em campo, ficou evidente a maneira como os jovens consideram as amizades, como é importante para o grupo ter e manter relações com quem gostam de estar. Existe consistência e força identitária nas amizades. Com o grupo pesquisado, a dimensão do que é ser amigo configura-se como uma prática de grande importância e sentido nessa consideração, onde as relações “de cria” são construídas desde a infância e o valor deste estar junto é determinante e particular. Símbolo de reconhecimento e pertencimento no grupo. Símbolo de diferenciação e afastamento de outros grupos.

Diversos caminhos que percorri nesta investigação me levaram a reconhecer e problematizar, nesta conclusão, os fortes laços de amizade que unem o grupo pesquisado e que se destacaram de forma recorrente. Laços construídos por relações de vizinhança e momentos vividos a partir delas, no morro. São laços que não são desatados quando os jovens saem desses espaços, em grupo, para outros locais da cidade. Podem até se ampliar, caso precisem de algum “fortalecimento” se, por acaso, encontrarem algum jovem ou grupo considerado rival pelas ruas. Pode ser que seja ocasião de arriscar a vida em uma briga para ajudar um amigo que é “cria” e “fechado”, como já ocorreu e discuti em detalhes no capítulo 2 deste estudo.

Sair do Mundo Novo oportuniza aos jovens viver possibilidades de outras práticas, como as lúdicas com amigos, nos bares ou nos bailes *funks*, que costumam frequentar. Nesses outros espaços, as saídas em grupo permitem aos amigos mostrar, fortalecer ou enfraquecer as fortes relações de amizade em momentos de parceria, prazer, risco e desafio que passam a vivenciar juntos nessas experiências. As saídas do Mundo Novo traçam rupturas com o espaço cotidiano, permitem exteriorizar as potencialidades do grupo de amigos, que pode ou não se afirmar em outros espaços. Para manter o “seu respeito” no morro, um “cria” não pode deixar de ser assim em outros espaços, existe uma preocupação de reponsabilidade entre os amigos e com os amigos. Com os valores construídos anteriormente no Mundo Novo, vivem novas experimentações em espaços, que não são desconhecidos, mas são menos

familiarizados. Os lugares na cidade são mais transitórios e imprevisíveis, abertos a novas possibilidades de vivências, mesmo que as práticas realizadas pelo grupo sejam, muitas vezes, conhecidas e escolhidas (HERSCHMANN, 2000).

As fortes alianças existentes nas amizades que unem o grupo e são vividas intensamente nas ruas do Mundo Novo são levadas para outros espaços, sem que deixem de ser intensas. Os relatos das saídas com os amigos para os bailes, para os bares ou para dar um “rolé” costumam incluir relatos cheios de detalhes e de experiências de prazer, de alegria, de energia, de excitação entre amigos que se sentem bem ao compartilhá-las. Pelos depoimentos e conversas com vários jovens, observo que gostam de expor nas ruas com o grupo de amigos a representação de uma imagem masculina construída e valorizada entre eles. Associada a jovens que não descuidam da aparência, que dizem que se sentem mais felizes e fortes quando estão juntos, que se preocupam em se mostrar viris, corajosos e leais com os amigos. Experiências vividas e divididas entre eles que abrangem práticas sociais e culturais pela “possibilidade de expressão, produção, sociabilidade e inserção social para esses sujeitos” (GOMES, 2004, p. 7).

Os rapazes se sentem atuantes e comprometidos com os seus pares ao se envolverem nessas experiências. Mostram que acreditam serem escolhas que tendem a posicioná-los de maneira positiva em espaços urbanos nos quais se sentem, muitas vezes, segregados. Para o grupo, ser um “moleque da rapaziada do Mundo Novo”, como dizem, tem um valor de reconhecimento essencial, que promove a confiança e a autoestima diante de si e diante do grupo. Evidência que está relacionada à realidade de jovens negros, pobres e que vivem em um bairro considerado de periferia na cidade; vivência que, dentre outras, contribui para as particularidades discutidas sobre a condição juvenil dos jovens e das experiências que manifestam. Ampliar o enfoque revela que as experiências juvenis manifestam-se de maneira desigual entre os jovens ao considerar o lugar social ocupado, as questões de gênero, de raça, de geração, de espaço e de estilo (FEIXA, 1999). Contextualizo a discussão ao pensar em que condições da existência eles vivem e como as diferentes articulações são significativamente relacionais ao grupo.

Existe proximidade entre o grupo pesquisado e as reflexões de Pais (1993; 2006), Dayrell (2007) e Dubet (1996) sobre as questões de identificação e pertencimento juvenis que envolvem recorrência, heterogeneidade e prazer nas vivências de amizade entre os jovens. A maioria dos jovens, abordagem que varia de acordo com suas posições geográficas, com a classe social, com as questões de gênero e de etnia, participa de múltiplos grupos sociais, com peculiaridades que marcam suas vidas. Constroem suas relações, muitas vezes, em momentos

que se afastam de propostas e prescrições impositivas, não aceitando o que não faz sentido para eles. Dayrell (2007, p. 1110) chama essas construções de “mundo da cultura”, que “aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam uma identidade juvenil”. Colocação que dialoga junto à reflexão de Pais (2006, p. 18), quando diz que “a procura de contato é também uma busca de si, uma vez que as identidades individuais se constituem como resultado de experiências individuais, embora surgidas de ritualizações próprias de identidades coletivas”.

Semelhanças entre os jovens, como as citadas acima, não descaracterizam as experiências vividas pelo grupo pesquisado que se traduzem em vivê-las por solidariedades específicas. O valor das amizades entre os pesquisados acontece e pode ser vivido, por exemplo, nos tempos e nos espaços para a diversão, para as saídas para “pegar mulher”, como dizem, para viver as rivalidades, para o lazer e para a “zoeira”. Ou para compartilhar as dores dos relacionamentos afetivos complicados, como os “rolos”, conhecidos dos jovens, que só podem ser compartilhados com alguns amigos que são muito “fechados”; ou ainda as dores menos secretas como as das ausências de familiares e dos amigos presos ou mortos. Há ainda os sonhos, planos e realizações de futuro pensados em grupo, discutidos anteriormente, como o de ter uma vida profissional rentável economicamente. E nela contar com o prazer de poder trabalhar com os amigos, no que escolhem e no que gostam de fazer. É a experiência vivida de poder contar com o outro, a vivência do nosso. Querem viver o nós que separa o grupo dos outros.

6.2 A busca da “rapaziada” por novidades que os diferencie

Observei em campo, por investidas formais e informais, a atividade dinâmica perseguida pelo grupo para realizar suas experiências com criatividade e diferenciação constantes. Os acontecimentos criativos entre os jovens, que pude aprofundar pelas técnicas de pesquisa que utilizei, pelos dados obtidos e pelas análises realizadas, me envolveram, objetiva e subjetivamente, desde os momentos iniciais, quando tentava achar meios de entrar em campo e me tornar familiar e de confiança para um grupo de jovens, até uma das últimas entrevistas, quando comia biscoitos com um dos jovens, K, cuja casa me ofereceu e serviu de local para a realização da maior parte das entrevistas. Momentos nos quais eu refletia como seria difícil encerrar o campo, sem quase me lembrar das preocupações e dificuldades iniciais. Dificuldade pela relação de confiança e afetividade que se formou entre nós, e por observar

que a rapaziada constantemente se envolvia em algo novo, o que me fazia pensar em ficar mais um pouco com eles.

Mesmo quando percebi que era hora de encerrar, eu insistia em ir ao Mundo Novo, achava que sempre poderia conseguir um dado relevante e novo para a pesquisa, além do prazer em estar com os jovens e ouvir as suas novidades. As criações no Mundo Novo parecem que nunca podem parar. Continuei a recebê-las pelas mensagens e fotos via *Facebook*. Assim, mesmo tendo terminado meu tempo em campo, podia ver pelas fotos do grupo em eventos que continuam unidos, que os cabelos precisam ficar cada vez mais “mandados” ou que estão sempre procurando meios de inovar e “amassar” nas dancinhas, que é dar um show, nos movimentos do passinho.

O grupo tem um jeito de ser que se constitui pela adesão a práticas que escolhem e procuram construir de maneira inventiva. São eventos nos quais ressignificam experiências, procurando aproximações com diversidade, singularidade e inovação. Vários rapazes me disseram que eu poderia perguntar a outros jovens que os conhecessem se os “moleques” do Mundo Novo não são diferentes, se não são mais “mandados”. Referem-se aos jovens de outros bairros que vivem experiências próximas as do grupo, como o uso de marcas famosas, das experiências musicais ou do tipo de lazer que preferem.

Nessa busca em se diferenciar, “ser jovem significa mobilizar o espetáculo das diferenças” (DIÓGENES, 1998, p. 103), ultrapassam o espaço da cidade onde vivem, dizem não ter referências nas questões de estilo com Juiz de Fora. Os rapazes mostravam que se aproximam das vivências do Rio de Janeiro, como os bailes, os cortes de cabelo e as roupas dos jovens da cidade carioca. Ela é referência para suas escolhas e a forma de querer vivê-las. Segundo eles, essa aproximação é um dos motivos que os torna diferentes e mais estilosos que os jovens de outros bairros de Juiz de Fora. Além desses motivos citados pelos rapazes, há uma imagem formada pelo grupo de que o Rio de Janeiro tem mais autenticidade em suas elaborações, é mais representativo das práticas cotidianas que gostam de realizar. Alguns rapazes me diziam que se denominam “tropa”, principalmente, quando saem juntos, “no estilo diferenciado” para dançar ou “pegar mulher”, mas que “tropa” mesmo é só no Rio de Janeiro. Apontam com isso questionamentos como o valor e a percepção de se sentirem imitando um outro grupo de jovens, que é, para eles, socialmente mais valorizado quanto às práticas semelhantes de que ambos se aproximam. Para o grupo de Juiz de Fora, eles usam o termo, mas não podem se considerar uma “tropa de verdade”, porque isso só seria possível se vivessem no Rio de Janeiro. Segundo o grupo, lá é o local em que a “ostentação” praticada

para que a “tropa” seja realmente uma “tropa” é mais intensa e real. Para eles, o Rio de Janeiro, nos aspectos citados, tem um jeito de ser construído com mais autenticidade.

O grupo pesquisado faz parte de relações que dialogam com vivências fora do grupo e fora do bairro. Vários rapazes participam de eventos, na maior parte das vezes indo a bailes *funks* e viagens, principalmente, ao Rio de Janeiro, onde têm parentes e amigos. O que lhes dá outras interações. São jovens, saem, namoram, buscam e encontram outras relações na cidade em que vivem e fora dela. Além disso, possuem participação ativa nas redes sociais, observei isso mais especificamente pelo *Facebook*, rede virtual aberta a inúmeras e diversas possibilidades de interações. Por esses laços múltiplos, o grupo se abre para interações mais amplas, com outros sujeitos em outros locais, vistas pela liberdade que possuem em escolhê-las e pelas possibilidades que eventualmente possam surgir para vivê-las. Essa simultaneidade de acontecimentos observada encontra apoio em Carrano (2000), quando o autor trata das identidades culturais juvenis. Vejamos:

O processo de identificação ocorre num mundo de complexidade, possibilidades e de escolhas que se efetivam como adesão ou combate aos constrangimentos a que os sujeitos estão submetidos. O **eu** é relacional e móvel, se redefinindo continuamente como resposta a uma dinâmica social que exige uma multiplicidade de linguagens e relações para a produção das identidades (CARRANO, 2000, p. 124, grifo do autor).

A cidade carioca é vista como modelo para algumas práticas que os rapazes gostam de realizar e ressignificar, dizem tirar uma ideia com o que usam “os caras” do Rio de Janeiro, como os tipos de inovações realizadas nos cabelos, roupas e adereços. O grupo é movido pela influência de uma capital próxima, de um lugar que, segundo o grupo, tem mais visibilidade e reconhecimento das vivências que fazem parte de suas preferências quanto a aspectos que se articulam a seu modo de viver. Nesse diálogo, observo construções culturais nas quais as referências locais e globais se tocam. Os pesquisados possuem relações e reproduções de referências mais distantes, assim como de suas contextualizações e criações em um social mais próximo. Nessa dialógica, ambas se mantêm inter-relacionados em um processo constante e dinâmico, caracterizando uma abordagem das macro e microinfraestruturas em suas construções e vivências.

Tal influência que não é a única forma usada na busca dos rapazes pelo lugar social de um grupo que quer se diferenciar dos demais no espaço urbano da cidade onde vivem e no qual interagem com grupos que possuem práticas semelhantes as suas. A experiência da diferenciação e da criatividade se associa a outras maneiras de o grupo procurar ser inovador e

diferente. Segundo eles, não se arrumam apenas com marcas famosas, se preocupam em como fazer isso, pelas combinações e na busca por roupas e adereços que sejam diferentes, que não encontrem facilmente bens iguais aos seus nos outros jovens. Querem avançar, saindo da obviedade que dizem observar em outros grupos juvenis e gostar de criar, de inventar. Demarcam suas formas de vida e suas identidades individuais e coletivas por essas buscas, pelo que pode ser o mais novo, diferenciado e criativo.

Não sei até que ponto isso de fato se dá. E se os outros grupos, os “de fora” fazem o mesmo para se diferenciar? Sei que o que ressalta neste estudo quanto a esse aspecto são os acontecimentos queridos por jovens que possuem o sentimento de ser uma rapaziada: a rapaziada diferenciada do Mundo Novo. Que gosta de ficar junto e nesse convívio inventa novos estilos, quando, por exemplo, resolve, de repente, mudar a “moda” dos cabelos alisados e com o corte disfarçado para os cabelos mais compridos e de “molinha”. Para isso, é preciso improvisar, tem que existir o caráter inventivo em suas práticas para chegar ao novo estilo. Buscam partes de espumas de colchões velhos e que são umedecidos com cremes para enrolar partes bem finas dos cabelos usando lápis e assim fazem as “molinhas”. A nova técnica levava horas e os cabelos mantinham as “molinhas” por apenas dois ou três dias. Tempo e trabalho que não importavam quando eu via nos relatos e nas fotos o prazer da realização que, neste caso, modificava o estilo anterior, que me acompanhou durante o campo.

A experiência observada é extremamente relevante para a compreensão do grupo pesquisado e as análises aqui realizadas, pois envolve a realidade vivida e as possibilidades disponíveis aos jovens, em suas formas de mobilização para novas conquistas. Comprovam práticas de criações e experimentações possíveis, particularizadas e constantes. A preocupação em trazer o novo para suas práticas é uma das formas desses jovens expressarem suas subjetividades, além de se voltarem para um movimento dinâmico e articulado de renovação e velocidade, construído em um fazer coletivo.

A sociologia da experiência, tal qual proposta por Dubet (1996), oferece-nos instrumentos interessantes para compreender essa vivência criativa que reconheço nos pesquisados. É a subjetividade dos atores que se revela na consciência que estes têm do mundo, deles próprios e de como querem viver. Não é uma subjetividade que pode ser confundida com uma liberdade pessoal, como uma conquista fechada em si mesma, nos moldes de um individualismo que talvez se ache vitorioso ao social. A subjetividade é entendida como uma atividade construída no social, o que caracteriza uma perspectiva sociológica. As experiências individuais dos rapazes buscam legitimação no social, no reconhecimento e na participação do grupo. “Desta maneira a experiência individual, ao

mesmo tempo em que se torna subjetiva, torna-se mais social. Ela é então mais **manipulada**, mais controlada, mais aberta aos olhos dos outros” (DUBET, 1996, p. 103, grifo do autor).

A intenção de refletir a partir das “experiências sociais” (DUBET, 1996), dos sujeitos quanto a pressupostos que envolvem a multiplicidade e a heterogeneidade de interações e relações, e estas serem formadas por princípios subjetivos, vislumbra a pertinência de ações e relações dos jovens serem confirmadas por outros – neste caso pelo grupo de amigos. Dialógica que apresenta a necessidade da existência de códigos que tenham significado e possam ser confirmados pelo grupo, resultantes das experiências individuais, para que se possa valorizar e reforçar a própria autonomia cultural.

Nesse sentido, a sociologia da experiência entende a combinação de heterogêneas e múltiplas “lógicas⁷⁰” de ação, formadas pelas orientações subjetivas e pela natureza das relações sociais em que os jovens se envolvem cotidianamente. O estudo proposto por Dubet enfatiza a multiplicidade e a criatividade provocadas pelos sujeitos no social. Existe um investimento em promover a dinamicidade, a criatividade e a multiplicidade, como pude ver se realizar entre os pesquisados, pela forma e pela força criativa de lidar com a construção das práticas entre os amigos. Acham em si mesmos e nos parceiros os princípios de motivação e de inovação, expressando uma interessante dinâmica de fruição em suas práticas.

Os rapazes mostram que as experiências entre eles podem ter múltiplas lógicas, que gostam de vivê-las dessa forma, com dinamismo, multiplicidade e irreverência. Um dos pesquisados possui um grupo de dança, como disse anteriormente, que se constrói com seleções e ensaios contínuos e gravações de vídeos. Esse esforço se propõe à divulgação dos vídeos em canal no *YouTube*. Nesses investimentos há a vontade de que sejam divulgados cada vez mais e consigam se transformar em celebridades, ou em “famosinhos”, como dizem. Junto a esses momentos profissionais não se importam em mostrar em outras gravações a “gastação” nos vídeos, momentos em que gravam passos sem rigor, de farra, de “zoeira”, fazendo isso para o divertimento. Postam esses vídeos no *Facebook*, explicando que é “gastação”. Algumas vezes, nesses momentos, colocam sacos plásticos na cabeça, dançam e se divertem. Trazem com a “gastação” experiências mais libertas, junto à seriedade e ao profissionalismo que, outras vezes, mostram no passinho.

Existe uma posição predominante no grupo pesquisado de evidenciar em suas práticas cotidianas características inventivas e também positivas, pela valorização de suas criações, como nos estilos escolhidos nas roupas, que não devem se repetir, nas inovações nos cortes de

⁷⁰ As “lógicas” a que me refiro são formadas pelas orientações subjetivas dos atores e pela natureza das relações sociais em que os sujeitos se envolvem cotidianamente. O conceito é desenvolvido por Dubet (1996).

cabelo, na linguagem, algumas vezes, codificada e de difícil inteligibilidade para “os de fora”, na renovação dos passos do passinho e na excitação pelos encontros com outros grupos considerados rivais. Há, entre o grupo, dialogando com esses momentos, o entendimento de que vivem uma “alegria diferente” mais forte que a dos “playboys”, por não estar dada e precisar ser conquistada por eles, de maneira própria e, por isso, considerada mais intensa e autêntica. Uma “alegria diferente” que tem a ver com escolhas e reconhecimentos, com a maneira como escolhem viver, com quem dividem essas práticas, e onde isso se realiza.

6.3 Construção e reconstrução do *lugar*: o Mundo Novo

Ouvi em várias entrevistas as seguintes constatações: “a gente faz o nosso próprio lazer”, “o nosso lazer é de comunidade e de favela” e “falta muita coisa no Mundo Novo”. O lugar, que reconhecem como sendo de comunidade ou de favela, está intimamente ligado ao grupo pesquisado por ser repleto de realizações e referências de sentido, de que tratarei mais adiante. Pode ser visto como local de carências, quanto às faltas atestadas pelos jovens, no lazer, no calçamento de suas ruas e nas poucas linhas de ônibus. Segundo um dos pesquisados, existe entre as crianças que moram no Mundo Novo a “época da curiosidade”, momento no qual elas estão crescendo e tendo mais vontade de saber das coisas, de viverem outras experiências. O jovem sugere que deveria haver atividades de esportes, literatura, artes, teatro, para suprir as carências no morro e para que essas crianças que estão crescendo não sejam atraídas pelo tráfico, que preenche esse lugar, passando a ter grande influência sobre esses sujeitos. Segundo ele, a “fase da curiosidade” é capturada pelas atividades ilícitas, que passam a fazer parte da vida dos jovens e que a maioria se envolve nelas, seja por estar na idade da “curiosidade”, por vontade própria ou por ser um recurso para obter dinheiro e poder em alguns momentos de suas vidas.

Há muitos outros sentidos atribuídos ao bairro que dialogam com as fragilidades que possui. O Mundo Novo é um espaço cultural e social composto por manifestações atuais e anteriores às realizadas pelo grupo pesquisado. Possui valores como o respeito e a solidariedade entre vizinhos, as histórias e experiências vividas pelos familiares dos rapazes e repassadas a eles. Essas fazem parte das memórias do grupo. O morro é um componente vivo e atuante nas relações juvenis, tendo como um dos representantes delas o seu Benício, que conheci através das insistências dos rapazes em me levar até ele. O grupo o considera o representante mais importante do início da formação do Mundo Novo, alguém que ajudou a construir o bairro, que junto aos amigos tirou o barro do caminho com uma enxada para que

as ruas pudessem começar a surgir. O seu Benício, atualmente próximo aos 80 anos, já teve participação política ativa no morro, fez parte de reuniões e representações da comunidade do Mundo Novo na cidade. Além das memórias e das lembranças, delimitadas pela existência própria dos acontecimentos no bairro que se estende e se abre aos rapazes, os espaços sofrem o processo de transformação realizado pelos jovens. Alguns espaços ficam mais apropriados para certas práticas, evidenciando que existem escolhas e mudanças nas formas de utilização dos espaços. Essas, vistas em estudo sobre os jovens, realizado por Dayrell (2007), quando diz que:

Para eles, a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo da violência, ambos reais. Muito menos aparece apenas como o espaço funcional de residência, mas surge como um **lugar** de interações afetivas e simbólicas, carregado de sentidos. Pode-se ver isso no sentido que atribuem à rua, às praças, aos **bares da esquina**, que se tornam, como vimos anteriormente, o lugar privilegiado da sociabilidade ou, mesmo, o palco para a expressão da cultura que elaboram, numa reinvenção do espaço (DAYRELL, 2007, p. 1112, grifos do autor).

A disposição e a organização dos lugares podem não ter sentido para os sujeitos. Um local que poderia ser pensado para suprir uma carência pode não ser apropriado por eles da maneira pretendida e ficar descaracterizado ou mesmo isolado. Como aconteceu com um local, em 2012, inaugurado pela Prefeitura com duas quadras de futebol no Mundo Novo. Os rapazes disseram que o espaço não “pegou”, não fez sentido para eles, mostraram vários lugares em que uma quadra poderia ter sido construída. Estive com os rapazes na praça de cima do bairro, que é onde se localizam as quadras entregues pela Prefeitura e estava vazia. No momento, passou um carro da polícia e os jovens mandaram eu me preparar porque iriam parar e revistar, o que não ocorreu. Alguns estranharam, insistiram que tinham ido manobrar e voltariam, depois concluíram que a minha presença fez a polícia desistir de revistá-los. Segundo eles, sempre que estão naquele local a polícia e os moradores acham que é para usar droga e não querem que fiquem ali.

Observei que o local fica na divisa entre os bairros Mundo Novo, Santa Cecília e Santa Luzia. Não é afastado da casa dos jovens, mas não fica na área mais central do Mundo Novo, que é a parte mais utilizada e significativa para os rapazes. Era o espaço de divisão entre os bairros, não reconheceram como sendo do Mundo Novo. As quadras estão em bom estado de uso, há portões para acessá-las, questionei se não seria melhor jogar bola ali do que nas ruas, com tantas dificuldades. Nas esquinas, onde costumam jogar, o “golzinho” é improvisado por chinelos, há as reclamações constantes dos vizinhos pelo barulho, tem que ter sempre alguém

vigiando e cuidando para que a bola não acerte os carros estacionados. Os jovens têm ainda que tomar cuidado com os carros que passam para não serem atropelados. Riram e me disseram que mesmo assim é melhor nas ruas, que eles não têm identificação com o local que foi escolhido pela prefeitura, não fez sentido para eles.

Atualmente tornou-se um lugar onde quem fica por lá é mal visto, é quem usa droga, mora nos bairros que têm proximidade com as quadras, ou é local para relações sexuais. Ficou esvaziado do sentido proposto que era para o lazer, e passou a ser significado como lugar para outras práticas. Os arranjos espaciais não acontecem por si só ou de forma aleatória, precisam ter os sujeitos para usá-los e lhes criar correspondência de sentido. Percebi que, onde estavam, as quadras não eram um lugar de reconhecimento do grupo, era esvaziado para o lazer dos rapazes. Não conseguiu o *status* pretendido. As escolhas têm que ser dialogadas, não impostas.

Pode-se ver nisso o sentido que os jovens atribuem a certos espaços de convívio no bairro, e que alguns desses não fazem parte, não podem se incluir, mesmo tendo propostas de algo muito valorizado entre os rapazes, que querem e precisam – como uma quadra para a prática do futebol. Dão a outros locais improvisados o lugar privilegiado dessa socialidade para o futebol, inventam e significam uma esquina para a prática desses encontros em um processo de reinvenção do espaço. A condição juvenil do grupo, vista aqui como uma maneira de ser e agir, além de ser construída entre os amigos mais próximos e em um local de comunidade, possui escolhas e composição espaciais (PAIS, 1993). As ruas do Mundo Novo possibilitam o direito a práticas de juventude dessa rapaziada. É lugar de liberdade. Possui espaços com menos poder, no sentido de repressão e imposição de regras de convívio. É o lugar de uma vivência prazerosa, que une as fortes relações de amizade do grupo, a criatividade e a inovação que os jovens valorizam em suas práticas em um lugar de convívio que faça sentido a eles.

Fazer parte da rapaziada do Mundo Novo, formando um grupo coeso e estável, se intensifica e é particularizado por onde os jovens foram criados. O bairro participa da construção de suas identidades, pelas relações que se desenvolvem entre eles e com os outros sujeitos com os quais convivem; pelas representações e vivências que o grupo tem de seus espaços. Formam-se experiências em permanente reconstrução, proporcionadas pela dinâmica da vida social cotidiana que envolve a todos. Os rapazes participam de processos de interações contínuas que os influencia, sem que sejam descaracterizados como sujeitos. Participam de um agir coletivo, que pressupõe habilidades subjetivas, ou seja, vivem o

encadeamento de experiências autorreflexivas, de pertencimento e de reconhecimento na comunidade em que vivem.

O bairro possui uma imagem como expressão do grupo em si, por tudo que foi construído e que se revela como realização e manifestação simbólica da condição juvenil dos rapazes, no sentido da maneira de ser e de viver no Mundo Novo. O bairro mostra-se significativo, atualmente, por ser privilegiado pelos rapazes para práticas que realizam em seus espaços; e significativo por ser lugar que se compõe da memória anterior construída por seus familiares e seus vizinhos. Os acontecimentos anteriores, como a escola de samba criada no Mundo Novo que promovia ensaios regulares na quadra, na época em que os jovens eram crianças e levados pelos pais para assisti-los. Hoje, a quadra se encontra fechada e não há mais escola de samba no bairro.

Como um importante “personagem” que é, nos acontecimentos que envolvem as realizações do grupo, o bairro Mundo Novo possui raízes construídas em seu território, pelos sentidos estabelecidos que se encontram abertos para novas investidas a partir das práticas movimentadas pela rapaziada e por outros moradores do lugar. No bairro, existem locais de intensa socialidade e de identificação vivenciadas e desenvolvidas pelos jovens nos espaços que privilegiam para suas práticas cotidianas e sociais. Realidade que o aproxima do que Magnani (2002) chama de “pedaço”. Visto pelo autor como o espaço demarcado pelas construções sociais e culturais dos sujeitos, onde o sentido das interações vividas se faz atuante e significativo, o “pedaço” é o lugar onde os jovens compartilham e criam novidades, é o lugar onde vivem suas experiências.

Entretanto, não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para ser do pedaço; era preciso estar situado (e ser reconhecido como tal) numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. Assim, era o segundo elemento – a rede de relações – que instaurava um código capaz de separar, ordenar e classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era “do pedaço” e em que grau (“colega”, “chegado”, “xará”, etc.) (MAGNANI, 2002, p. 21).

Os espaços do bairro servem de suporte e mediação para as experiências do grupo, representam o lugar em que vivem intensa e expressivamente suas práticas cotidianas. Lugar que protege os rapazes pelo pertencimento delimitado em suas áreas. Um “cão” de outro bairro não vai buscar um “cria” do Mundo Novo dentro do bairro. O bairro protege e é protegido. Há a proteção que os rapazes dedicam a seus espaços para que não sejam ultrajados

pelos “caras de fora” que possam tentar invadi-lo. Os jovens dizem que costumam defender o morro. Contam que pegam, batem e expulsam jovens de outros bairros que, algumas vezes, vão tentar roubar carros ou casas no Mundo Novo. Dizem que “por lá malandro não se cria”. São evidências de um espaço onde acontece uma apropriação localizada socialmente em um bairro de comunidade que se constrói de maneira criativa pelos jovens, em um intenso entrelaçamento que se configura por vivências de socialidade demarcadas por proximidade de vizinhança.

Lugar múltiplo. Lugar das imaginações nas histórias contadas pelos rapazes, como a dos moradores mortos que continuam tomando conta de suas casas e, por isso, elas não permanecem muito tempo com novos moradores. Segundo os rapazes, constantemente voltam a precisar ser alugadas ou vendidas. Havia uma, em especial, que, segundo eles, o morador havia se matado com um tiro na cabeça, se arrependido e pedido socorro na janela. A casa fica em frente à barbearia do K. O jovem barbeiro dizia que se sentia assombrado por esse ex-morador e atual fantasma. Em campo, vi que a casa ficou um bom tempo vazia. Depois da pesquisa de campo, em um dos retornos que fiz ao bairro, vi que havia sido ocupada por uma família. Novamente, ouvi de um dos rapazes: “Tá vendo? Alugaram a casa, você não quis”. O jovem que morava em frente costumava dizer que eu deveria alugá-la, talvez me “zoando” pela “existência” do fantasma ou me mostrando um caminho para que eu pudesse conhecê-los mais de perto, participando mais de suas realidades cotidianas.

O Mundo Novo é um lugar repleto de acontecimentos sociais e simbólicos, onde os jovens reconhecem uma trama de vivências articuladas, vistas por códigos e cumplicidades, criadas e compreendidas pelo grupo e pelos demais moradores. É um espaço físico e social, marcado por definições, de quem faz parte do grupo e está, efetivamente, incluído, compreende. Existe, por exemplo, o prazer da convivência praticada pela rapaziada nos encontros nas ruas, na porta de algumas casas ou da igreja, que muitas vezes causava problemas aos jovens por ter que esconder das namoradas, pois os momentos entre os amigos eram, muitas vezes, os preferidos. Nas ruas do bairro, o lazer do grupo, algumas vezes garantia horas de futebol ou de danças, e possui lugares de criações e recriações no visual e nos cabelos quando o grupo opta em ser a rapaziada ou a “tropa” do Mundo Novo.

Na construção dessas experiências entre os rapazes, há um convívio cotidiano, ritual e simbólico de união entre eles, vivido no bairro, e, sem que os encontros precisem de combinações, acontecem na porta da igreja ou da “padoca” e ficam garantidos. São espaços que à tarde costumam ficar conhecidos pela aglomeração dos jovens, podendo se iniciar com um ou dois amigos, e a partir disso juntar uma “galera” boa, como dizem e vi várias vezes.

São práticas juvenis ritualizadas, de um comprometimento prazeroso, que tratam da celebração da amizade vivida, principalmente na dimensão da diversão, da farra, da identificação com os amigos. As ruas do bairro têm vida própria, neste caso, especificamente, as ruas do bairro Mundo Novo têm vida juvenil. São articuladas a uma maneira de ser e de se comportar em uma apropriação simbólica que inclui a construção das fortes relações de amizade. É o sentir-se no grupo fazendo coisas que dão prazer, legitimidade e visibilidade.

As relações de amizade entre os jovens que são construídas no bairro perduram. Quando eles saem de seus espaços, o valor de união, de pertencimento e de fidelidade acompanha o grupo e procura se manter nas saídas, como nos bailes ou nos passeios pelas ruas da cidade. Momentos de se sentirem e serem vistos como a rapaziada do Mundo Novo, que, entre outras experiências, gosta de se sentir protegida, de realizar práticas de “ostentação”, de se sentir invejada por outros rapazes de outros bairros. Os rapazes gostam de ser apreciados pelo “estilo diferenciado” e de serem desejados pelas mulheres. São visibilidades constituídas coletivamente, por exemplo, nos cuidados com o corpo, no jeito de “gingar” ao andar e na provocação caso encontrem outros jovens considerados rivais.

6.4 Outras lógicas relacionais e escolhas juvenis

Todos os acontecimentos de que tratei nos capítulos desta tese foram atravessados, de maneira recorrente e significativa, pela dinâmica das amizades entre os pesquisados, formada por mecanismos de alianças e de reciprocidades desenvolvidas. As relações de amizade possibilitam o grupo criar e viver inúmeras formas de expressão em momentos de confraternização coletiva, de convivência, de intimidade, de risco, de parceria e de familiaridade no grupo de amigos. Os rapazes podem se organizar coletivamente, de maneira rápida e eficiente, para buscar um amigo na escola, por ele ter sido ameaçado por lá, e, com isso, “fortalecê-lo”, criando valores que se incluem e se mostram na importância dessa presença e apoio. Sensação de amparo e de segurança vivida por quem se considera “amigo fechado”. Vivem a consideração particular de ser e de sentir o outro como muito próximo afetivamente.

Um dos jovens, que dizia estar “jurado”, revelou a emoção ao ser chamado para sair com o grupo, sem que fosse excluído pela situação de insegurança que poderia causar aos outros. O valor da exclusão existe no grupo e pode ser sentido no momento da desconsideração, quando um “amigo fechado” se torna “talarico”, ou seja, trai o grupo. Seja por correr de uma briga e deixar os amigos sem seu “fortalecimento” ou por assediar a

“mulher” de algum “moleque” do grupo. Realidades e representações que se diferenciam e se sobrepõem a relações com outros sujeitos que não foram criados juntos no morro. Valores que fazem parte de um viver cotidiano que se intensifica por ser um espaço significativo para os pesquisados. São variantes que direcionam as práticas sociais dos jovens, movendo-os entre proximidades, reconhecimentos, diferenciações e afastamentos. Algumas práticas e valores são bem próximos do obrigatório, como o valor da fidelidade, que é um consenso acordado pelo grupo. Sua falta, normalmente, traz os acontecimentos que fazem surgir os “talaricos”, que magoam profundamente os amigos “fechados”, pela traição. Digo profundamente, pois o amigo era constantemente trazido nas conversas. De “fechado” passou a ser “talarico”, mas isso não o tornou esquecido.

Existem valores essenciais entre os pesquisados, que se estendem a outros sujeitos moradores do bairro. Para manter esses valores, alguns códigos de conduta moral não são flexíveis. O grupo mantém relações com diversos jovens do Mundo Novo; alguns deles não fazem parte com a mesma intensidade das práticas que a rapaziada compartilha, pelas fortes relações de amizade que possuem. Posso exemplificar com os jovens que moram no Mundo Novo, com idades próximas a do grupo e que estão envolvidos com o tráfico de drogas no bairro. São considerados com certo grau de afastamento, estão menos próximos. Vários pesquisados reclamavam dessa divisão, lembrando quando algum amigo, agora do outro lado, era mais “chegado”. Os rapazes se falam e podem “resenhar” juntos, de vez em quando, mas não participam com frequência das práticas do grupo, se respeitam, como costumam dizer. Havia dias em que eu era avisada que não deveria ir à barbearia, que os caras, referindo-se aos rapazes envolvidos com o tráfico, não se sentiriam bem com a minha presença por lá. Algumas vezes os via nas ruas, mas não tivemos contato direto. No final de minha estada em campo, quando disse que estava terminando as entrevistas, um dos jovens me disse que os rapazes “da correria” sabiam da minha presença e da pesquisa que eu fazia. Foram avisados pelo grupo sobre as minhas observações, o tipo de perguntas que eu realizava e sobre as fotos das ruas e dos pesquisados que eu obtive para expor no trabalho.

Os pesquisados não tinham a mesma proposta em suas práticas cotidianas, sobre a organização e a venda de drogas serem a principal atividade deles, como acontecia com os rapazes da “correria”, que ficavam mais restritos a elas. Como já disse, no segundo capítulo, um dos pesquisados se disse mais envolvido com as drogas do que os demais, em termos de uso e venda esporádica, por exemplo, para fazer uma “treta” diferente de vez em quando. “Treta”, nesse caso, pode ser arcar com todas as despesas em uma festa ou comprar algo caro, que habitualmente não compraria. Com o decorrer da pesquisa, outros jovens disseram ter tido

de vez em quando envolvimento com as drogas. Era comum se denominarem, algumas vezes, de “desviados”, para obter um dinheiro mais necessário em algum momento de suas vidas. Não sei os limites dessas relações. Sei, pelo que vi, que os pesquisados não ficavam restritos aos envolvimento com as drogas. Esses não eram os eventos principais ou únicos em suas experiências, mas existem códigos de conduta e convívio no morro entre todos os rapazes, sendo ou não da “correria”. Ou seja, o grupo pesquisado não se submetia ao que não o agradasse e fosse realizado pelos jovens da “boca”. O “fechamento” do grupo se compromete com posicionamentos que envolvem as relações com os rapazes da “correria”, a ponto de terem comportamentos de risco nessas escolhas.

Vários jovens me diziam que a mulher que está se relacionando com eles é considerada “sagrada” e tem que ser reconhecida assim, com respeito, por todos, principalmente no morro. O local é lugar de conduta única nesse sentido. Quando uma jovem é assediada por algum cara do morro, ela costuma contar ao jovem com quem está se relacionando. Quando eu ouvia isso, perguntava aos rapazes por que elas contavam, já que, obviamente, causaria muitos problemas. Eu acreditava que elas poderiam evitar ou que não evitavam porque contar as valorizaria. Eles nunca tiveram essas interpretações e eu não disse claramente aos rapazes como pensava algumas vezes. Eles afirmavam seguramente que elas contavam porque tinham mesmo que contar, que a conduta fazia com que confiassem mais nelas. Passei a entender que assim construía relações de confiança com elas e teriam oportunidade de mostrar aos outros jovens que sabiam o que havia ocorrido, que deveriam cobrar a afronta sofrida. Eram eventos que provocavam constrangimentos, como transformar amigo “fechado” em “talarico”, e sofrer por isso. Poderia ainda provocar outros conflitos, quando o cara que mexeu com a moça faz parte do grupo da “correria”. E pior ainda, se for o jovem que comanda o tráfico no bairro.

Presenciei, algumas vezes, as reações dos jovens quando se sentiam desrespeitados porque uma jovem com quem tinham um relacionamento havia sido assediada. Uma delas envolveu os dois grupos, a rapaziada e a turma da “correria”. Momento no qual os amigos “fechados” se uniram, quando viram que a “mulher do amigo” com quem são “fechados” havia sido desrespeitada e o jovem ia cobrar a conduta “na boca”. Segundo eles, a cobrança foi pesada, porque o cara é chefe por lá, razão pela qual o grupo de amigos se organizou para ir junto. Ouvi que o rapaz que cometeu o assédio e rompeu com os valores morais do lugar se sentia poderoso por controlar o tráfico no bairro, mas que isso não lhe dava outros poderes, sua situação era ainda pior por não ter o respeito de “cria” do morro. Ele não havia nascido no Mundo Novo, não poderia se “fortalecer” pelas relações de “cria” do bairro. Estava sozinho

na situação que provocou, mesmo na presença dos outros rapazes que se ocupavam do tráfico e eram comandados por ele.

O jovem que se sentiu desrespeitado me disse que os rapazes da “correria” ficaram quietos, só observando, “na deles”, quando foi cobrar o comportamento desrespeitoso. Disse que não sentiu medo, não foi armado, mas que três amigos “crias” e que “fechavam” com ele, foram de “escama”, ou seja, dar cobertura, ficar do lado, “portando”, armado. Esperavam para ver se seria preciso usar ou não o “ferro”. Segundo eles, não foi preciso porque o jovem do grupo pesquisado que foi cobrar na “boca” é conhecido, não só do seu grupo, mas de todos. O outro é o cara “de fora”, o que não lhe garante qualquer conduta, e ele entendeu isso. Desculpou-se. Os rapazes costumavam dizer que ele é “vacilão”, e se fizesse algo com um dos “crias”, não teria mais condições de ficar no Mundo Novo. Acredito que esse seja um dos motivos de ele ter ficado “na dele”. Qualquer reação mais forte poderia atrapalhar o seu convívio no morro e, conseqüentemente, seu envolvimento nos negócios na “boca”.

As relações com os jovens da “correria” são acontecimentos que me ajudam a pensar vivências juvenis que envolvem o grupo pesquisado, porque reforçam as fortes relações de amizade da rapaziada. Articulam-se à formação e à realidade do cotidiano no Mundo Novo, ampliando os envolvimento sociais dos jovens. Por essas relações revelam-se as circunstâncias observadas no evento citado acima, que envolvem um tipo particular de relação entre o grupo e os aspectos de pertencimento no bairro. Mostram que, mesmo que o controle do tráfico seja forte, não é completamente hierárquico; algumas vezes pode ser, em outras, não. Dialoga e é atravessado por valores já existentes no lugar e que o grupo pesquisado faz questão de manter. Não nego com isso o reconhecimento do poder trazido pelas drogas. Poder atrativo pelas grandes quantidades de dinheiro nas mãos dos rapazes que se propõem a vender e, com isso, passam a participar do “movimento” no morro – o financiamento e apoio para as festas nas ruas e o consentimento para muitas coisas no bairro, como o pedido realizado pelos pesquisados para que esta pesquisa pudesse se realizar lá.

Os pesquisados desenvolvem importantes práticas para a construção de si, através das relações entre eles, relacionadas à formação e à manifestação de sua própria imagem pela correspondência dela na imagem do grupo. Para os jovens, os amigos do grupo propiciam, dentre outras relações, as que são identitárias. O prazer de mostrar o “estilo diferenciado” é muito maior quando todos do grupo estão usando e mostrando tal estilo. Observei que há um encantamento que os contagia ao viverem essas práticas juntos. Vivem, por elas, momentos em que alguns jovens podem ver suas escolhas e comportamentos refletidos no outro, naquele que considera seu par. Uma experiência que é dinâmica e se mostrou diversa em campo,

realizando-se por fronteiras, pertencas e contrastes. Esses contrastes são entre os jovens do grupo na relação com os outros jovens considerados os “de fora”. Existem proximidades que acontecem apenas com os amigos do grupo, que costumam evidenciar as diferenças quanto aos demais que não fazem parte da “rapaziada”.

Os “playboys” são uma categoria pertencente a outro lugar social e é trazida constantemente pelo grupo para mostrar as diferenças entre eles, principalmente no modo de vida que possuem. Os rapazes costumam dizer que são melhores que os “playboys”, aspecto no qual a categoria serve como referência para valorizar o grupo do Mundo Novo. Há, entre os rapazes, uma representação sobre o “playboy” que o coloca como alguém que tem tudo e não sabe dar valor, que se envolve com drogas, sem que seja “um deficiente da vida”. Como dizem, algumas vezes, que são os jovens pobres, por terem uma vida precária, se veem nessa condição de envolvimento com as drogas, tornando-se, por esse viés de reflexão do grupo, “um deficiente da vida”. Ser “deficiente da vida” não é a única leitura do grupo sobre os amigos do morro ou eles mesmos, quando se envolvem com drogas. Na maior parte das vezes, dizem que o cara está em uma fase, de “cabeça fraca”, ou é um momento no qual um amigo ou ele mesmo está “desviado” e precisa ter esse envolvimento.

A força identitária com a qual a rapaziada do Mundo Novo se vê refletida não destoa só da categoria formada pelos “playboys” ou dos jovens “da correria”. Acontece, por outras circunstâncias, relacionada a sujeitos que possuem lugares sociais próximos ao do grupo pesquisado. São os jovens de outros grupos que, na maior parte das vezes, moram em bairros próximos e são considerados rivais, que consideram como jovens muito diferentes deles. Não dançam tão bem, fazem “marmota”, segundo o grupo, o que é, neste caso, quando a pessoa que dança não possui uma habilidade que possa se destacar de modo positivo em um baile. A “marmota” pode ter mais sentidos⁷¹, mas na dança significa desconsiderar o dançarino. Outra desvalorização que dão aos grupos rivais é a de não saber construir um estilo que possa ser considerado o famoso “estilo diferenciado”, que o grupo associa constantemente aos jovens do Mundo Novo. E ainda nas brigas, os rivais costumam ser considerados “bundões”, não brigam bem e, muitas vezes, são colocados para correr. São representações de contrastes vistas por estratégias que o grupo realiza para produzir diferenças e valorizar sua forma de ser e agir.

⁷¹ Há diferenças quando consideram a categoria dos “marmotas”: amigo faz “marmota” de brincadeira, quando dança em um baile sem muita habilidade. Os demais, quando fazem “marmota” na dança, o uso do termo serve para desmoralizá-lo.

Durante o tempo em que estive com os rapazes pude ver que, ao apontarem suas diferenças com relação a outros grupos, mostram com o que se identificam, como se valorizam e como as relações de amizade importam ao movimentar suas vidas, significando-as de forma particular, fazendo-os desenvolver inúmeras vivências nessas parcerias. Experiências discutidas nos capítulos anteriores deste estudo e no início desta conclusão. A socialidade entre os pesquisados expressa uma interessante dinâmica entre eles, que é central em suas práticas cotidianas. Marca de um cotidiano que se realiza por relações entre amigos e que se sobrepõem a outras, como as citadas acima, com jovens que não fazem parte do grupo ou ainda com familiares ou no trabalho, que são consideradas menos centrais para o grupo ou não possuem uma relação tão forte de sentido como as que vi acontecer entre os rapazes. Eles escolhem viver seu tempo de juventude, com maior valorização nas relações entre os amigos do bairro, as demais estão menos incluídas nesse aspecto. Sobre elas, Pais (1993, p. 94) reflete que: “Com efeito, o tempo colectivo de que os jovens desfrutam, em grupo, é sentido como um tempo mais apropriado que qualquer outro à realização dos seus desejos e dos seus interesses de marca especificamente mais juvenil”.

O grupo mostrava prioridade e importância em pontuar as fronteiras ou as comparações em suas formas de vida, o que possibilitava demarcar, além de sua condição juvenil, seus interesses, escolhas feitas e o divertimento existente nesse convívio. Desenvolvem coerentes formas de união, negociação, expressão e participação no espaço urbano do bairro onde vivem e em outros por onde circulam. Pressupostos necessários e coerentes para a manutenção do grupo, onde há o investimento e o propósito dos rapazes nessa forma de relacionamento. Os pesquisados criam seus momentos de convívio e de lazer, na maior parte das vezes, por socialidades constituídas nas interações com jovens de suas escolhas, em lugares de suas preferências e por práticas que lhes fazem sentido, conforme venho discutindo na tese e, especificamente, no decorrer deste capítulo. Nessas relações, não há pressões ou direcionamentos efetivos ou prolongados de instituições como a família, a religião ou o trabalho.

Em alguns momentos, vi surgirem vínculos e valorizações dos jovens, por exemplo, por algumas igrejas evangélicas, mas essas práticas não permaneciam, não eram duráveis ou hierárquicas, como aconteciam com as relações de amizade. Não havia relações rígidas ou excessivamente compromissadas com outras instâncias sociais. A força das relações que movimenta suas vidas não se dá por elas, que continuam presentes, mas enfraquecidas (DUBET, 2006; DAYRELL, 2007; PAIS, 1993). Outro preenchimento passa a ser utilizado

em práticas e modos de vida da rapaziada que são elaborados, muitas vezes, nos espaços mais libertos, como as ruas onde vivem e querem ser mantidos pelos jovens.

Sem deixar de reconhecer a diversidade nas relações do grupo, afirmo que as experiências mais íntimas de socialização dos pesquisados são entre os amigos. Havia, em alguns jovens, preocupações em cuidar, principalmente, de suas mães, com quem, a maior parte do grupo vivia. Dos pesquisados, dois jovens estavam morando com o pai e a mãe na mesma casa; outro, de mais idade no grupo, com 26 anos, morava com uma jovem e dois filhos do casal; outro rapaz morava com a avó, após o falecimento da mãe; e um deles morava sozinho desde os 14 anos. Mesmo o jovem mais velho do grupo, que se reconhecia como “pai de família”, dizia não querer descuidar das relações e das práticas com o grupo de amigos no bairro e participava de algumas saídas. Entre o grupo há a perda ou o enfraquecimento da capacidade de influência no processo de socialização de outros sujeitos que não fazem parte do grupo de jovens que são amigos. Entre eles observo relações predominantes e estáveis.

Os rapazes vivenciam processos de socialização que se constituem pela primazia dos acontecimentos nas amizades entre eles, que ocorrem por uma valorização e movimentação juvenil de criação subjetiva e coletiva, tornando os jovens protagonistas nesses processos distantes de processos institucionais que não lhes sejam significativos ou relevantes. Esse fenômeno de “desinstitucionalização do social” (PAIS, 2016) é visto não como falência, mas como um momento de mudança e de transformação. Faz parte das vivências do grupo que constrói com liberdade novas configurações sociais que estão presentes nas experiências compartilhadas entre os rapazes. “A passagem do simples ao complexo, do indiferenciado ao diferenciado, da ordem à desordem, já não aparece como uma contradição em si” (PAIS, 2016, p. 316). Os pesquisados vivenciam uma força socializadora que não se faz totalmente autônoma, mas inventiva e dinâmica, presente em suas práticas cotidianas. Não estão dissociados da realidade social que os cerca e onde se incluem. Estilos musicais como o *funk* e o *passinho* estão disponíveis socialmente, no entanto, ressalto a ênfase nos processos autônomos de construção de suas experiências, vistos pelas formas de inserção e construção cultural que ocorrem entre os pesquisados.

Quando os jovens vivem acontecimentos com os amigos próximos sentem o reconhecimento individual e a harmonia coletiva, fazendo com que as identidades individuais e coletivas se configurem e possam se diferenciar de outros sujeitos ou de outros grupos. São diferenças que dão aos pesquisados prazer ao pontuá-las, os separa de alguns jovens, mas o que mais importa é que os une intensamente ao grupo de amigos. De acordo com Dubet

(2008)⁷²: “Na realidade, o que é coletivo são as condições de fabricação das experiências sociais. Mas cada um de nós continua sendo uma forma singular destes quadros coletivos. Como tudo na vida social, as experiências são individuais e coletivas”. Por elas, os rapazes delimitam vivências coletivas específicas e nas quais se veem hierarquicamente posicionados. Vivem com os amigos práticas que consideram intensas e excitantes, e que envolvem a autoestima e o prazer em fazer parte delas.

As experiências de maior relevância, que envolvem os rapazes, são as que se fazem presente e ganham sentido quando elas se inserem no grupo. Nele, a formação e a participação, além de dar legitimidade às manifestações juvenis, são momentos nos quais as escolhas são refletidas de maneira coletiva. As decisões, algumas vezes, são heterogêneas, nem sempre marcadas por harmonias. Vi a existência de relatos de alguns desacordos entre eles, principalmente quanto a decisões se o grupo se envolveria ou não em brigas. Momentos de difícil decisão porque inclui riscos. Segundo eles, quando não chegavam a um acordo pela escolha da maioria, o jovem que estivesse no grupo e fosse considerado como o de mais respeito entre eles decidiria. A decisão era a de avaliar se deveriam ou não se envolver numa briga na rua com outro grupo, se valeria o risco pelo prazer e pela excitação do momento, se teriam prejuízo ou se seria “judaria”, no sentido de covardia, com os outros jovens. O grupo tem o compromisso de aceitar a decisão. Alguns jovens diziam que houve momentos nos quais acharam que não teriam entrado e brigado, se fossem eles quem decidisse, mas que não puderam deixar os amigos, mesmo discordando.

Há uma forma de ser jovem, de se apropriar e de viver com o grupo de amigos no Mundo Novo, onde não há a ideia de serem iguais, há inclusive valorização pelas diferenças. Dizem que PD é ótimo dançarino, que VI sabe ser amigo “fechado”, que K é muito habilidoso nos cuidados com os cabelos, que R sabe fingir com perfeição que é carioca quando está nos bailes no Rio de Janeiro. Enfim, a ideia do grupo não é de mostrar homogeneidade. O grupo prefere ser reconhecido pelo “estilo diferenciado”. Apenas um dos rapazes gosta do “estilo chamativo”, algo que não o torna afastado; percebi que querem mantê-lo próximo, mesmo não compartilhando da escolha da maioria. O grupo não é homogêneo em suas preferências, há diferentes intensidades em torno de alguns elementos culturais. São tempos e momentos juvenis nos quais os jovens do Mundo Novo querem e vivem suas subjetividades com os amigos. Reforçam a união entre eles por compartilhamentos e incorporações das experiências

⁷² A citação foi retirada de uma entrevista publicada na revista IHU ON LINE, do Instituto Humanitas Unisinos, realizada em 24/11/2008. Sem paginação. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2354&secao=283>. Acesso em 15 nov. 2013.

vividas coletivamente. Os aspectos que os une dão evidência da força desse viver coletivo entre o grupo e no grupo.

Ao mesmo tempo, é preciso enfatizar que as práticas culturais juvenis não são homogêneas essas se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar, num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico (DAYRELL, 2007, p. 1110).

O tempo compartilhado com os amigos envolve experiências de aceitação das escolhas, acordos, questionamentos, confirmações e preferências próximas. Durante a pesquisa, vi que os rapazes mostravam que as trocas e as experiências entre eles eram, em sua maioria, positivas e organizadas, mesmo que a mim parecessem, a princípio, como aleatórias. Existia organização e investimento pelas práticas compreendidas, sem que precisassem de combinações pontuais. Os encontros nas ruas não eram combinados, a organização deles se dava pelo costume de viver momentos prazerosos, pelo hábito cotidiano e a maneira compreendida e querida de quando iam se juntando. De dois ou três jovens, a princípio, na porta da igreja, formavam rapidamente um grupo numeroso, “brotava uma galera boa”, nos termos do grupo. Algumas vezes, as mensagens via *Facebook* ou *Whatsapp* ajudavam nessa prática de inclusão numerosa. Costumava ver essas experiências como um ritual de encontros, facilmente movimentado, divulgado e compartilhado, onde alguns espaços do bairro participam desse ritual, por serem representativos desses momentos e caracterizarem pontos espaciais e sociais nos quais a prática se revela como cotidiana e prazerosa. As práticas dos encontros nas ruas do bairro são momentos em que se esforçam por manter as amizades atualizadas e vibrantes, por elas fazem “uma social”, que é quando mostram desejo, disponibilidade e tempo para promover os encontros cotidianos e habituais, ou quando investem em organizar festas em suas casas ou nas ruas. Não passavam mais de dois meses sem organizar uma delas.

As relações de socialidade impulsionam os rapazes a vivências que fazem sentido para o grupo e lhe dá prazer. Com preocupações em manter as amizades sinceras, intensas e recíprocas, investindo cotidianamente em preservá-las assim. Investimento que pode ser visto pelas maneiras de o grupo unido investir na construção do estilo compartilhando as novidades descobertas nas roupas ou nos adereços, criando novos passos de danças ou novos efeitos nos vídeos das coreografias do passinho, ou pelos empréstimos de roupas ou bonés, realizados no grupo, entre os mais próximos, pelos novos cortes ou criações nos cabelos, para que fiquem

mais “afiados”. São práticas de jovens que incluem uma convivência de amigos. Isso dá o impulso e o incentivo para as experiências acontecerem e se desdobrarem.

Os rapazes querem dividir com os amigos o que lhes faz se sentir bem, não buscam vivências individuais. O prazer é o de compartilhar uma descoberta, um elemento novo para diferenciar e “causar”, como dizem, nas ruas e redes sociais. Mas em grupo, com os amigos mais próximos, sejam eles “crias”, “fechados” ou “irmãos”, vi, várias vezes, os jovens mostrando e valorizando um amigo por um corte novo, um tênis “mandado” ou por uma habilidade que dê destaque a um deles, como na dança ou na habilidade em “saber chegar”, que é o jovem que sabe respeitar os demais, sabe “zoar” com destaque e respeito.

“Zoar” é uma prática que possui presença prazerosa e constante nos acontecimentos que envolvem as socialidades dos pesquisados. Pude ver que a “zoada” é complexa e bastante significativa nas suas relações de amizade. Promove os encontros, acontece em diversos momentos e costuma surgir de repente, preenchendo de maneira divertida o tempo dos amigos, juntos. Momento de um gozar o outro, alguns gozarem um, ou alguns gozarem alguns. Surge quando o grupo sente que algo pode render uma boa “zoada” e a partir dela muitas risadas. A “zoada” costuma ocorrer quando os rapazes estão juntos para as “resenhas”, que são as conversas realizadas nas ruas do morro. Alguns jovens dizem que se cuidam para não virar motivo de “zoada” e, quando passam a ser, tem um jeito próprio de agir. Alguns dizem tentar ignorar ou “zoar” junto para que ela não se estenda demais, porque se o cara perde a cabeça, piora para ele; para quem está “zoando”, fica melhor.

Observei que a “zoada” possui um contexto de necessárias e específicas interações entre os amigos para acontecer do jeito que a rapaziada gosta e se diverte, para não ficar esvaziada de sentido e de graça. A prática dá prazer e cumplicidade, se faz presente em inúmeros momentos de suas relações, mas para isso precisa de parceria ativa. Dizem que, se tem pouco moleque na rua, ela não “pega”, acaba rápido. É preciso que o grupo tenha reciprocidade nas interações que envolvem a “zoada”. Por exemplo, me diziam que quando tem uma “galera boa”, no sentido de numerosa e que tenha humor, a “zoada” fica muito melhor, mais animada. Dura um tempo bom, no momento presente e ainda pode ser tão relevante que valha a pena ser lembrada em outros momentos e se tornar novamente ativa. Os jovens me mostravam que o tom das risadas e as interferências precisas, se bem colocadas, vão acrescentando dados, reforçando e fazendo com que ela se intensifique e cresça.

Há jovens do grupo que são considerados referências na habilidade de “zoar”, assim como há os dançarinos e os barbeiros. Eles são reconhecidos como necessários nos encontros do grupo. A ausência de um dos amigos, considerado “irmão”, que está preso, era

constantemente lembrada porque, segundo o grupo, é um excelente “zoador” e fazia falta. Há alguns desses jovens, que foram apontados pelos amigos como mais habilidosos na prática da “zoada”. Uma vez, perguntei qual seria a diferença entre a “zoada” e o *bullying*. Os rapazes disseram que a principal delas é que a “zoada” não é para humilhar, a intenção é de que se realize entre eles para se divertirem, para torná-los mais próximos. Disseram que já aconteceu de a prática passar do limite. Assim, não é mais “zoada”, é humilhação. A “zoada” é para divertir, para manter o grupo unido e poder viver as amizades em meio a muitas risadas.

6.5 Das relações de “cria” à “irmandade” entre rapazes

As amizades incluem o local onde os rapazes vivem desde criança, ou desde que nasceram, realidade da maioria do grupo. Incluo nessa vivência de vizinhança desde a infância, o conhecimento e a familiaridade com os pais ou parentes dos jovens que, na maioria das vezes, são chamados de tias e de tios. São relações entre amigos, formadas pela proximidade de vizinhança e pela construção dessas solidariedades. Os rapazes e os parentes deles compartilham, diariamente, experiências diversas e cotidianas, desde a infância, em um convívio estreito e, na maior parte das vezes, similar. Motivo de se sentirem e se denominarem “crias”. Essas vivências costumam inserir relatos das dificuldades financeiras vividas e que, muitas vezes, a ajuda do amigo se fazia presente. O grupo vivencia uma experiência de intimidade na casa dos amigos mais próximos, possuem liberdade de mexer na geladeira ou na cozinha deles, por exemplo. Vi isso acontecer algumas vezes, momentos em que diziam se sentir como se estivessem em suas próprias casas.

Há o prazer de falar do convívio nas “peladinhas”, que são os costumeiros jogos de futebol nas esquinas do bairro, e que têm presença garantida dos rapazes. São experiências pelo valor do encontro para o lazer e para a prática da amizade, do “estar junto”. A rapaziada diz que participa delas desde “molequinho”, dizem que se sentem uma família no Mundo Novo, que não se imaginam em outro local. Durante o campo, vi algumas mudanças para outros bairros, com retornos para voltar a morar no bairro, ou retornos temporários para manter as relações de amizade ativas.

A partir das relações de “cria” do morro vão ocorrendo outras, mais intensas e que acrescentam a essas relações de amizade o que costumam chamar de relações de “irmandade”. São formadas pelas inúmeras interações vividas e pelos desdobramentos que acarretam, conforme os rapazes vivem juntos esse tempo da juventude entre amigos. Configuram-se por um tipo de relação mais próxima e mais comprometida que as relações de “cria” ou outras que

ocorrem e fazem surgir os amigos “fechados”. A “irmandade” acontece por uma condição delimitada pelas especificidades do grupo, várias delas já apresentadas. Trato aqui das mais relacionadas à construção da “irmandade” entre alguns rapazes do grupo.

Os pesquisados foram criados juntos, desde a infância, próximos aos familiares dos amigos. Todos relataram terem vivido experiências de pobreza, compartilhadas entre eles. A maioria viveu ou vive problemas de envolvimento com o alcoolismo ou com o uso de drogas por seus familiares. Todos se reconhecem como negros, valorizam a negritude, dizem que são mais afetivos por serem negros, que são mais unidos, mais fortes, porque têm que se posicionar quanto ao racismo. Observei que as vivências compartilhadas pelo grupo ultrapassam a questão de cor, não há uma lógica única, nessa questão. Alguns jovens do grupo, que eu considero brancos, diziam ser negros, constantemente diziam que lá no morro são todos negros. Referem-se a pertencimentos étnicos associados a referências culturais que os unem não pela cor da pele no senso estrito. “Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico” (MUNANGA, 2004, p. 53). A questão geracional, a cor negra, o preconceito vivido, a vontade de ter melhores condições, a realização de coisas que os agradam, a vivência de perigos e ainda abrir mão algumas vezes em nome do grupo são algumas circunstâncias que compõem o que vem a ser uma “irmandade”, para os rapazes do Mundo Novo. As fortes amizades vividas pelos rapazes que podem fazê-los se sentir “irmãos” envolvem uma maneira de ser perante o grupo e no grupo, uma maneira de ser perante outras categorias sociais.

O grupo tem um jeito particular de ser e agir, revelado pelo tipo de práticas culturais e sociais que vivem e têm prazer em viver, conforme discuti anteriormente. As relações entre “irmãos” não acontecem em espaços neutros de sentido no bairro Mundo Novo. Pelo contrário, a rapaziada é cheia de lembranças, associadas a vivências anteriores de quando eram crianças ou formadas pelas representações que construíram a partir das histórias contadas por seus familiares, que os influenciam. A “irmandade” se configura como polo organizador de relações que são extremamente próximas. Nem todos que são “crias” ou amigos “fechados” podem ser considerados “irmãos”. Ouvi inúmeras vezes que “irmão” é diferente de tudo, costuma ser o cara que é “cria” e morre com você ou por você, se precisar.

Os acontecimentos vividos juntos aos amigos compõem a maior parte do tempo da juventude do grupo. Um tempo que fortalece os “crias” e faz surgir, além dessa vivência de serem criados em convívio próximo e afetivo no morro, uma vivência de “irmandade”. Por ela, estabelecem relações nas quais querem mostrar que fazem parte de uma vivência que é de união, de um convívio prazeroso; vivência de jovens que celebram, se protegem e se

defendem das ameaças que possam vir dos “de fora”. Essa experiência de “irmandade” não é formada apenas pelos jovens do grupo pesquisado, há mais jovens incluídos nessa experiência, que não fizeram parte desta pesquisa, assim como nem todos do grupo se veem como “irmãos”. “Irmandade” é quando dizem que o amigo é igual ou mais que um irmão de sangue. Veem as relações de “irmandade” intensificadas por configurações afetivas mais fortes que as relações de amizade entre “crias” ou “fechados”.

As categorias criadas pelo grupo pesquisado e nas quais se incluíam eram diversas. Algumas vezes se reconheciam como “crias”, “amigos fechados” ou “irmãos”. Procurei conhecer melhor as realidades dessas considerações, reconhecendo a importância da dinâmica rica que envolve o uso e o sentido dados a esses termos. Segundo eles, “cria” é quem foi criado junto, desde o nascimento ou desde bem “molequinho” no morro, como costumam dizer. Mas ser “cria” não é só isso; é quem foi criado junto e viveu práticas significativas, momentos bem próximos, quer seja por compartilharem alegrias ou tristezas. Ser “cria” inclui convivência com envolvimento em práticas recíprocas.

Para ser “amigo fechado”, não precisa o jovem ter sido “cria” ou fazer parte das relações de “irmandade”, aspectos que costumam incluir, mas não são indispensáveis. Pode ser que um amigo se torne “fechado”, repentinamente, em um momento que algum jovem precise contar com ele, como em uma situação de risco ou de necessidade de um empréstimo em dinheiro ou de algum bem, por exemplo. Um dos jovens contou que precisava de um valor em dinheiro para pagar uma dívida e um amigo, quando soube, chegou com a quantia e deu a ele, sem qualquer cobrança posterior. O jovem disse que, a partir disso, “fechou” com o cara, passou a ser considerado como “amigo fechado”, porque agiu como alguém que se pode contar. O “amigo fechado” é alguém que se pode contar para qualquer coisa, que se dispõe a colaborar, a enfrentar a dificuldade junto com o parceiro.

Ter relações de “irmandade” inclui formas intensas e de maior confiabilidade entre os jovens do grupo, como um estágio mais avançado de viver as amizades entre eles. Alguns pesquisados dizem viver relações de “irmandade”. Por exemplo, dois rapazes do grupo costumam dizer que são reconhecidos como se fossem irmãos gêmeos. Para dar essa imagem, se arrumam de maneira quase idêntica, pelo “estilo diferenciado”, com bonés e roupas bem parecidos e de marcas famosas; se divertem com a experiência de serem vistos e considerados gêmeos. Além dessa representação divertida, dizem que se sentem como irmãos, pela afinidade e confiança que têm um no outro. Um deles é filho único, o outro tem um irmão, mas diz que considera o amigo mais próximo que o irmão de sangue. Estão constantemente juntos, nas ruas do bairro, nas saídas e se falam, com frequência, pelo *Whatsapp*, mantêm-se

em contato permanente. Contam que, tem tanta intimidade que, algumas vezes, acordam o amigo de madrugada para contar algo, não conseguem esperar até amanhecer para fazer isso.

São relações que mostram jovens que querem viver as amizades com profundidade. Realizam práticas que vão além do gostar de estar juntos, se protegem e se defendem. Alguns jovens do grupo mostram que precisam um do outro. Em uma entrevista, um dos rapazes me disse que, às vezes, telefona para um amigo que considera irmão para dar “bom dia” e dizer “eu te amo”. Disse que eu iria achar isso muito estranho, mas que a prática acontece entre eles. Ainda contou-me o nome de um amigo que, como ele, costuma fazer isso, pediu que eu não comentasse, pois poderia pegar mal para eles. Os rapazes procuram se mostrar fortes e essas revelações poderiam caracterizar fraquezas ou comportamentos que eles acreditam não serem próprios de homens.

Como relatei no capítulo 2, um dos amigos considerado “cria”, “fechado” e “irmão” no grupo pesquisado rompeu uma combinação de elevada consideração entre eles, que é a de não deixar para trás um “amigo fechado” em uma briga. Essa trouxe consequências, como uma facada em um deles, a construção de uma rivalidade mais intensa entre os jovens de dois bairros que brigaram em grupo e muitas falas negativas do grupo sobre o amigo que passou a ser visto como “talarico”. Ouvi muitas conversas sobre o evento e sobre ele. Todos procuravam desqualificá-lo e dizer que não era mais considerado, que não fazia mais parte da rapaziada. O episódio ocorreu logo no início da minha frequência no bairro e, durante quase dois anos, não vi o jovem que passou a ser desconsiderado no meio do grupo. Ouvia conversas sobre o comportamento dele na briga e, depois disso, inúmeras histórias que o colocavam em posição desfavorável. Ora ele não respeitava as jovens que se relacionavam com alguém do grupo, e teria “levado porrada” por essa razão, ora ele havia se tornado homossexual. Os dois fatos eram contados por vários rapazes e em momentos diversos, acarretando muitas risadas dos jovens. Em algumas entrevistas individuais, não riam, mostravam tristeza pelo afastamento do amigo. O jovem que levou a facada falava muito chateado do evento e dizia que nunca mais queria saber de PD, que nem olhava para ele.

Em uma de minhas últimas observações na barbearia, vi o jovem que estava distante das práticas cotidianas do grupo chegando e agendando um horário para o corte. Depois que fiquei sozinho com o jovem barbeiro perguntei se PA havia voltado a se relacionar com o grupo. O jovem me disse que ele não sai mais com o grupo, não tem a mesma consideração de antes, que agora está casado e tem um filho, está distanciado. Mas que não poderia ser completamente desprezado, está tentando se aproximar, e completou: “O cara já foi cria, né?”.

Há outro jovem entre os pesquisados que o grupo não concorda com alguns comportamentos dele, desde a infância. Achem que ele foi protegido pela família e atualmente gosta de se valorizar mais que o grupo. Quando eu perguntava sobre o lugar dele no grupo, se poderia ser considerado “cria”, diziam que sim, de alguma forma ele faz parte, é “cria”, foi criado junto e viveram muitas coisas importantes juntos. A vivência de “cria” tem valor de inclusão e pertencimento, mesmo com algumas discordâncias. Mostram que, com essas evidências, em suas relações existem gradações, evidenciando um tipo de socialidade possível de acontecer por afastamentos e novas considerações nas intensidades de suas relações.

A briga, que fez com que PA corresse e fosse considerado traidor, evidenciou, pelas experiências que os rapazes viveram a partir dela, diversas reflexões sobre as relações de socialidade que ocorrem entre eles. Envolve escolhas coletivas, como o “fortalecimento”, o surgimento de um “talarico” e a vivência de “fechamento” e “irmandade”. Os rapazes foram contando sobre esse evento da briga, em vários momentos diferentes nas entrevistas, cada um me fornecia um dado a mais para que eu pudesse me aproximar da cena vivida. Em uma das últimas entrevistas, quando falávamos do prazer que sentem nas brigas, um jovem me disse que a facada que o amigo sofreu poderia ter sido evitada. Segundo ele, o grupo se envolveu em duas brigas naquele dia, não em apenas uma como me relataram a princípio. A primeira, já discutida, ocasionada, principalmente, por motivo de inveja pela “ostentação”, havia terminado sem maiores consequências para o grupo. No entanto, o dado novo do jovem é de que quando estavam indo embora viram diversos jovens brigando. Segundo ele, era um número muito grande de jovens que brigava. Os rapazes do Mundo Novo não conheciam os grupos que estavam em confronto na rua próxima a casa de show onde estiveram. Alguns disseram que estavam com uma adrenalina muito forte, com vontade de brigar mais, no entanto, nem todos tinham a mesma vontade. Alguns queriam ir embora. Pararam na rua para decidir e a escolha da maioria foi por entrar no meio dos jovens e sair “tampando”. Decisão que mostrou a coesão e a aceitação de todos em algo de risco que se fez valer pela escolha da maior parte deles. Evidenciou ainda como uma briga pode ocorrer, neste caso, por querer continuar uma vivência anterior de prazer e excitação intensa.

No momento em que entraram na briga foram reconhecidos pelo que havia ocorrido antes e a situação se tornou mais complicada para o grupo, resultando em risco de morte para um dos amigos por ter sido esfaqueado, além da mudança na consideração de um amigo “fechado” por ter fugido em um táxi quando viu a situação muito difícil. Dois fatos nesse evento me importaram particularmente e me fizeram trazê-lo novamente. Um deles foi o compromisso e a responsabilidade do grupo com o amigo ferido, que desencadeou diversas

ações nesse sentido depois da briga. Desde o apoio à mãe do jovem ferido, avisada pessoalmente pelo grupo, que foi buscá-la em casa e a levou até o hospital, e junto com ela esperou a melhora e a liberação do amigo no dia seguinte até a decisão de dormirem na casa dele. Disseram que não quiseram deixar ele, a mãe e a irmã sem apoio. O jovem ferido disse que não quis cobrar mais nada, que ficou emocionado de os caras terem dormido na casa dele, queria esquecer o episódio e não arriscar mais ninguém do grupo. O outro fato se refere a uma vivência intensa de “irmandade”, quando se coloca a própria vida à disposição do “irmão”. Experiência ocorrida quando um dos jovens se joga na frente para não deixar que o amigo seja novamente esfaqueado. O rapaz me disse que não se importava se tivesse que morrer, que o cara é “irmão”, e fez isso porque tem certeza que o amigo faria o mesmo por ele. Quando eu não sabia como estabelecer as fronteiras entre “cria”, “irmão” e “amigo fechado”, essa experiência sanava todas as minhas dúvidas. Por isso, quis trazer o episódio novamente em uma contextualização analítica específica, delimitando claramente o que é para o grupo uma intensa manifestação dessa “irmandade” vivida entre o grupo de amigos do Mundo Novo.

Prazer, excitação e perigo na briga citada mostram a complexidade da dinâmica que existe nas vivências dos jovens. As experiências podem mudar rapidamente e uma expectativa de prazer pode se transformar em sensação de insegurança. Evidência que causa dúvidas em alguns rapazes quanto a entrar ou não em algum confronto. São “fronteiras fluidas” (DAYRELL, 2005, p. 253) que fizeram o amigo “fechado” fugir e ver que podia se ferir gravemente pela escolha, a princípio realizada, em participar de um evento repleto de prazer. Vivem experiências facilmente mutáveis como as que colocam os jovens em posição de “chefe” ou “pobre”, como dizem quando tem muito ou nenhum dinheiro, respectivamente. São práticas cotidianas características do grupo de amigos do Mundo Novo, diretamente ligadas a experiências de convívio e de lazer, nas quais vão formando e revelando valores, gostos, projetos e estilos. O grupo é o lugar privilegiado de se construir e de poder contar com o outro pela experiência das relações construídas, das emoções vividas e de se viver os problemas e as alegrias com apoio, com partilha. Dayrell (2001) discute outro aspecto dessas vivências de fronteiras que envolvem os rapazes.

Para eles, a oposição entre trabalhador e bandido aparece com fronteiras fluidas, sendo **bandido** um daqueles com quem se cresceu junto. Eles se situam em um contexto de limiaridade, no qual ocorre um trânsito entre um mundo e outro dependendo das circunstâncias, não elaborando critérios rígidos de demarcação (DAYRELL, 2001, p. 315, grifo do autor).

6.6 Algumas considerações finais

Neste estudo, discuti acontecimentos que revelaram a centralidade das relações de amizades entre os pesquisados em suas vidas, comprometendo-os à construção e à manifestação de inúmeras práticas entre eles. São fatores de agregação dos vínculos de amizade. Sem essas relações de amizade, as práticas cotidianas não seriam tão significativas ou tão fortes. Elas inspiram os jovens a desenvolvê-las. Ressalto a importância sentida por eles em vivê-las com o grupo de amigos de quem são mais próximos e de como optam em vivê-las, por uma dinâmica dos acontecimentos plurais significativos e intensivamente vividos. Analisei essas formas de realização em um contexto ligado a aproximações de espaço, onde compartilham o dia a dia em um local repleto de referências. Lá é onde vivem, na maior parte do tempo, as amizades, onde criam novos estilos, realizam vivências de prazer e ludicidade, subvertendo representações que tendem a estigmatizá-los.

Vários jovens diziam que sem “o espírito do grupo” para viver, para enfrentar problemas e desafios, seria muito mais difícil lidar com questões que envolvem as desigualdades, o racismo e o preconceito. Existem limites impostos pelo lugar social que os jovens ocupam na sociedade. Que lhes permite ter menos acessos e viver situações de preconceito e desigualdade. Pela união do grupo, os jovens passam a ter outras experiências e, acredito, outra interpretação da realidade. Valorizam o que fazem e o lugar onde vivem. Passam a se sentir sujeitos criadores e criativos, pelo esforço e riqueza vistos na construção desse tipo particular de amizade, que é estável e duradoura, e das manifestações culturais que criam entre si. A rapaziada do Mundo Novo se esforça em criar e mostrar identidades positivas e um estilo próprio. O grupo pesquisado partilha e compartilha formas de vida, elaborando sentidos em ser jovem por essas especificidades. Para a rapaziada do Mundo Novo, o bom do grupo é poder estar nele. É viver no mesmo bairro, promover os encontros em algumas de suas partes, compartilhar proximidades quanto a alguns códigos de conduta e quanto ao estilo de vida.

O grupo mostrou dimensões que compõem sua vida social pela forma como ressignificam o tempo e o espaço vivido, onde os vínculos que têm com os pares são os principais em suas vidas, preenchidos por práticas criativas. Compreendo suas práticas e os sentidos dados a elas como a manifestação de um modo de ser jovem, que me possibilita pensar nas formas valorizadas das relações de amizades, nas inventivas construções dos estilos, nas arriscadas e excitantes experiências de rivalidades, que os fazem viver experiências lúdicas. Ao viverem processos concretos de produção da vida social e cultural,

compostos de dimensões subjetivas e interacionais, onde há construções por buscas constantes, sejam elas individuais ou coletivas, pelas trocas, identificações e diferenciações.

Discuti a categoria pesquisada pela pluralidade e pela criatividade que apresentaram em suas diversas práticas sociais. Afirmo a importância do lugar onde os jovens vivem e constroem suas alianças e vínculos, por experiências significadas e ressignificadas. Uma realidade de jovens que se reinventam pelas práticas culturais, redefinidas pelo diálogo entre si e as suas socialidades. A condição de ser jovem é vivida pela redefinição das experiências individuais e coletivas, envoltas em uma produção social e simbólica específica do grupo. Articulação que dá sustentação ao mostrar o que vi serem os pesquisados e o que representam suas escolhas. De acordo com Geertz (2008, p. 21), “[...] olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não emocionalizadas; é mergulhar no meio delas”.

Por considerar, neste estudo, a autonomia nas escolhas dos jovens, sem desconsiderar um engajamento subjetivo e crítico mediado pelas demandas do social, reconheço-os como sujeitos plurais. Capazes de gerir diferenciadas “lógicas” de ação, “pois que ele não escolhe senão aquilo que pode escolher em função de seus interesses e das suas preferências” (DUBET, 1996, p. 95), abrindo a possibilidade de diálogos e de relações com as demais categorias sociais e os momentos articulados na sociedade. As diferentes ações escolhidas e utilizadas pelos jovens, como as construídas com o grupo de amigos, dialogam com a sociedade e revelam uma das faces dessa juventude plural. As fortes amizades da rapaziada do Mundo Novo se mostraram em campo, foram apontadas em todos os capítulos desta tese, e tratadas com mais especificidade por algumas considerações neste capítulo final e conclusivo. O trabalho termina aqui, mas a rapaziada do Mundo Novo me faz pensar que continua em suas múltiplas reinvenções. Finalizo acreditando que o grupo pesquisado se mantém “fechado” nas amizades que construíram, mas se encontra aberto à possibilidade de experimentar e mudar.

7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carla C. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. 2007. 260 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2007.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BARBOSA, Yuri A. **A produção do espaço pelos setores econômicos em Juiz de Fora – MG**. p. 1, 2013. Disponível em: <http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Yuri-Amaral-Barbosa.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2014.

BRASIL. **Secretaria Nacional de Juventude**. Disponível em: <<http://secretariageral.gov.br/atuacao/juventude/secretaria-nacional-de-juventude>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra!. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993. p. 112-121.

CALDEIRA, Teresa. **Qual a novidade dos rolezinhos?** Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002014000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 set. 2014

CARRANO, P.C.R. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 11-27, mai. 2000.

CATANI, Afrânio M.; GILIOLI, Renato S. P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e Estilos de Masculinidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DAMAZIO, Vera; MONT'ALVÃO, Claudia (Orgs.). **Design Ergonomia Emoção**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2008.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na sociabilidade da juventude em Belo Horizonte**. 2001. 412 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/a-musica-entra-em-cena-o-rap-e-o-funk-na-socializacao-da-juventude-em-belo-horizonte/>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

_____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. *Janela Central: Olhares sobre os jovens no Brasil*. **Jovens, Revista de Estudios sobre Juventud**, México, DF, ano 9, n. 22, p. 292-313, jan./ jun. 2005. Disponível em: <http://ver2.imjuventud.gob.mx/pdf/rev_joven_es/22/Juarez%20Dayrell,%20Juventude,%20grupos%20culturais%20e%20sociabilidade.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2013.

_____. **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas: Unicamp, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. 1998. 384 f. Tese (Doutorado) – Centro de Humanidades. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

DOUGLAS, Mary. **Implicit Meanings**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1975.

DUBET, François. **Revista IHU ON LINE**, Instituto Humanitas Unisinos. 24/11/2008. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2354&secao=283>. Acesso em: 15 nov. 2013.

_____. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ELIAS, Norbert; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. 2 ed. Barcelona: Ariel, 1999. Disponível em: <<http://www.lazoblanco.org/wp-content/uploads/2013/08manual/adolescentes/0012.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2103.

FOOTE WHYTE, William. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GARCIA, Wilton. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. **Mneme – Revista Virtual de Humanidades**, n. 11, v. 5, jul./ set. 2004. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme11/097.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

GEERTZ, Clifford. 1926 **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford_-_a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2103.

GIDDENS, Anthony. **Modernidad e identidad del yo: el yo y la sociedad en la época contemporânea**. Barcelona: Ediciones Península, 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10 ed. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOLDENBERG, Miriam. Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 543-553, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n3/02.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

GOMES, Nilma Lino. Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades. 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPED, 2004. p. 1-16.

_____. Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, n. 21, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt21/t218.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. **Trabalho de campo e subjetividade**, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1992. p. 7-16.

GUEDES, Maurício da Silva. **A música que toca é nós que manda: um estudo do proibido**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007.

HERSCHMANN, Micael M. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

IBGE. **Minas Gerais – Juiz de Fora.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=313670&search=minas-gerais|juiz-de-fora>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

_____. **População Jovem no Brasil.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/>. Acesso em: 03 jul. 2015.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. “Eu não sou o jovem pobre, favelado, sem perspectiva. Eu tô podendo”. Entrevista especial com Lucia Mury Scalco. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/527574-o-consumo-enquanto-simbolo-de-empoderamento-e-cidadania-entrevista-especial-com-lucia-mury-scalco>>. Acesso em: 21 set. 2104.

JORNAL O TEMPO. Mais que uma dança, entenda o “Passinho”. 03/08/2014. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/mais-que-uma-dan%C3%A7a-entenda-o-passinho-1.893296>>. Acesso em: 02 out. 2014.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo.** Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LAPLANTINE, F. A. **Descrição etnográfica.** São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LATTARI, Mariza Conceição Grassano. **Experiências sociais no espaço escolar: os usos da escola por jovens das camadas populares no Ensino Médio.** 2011. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São João Del-Rei, 2011. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Mariza%20Conceicao%20Grassano%20Lattari.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens I: da antiguidade à era moderna.** Trad. Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Le Totémisme aujourd'hui.** Paris: PUF, 1962.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **Etnografia do Rolezinho.** 30/12/2013, Disponível em: <<https://rosanapinheiromachado.wordpress.com/2013/12/30/etnografia-do-rolezinho/>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

MAGNANI, José Guilherme C.. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: HUCITEC, Ed. Unesp. 2003.

_____. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

_____. Trajetos e trajetórias – uma perspectiva da antropologia urbana (entrevista concedida ao corpo editorial). **Sexta-Feira**, n. 8, São Paulo, Ed. 34, 2006, p. 30-43.

MAPA DE CULTURA RJ. **Batalhas do Passinho**. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/batalhas-do-passinho>>. Acesso em: 02 out. 2014.

MARGULIS, M., URRESTI, M. L. A. Juventude es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (Org.). **La juventude es más que una palabra: ensaios sobre cultura y juventude**. Buenos Aires: Biblos, 2008.

MARTUCCELLI, D. Reflexões sobre a violência na condição moderna. **Tempo Social**, USP, São Paulo, n. 11, p. 157-175, 1999.

MAUSS, Marcel. As técnicas do Corpo. In: AA.VV., **Corpo, Coleção Arte e Sociedade** (Dir. João Valente Aguiar), n. 1, Lisboa: Apenas Livros, Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 3-24, 2009.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Trad. Ephraim F. Alves, Lucia E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1996. p.37-185.

MELO, Carolina M. S. Organização e identidade juvenil, práticas violentas e território: a necessidade de um olhar especial para o jovem. **Revista de Geografia**, V. 1 – especial, UFF, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistageografia/files/2013/02/Carolina-Morais.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

MORELLI, Paulo; SOÁREZ, Elena. **Cidade dos Homens**. Coleção Aplauso. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.483/12.0.813.483.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MOTA, Regina. Tecnologia da Informação. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, p. 73-76, 2006.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil (entrevista). **Estud. av.**, v. 18, n. 50, São Paulo, jan./ abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 jan. 2016.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferentes e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 105-120.

NUGEA. Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação. UFJF. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Vol. XXV (1.º-2.º), n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 21 de setembro de 2014.

_____. Buscas de si. In: ALMEIDA, Maria I.; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Prefácio de José Machado Pais. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. P. 7-21

_____. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1993.

_____. **Ganchos, tachos e biscates**. Jovens, trabalho e futuro. 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=5DsODAAAQBAJ&pg=PT2&lpg=PT2&dq=ganchos,+tachos+e+biscates+machado+pais+2016&source=bl&ots=GM4fkJJsJg&sig=JQ4js_xuijKTgIyDsfWi5MYLy38&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjD1aSExqXOAhVDOiYKHYIcAI0Q6AEISjAL#v=onepage&q=ganchos%20tachos%20e%20biscates%20machado%20pais%202016&f=false>. Acesso em: 10 abr. 2016.

PALOMBINI, Carlos. **Mora na filosofia: putaria é lixo.** 28/10/2011. Disponível em: <<http://www.proibidao.org/mora-na-filosofia-putaria-e-lixo/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **“A maior zoeira”**: experiências juvenis na periferia de São Paulo. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2010.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. Rolezinhos: Marcas, Consumo e Segregação no Brasil. **Revista de Estudos Culturais.** 2014. Disponível em: <http://www.each.usp.br/revistaec/sites/default/files/artigos-em-pdf/05_ed1_ROLEZINHOS-%20MARCAS,%20CONSUMO%20E%20SEGREGAC%CC%A7A%CC%83O%20NO%20BRASIL_0.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

PORTAL VÍRGULA. Diretor de A Batalha do Passinho compara dança a colagens do funk. 19/03/2013. Disponível em: <<http://virgula.uol.com.br/musica/diretor-de-a-batalha-do-passinho-compara-danca-a-colagens-do-funk/#img=1&galleryId=464805>>. Acesso em: 02 out. 2014.

PRAGMATISMO POLÍTICO. **Marcas famosas se envergonham de seus clientes pobres.** 03/02/2014. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/marcas-famosas-se-envergonham-de-seus-clientes-pobres-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **A cidade.** Disponível em: <<https://www.pjf.mg.gov.br/cidade/>>. Acesso em: 20 set. 2014.

_____. **Mapas da cidade.** Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/cidade/anuario_2009/mapas/mapasquadros.htm>. Acesso em: 05 fev. 2015

_____. **Plano de Saúde 2014-2017.** Disponível em: <http://pjf.mg.gov.br/conselhos/saude/documentos/plano_de_saude_2014_2017_sspjf.pdf>. Acesso: 12 mar. 2014.

REDE BRASIL ATUAL. **O ritmo da febre.** 04/04/2013. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/80/cultura-1>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

RIBEIRO, Ana Paula P. G Alves; ZALUAR, Alba. Paradoxos do subúrbio do Rio de Janeiro: a força da sociabilidade sociável na vizinhança. **VI Congresso Português de Sociologia.** Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/766.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015.

RUSSANO, Rodrigo. “**Bota o fuzil pra cantar!**” O *Funk* Proibido no Rio de Janeiro. 2006. 124 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, M. As gangues e a imprensa, a produção de um mito nacional. **Revista Brasileira de Educação**, Número especial: Juventude e Contemporaneidade, Campinas, n. 5, p 180-198, mai./ ago. 1997. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_02.htm>. Acesso em: 15 set. 2015.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHWADE, Elisete. Poder do “sujeito”, poder do “objeto”. In: GROSSI, Miriam Pillar (Org.). **Trabalho de Campo e Subjetividade**. Florianópolis: PPGAS, 1992. Disponível em: <<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/Trabalho%20de%20Campo%20&%20Subjetividade.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) **Simmel** (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

_____. Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 [1917].

SILVA, José Augusto; AMARAL, Leila. Brincando com fogo: violência e festa no universo funk. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

SOARES, Luiz E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 130-159.

SOUTO, Jane. Os Outros Lados do Funk Carioca. In: VIANA, Hermano. **Galerias cariocas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 59-93.

STRATHERN, Marilyn; PEEL, J.D.Y.; TOREN, Christina & SPENCER, Jonathan. “1989 debate. The concept of society is theoretically obsolete”. In: T. Ingold (org.). **Key Debates in Anthropology**. Londres e Nova Iorque, Routledge, 1996

TOLEDO, Juliana A. C.; FERREIRA, Kátia O.; REZENDE, Rayssa P. R.; ARAÚJO, Vivian P. A influência da mídia na estigmatização de jovens e lugares da cidade. **XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/A-influ%C3%Aancia-da-m%C3%ADdia-na-estigmatiza%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-e-lugares-na-cidade.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

UOL. **Marcas de grife têm vergonha de seus clientes mais pobres, diz Data Popular**. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/economia/2014/02/03/marcas-de-grife-tem-vergonha-de-clientes-mais-pobres-diz-data-popular.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Prefácio de Américo Pellegrini Filho. São Paulo: Manole, 2001.

VELHO, Gilberto. Juventude e Violência. **Gilberto Velho** (blog). Disponível em <<http://gilbertovelho.blogspot.com.br/2009/10/juventude-e-violencia.html>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

_____. **Mudança e violência**. Política e cultura no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VIANNA, Hermano. O *funk* como símbolo da violência carioca. In: **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996.

_____. (Org.). **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

WAUTIER, Ane Marie. Para uma Sociologia da Experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, n. 9, p. 174-214, jan./ jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n9/n9a07.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2013.

YAHOO FINANÇAS. **Marcas de grife têm “vergonha” de clientes mais pobres**. 03/02/2014. Disponível em: <<https://br.financas.yahoo.com/noticias/marcas-de-grife-tem-vergonha--de-clientes-mais-pobres-164006483.html>>. Acesso em: 11 set. 2014.

ZALUAR, Alba. Prefácio. In: CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e Estilos de Masculinidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

ANEXO A – TABELA DE DADOS E INDICADORES ESTATÍSTICOS

IPS – SERVIÇO DE INFORMAÇÕES E ESTATÍSTICAS DA SEPLAG/JF – SSPLAT- DPOT- SPIG

TIPO DE INFORMAÇÃO: DADOS E INDICADORES ESTATÍSTICOS

SETOR / ÁREA DA INFORMAÇÃO: DEMOGRAFIA / POPULAÇÃO

VARIÁVEL: POPULAÇÃO DAS REGIÕES URBANAS DE JUIZ DE FORA, SEGUNDO EVENTOS CENSITÁRIOS

NÍVEL DE AGREGAÇÃO E DIVULGAÇÃO: REGIÕES URBANAS

SUPORTE DE APRESENTAÇÃO: TABELA

PERIODICIDADE: QUINQUENAL / DECENAL

SÉRIE HISTÓRICA: 1991 A 2010

MARCO DE ATUALIZAÇÃO: 13/02/2012

FONTE: IBGE / SEPLAG-JF

REGIÕES URBANAS DE JUIZ DE FORA	POPULAÇÃO			
	CENSO 1991	CONTAGEM 1996	CENSO 2000	CENSO 2010
Aeroporto	442	776	1.149	2.168
Alto dos Passos	4.366	4.505	4.712	4.855
Bairu	4.478	4.426	4.461	4.667
Barão do Retiro	6.225	6.198	7.098	8.234
Barbosa Lage	10.854	11.595	12.277	12.704
Barreira do Triunfo	1.643	1.645	2.273	2.737
Benfica	11.038	16.026	18.111	23.045
Boa Vista	1.717	1.509	1.635	1.721
Bom Pastor	4.638	4.860	5.548	6.772
Bonfim	3.110	2.916	2.742	2.917
Borboleta	4.250	4.724	5.164	6.457
Botanágua	1.401	1.290	1.347	1.353
Capitão Afonso Botti (Mundo Novo)	3.078	2.901	3.349	3.321
Carlos Chagas	1.591	1.668	1.861	1.818
Cascatinha	2.242	3.830	4.671	5.154
Centenário	1.350	1.242	1.220	1.195
Centro	24.317	24.085	21.426	20.752
Cesário Alvim	1.067	1.154	1.091	1.228
Costa Carvalho	6.705	7.034	7.525	7.669
Cruzeiro de Santo Antônio	584	560	645	941
Cruzeiro do Sul (Bomba de Fogo)	1.426	1.723	1.784	1.772
Dom Bosco	4.042	4.073	4.477	4.735
Eldorado	6.165	6.139	6.343	6.106
Esplanada	2.926	3.102	3.073	3.055
Fábrica	4.147	4.308	4.405	4.964
Floresta	1.111	843	995	1.034
Força Expedicionária Brasileira (Cerâmica)	1.303	3.191	3.216	3.195

Francisco Bernardino	5.839	6.564	8.354	12.283
Grajaú	6.539	6.679	6.420	6.789
Grambery	4.334	4.443	4.890	6.469
Graminha	2.062	2.011	2.246	2.672
Granjas Bethânia	1.945	2.809	3.272	3.975
Industrial	2.987	3.098	3.107	3.017
Ipiranga	12.640	13.222	14.872	16.045
Jardim Bonclima	517	643	651	786
Jardim Glória	3.314	3.218	3.233	3.471
Jardim Natal	2.860	5.559	5.168	5.177
Jardim Paineiras	3.606	3.235	3.893	5.351
Jardim Santa Helena	5.907	5.766	5.831	6.012
Linhares	9.112	10.337	10.755	11.667
Manoel Honório	6.777	6.431	6.374	6.483
Mariano Procópio	2.692	2.445	2.169	2.180
Monte Castelo	4.919	5.360	5.552	5.798
Morro da Glória	3.114	2.764	3.328	3.643
Morro de Imperador	326	365	748	1.499
Muçungê da Grama	5.072	7.757	9.624	12.130
Nossa Senhora Aparecida (Meggiolário)	6.010	6.520	6.612	6.390
Nossa Senhora de Fátima (Martelos)	3.060	3.913	4.632	5.961
Nossa Senhora de Lourdes	5.717	6.405	7.104	7.762
Nova Califórnia	213	241	186	223
Nova Era	4.815	6.396	7.781	10.631
Novo Horizonte	946	1.300	1.631	2.086
Ozanan (Vila Ozanan)	1.559	1.595	1.748	1.611
Poço Rico	3.760	3.595	3.336	3.261
Progresso	15.098	15.776	16.986	18.390
Remonta	362	330	396	469
Represa	604	636	673	640
Sagrado Coração de Jesus	1.609	2.389	2.070	2.716
Salvaterra	206	192	188	267
Santa Catarina	1.854	1.811	1.801	1.810
Santa Cecília	3.054	3.109	3.665	3.818
Santa Cruz	10.847	13.387	15.514	16.864
Santa Efigênia	4.228	5.522	6.137	7.669
Santa Luzia	11.922	12.818	13.732	14.100
Santa Rita de Cássia	4.163	5.181	5.448	6.159
Santa Terezinha	9.138	9.561	9.483	10.456
Santo Antônio do Paraibuna	6.337	7.243	8.628	9.303
São Benedito	13.438	13.953	14.407	14.693
São Dimas	212	238	200	159
São Geraldo	830	1.059	2.087	4.227
São Mateus	17.443	17.656	18.134	19.582
São Pedro	7.219	9.296	10.681	14.641
Teixeiras	3.783	4.881	5.197	6.940
Vale do Ipê	1.574	1.667	1.557	1.738
Vale dos Bandeirantes	8.945	10.303	11.073	13.000

Vila Furtado de Menezes	2.443	3.103	2.653	2.562
Vila Ideal	4.957	4.918	5.827	6.161
Vila Mascarenhas (São Bernardo)	3.182	3.497	3.541	3.649
Vila Olavo Costa	4.283	4.484	4.453	4.391
Vila Vidal (Jóquei Clube)	4.116	4.505	4.807	4.763
Vitorino Braga	4.097	3.955	4.263	4.205
Total das Regiões Urbanas	372.802	410.464	439.716	491.313
Total do Município	385.996	424.479	456.796	516.247

FONTE: IBGE / SEPLAG-JF

ANEXO B – ROTEIRO BÁSICO PARA OS GRUPOS FOCAIS

1. O que vocês fazem no dia a dia?
2. O que vocês gostam de fazer?
3. Por quê?
4. O que motiva vocês a realizar essas atividades? (Esta é uma pergunta aberta e considerada como um desdobramento da anterior, por que aqui pode ser discutido tanto as atividades preferidas como as realizadas, mesmo que estas não sejam as preferidas ou as escolhas dos jovens).
5. Em que lugares essas atividades são realizadas?
6. Quais os lugares preferidos para realizar essas atividades?
7. Por que você escolhe esses lugares?
8. Como são esses lugares para vocês?
9. Como é estar nestes locais diariamente?
10. Os comportamentos são diferentes, de acordo com os lugares onde vocês estão? (Por exemplo, o relacionamento (a forma de estar) com os amigos é diferente se você está na sua casa, na casa deles ou na rua).
11. Como é viver na cidade de Juiz de Fora? Por quê?
12. Quais os aspectos que vocês acham que contribuem para formar as opiniões sobre a cidade?
13. De acordo com os diferentes espaços por onde vocês circulam na cidade, há diferenças nas formas de vocês os utilizarem ou agirem cotidianamente?
14. Caso essas diferenças existam? Como são essas diversas formas de agir, em cada local por onde circulam?
15. Como são os bairros onde vocês moram?
16. O que vocês fazem nos bairros onde moram?
17. Como é viver nos bairros onde moram? Por quê?
18. E os outros lugares da cidade, os outros bairros? Como são?
19. Como é a rua para vocês?
20. Como vocês desenvolvem as atividades nas ruas? Essas atividades importam para vocês?
21. Se essas atividades importam, por que você acha que isso acontece?
22. Como vocês gostam de se divertir? (Como é o lazer?)
23. Onde realizam esses momentos? Como os realizam?
24. Os divertimentos são desenvolvidos individualmente? Nos grupos de amigos? Na família?

25. Como são essas relações entre vocês? Como elas importam para vocês?
26. Como é estar com os amigos?
27. Onde são feitas as amizades?
28. Como as amizades fazem parte de sua vida?
29. Como acontecem as amizades, o “ficar” e os namoros?
30. Estes relacionamentos importam a vocês? Qual o sentido destes acontecimentos na sua vida?
31. Comunicam-se constantemente com os amigos ou colegas? Onde? Com que frequência? O que fazem juntos?
32. Saem juntos?
33. Vocês se comunicam pela internet (*Facebook, Orkut, MSN/outro*) ou pelo telefone?
34. E a família?
35. Como é estar em família?
36. Como a família faz parte de sua vida?
37. Há outras relações que vocês gostariam de comentar?
38. Quais os estilos musicais preferidos por vocês?
39. Como são estes estilos para vocês? (Qual o sentido?) (O que representam?)
40. Onde são ouvidos?
41. Como ou de que forma eles importam para vocês?
42. Esses estilos musicais preferidos refletem (tem relação com) as escolhas pelas danças?
43. Como as danças são escolhidas ou praticadas por vocês?
44. Em que locais são praticadas?
45. Outros estilos musicais podem ser incluídos como preferências?
46. Há diferenças nas escolhas dos estilos musicais? Por exemplo, nos diferentes momentos da vida de vocês?
47. Há uso de vídeos nas relações com as músicas preferidas e com as danças?
48. Quais os outros tipos de vídeos que vocês gostam?
49. E as roupas? Quais são as preferidas?
50. Como são escolhidas? As marcas importam? Por quê?
51. O que mais pode compor o seu estilo ao se arrumar? O que mais pode fazer parte dos momentos de se arrumar? (No sentido de adornos, pulseiras, bonés, roupas estilizadas, cabelos coloridos etc).
52. Há diferenças nas roupas escolhidas para cada momento?
53. Se há diferenças, como elas são organizadas no dia a dia?

54. E o acesso às tecnologias atuais?
55. Como este acesso é feito? (Por exemplo: computador em lan house, notebook ou computador em casa, celular individualizado etc)
56. Como estas relações, com a tecnologia, acontecem no dia a dia?
57. Quais as relações de vocês com as redes sociais?
58. Quais as redes preferidas?
59. Por quê?
60. Como é a presença dos celulares na vida de vocês?
61. Como são utilizados, nos sentido das funções preferidas?
62. Há outras coisas que não discutimos? Vocês gostariam de expor algo mais?